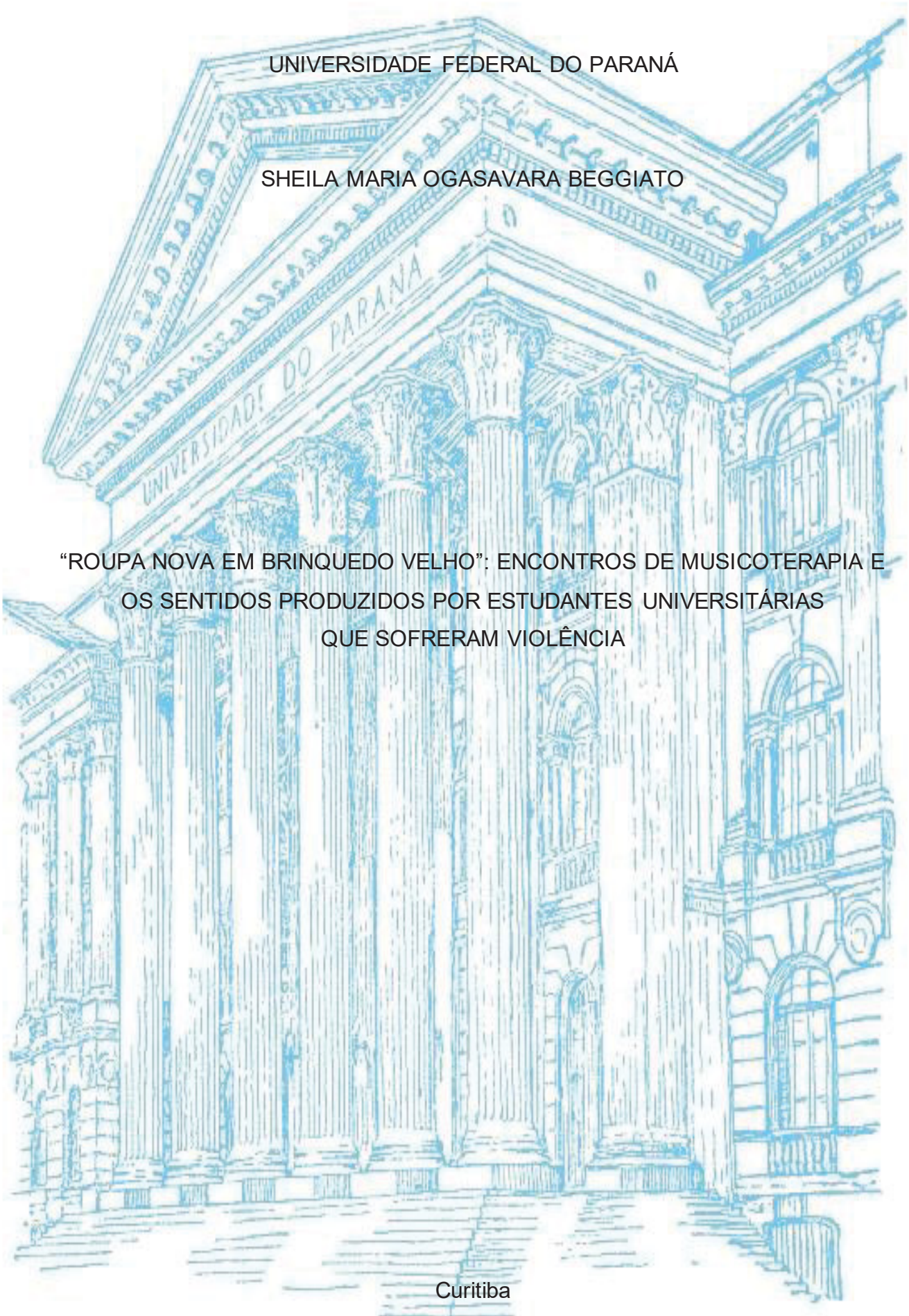
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SHEILA MARIA OGASAVARA BEGGIATO



“ROUPA NOVA EM BRINQUEDO VELHO”: ENCONTROS DE MUSICOTERAPIA E OS SENTIDOS PRODUZIDOS POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS QUE SOFRERAM VIOLÊNCIA

Curitiba

2023

SHEILA MARIA OGASAVARA BEGGIATO

“ROUPA NOVA EM BRINQUEDO VELHO”: ENCONTROS DE MUSICOTERAPIA E OS SENTIDOS PRODUZIDOS POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS QUE SOFRERAM VIOLÊNCIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, no Setor de Educação, na Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Gislaine Cristina Vagetti

Curitiba
2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Beggiato, Sheila Maria Ogasavara.
"Roupa nova em brinquedo velho" : encontros de musicoterapia e os sentidos produzidos por estudantes universitárias que sofreram violência / Sheila Maria Ogasavara Beggiato – Curitiba, 2023.
1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.
Orientadora: Profª Drª Gislaine Cristina Vagetti

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Musicoterapia. 3. Violência contra a mulher. 4. Estudantes universitárias. I. Vagetti, Gislaine Cristina. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Bibliotecária: Maria Teresa Alves Gonzati CRB-9/1584

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO - 40001016001P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **SHEILA MARIA OGASAVARA BEGGIATO** intitulada: **"Roupa nova em brinquedo velho": encontros de Musicoterapia e os sentidos produzidos por estudantes universitárias que sofreram violência**, sob orientação da Profa. Dra. GISLAINE CRISTINA VAGETTI, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 24 de Março de 2023.

Assinatura Eletrônica
30/03/2023 19:44:16.0
GISLAINE CRISTINA VAGETTI
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
31/03/2023 07:54:31.0
ANDRESSA DIAS ARNDT
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANá)

Assinatura Eletrônica
31/03/2023 18:53:05.0
MARLY CHAGAS OLIVEIRA PINTO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO)

Assinatura Eletrônica
31/03/2023 09:06:09.0
ROSEMYRIAM RIBEIRO DOS SANTOS CUNHA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ - CAMPUS CURITIBA II - FAP)

Assinatura Eletrônica
30/03/2023 16:14:41.0
VALDOMIRO DE OLIVEIRA
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 270752
Para autenticar este documento/assinatura, acesse https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp e insira o codigo 270752

À ausente que se faz sempre presente.

(Para minha mãe - *in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pela vida, pelos ensinamentos e por terem sido o pilar da nossa família. À minha mãe Terumi (*in memoriam*), por ser aberta e sempre acolher as pessoas, e por me ensinar, na sua singeleza, a aceitar as pessoas como elas são, sem discriminação. Ao meu pai Francisco, por sempre me provocar a curiosidade em buscar entender como as coisas 'funcionam".

Às minhas filhas, Ana Gabriela e Nicole, pelo apoio constante, carinho e incentivo incondicional. Especialmente à Ana Gabriela, minha Nana, pelas horas e horas me escutando e me ajudando com indicação de material e nas leituras da minha escrita. Vocês duas são um lindo calidoscópio que gira colorido na minha vida.

À Profa. Dra. Gislaine Cristina Vagetti, orientadora que me oportunizou realizar este doutoramento e, principalmente, em acolher esta temática de pesquisa, me dando liberdade para desenvolvê-la, me incentivando e apoiando, acreditando em mim, na Musicoterapia, na certeza que seria um lindo trabalho. Essas palavras ainda ressoam em mim.

A todo o corpo docente do PPGE da UFPR, em especial professoras e professores da linha de Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, pelos conhecimentos partilhados e construídos ao longo dos 4 anos. Vocês foram muito generosas e generosos em seus ensinamentos. Estendo os agradecimentos a toda a equipe que compõe o PPGE, secretaria, coordenação, funcionárias e funcionários pela sempre disponibilidade.

À banca de qualificação, Profa. Dra. Rosemyriam Cunha, Profa. Dra. Marly Chagas, Profa. Dra. Tania Stoltz, Prof. Dr. Valdomiro de Oliveira e Profa. Dra. Gislaine Vagetti pelas contribuições e reflexões, que foram muito importantes para pensar a pesquisa como um todo e principalmente a pesquisa de campo.

À banca de defesa de tese, Profa. Dra. Rosemyriam Cunha, Profa. Dra. Marly Chagas, Profa. Dra. Andressa Arndt, Prof. Dr. Valdomiro de Oliveira e Profa. Dra. Gislaine Vagetti pelas valiosas ponderações e apontamentos da tese.

Ao grupo de Pesquisa e Envelhecimento Humano da UNESPAR – GPEH, pelos momentos de compartilhamento e trocas, que contribuíram para meu crescimento pessoal e profissional, especialmente: Ana Caroline de Paula, Fabio Gomes, Gerson Flores, Hermes Soares, Lydio Silva, Renata Lopes, Liliane Oliveira Souza.

À Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), que permitiu que eu me dedicasse ao doutorado, com dispensa em grande parte de minhas atividades acadêmicas. Agradeço especialmente ao Colegiado de Musicoterapia, minhas e meus colegas, pelo apoio e palavras de incentivo e carinho.

Às parceiras Yolanda Aline da Silva e Julia Abreu Ramos, acadêmicas do Curso de Musicoterapia, que compuseram a equipe comigo no Projeto de Extensão. A participação de vocês foi muito importante. Foram muitas horas de trabalho juntas.

À aluna Rebeca Machado pela confecção da arte de divulgação do projeto de extensão.

Ao Luís Eduardo Arantes Porto, pelo amor, carinho, apoio e incentivo. Em especial pelas brincadeiras e bom humor, que tornavam os momentos um pouco mais leves e possíveis ao longo dessa jornada, especialmente durante a escrita da tese.

À minha irmã de coração Marcia Maria Menim, pela sempre presença carinhosa na minha vida e por compreender as minhas muitas ausências.

Aos colegas do doutorado, turma 2019, especialmente: Mariana Arruda, Crismarie Hackenberg, Gilson Brun e Tais Pastre, agradeço pela amizade que construímos. Ficará para sempre.

Às participantes desta pesquisa pela disponibilidade, pelo compartilhamento de suas histórias e musicalidades e, principalmente, pela coragem de se desvestirem, de mergulharem nas suas mais profundas dores, memórias, sofrimentos. De estarem para si mesmas e para as outras.

RESUMO

Esta tese teve como objetivo compreender os sentidos produzidos, nos Encontros de Musicoterapia, por estudantes universitárias que sofreram violências. O tema da violência revela-se como uma realidade cada vez mais preocupante, que requer atenção especial, demandando ser problematizada e investigada, especialmente a violência contra mulheres. É uma temática complexa, que envolve a sociedade como um todo, exigindo ser transpassada por diferentes perspectivas, com políticas e ações no campo da justiça, da saúde, da assistência e da educação, sendo debatida e conduzida com medidas e ações educativas, judiciais, protetivas e de cuidados. A Musicoterapia, que compõe diversas equipes multidisciplinares e que atua no campo da saúde, da educação, da assistência social, em comunidades, na saúde mental, entre outros, apresenta-se como uma possibilidade para trabalhar com estudantes universitárias que sofreram violências. A Musicoterapia possui um viés terapêutico, mas também uma natureza educacional. Numa perspectiva freiriana, o aprender se faz no diálogo com o outro, numa relação dialógica, em trocas afetivas e na qual as partes envolvidas vão se transformando e modificando o seu entorno. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, exploratória e com uma pesquisa de campo. Os instrumentos para a coleta de informações foram: questionário sociodemográfico e questionário econômico da ABEP, entrevista coletiva e entrevistas semiestruturadas individuais, diário de campo e transcrições dos Encontros. Na pesquisa de campo foram realizados quinze Encontros de Musicoterapia presenciais, por quatro meses, logo após o retorno do período de isolamento social provocado pela pandemia do Covid-19. Participaram dos Encontros de Musicoterapia seis estudantes do ensino superior, de universidades públicas da cidade de Curitiba. Para a análise das informações trabalhou-se com análise descritiva, núcleos de significação e análise musicoterápica. Foram respeitados os princípios éticos de autonomia, beneficência, não maleficência e justiça, tendo sido o projeto de pesquisa aprovado por um Comitê de Ética. Ao final da pesquisa foi possível ter um panorama dos tipos de violências sofridas pelas estudantes participantes, que incluem abuso/violência sexual infantil, sexo forçado, assédio sexual em local de trabalho, relacionamento afetivo abusivo, violência intrafamiliar/doméstica, estupro, entre outras. Dentre os impactos da violência na vida das participantes estão sentimentos de medos, vergonha, insegurança, culpa, depressão; sensação iminente de que novas violências possam ocorrer a qualquer momento; baixa autoestima; ansiedade; dificuldades em relacionamentos afetivos e familiares, entre outros. Evidenciou-se a importância do espaço universitário para além do conhecimento acadêmico, revelando-se como um lugar de pertencimento e um espaço de produção de vidas. Os aprendizados que as participantes tiveram se deram nas trocas interpessoais e permearam aspectos pessoais, relacionais e educacionais, levando-as à compreensão de si, do outro e de seu redor. Os Encontros de Musicoterapia mediaram experiências e fazeres musicais individuais e coletivos potentes para a produção de sentidos de estudantes universitárias que sofreram violência, possibilitando (re)significações e contribuindo para que construíssem formas outras de ser, estar, pensar e agir, possibilitando (re)escreverem sua história de vida.

Palavras-chave: educação; musicoterapia; universidade; estudantes; violência; sentidos.

ABSTRACT

This thesis targets the understanding of the senses which have been emerged at Music Therapy Meetings attended by Higher Education students who suffered violence. The theme of violence reveals itself as an increasingly worrying reality which requires special attention and demands to be problematized and investigated, especially on violence against women. It is a deep and complex theme which involves the whole of the civil society requiring to be permeated by distinct perspectives, with policies and actions in the field of Justice, Health, Social Assistance and Education, and being discussed and managed with measures and actions regarding educational, judicial, protective and caring nature. The Music Therapy comprises several multidisciplinary teams and works in the field of Health, Education, Social Assistance, within communities and Mental Health area among others, and presents itself as a useful tool to help Higher Education students who have suffered extreme violence. The Music Therapy has a therapeutic focus and an educational nature as well. From a Freirean perspective the learning takes place in dialogue with each other, in a dialogical relationship with affective exchanges in which the involved parties are transforming and modifying their own environment. The research adopted a qualitative and exploratory approach with a field research. The tools for collecting data were the following: socio-demographic survey, ABEP economic survey, collective interview and individual semi-structured interviews, daily field logs and the meeting minutes from the Music Therapy Meetings. In the field research fifteen in-person Music Therapy Meetings were held, during the period of four months shortly after the period of social isolation caused by the Covid-19 pandemic. The Music Therapy Meetings were held in the City of Curitiba, Paraná State, with a group of six Higher Education students from Public Universities. For data analysis, descriptive analysis, meaning core and the Music Therapy Analysis were used. The ethical principles of autonomy, beneficence, non-maleficence and justice were respected and the research project was approved by an Ethics Committee. At the very end of the research, it was possible to have an overview of the types of violence suffered by the participating students, which include child sexual abuse/violence, forced sex, sexual harassment in the workplace, emotionally abusive relationship, intrafamily/domestic violence, rape, among others. Amid the impacts of the violence on their lives are raised feelings of fear, shame, insecurity, guilt, depression; imminent feeling that new violence could occur at any moment; low self-esteem; anxiety; affection difficulties and family relationships, and others. The importance of the University was highlighted beyond academic knowledge, unveiling as a place with a real sense of belonging and life-enhancing. The learning that the participants had took place on interpersonal exchanges and percolated on personal aspects under relational and educational grounds, leading them to understand themselves, the others and their surroundings. The Music Therapy Meetings provided outstanding individual and collective musical experiences and practices for the creation of senses of Higher Education students who suffered violence, enabling re-meanings and contributing to build other ways of being, thinking and acting, and empowering them to rewrite their own story of life.

Keywords: education; music therapy; university; students; violence; senses.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - TIPOLOGIA DA VIOLÊNCIA 36
FIGURA 2 - QUANTITATIVO DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR NO BRASIL 38
FIGURA 3 - FLUXOGRAMA DA PESQUISA DE CAMPO 81
FIGURA 4 - NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO DOS ENCONTROS DE MUSICOTERAPIA 110
FIGURA 5 - PARTITURA COMPOSIÇÃO 139
FIGURA 6 - NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO DA ENTREVISTA COLETIVA 153
FIGURA 7 - NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS FINAIS 167
FIGURA 8 - NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO DOS ENCONTROS DE MUSICOTERAPIA, DA ENTREVISTA COLETIVA E DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS FINAIS 175

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Total de trabalho recuperados e selecionados por base de dados 56
QUADRO 2 - Descrição dos materiais por: título; autor(es)(a)(as); ano; objetivo; tipo de estudo 57
QUADRO 3 - Total de trabalho recuperados e selecionados, por base de dados 65
QUADRO 4 - Distribuição dos trabalhos conforme o país 66
QUADRO 5 - Descrição dos trabalhos por: título, autoria, país, ano de publicação; objetivo do estudo; população estudada, tipo de violência e resultados 67
QUADRO 6 - Número de participantes por encontro 83
QUADRO 7 - Matriz Analítica do Desenho da Pesquisa 93
QUADRO 8 - Classificação Econômica das Participantes Conforme ABEP (2020) 96
QUADRO 9 - Tipo de moradia das participantes 96
QUADRO 10 - Situação financeira das participantes 97
QUADRO 11 - Resumo dos temas e propostas e das experiências musicais em cada Encontro 108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEP	Associação Brasileira de Empresas De Pesquisa
BO	Boletim de Ocorrência
CAEMT	Centro de Atendimento e Estudos em Musicoterapia
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
DBTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses E Dissertações
IES	Instituições de Educação Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
TEPT	Transtorno de Estresse Pós-Traumático
UBAM	União Brasileira das Associações De Musicoterapia
UNESPAR	Universidade Estadual do Paraná
WHO	World Health Organization

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	**16**
1	**INTRODUÇÃO**	**18**
1.1	JUSTIFICATIVA	24
1.2	OBJETIVOS	29
1.2.1	Objetivo geral	29
1.2.2	Objetivos específicos	29
1.3	ESTRUTURA DA TESE	30
2.	**LEVANTAMENTO DO TEÓRICO/REVISÃO DE LITERATURA**	**31**
2.1	VIOLÊNCIA	31
2.1.1	Tipos e formas de violência	32
2.2	A UNIVERSIDADE	37
2.2.1	Universidade e a violência	40
2.3	MUSICOTERAPIA	43
2.4	SENTIDOS	50
2.5	BUSCAS SISTEMATIZADAS DA LITERATURA	54
2.5.1	Busca sistematizada sobre as produções científicas da violência no contexto do ensino superior	54
2.5.2	Estratégia de busca	55
2.6	BUSCA SISTEMATIZADA SOBRE MUSICOTERAPIA E VIOLÊNCIA	63
2.6.1	Estratégia de busca	64
3	**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**	**77**
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	77
3.2	CAMPO – LÓCUS	81
3.3	ENCONTROS DE MUSICOTERAPIA	82
3.4	PARTICIPANTES	84
3.5	INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES	85
3.6	COLETA DE INFORMAÇÕES	87
3.6.1	Divulgação e convite para a pesquisa/projeto de extensão	88
3.7	CONSTRUÇÃO DO *CORPUS*	90
3.8	ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES	91
3.9	ÉTICA NA PESQUISA	94

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....95
4.1 SOBRE AS PARTICIPANTES.....95
4.1.1 Participantes e a música.....97
4.1.2 Das violências sofridas.....98
4.2 OS ENCONTROS DE MUSICOTERAPIA.....105
4.2.1 Núcleos de significação extraídos dos Encontros de Musicoterapia.....110
4.2.1.1 Direitos.....111
4.2.1.2 Ciclos de violências.....122
4.2.1.3 Corpo.....128
4.2.1.4 Caixa de sentires.....133
4.2.1.5 Rastros das violências.....142
4.2.1.6 Universidade: um lugar para poder existir.....144
4.2.1.7 Musicoterapia: um espaço repleto de possíveis.....146
4.3 ENTREVISTA COLETIVA 151
4.4 ENTREVISTA FINAL INDIVIDUAL.....166
4.5 TRIANGULAÇÃO DE INFORMAÇÕES.....174
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....178
REFERÊNCIAS.....182
APÊNDICE 1 – PROJETOS DE EXTENSÃO OFERTADOS EM CURSOS DE MUSICOTERAPIA NAS IES NO BRASIL.. 198
APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....213
APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA – ABEP (2022) 218
APÊNDICE 4 – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO: BASEADO EM INEP/MEC (2019) 219
APÊNDICE 5 – ROTEIRO ENTREVISTA COLETIVA 221
APÊNDICE 6 – ROTEIRO ENTREVISTA FINAL INDIVIDUAL.....222
APÊNDICE 7 – TERMO DE SIGILO E CONFIDENCIALIDADE.....223
APÊNDICE 8 – DIVULGAÇÃO DOS ENCONTROS.....224
APÊNDICE 9 – FLYER DIVULGAÇÃO.....225
APÊNDICE 10 – PERFIL NO INSTAGRAM.....226
APÊNDICE 11 – MATÉRIA DE DIVULGAÇÃO EM SITE DA UFPR..... 228
APÊNDICE 12 – PUBLICAÇÃO NO INSTAGRAM DA UFPR.....230

APÊNDICE 13 – DIVULGAÇÃO PÁGINA OFICIAL DA UNESPAR..... 231
APÊNDICE 14 – PUBLICAÇÃO NO INSTAGRAM DO CURSO DE BACHARELADO EM MUSICOTERAPIA DA UNESPAR.....232
APÊNDICE 15 – VÍDEO DE DIVULGAÇÃO POSTADO NO INSTAGRAM E COMPARTILHADO EM GRUPOS DE WHATSAPP.....233
APÊNDICE 16 – FORMULÁRIO DE INTERESSE DE PARTICIPAÇÃO NOS ENCONTROS DE MUSICOTERAPIA.....234
APÊNDICE 17 – COMPOSIÇÃO.....236
APÊNDICE 18 – LISTA DE CANÇÕES PRESENTE NOS ENCONTROS.....237
ANEXO 1 – PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA.....240

APRESENTAÇÃO

A escolha para o título, com a frase inicial "roupa nova em brinquedo velho", foi inspirada na fala de uma das participantes, ao contar à pesquisadora sua compreensão sobre o que seja ressignificar: "é vestir roupa nova nos nossos acontecimentos de vida, vestir roupas novas em nosso brinquedo velho, usado".

O brinquedo antigo, velho, que foi deixado de lado, a partir do momento em que ganha uma nova roupagem, faz uma (re)abertura e volta para a vida de sua dona, permitindo que a relação entre este objeto e sua dona seja reestabelecida. O brincar se torna possível, "brincar com ele de volta, sem se machucar".

E a trilha sonora para essa relação bem que poderia ser a do filme animação Toy Story[1]:" *Amigo, estou aqui! Amigo, estou aqui! Se a fase é ruim e são tantos problemas que não têm fim. Não se esqueça que ouviu de mim: Amigo, estou aqui! Amigo, estou aqui!*", canção que foi cantada em um dos Encontros de Musicoterapia.

É disso que esta tese trata. De pessoas, de vidas, de existências que, em algum momento de sua caminhada, sofreram violência. Durante o desenvolvimento desta pesquisa, essas pessoas estavam na condição de estudantes cursando o ensino superior e aceitaram o convite para participar de Encontros de Musicoterapia.

Violências estão em nosso cotidiano de diferentes jeitos, sejam por diferenças religiosas, políticas, relacionadas a diferenças de gênero, raça, etnia e outras tantas mais. E, assustadoramente, muito próxima de nós. A violência frequentemente está marcada pela imposição de poder de uma pessoa sobre a outra, podendo ocorrer a objetificação dessa outra pessoa. Este estudo focou na violência interpessoal, mas surgiu na pesquisa de campo a violência autoinfligida.

A violência pode se dar em espaços privados ou públicos, o que pode gerar uma sensação de perigo constante, principalmente para aquelas pessoas que já sofreram violência. Muito frequentemente, mas não exclusivamente, o agressor é uma pessoa próxima à pessoa violentada.

Sou musicoterapeuta, formada há 35 anos pela UNESPAR – FAP. Me especializei em Didática do Ensino Superior e segui para o mestrado em Educação. A carreira de professora do ensino superior já totaliza 32 anos, o que me coloca

[1] Do original "You got a friend in Me", Randy Newman. Usada como música do filme de animação da Disney/Pixar, de 1995.

sempre a refletir sobre a educação, os processos de aprendizagem, a formação de profissionais e as condições de estudantes.

Como musicoterapeuta, sempre me pego a pensar em como a Musicoterapia pode estar com pessoas nas suas dores. O sofrimento faz parte da existência do humano. Não há quem não sofra. A experiência, principalmente na área da saúde mental, me expõe condições de existências nos limites da razão. Loucura, sofrimento e violência estão muito próximos.

Nessa minha trajetória profissional, tive uma experiência na seção de assuntos estudantis da UNESPAR, o que me colocou em contato com situações de alunas e alunos em situação de vulnerabilidade e que batalhavam por sua permanência na universidade. Em alguns desses casos havia uma situação de violência na vida dessas pessoas. Isso me conduziu a buscar o doutorado em Educação, na UFPR, e pesquisar sobre esse tema.

E assim, ao final de quatro anos de doutorado, apresento este trabalho, e digo que foi um esforço incansável na tentativa de falar dessas vidas que sofrem e de como a música, nos Encontros de Musicoterapia, pode estar com essas pessoas e mediar a produção de sentidos das mesmas. Como pesquisadora, reconheço o quanto as palavras me foram insuficientes para relatar toda a riqueza de informações que foram coletadas.

À vista disso, nas entrelinhas deste trabalho, há muitas falas emocionadas, músicas, sons, silêncios, lágrimas, risos, experimentações, pausas, questionamentos, ousadias, olhares, abraços...

1 INTRODUÇÃO

Tenho-me esforçado por não rir das ações humanas, por não deplorá-las nem odiá-las, mas por entendê-las [2]
Baruch de Spinoza

O esforço a que se propõe uma pesquisadora[3] ao mergulhar em um determinado campo de pesquisa, elegendo uma temática para se aprofundar, seguramente está ligado a essa citação inicial de Spinoza. Almeja-se apreender um pouco da realidade circundante, na busca de compreender determinados aspectos e perspectivas do mundo em que se habita. Movimentos esses a serem realizados com respeito, desprovidos de preconceitos e preconcepções, com uma postura ética e com abertura suficiente para que a verdade (ou parte dela) seja desvelada.

Ante a abertura do parágrafo inicial, adentra-se ao tema desta pesquisa e seu público alvo: estudantes universitárias que sofreram violência, de qualquer tipo ou forma, e a Musicoterapia. Lamentavelmente, o tema da violência revela-se como uma realidade cada vez mais preocupante e requer atenção especial, demandando ser problematizado e investigado, especialmente no que diz respeito à violência contra mulheres.

É uma temática complexa, que envolve a sociedade como um todo, exigindo ser transpassada por diferentes perspectivas, com políticas e ações no campo da justiça, da saúde, da assistência e da educação, sendo debatida e conduzida com medidas e ações educativas, judiciais, protetivas e de cuidados.

A parte teórica deste estudo teve início durante o período da pandemia da Covid-19. Para a pesquisa de campo, privilegiou-se a modalidade presencial. Desta forma, a coleta de informações foi realizada após a flexibilização do isolamento social, quando a universidade abriu suas portas, novamente, para receber corpos docente, discente e administrativo.

Durante o período de pandemia, em que o isolamento social foi uma necessidade para tentar evitar o avanço da Covid-19, viu-se aumentar os números de casos de violência contra as mulheres e de feminicídio. A Nota Técnica Violência

---

[2] Disponível em: https://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/e00010.htm.

[3] Adotou-se, ao longo deste texto, o gênero feminino na escrita, justamente pela temática proposta estar relacionada a este gênero e às condições de violência às quais estão sujeitas.

Doméstica Durante a Pandemia[4] (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2020), lançada em 29 de maio de 2020, indica que os casos de feminicídio cresceram 22,2% entre março e abril daquele ano, em 12 estados, quando comparados ao ano anterior. Em contrapartida, houve uma queda na abertura de Boletins de Ocorrência (BO), o que mostra ser um indicativo de que "as mulheres estão mais vulneráveis durante a crise sanitária" e, possivelmente, com "mais dificuldade para formalizar queixa contra os agressores e, portanto, para se proteger"[5].

Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em decorrência da pandemia as mulheres estavam mais próximas de seus agressores que poderia estar dificultando ou impedindo-as que acessarem as delegacias para efetivar denúncias. Conforme declaração de Conceição de Andrade, superintendente geral do Instituto Maria da Penha, sobre a violência nesse período de quarentena pelo coronavírus (Covid-19), "a violência doméstica não diminuiu, ela está mais privada do que nunca. A mulher que vive com um agressor já vivia isolada, agora ela está praticamente em cárcere privado"[6].

Os dados do Paraná não estão contemplados na Nota Técnica Violência Doméstica Durante a Pandemia (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2020), mas a Secretaria de Segurança Pública, a partir de 28 de maio de 2020, passou a disponibilizar em seu site, no Relatório de Crimes Relativos a Mortes, o número de vítimas de feminicídio no Paraná. Os dados estão disponibilizados em coluna própria e têm a intenção de dar mais transparência às estatísticas e dar boas respostas à população paranaense, segundo declaração do secretário da Segurança Pública, Romulo Marinho Soares[7].

O chefe da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, no início de abril de 2020, vigilante com a situação mundial da violência doméstica, particularmente nos países da Europa, onde a pandemia começou antes que no Brasil, fez recomendações para que os países aumentassem "investimentos em serviços de atendimento *online*, estabelecimento de serviços de alerta de emergência

---

[4] Disponível em https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf. Acesso em 11/08/2020.

[5] Publicação de 20/4/20, disponível em https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/violencia-domestica-durante-pandemia-de-covid-19/. Acesso em 11/08/2020.

[6] Publicação de 18/6/20, disponível em https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/violencia-domestica-durante-pandemia-de-covid-19/. Acesso em 11/08/2020.

[7] Publicação de 29/5/20, disponível em http://www.seguranca.pr.gov.br/Noticia/Site-da-Seguranca-Publica-passa-mostrar-numero-de-feminicidios. Acesso em 11/08/2020.

em farmácias e supermercados e criação de abrigos temporários para vítimas de violência de gênero" (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2020, p.3).

A Assessoria de Direitos Humanos e Políticas para as Mulheres de Curitiba alerta quanto a essa recomendação, lançou a cartilha 'Prevenção e combate à violência doméstica e familiar contra a mulher em condomínios' (PREFEITURA DE CURITIBA, 2020) com o intuito de orientar síndicos no combate à violência doméstica. Essa foi uma ação importante no sentido de fornecer orientações aos responsáveis de condomínios sobre os serviços oferecidos pela prefeitura na cidade. Um serviço *online* - a partir de 3/6/2020[8] - que também passou a ser disponibilizado no Paraná, para que mulheres em situação de violência pudessem efetuar um BO.

Entretanto, a violência contra a mulher não foi uma realidade exclusiva do período de isolamento social. Ela vem atravessando a história ao longo dos séculos e carrega dramas e tragédias não só para as mulheres que sofrem a violência, mas, também, para as pessoas próximas a elas, atingindo a sociedade e "configurando-se em um fator que desestrutura o tecido social" (FONSECA *et al.*, 2012, p. 308).

No que tange à questão relacionada à saúde e à preocupação das consequências da violência, a Organização Mundial de Saúde (OMS), desde a década de 1980, considera esse assunto um problema de saúde pública, face às marcas e sequelas que são produzidas a partir desses atos. A carência de políticas públicas mais efetivas para conter ou minimizar a violência e seus danos às mulheres também impacta nos cofres públicos, pois o estudo feito pelo Banco Mundial[9],

> demonstra que o sistema de saúde pública do Brasil gasta R$ 5,14 bilhões por ano para atender vítimas de violência. Em relação aos gastos com o custo da violência contra as mulheres, eles representam 2% do produto interno bruto (PIB) global, ou cerca de 1,5 trilhões de dólares. Assim, a violência contra as mulheres no Brasil causou aos cofres públicos, em 2011, um gasto de R$ 5,3 milhões somente com internações, os dados foram calculados pelo Ministério da Saúde a pedido da Agência Brasil. (MESQUITA *et al.*, 2021, p.191).

No documento intitulado Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, a violência é entendida como o uso intencional da força física ou do poder, real ou ameaça, contra si próprio, contra outras pessoas, ou contra um grupo ou uma

---

[8] Formulário disponível em https://www1.delegaciaeletronica.pr.gov.br/delegaciaeletronica/formulario.do?action=iniciarProcesso&acao=8 . Acesso em 12 ago. /2020.

[9] Divulgado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (OMS, 2002).

Um estudo da ONU, de 2006, indica que a violência contra a mulher é todo ato praticado por motivos de gênero, dirigido contra uma mulher (GADONI-COSTA e DELL'AGLIO, 2009, p. 152), e ressoa em vários aspectos de sua vida, no trabalho, nas relações sociais e na saúde física e psicológica (FONSECA *et al*., 2012), deixando marcas subjetivas e reais.

No que tange às consequências negativas da violência, a autoestima, por exemplo, apresenta-se com comprometimento severo, face a desgastes decorrentes dos maus tratos e agressões constantes (ADAMS; RICOY, 2012; FONSECA *et al*., 2012; GUIMARÃES *et al*., 2018).

A violência está presente em diferentes espaços e ambientes, sem discriminação de idade, classe social, nível de escolaridade, raça, gênero. Ela pode vir de fontes diferentes, desde membros próximos à pessoa a desconhecidos, em espaços públicos e/ou privados.

Vislumbra-se que essas mulheres podem estar no espaço da universidade (CAPOVILLA, 2016) entre funcionárias, docentes, agentes administrativas e estudantes. Frequentemente, circulam invisibilizadas pelos corredores carregando as marcas em seus corpos e na alma. Por vezes, sofrem em silêncio e sem suporte emocional, físico, jurídico e assistencial.

Destarte, voltando o olhar para esse espaço público, que é a universidade, esta pesquisa focaliza a população de estudantes universitárias que sofreram violência. O foco não foi pesquisar a violência na universidade, mas, sim, os sentidos produzidos por essas pessoas que sofreram violências em qualquer circunstância e tempo e que, nesse momento, estão na condição de estudantes universitárias.

Assim, alguns questionamentos surgiram: qual a realidade de estudantes universitárias no que tange à violência? Quem são? Que histórias carregam? Que impacto tiveram em suas vidas? Suas atividades acadêmicas foram prejudicadas por causa disso? Tiveram assistência? Foram acolhidas? Em algum momento conversaram sobre isso com outras pessoas em situação semelhante? Esses questionamentos estão permeados pelos dados que indicam que pessoas conhecidas são os agressores mais frequentes e que a violência ocorre majoritariamente na própria residência (MESQUITA *et al*., 2021).

A despeito do que foi até aqui apresentado, compreende-se que mulheres que sofrem violência necessitam de acolhimento, de escuta, de orientação, têm o direito de receber cuidados médicos, psicológicos, assistenciais e jurídicos. A Musicoterapia, que compõe diversas equipes multidisciplinares e que atua no campo da saúde, da educação, da assistência social, em comunidades, na saúde mental, entre outros, apresenta-se como uma possibilidade para acolher essas mulheres.

A Musicoterapia é um campo de conhecimento que une ciência e arte (música) é um campo de prática relativamente recente (WAZLAWICK *et al.*, 2007a), com pouco mais de meio século, e que tem seu corpo teórico em processo de construção constante. Configura-se como uma ciência híbrida (CHAGAS, 2008; WAZLAWICK *et al.*, 2007a) e transdisciplinar por natureza (BRUSCIA, 2000, 2016), pois já nasce unindo campos de conhecimentos distintos.

A Musicoterapia se utiliza da música e de seus elementos - som, ritmo, melodia e harmonia – com pessoas, grupos, comunidades, em processos que visam promover comunicação, aprendizado, organização, expressão “a fim de atender às necessidades físicas, mentais, sociais e cognitivas” (REVISTA BRASILEIRA DE MUSICOTERAPIA, 1996, p.4). Propõe-se a desenvolver potencialidades, e/ou restituir, reabilitar funções de pessoas, grupos, comunidades para que alcancem melhores condições e qualidade de vida (REVISTA BRASILEIRA DE MUSICOTERAPIA, 1996).

O campo de atuação da musicoterapeuta é amplo, podendo atuar em hospitais, clínicas especializadas, escolas de ensino regular e especial, em comunidades, em instituições de longa permanência para pessoas idosas, projetos sociais, entre outros. Atende desde a gestante, na maternidade, até os cuidados paliativos; de bebês a pessoas idosas, pessoas com necessidades especiais ou não. Pode atuar na promoção e prevenção da saúde, assim como na reabilitação.

Nessa amplitude do campo de atuação da Musicoterapia, a profissional musicoterapeuta tem sido cada vez mais solicitada a compor equipes multiprofissionais. Isso demonstra o reconhecimento pelos bons resultados, que são frutos da prática das musicoterapeutas, bem como pelo investimento e ampliação do campo de pesquisa que as musicoterapeutas têm feito nos últimos anos, particularmente no Brasil.

Mesmo sendo uma ciência e uma profissão relativamente novas, a Musicoterapia tem caminhado para a construção de um corpo teórico e prático

consistente (WAZLAWICK *et al*., 2007a). Dessa forma, diferentes abordagens teóricas vêm se constituindo ao longo dos anos. O diálogo com outros campos do conhecimento é frequente e enriquecedor, e entre esses campos tem-se o da psicologia, da saúde, da educação. Este trabalho pretende dialogar com esse universo educacional, particularmente o do ensino superior, na medida em as participantes são estudantes.

O que caracteriza a Musicoterapia é que ela sempre envolve uma experiência musical (BRUSCIA, 2000), que pode ser composicional, improvisacional, recreativa e/ou receptiva (BRUSCIA, 2000, 2016). Santos (2018, p. 95) afirma que "através da experiência musical os indivíduos podem conseguir novas experiências que permitem a expressão de seus sentimentos, emoções, pensamentos, anseios, pedidos e a busca de soluções para os problemas e conflitos".

Por meio das experiências musicais vivenciadas e compartilhadas entre a(s) participante(s)[10] e a musicoterapeuta em um encontro[11] de Musicoterapia, é potencializada a possibilidade de construção e reconstrução de sentidos.

Segundo Namura (2004, p. 91), quando Vigotski formulou a categoria **sentido**, foi para "ressaltar a natureza especificamente humana do homem, a sua capacidade de criação e autoprodução nos seus modos e condições de existência". O conceito de **significado** é apresentado por Arndt (2015) que, ancorado em Vigostski, Maheirie e Waslawick, é entendido como uma das zonas do sentido, sendo o primeiro, o significado, entendido como um "sentido partilhado, generalizado, dicionarizado, estabilizado", porém não fixo, rígido, mas flexível e possível de ser transformado.

Assim, o sentido é um processo no qual se criam "significações individuais a partir de experiências singulares, porém produzidas e transformadas em diferentes contextos sociais, atravessado pela afetividade. (ARNDT, 2015, p. 72).

Compreende-se que o ser humano é um ser social, constituído e construído socialmente, estando culturalmente inserido em contextos históricos. Partindo dessa compreensão, a produção de sentidos só se pode dar nesse entrelaçamento do individual e do social, numa dialética constante.

---

[10] Optou-se pela terminologia participante e não paciente, por entender se tratar de uma pessoa ativa e partícipe no processo musicoterapêutico.

[11] Adotou-se a palavra encontro e não sessão por entender-se ser mais ampla e não se vincular a um modelo clínico convencional.

1.1 JUSTIFICATIVA

Por ser mulher, a pesquisadora se percebe tendo vivido situações de violência. As violências não se medem, não se mensuram, elas são sentidas na carne, nas marcas deixadas no corpo e na psique. Enfrentam-se diariamente pequenas batalhas contra a misoginia, o machismo e o sexismo em uma sociedade arraigadamente patriarcal.

Dessa maneira, quase que inevitavelmente, quando se propõe uma temática de pesquisa há um interesse pessoal, que está imbricado na caminhada pessoal, profissional e acadêmica. Quando surge o interesse por um determinado tema de estudo, este é, sob qualquer enfoque, pertencente ao campo do vivido de quem pesquisa. A teia de experiências, sejam pessoais ou profissionais, e as relações que vão sendo construídas ao longo da vida, vão constituindo cada pessoa. É um processo contínuo, que só termina quando a jornada nesta existência termina.

Nessa perspectiva, sempre foram instigantes as temáticas relacionadas a situações de vulnerabilidade(s) e de pessoas invisibilizadas ou que sofrem discriminações. Aquelas pessoas ‘diferentes’, que não se ‘encaixam’ no padrão imposto pela sociedade. Ou, nas palavras de Arndt (2015, p.11), “vozes ilegítimas aos ouvidos de alguém”.

Desde a formação desta autora, na graduação de Musicoterapia, existiu uma paixão pela área da saúde mental e em estudar o universo da loucura. Como musicoterapeuta, foi direcionada a trabalhar com os ‘loucos’. Com eles esteve por um bom tempo, aprendendo e desenvolvendo pesquisas, buscando compreender esse domínio, o da loucura e de como a música e a Musicoterapia poderiam criar possibilidades para essas pessoas se apropriarem como ‘sujeitos loucos’ e como sujeitos para além de ‘serem loucos’. Grande parte dessa experiência foi com mulheres.

Ainda como musicoterapeuta, houve a possibilidade de trabalhar na educação especial, com crianças e adolescentes que, muitas vezes, recebem olhares enviesados por serem física e mentalmente diferentes. Quanto aprendizado, quantas trocas afetivas, quanta música feita com essas pessoas. Quanta potência de existir!

Na caminhada profissional, ocorreu uma oportunidade ímpar de trabalhar com jovens em conflito com a lei. Para muitos, os ‘marginais’. Para a pesquisadora, pessoas que ensinaram muito, que apresentaram uma realidade completamente

nova, como quando presenciou o cantar ‘Parabéns para Você’ para um jovem de 18 anos que, pela primeira vez, recebia um bolo de aniversário e essa canção, cantada especialmente para ele. Com esses jovens foram aprendidos muitos *raps*, alguns passos de *hip hop*, e a compreender que existe um sofrimento que está para além do individual. Um sofrimento que é de um coletivo, de um grupo.

Diversas outras oportunidades em estar com pessoas com diferentes condições e nas mais variadas circunstâncias foi possível vivenciar como musicoterapeuta. A cada uma delas, momentos de trocas e de conhecimentos foram contribuindo para ser quem é hoje.

Ser professora e supervisora de estágios do curso de bacharelado em Musicoterapia a levou a muitos lugares, muitas instituições, se colocando em contato com diversas populações, com diferentes realidades (pessoais, familiares, econômicas, sociais). Também foi possível acompanhar a formação de muitas(os) musicoterapeutas, a transformação de estudante para profissional, em um processo de constituir-se musicoterapeuta.

Muitas outras experiências constituíram essa caminhada, identificando o olhar, a escuta, direcionando sempre para trabalhar com pessoas que, de algum modo, apresentam um sofrimento individual e/ou um sofrimento coletivo, ético-político (SAWAIA, 2001). O que não se fez diferente neste estudo.

Mesmo com a finalização deste processo de doutoramento, após a pesquisa de campo, o desejo de pesquisar a temática da violência, em especial com mulheres e mais especificamente com estudantes universitárias que sofreram e/ou continuam sofrendo violência, continua vivo e latente.

As violências são múltiplas. Estão em todos os lugares, sem ser, por vezes, percebidas. Como mulher, educadora e musicoterapeuta esta pesquisadora foi instigada a investigar como a música poderia estar com essas pessoas e entender quais processos subjetivos que ali ocorrem. E, cada vez mais como uma militante nas questões que envolvem a violência contra mulheres, se sentiu convocada a propor ações que de alguma maneira possam contribuir para mitigar essa realidade.

A violência é um fenômeno complexo que merece ser auscultado como tal. Do ponto de vista científico, significa compreender que há interdependência e interconexão entre todos os fenômenos, buscando superar uma visão linear e reducionista dos fatos (MORIN, 2008).

A violência vem vestida de muitas formas e tipos, podendo ser, segundo a Lei n° 11.340/2006 (Lei Maria da Penha), na forma de violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. A violência contra a mulher é um dos tipos de violência, mas não a única. Além desta, ainda estão tipificadas a violência de gênero, doméstica, familiar, física, institucional, intrafamiliar/doméstica, moral, patrimonial, psicológica e sexual.

Alguns estudos discutem a violência e a universidade, mas em perspectivas outras das aqui apresentadas. Os temas que permeiam esses estudos são: violência universitária - violência nas relações entre discentes, docentes e a instituição de ensino (GOULART *et al*., 2013), violência de gênero (ZOTARELI *et al*., 2012), *bullying* (PANUNCIO-PINTO *et al*., 2019; MIRANDA *et al*., 2012), violência contra a mulher na universidade (MAITO, 2017).

Um dos tipos de violência que ocorre com muita frequência contra as mulheres é a sexual. Mattar *et al*. (2007) ressaltam a importância de um atendimento multiprofissional àquelas que sofrem violência sexual. Segundo as autoras, "a necessidade da abordagem multiprofissional no atendimento de mulheres que sofrem violência sexual está diretamente relacionada à complexidade da situação e à multiplicidade de consequências impostas às vítimas" (p. 460). Ainda, segundo as autoras, esse tipo de violência pode trazer consequências para a

> saúde física, reprodutiva e mental, com lesões corporais, gestação indesejada, DST e AIDS, fobias, pânico, síndrome do *stress* pós-traumático, depressão e outras alterações psicológicas, e também de problemas familiares e sociais, como **abandono dos estudos** [grifo nosso], perda de empregos, separações conjugais, abandono de casa, e outros. (MATTAR *et al.*, 2007, p.460).

Entre os desdobramentos das consequências da violência sexual em meninas pré púberes estão os problemas escolares (MATTAR, 2007), que envolvem baixo rendimento, abandono dos estudos, dificuldades de relacionamento e no comportamento. Isso sinaliza que o mesmo pode acontecer com estudantes do ensino superior.

Pouco ainda se pesquisa sobre o que foi investigado nesta tese. Tanto no que se refere a estudos que abordem a questão da violência em estudantes universitárias, como de trabalhos de Musicoterapia no contexto da violência. Duas buscas sistematizadas foram realizadas para mapear as produções científicas que envolvem essa temática.

A primeira busca objetivou mapear as produções cientificas sobre violência no contexto superior brasileiro. Para isso foram realizadas buscas nas bases de dados, repositórios e publicações científicas: Portal CAPES; BVS; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (DBTD); Scientific Electronic Library Online (ScIELO); Psycinfo; Scopus; Web of Science; Education Resources Information (ERIC). Os descritores utilizados foram: *violence against women; higher education* (*universities*) e seus correspondentes em língua portuguesa - violência contra a mulher; educação superior (universidade) – e língua espanhola *violencia contra la mujer*; *educación superior* (*universidad*) – usando os operadores booleanos *AND* e *OR*.

Foram encontradas 12 publicações com os mais variados temas, como: identificar o perfil sociodemográfico de estudantes que sofreram violência; discutir a violência de gênero e contra mulheres na universidade; iniciativas e estratégias de enfrentamento contra a violência. Nenhuma proposta ou ação da Musicoterapia foi localizada nesses trabalhos.

A segunda busca sistematizada teve como objetivo central mapear as produções sobre Musicoterapia e violência. A busca dos materiais foi realizada em base de dados, repositórios e publicações científicas: Portal Capes; BVS; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); Scientific Electronic Library Online (Scielo); Psycinfo; Scopus; Web of Science; Education Resources Information (ERIC); Brazilian Journal of Music Therapy; Nordic Journal of Music Therapy; Voices; Journal of Music Therapy; Music Therapy Perspective; Revista Incantare.

Os descritores consultados foram o DeCs/Mesh e o Thesaurus e foram aplicados: *violence; Music Therapy* e seus correspondentes em língua portuguesa Violência; Musicoterapia e *Violencia; Musicoterapia* em língua espanhola – usando os operadores booleanos *AND* e *OR*.

Foram selecionados 16 trabalhos dentro dos critérios de inclusão. Em nenhum deles foi relatado um estudo com estudantes do ensino superior. Outras populações com as quais um trabalho de Musicoterapia foi desenvolvido foram crianças, famílias, mulheres em situação de violência doméstica, alunos de escola.

Considerando essas duas buscas sistematizadas, observa-se a lacuna existente de trabalhos de Musicoterapia com estudantes universitárias que tenham sofrido violência. Isso indica a contribuição que esta pesquisa pode trazer para o meio acadêmico, haja vista a ausência identificada de trabalhos com mesmo escopo.

Foi realizado um levantamento nos sites de instituições de ensino superior que oferecem cursos de graduação em Musicoterapia. No total são seis universidades/centros universitários/faculdade, sendo três universidades federais (UFG, UFMG, UFRJ), uma universidade estadual (UNESPAR), um centro universitário (UniFMU) e uma faculdade particular (EST).

O objetivo foi pesquisar sobre ofertas de projetos de extensão em Musicoterapia e se há algum tipo de proposta para a comunidade acadêmica que tenha sofrido violência. Não há nenhum projeto específico de proposta nesta direção. Entre os projetos disponíveis no site das universidades, o que mais se aproxima seria o "Musicoterapia Psicossocial: práticas críticas, políticas públicas e produção de subjetividade", oferecido pela UFG (APÊNDICE 1), que oferta atendimento à comunidade acadêmica. Trabalhos específicos com quaisquer populações que tenham sofrido violência não foram encontrados.

Em um olhar voltado para as questões sociais, há que se entender que a violência contra a mulher é, acima de tudo, uma violação dos direitos humanos, “podendo estar atrelada a questões conceituais referentes à distinção entre: poder e coação; vontade consciente e impulso; determinismo e liberdade” (FONSECA *et al*., 2012, p. 308). Sendo uma violação de direitos humanos, a violência passa a ser uma problemática que diz respeito à sociedade em geral, demandando posicionamento dos órgãos públicos, da sociedade civil e de todos nós, cidadãos e cidadãs.

A violência revela-se como uma imensa problemática social. Sem nos darmos conta, ela está mais próxima de nós do que imaginamos, disfarçada a ponto de não ser percebida, ou explícita a ponto de ser assustadora. A violência faz parte da humanidade desde sempre. É um produto da história (GOULART *et al*., 2013), não deve ser reduzida a situação de crime ou delinquência, e devem considerar-se as relações socioeconômicas, políticas e culturais em seus diferentes tempo e espaço (GOULART *et al*., 2013).

A violência traz consigo consequências negativas em desdobramentos que afetam a vida daquelas que a sofreram. Assim, demandam ações no campo das políticas públicas, da assistência, da pesquisa, da educação e da sociedade como um todo. Arendt (2004, p. 7) provoca e convoca quando diz, “ninguém que se dedique à meditação sobre a história e a política consegue se manter ignorante do enorme papel que a violência desempenhou sempre nas atividades humanas”.

Apesar da importância do tema e do problema, que se sabe ser preocupante, percebe-se que as discussões que envolvam estudantes universitárias são raras, quando se trata da realidade brasileira. Diante do exposto, foram consideradas como hipóteses para esta pesquisa:

a) há estudantes universitárias que sofreram violência que demandam acolhimento e atendimento;

b) independentemente do tipo de violência que estas estudantes sofreram, há impactos que afetam a vida pessoal e acadêmica;

c) a Musicoterapia como seu corpo teórico e prático, dotada de técnicas próprias e específicas, é capaz de acolher e mediar a produção de sentidos de estudantes universitárias que sofreram violência de qualquer natureza e tipo.

Assim, a questão de pesquisa que se colocou foi: Quais os sentidos produzidos durante os Encontros de Musicoterapia[12] por estudantes universitárias que sofreram violência?

Para responder à questão, os objetivos traçados para esta pesquisa foram os que se apresentam a seguir.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Compreender os sentidos produzidos, nos Encontros de Musicoterapia, por estudantes universitárias que sofreram violências.

1.2.2 Objetivos específicos

a) Descrever o perfil sociodemográfico e econômico das participantes.

b) Relatar os tipos de violências sofridas pelas participantes.

c) Descrever os sentidos produzidos pelas participantes nos Encontros de Musicoterapia.

[12]Serão grafados em letra maiúscula para distinguir de um encontro qualquer. Esse Encontro marca um momento de trocas profundas, de encontros de vidas, de encontros sonoro-musicais. Parafraseando Dimenstein, no prefácio do livro A Poesia do Encontro, de Elisa Lucinda e Rubem Alves, a força das palavras e das sonoridades fez delas rapidamente íntimas.

d) Identificar os desdobramentos da violência na vida das participantes.

e) Relatar experiências musicais, dos Encontros de Musicoterapia, que contribuíram para a produção de sentidos das participantes.

f) Identificar aprendizados que as participantes tiveram nos Encontros de Musicoterapia.

1.3 ESTRUTURA DA TESE

Esta tese está composta por cinco seções principais – Introdução, Revisão de Literatura, Procedimentos Metodológicos, Resultados e Discussão e Considerações Finais. As seções complementares são compostas por Referências, Apêndices e Anexos.

O primeiro capítulo, a Introdução, aborda brevemente os temas centrais da tese: violência, Musicoterapia, sentido. Na sequência, apresenta as justificativas as hipóteses e a problematização do estudo, seguido dos objetivos, geral e específicos.

O capítulo 2 apresenta a Revisão de Literatura feita para embasar a tese, compreendendo os temas da violência em suas formas e tipos, a universidade, Musicoterapia e sentidos. Traz, ainda, duas buscas sistematizadas para mapear as produções dentro da temática desta pesquisa.

O capítulo 3, Procedimentos Metodológicos, versa sobre a caminhada percorrida para a execução da pesquisa, que adotou uma abordagem qualitativa, com pesquisa de campo. Há uma descrição do *lócus* da pesquisa, dos Encontros de Musicoterapia, das participantes, dos instrumentos e procedimentos para a coleta de informações, a divulgação da pesquisa/projeto de extensão, construção do *corpus*, análise das informações e aspectos éticos.

O capítulo 4 expõe os resultados e discussão dos achados.

Na última seção, capítulo 5, é apresentada uma síntese dos resultados, considerando o objetivo central da tese.

2 LEVANTAMENTO DO REFERENCIAL TEÓRICO/REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção, apresenta-se algumas temáticas consideradas importantes para pensar e fundamentar esta pesquisa: violência; universidade; universidade e a violência; Musicoterapia; sentidos.

2.1 VIOLÊNCIA

A violência, para Arendt (2008), é a dominação própria de relações humanas marcadas pela ausência do diálogo e pela instrumentalização do sujeito, frequentemente marcadas pela imposição de poder de uma pessoa sobre a outra, podendo ocorrer a objetificação do outro. A pessoa agredida muitas vezes é vista como objeto pertencente ao agressor que, por esse ângulo, sente-se como proprietário e livre para exercer força e dominação.

Para Simone de Beauvoir (2009), quando se ensina determinadas construções, como ser 'maternal', 'dóceis', 'dedicadas', ensina-se a submissão, e a aceitar atitudes de violência advindas principalmente dos homens. Isso reforça mais ainda o modelo patriarcal no qual vivemos e que dificulta o desvencilhamento de muitas mulheres desse modelo. Vale questionar essa construção social que, ao longo da história, vem reforçando esse lugar da mulher como "segundo sexo", em condição de submissão e subalternidade em relação ao homem.

A noção de violência, segundo Pequeno (2019), tem um caráter pluridimensional e polissêmico e permeia vários campos do conhecimento da filosofia. Essa multiplicidade, segundo ele, dificulta conceituar a violência em todas as suas nuances. Em seu sentido extremo, a violência é uma violação, pois viola a integridade, a identidade, a dignidade e a humanidade do outro (PEQUENO, 2019).

Vilela (2016) afirma que a violência contra a mulher "é uma das manifestações da violência de gênero mais cruéis e persistentes [...] porque atravessa a história e sobrevive" (p.12). Para a violência não há classe social, origens, religiões, estado civil, escolaridade ou raça; atinge mulheres de todas as idades, "em todos os espaços sociais, sobretudo no doméstico" (VILELA, 2016, p.12). A autora reitera que, na forma de violência simbólica e moral, aterroriza em especial o imaginário das mulheres, produzindo vulnerabilidades, promovendo sensação de constante insegurança e

contribuindo para a perpetuação de uma cultura violenta e patriarcal (VILELA, 2016, p.12).

A violência carimba marcas no corpo, abala o emocional, fere profundamente a autoestima, e pode comprometer a saúde física e psicológica das mulheres. Os desdobramentos de ações violentas transformam-se em medo, vergonha, isolamento, depressão e até mesmo em doenças. Conviver com o medo e com as lesões físicas são desafios enfrentados por mulheres que sofreram violência de seus parceiros (OLIVEIRA *et al.*, 2015).

Adams e Ricoy (2012, p. 133) relatam que "diversas pesquisas propõem que, dentro da chamada 'violência no namoro'[13], termo que se refere à violência entre jovens, quanto menor a autoestima, maior a probabilidade de sofrer violência no relacionamento de um casal"[14]. Estudo dos mesmos autores investigou a violência passiva entre jovens universitárias do México, em duas universidades, sendo uma privada e a outra pública. O resultado mostrou que as estudantes da universidade privada mantêm mais as aparências e resignam-se a manter algumas atitudes passivas em um relacionamento. Também relatam menor incidência de violência em relação às estudantes da instituição pública. Na universidade pública, as estudantes relatavam de forma mais explícita e aberta a ocorrência da violência.

Lucena *et al*. (2017) investigaram a relação entre qualidade de vida e violência contra a mulher. Os resultados indicaram que mulheres que se encontram vinculadas à rede de apoio social sofrem menos violência. "O convívio social ligado a fatores de reciprocidade e solidariedade sustenta a base das relações sociais (p.5)". Considera-se que os Encontros de Musicoterapia têm forte potencial em construir rede de apoio, constituindo-se um espaço para trocas afetivas seguras e protegidas.

2.1.1 Tipos e formas de violência

A violência apresenta-se de diferentes formas e tipos. Segundo o Conselho Nacional de Justiça, os tipos de violência podem ser[15]:

---

[13] No original, *dating violence*.
[14] Tradução livre da autora.
[15] Disponível no site do Conselho Nacional de Justiça: https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoes/violencia-contra-a-mulher/formas-de-violencia-contra-a-mulher/.

● Violência contra a mulher – é qualquer conduta – ação ou omissão – de discriminação, agressão ou coerção, ocasionada pelo simples fato de a vítima ser mulher e que cause dano, morte, constrangimento, limitação, sofrimento físico, sexual, moral, psicológico, social, político ou econômico ou perda patrimonial. Essa violência pode acontecer tanto em espaços públicos como privados.

● Violência de gênero – violência sofrida pelo fato de se ser mulher, sem distinção de raça, classe social, religião, idade ou qualquer outra condição, produto de um sistema social que subordina o sexo feminino.

● Violência doméstica – quando ocorre em casa, no ambiente doméstico, ou em uma relação de familiaridade, afetividade ou coabitação.

● Violência familiar – violência que acontece dentro da família, ou seja, nas relações entre os membros da comunidade familiar, formada por vínculos de parentesco natural (pai, mãe, filha etc.) ou civil (marido, sogra, padrasto ou outros), por afinidade (por exemplo, o primo ou tio do marido) ou afetividade (amigo ou amiga que more na mesma casa).

● Violência física – ação ou omissão que coloque em risco ou cause dano à integridade física de uma pessoa.

● Violência institucional – tipo de violência motivada por desigualdades (de gênero, étnico-raciais, econômicas etc.) predominantes em diferentes sociedades. Essas desigualdades se formalizam e institucionalizam nas diferentes organizações privadas e aparelhos estatais, como também nos diferentes grupos que constituem essas sociedades.

● Violência intrafamiliar/violência doméstica – acontece dentro de casa ou unidade doméstica e geralmente é praticada por um membro da família que viva com a vítima. As agressões domésticas incluem: abuso físico, sexual e psicológico, a negligência e o abandono.

● Violência moral – ação destinada a caluniar, difamar ou injuriar a honra ou a reputação da mulher.

● Violência patrimonial – ato de violência que implique dano, perda, subtração, destruição ou retenção de objetos, documentos pessoais, bens e valores.

● Violência psicológica – ação ou omissão destinada a degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de outra pessoa por meio de intimidação, manipulação, ameaça direta ou indireta, humilhação, isolamento ou

qualquer outra conduta que implique prejuízo à saúde psicológica, à autodeterminação ou ao desenvolvimento pessoal.

● Violência sexual – ação que obriga uma pessoa a manter contato sexual, físico ou verbal, ou a participar de outras relações sexuais com uso da força, intimidação, coerção, chantagem, suborno, manipulação, ameaça ou qualquer outro mecanismo que anule ou limite a vontade pessoal. Considera-se como violência sexual também o fato de o agressor obrigar a vítima a realizar alguns desses atos com terceiros.

Quanto às formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, segundo o artigo 7º da Lei Maria da Penha[16] (BRASIL, 2006) são, entre outras:

I – a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II – a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III – a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV – a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

---

[16] Disponível no site do Conselho Nacional de Justiça. https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoes/violencia-contra-a-mulher/formas-de-violencia-contra-a-mulher/.

V – a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

Consta, ainda, do Código Penal Brasileiro (BRASIL, 1940): a violência sexual pode ser caracterizada de forma física, psicológica ou com ameaça, compreendendo o estupro, a tentativa de estupro, o atentado violento ao pudor e o ato obsceno.

O *stalking* ou perseguição, em português, passou a ser considerado crime, no Brasil, a partir de 2021[17]. É um tipo de violência desafiadora, pois apresenta uma linha tênue entre o que seria uma manifestação de afeto e uma atitude não apropriada e intrusiva (BOEN; LOPES, 2019). Para compreendê-lo, é necessário contextualizá-lo, não podendo ser definido a partir de um comportamento único, pois apresenta uma característica intimidatória, sendo preciso que a sociedade o reconheça como uma forma de violência relacional (BOEN; LOPES, 2019).

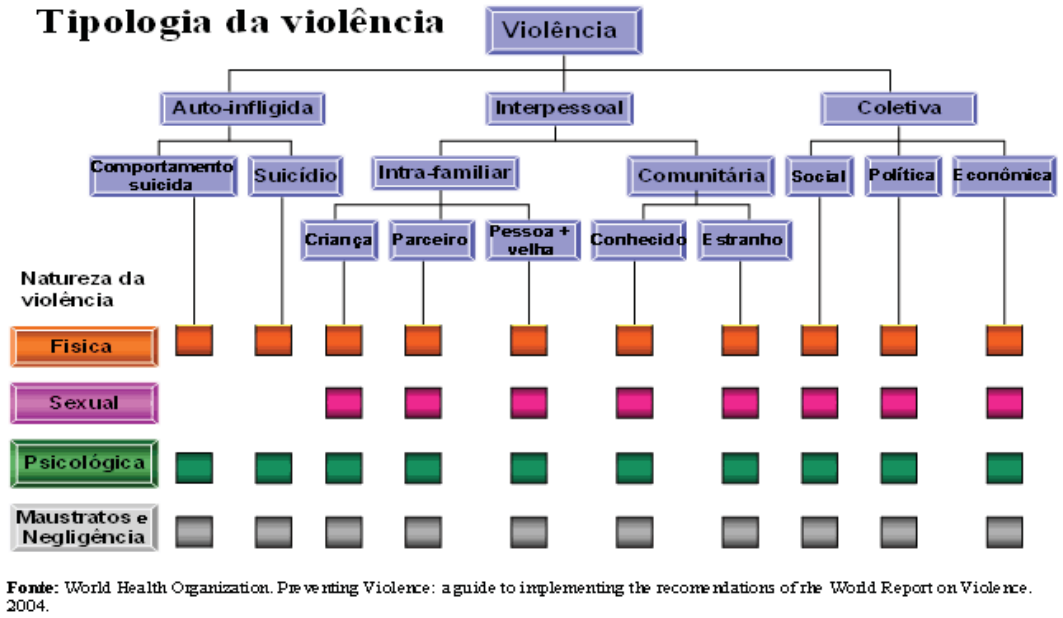
Boen e Lopes (2019) indicam comportamentos representativos da experiência de *stalking*, segundo a literatura internacional:

> perseguição (carro, moto, a pé etc.); tentativas de contato (cartas, bilhetes, telefonemas etc.); ameaça contra si próprio ou a pessoas próximas; filmagem ou fotografia sem autorização; coisas vasculhadas, roubadas ou apoderadas; invasão de propriedade ou entrada forçada na residência; ir a locais que a pessoa frequenta; ameaçar fazer mal a si mesmo (ex. suicidar-se); vigiar ou pedir para alguém fazê-lo; agressão; e agredir ou prejudicar pessoas próximas. (BOEN; LOPES, 2019, p. 5).

Na Figura 1, é possível visualizar como a OMS classifica a violência, segundo o tipo e a natureza. Nessa tipologia, apresentada pela ONU, aparece a violência autoinfligida, ou seja, aquela que a pessoa promove a si própria. Destaca-se também a violência coletiva, que é o tipo de violência provocada por grupos de pessoas ou por Estados.

[17] A Lei 14.132, de 31 de março de 2021, introduziu o artigo 147-A, tipificando o crime de “perseguição”.

FIGURA 1 – TIPOLOGIA DA VIOLÊNCIA



FONTE: World Health Organization (2004).

Algumas conquistas, em termos de políticas públicas e legislação[18], já foram alcançadas, contudo a realidade nos mostra que ainda são insuficientes, pois o número de mulheres que continuam a sofrer violência é elevado e aparenta estar em escala ascendente, como escancaram os noticiários e a mídia social.

Em 3 de abril de 2020, a Lei Maria da Penha sofreu alteração pela Lei n° 13.984[19] (BRASIL, 2020), no art. 22, obrigando o agressor a frequentar centro de educação e de reabilitação e a ter acompanhamento psicossocial, o que parece ser um pequeno avanço na tentativa de diminuir a violência contra as mulheres. O novo texto encontra-se assim redigido:

> O art. 22 da Lei no. 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), passa a vigorar com as seguintes alterações:
> "Art. 22.
> [...]
> VI – comparecimento do agressor a programas de recuperação e reeducação; e

[18] A Lei 11.340/06, mais conhecida como Lei Maria da Penha; a Lei 13.104/16, conhecida como a Lei do Feminicídio e a criação das Delegacias de Atendimento à Mulher – DEAM; Lei nº 10.778, de 24/11/2003 – Lei da Notificação Compulsória dos casos de violência contra a mulher que forem atendidos em serviço de saúde pública ou privada; Resolução nº 1, de 16/01/2014 – dispõe sobre a criação da Comissão Permanente Mista de Combate à Violência contra a Mulher do Congresso Nacional; Decreto nº 7.393, de 15/12/2010 – Dispõe sobre o funcionamento do Ligue 180 – Central de Atendimento à Mulher.

[19] Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Lei/L13984.htm.

> VII – acompanhamento psicossocial do agressor, por meio de atendimento individual e/ou em grupo de apoio
> [...]"

No contexto do ensino superior, mais especificamente sobre violência contra a mulher no ambiente universitário, uma pesquisa desenvolvida pelo Instituto Avon (2015) conversou com 1.823 universitários de todo o país, numa proporção de 40% de homens e 60% de mulheres, de instituições públicas e privadas brasileiras. Como resultado, juntamente com coletivos feministas e estudantes universitários chegaram a seis tipos de violência, conforme se apresenta: assédio sexual, coerção, violência sexual, violência física, desqualificação intelectual e agressão moral e/ou psicológica.

Dessa forma, construir oportunidades para que pessoas que sofreram violência possam falar, expressar seus sentimentos, suas angústias, dores, receios, medos, vergonha, pode ser vital. Oliveira *et al*. (2015, p. 201) afirmam que "quando essa mulher consegue falar sobre o que vivenciou e expor sua subjetividade, essa vivência lhe atribui uma nova acepção de ser possível mudar essa significação do sofrimento e, assim, superá-la". Esta tese apostou na possibilidade de construção de sentidos outros, sem enfatizar a superação, mas a possibilidade de novas significações, novos sentidos.

Como a população alvo desta pesquisa são estudantes universitárias, considera-se relevante, na sequência, abordar esse cenário, o da universidade.

2.2 A UNIVERSIDADE

A universidade, embora venha passando por crises (SOUZA SANTOS, 2008), se caracteriza como um bem público e é (deveria ser) um espaço democrático, pluridimensional, que mistura intencionalidades múltiplas e conflitantes (PRESTES; JEZINE, 2021).

Segundo Souza Santos (2008), é um lugar de construção de conhecimentos e também de trocas sociais. É um

> período de várias experiências, vez que esta é compreendida não somente como um lugar de apropriação de conhecimento técnico- científico, mas também um dos campos de construção e expressão de subjetividades e formação humana integral. É lugar de convívio social marcado por encontros e desencontros, pelo construir e reconstruir de histórias, dentre elas, os relacionamentos afetivos, que são vivenciados pelos jovens de diversas formas. (SOUZA SANTOS, 2008, p. 13).

Conforme o artigo 52 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2017), as universidades "são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano, que se caracterizam por:

> I - produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural, quanto regional e nacional;
> II - um terço do corpo docente, pelo menos, com titulação acadêmica de mestrado ou doutorado;
> III - um terço do corpo docente em regime de tempo integral. (BRASIL, 2017).

Segundo o Censo da Educação Superior (BRASIL, 2021), a rede de educação superior brasileira está composta de 2.574 Instituições de Educação Superior (IES). Dentre elas, as instituições públicas somam 113 Universidades, 12 Centros Universitários, 147 Faculdades e 41 Institutos Federais e CEFET, representando 12,2% do total (Figura 2).

FIGURA 2 – QUANTITATIVO DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, POR ORGANIZAÇÃO ACADÊMICA E CATEGORIA ADMINISTRATIVA – 2021

Ano	Total	Universidade		Centro Universitário		Faculdade		IF e Cefet	
		Pública	Privada	Pública	Privada	Pública	Privada	Pública	Privada
2021	2.574	113	91	12	338	147	1.832	41	N.A.

Fonte: Elaborada pela Deed/Inep com base em dados do Censo da Educação Superior.
Nota: N.A.(Não se aplica).

FONTE: Censo de Educação do Ensino Superior – Notas estatísticas (2021)

A maioria das IES é do setor privado (87,6%) e o restante (12,2%), são públicas. Entre as últimas, 5,2% são estaduais (134), 4,6% são federais (119) e 2,3% são municipais (60). Nas IES privadas, predominam as faculdades. Nas IES públicas federais, quase 3/5 são universidades. No que se refere às matrículas nos cursos de graduação, das 204 universidades (o que equivale a 7,9% do total de IES), é onde se encontra a maior concentração (55,1%), indicado que a universidade pública é mais procurada e formadora no cenário nacional.

Ainda segundo o Censo da Educação Superior (BRASIL, 2021) no que concerne ao corpo docente, a rede pública concentra o maior número de doutoras(es), enquanto que, na rede privada, o mestrado é o grau mais frequente na formação. Tanto na rede privada, quanto na rede pública, o corpo docente é formado majoritariamente pelo gênero masculino.

Quanto ao perfil discente de graduação, tanto no presencial como à distância, é composto por estudantes do sexo feminino, predominantemente na rede privada, em cursos de bacharelado. A idade dos ingressantes está entre 19 anos (presencial) e 21 (distância). A idade dos concluintes é de 23 anos (presencial) e 32 (distância) e o turno noturno é a opção de maior escolha na graduação presencial.

Chegar ao ensino superior, particularmente em uma instituição pública, está no desejo de muitas(os) brasileiras(os), entretanto, a parcela da população que consegue realizar esse feito ainda é pequena, infelizmente. A partir dos anos 2000, esse cenário sofreu uma pequena melhora, com a disponibilização dos cursos de graduação a distância, democratização do acesso, instituição de ações afirmativas, bolsas e financiamentos estudantis, entre outros, que permitem que parcelas outras da população adentrem aos bancos das IES.

Em 2021, segundo o Censo da Educação Superior (BRASIL, 2021), foram oferecidas mais de 22,6 milhões de vagas em cursos de graduação, compostas por 74,5% de vagas novas e por 25,2% de vagas remanescentes. Essas vagas estão concentradas na rede privada, que ofertou 96,4% em cursos de graduação. A rede pública ficou com 3,6% das vagas ofertadas pelas IES.

Houve um aumento de ingressos nos cursos de graduação, ocasionado principalmente pela modalidade de ensino à distância, com uma variação positiva de 23,3% entre os anos de 2020 – 2021, concentrados na rede privada de ensino (BRASIL, 2021). Contudo, a rede federal, ao longo dos anos, vem aumentando gradativamente a participação no número de matrículas da rede pública, com um aumento de 32,7% nos últimos 10 anos (BRASIL, 2021).

Contudo, a situação do Brasil ainda apresenta desafios, pois o percentual da população com idade entre 18 e 24 anos que frequenta o ensino superior é de apenas 19,7% do total esperado (BRASIL, 2021).

O caminho é desafiador, desde conseguir ingressar em uma IES até a conclusão de um curso. Permanecer no ensino superior, para muitas(os) estudantes torna-se uma batalha diária e constante, principalmente para aquelas(es) em

diferentes condições de vulnerabilidade que, por conta das políticas educacionais expansionistas, alcançaram o ingresso em uma instituição de ensino superior. Nem sempre as políticas de permanência oferecidas pelas universidades conseguem ser suficientes para atender as carências de algumas(alguns) dessas(es) estudantes.

Conseguir finalizar o curso, e não o abandoná-lo por quaisquer motivos (pessoais, estruturais, econômicos, por políticas de permanência mais efetivas, incluindo a violência, entre outros), pertence a uma fatia pequena e privilegiada da sociedade brasileira.

Esta pesquisa aconteceu em uma universidade pública estadual, como um projeto de extensão.

Se a violência é algo presente na sociedade em geral, não seria diferente em microssistemas, como é o caso da universidade. Assim, desvela-se essa temática que entrelaça o contexto acadêmico e a violência.

2.2.1 Universidade e a violência

Anualmente, a universidade recebe milhares de estudantes provenientes de distintas partes do Brasil e até de outros países. Cada estudante carrega consigo histórias, narrativas, expectativas e sonhos. Dentre essas(es) estudantes, podemos encontrar pessoas que trazem marcas de violência(s) sofrida(s) em qualquer momento da sua existência, antes mesmo do ingresso no ensino superior. Infelizmente, ao longo da vida acadêmica, violências também podem acometer a essas(es) estudantes, podendo ser produzidas ou ocorrendo no âmbito acadêmico.

Segundo Capovilla (2016, p. 20), a universidade “é o espelho da sociedade e, portanto, as mulheres que atuam nessas instituições não estão livres da violência que perpassa a sociedade brasileira”, o que é corroborado por Souza *et al.* (2021, n.p.), que afirmam que “a universidade tem a mesma base material que a sociedade, sendo possível afirmar que violências no ensino superior fazem parte da sua organização, aparecendo de forma aberta e escrachada, ou sutil e dissimulada”.

Então, supõe-se que no ambiente universitário pode ocorrer alguns tipos de violência, algumas inclusive, mais específicas do contexto acadêmico, que é o que indica a pesquisa de Souza *et al*. (2021), que investigou a violência de gênero no espaço universitário. Esse estudo revelou que as mulheres são mais vulneráveis à violência no contexto da universidade.

Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Avon (2015), das mulheres participantes da pesquisa, 67% reconheceram ter sofrido algum tipo de violência no âmbito universitário. Essa mesma pesquisa revelou que as mulheres universitárias sentem medo: 36% das entrevistadas afirmaram que deixaram de realizar alguma atividade por medo de sofrer violência e 42% já sentiram medo de sofrer violência no âmbito universitário.

Tal como ocorre em outros espaços, a violência que ocorre no contexto universitário pode ser praticada por alguém conhecido ou próximo. Outro ponto a se destacar, segundo Capovilla (2016),

> é que a violência contra as mulheres na universidade não é exercida apenas entre e por estudantes, mas também por professores universitários. Estes agressores utilizam do seu status de poder para exercer o controle social e a violência em seus diversos tipos contra as mulheres. (CAPOVILLA, 2016, p. 49).

Para além dos tipos de violência já descritos anteriormente, no contexto acadêmico universitário pode ser acrescido mais alguns, que vão desde a desqualificação intelectual até o estupro (SOUZA *et al.*, 2021).

As marcas e consequências da violência contra mulheres estão registradas em diversos estudos. Muitos se voltam para a violência doméstica e sexual, mas pouco se fala das implicações na vida acadêmica de estudantes do ensino superior. O Brasil ainda se mostra tímido em publicações nesse sentido.

Um estudo realizado por um grupo de pesquisadores peruanos (CÉSPEDES *et al.*, 2020) mostra como a violência contra a mulher traz prejuízos nos estudos. Céspedes *et al*. (2020) apresentam o resultado de um estudo de Umana e colaboradores, de 2014, que constatou que as universitárias que tinham sofrido violência tiveram uma redução significativa em sua concentração (71%) e o risco de evasão no semestre letivo aumentou 3,3%.

Outro estudo apresentado por Céspedes *et al*. (2020), de autoria de Jordan *et al*. (2014), concluiu que vítimas de violência sexual apresentam a probabilidade três vezes maior de obter uma média de notas mais baixa. E, ainda, que a violência sexual pode impactar os processos cognitivos, apresentando déficits de concentração, planejamento de suas atividades, bem como memorização das aulas ou tarefas.

A pesquisa (CÉSPEDES *et al.*, 2020) buscou compreender a relação entre a violência contra a mulher nas relações íntimas com o parceiro e o presenteísmo

acadêmico de estudantes do curso de administração e engenharia. Os resultados indicaram uma diminuição do desempenho acadêmico. O presenteísmo foi avaliado por meio de uma escala e apresentou os seguintes resultados:

> No primeiro estágio o presenteísmo se reflete na distração e esgotamento da aluna; no segundo estágio, reflete-se na diminuição percebida da produtividade acadêmica; no terceiro estágio, observa-se a deterioração da coesão social com colegas e professores; e no quarto estágio se reflete na intenção de desistir.[20] (CÉSPEDES *et al*., 2020, p.136-137).

Os resultados de um outro estudo, realizado nos Estados Unidos (BANYARD *et al.*, 2020), com estudantes que sofreram violência do tipo contato sexual indesejado, relação sexual indesejada, abuso de relacionamento e perseguição, mostraram "menor eficácia acadêmica, maior estresse relacionado à faculdade, menor comprometimento institucional e menor consciência escolar"[21] (p.11).

Resultados semelhantes foram encontrados na pesquisa de Mishra (2021) com estudantes indianas, que indicaram que o impacto da violência as leva a

> vivenciar angústias decorrentes da exposição aos múltiplos tipos de violência, reduzindo o foco nos estudos, diminuição da autoestima e interesse em aprender. Isso ainda as leva a abandonar ou retirar-se deliberadamente das faculdades [...] A maioria das entrevistadas também apoiou a visão de que há um impacto direto do abuso sobre a evasão das mulheres no ensino superior; a violência tem um impacto negativo direto sobre as mulheres que frequentam a faculdade; em se concentrar, se destacar na sala de aula e fazer todos os deveres de casa, coisas que estão intimamente relacionadas ao seu compromisso educacional. Um dos efeitos imediatos do abuso em mulheres universitárias é que sua capacidade de frequentar a escola está diminuindo[22]. (MISHRA, 2021, p. 470).

Como pode-se verificar por esses estudos realizados em outros países, o impacto da violência na vida acadêmica de estudantes do ensino superior não pode ser desprezado. Muitas acabam optando por desistir de frequentar a universidade e deixando de lado sonhos e projetos. A realidade brasileira ainda carece conhecer como o fenômeno da violência tem impactado a vida de tantas jovens mulheres que chegam ao ensino superior.

---

[20] Tradução livre da autora.
[21] Tradução livre da autora.
[22] Tradução livre da autora.

A seguir, será abordada a Musicoterapia, seu surgimento enquanto profissão, alguns de seus fundamentos epistemológicos, áreas de atuação, o que a caracteriza enquanto profissão e suas principais técnicas.

2.3 MUSICOTERAPIA

[...] Eu só sei que há momentos
Que se casa com canção
De fazer tal casamento
Vive a minha profissão[23]

Ainda lutando para garantir seu *status* de ciência, a Musicoterapia teve seu nascimento marcado, a partir da década de 1940, quando a humanidade se viu diante de milhares de veteranos e mutilados da Segunda Guerra Mundial (COSTA, 1989; LEINIG, 1977). Levando músicos a hospitais, que faziam apresentações para os pacientes, médicos e enfermeiras, observaram respostas positivas no estado emocional e físico. Despertos por esses resultados, passaram a investigar com mais profundidade quais eram esses efeitos provocados pela música.

Diante dessa observação, sentiu-se a necessidade de uma formação específica, de um profissional especializado, com conhecimentos musicais e da saúde. Surgem assim, os primeiros cursos de formação de musicoterapeutas, nos Estados Unidos, na década de 1950. A partir dessa data, "muitas universidades americanas instituíram, em seus departamentos musicais, cursos para treinamento de musicoterapeutas, em cooperação com escolas médicas e hospitais" (LEINIG, 1977, p. 16).

A Musicoterapia tem seus primeiros cursos de formação no final da década de 1970, com a primeira formação como especialização do curso de Licenciatura em Música, na Faculdade de Artes do Paraná (atual UNESPAR). Na sequência, o Conservatório Brasileiro de Música, no Rio de Janeiro, abriu suas portas para formar musicoterapeutas graduadas(os) (BEGGIATO, 2017; BEGGIATO; MESSAGI, 2022). A partir daí, outras graduações foram surgindo.

Atualmente, há seis graduações de Musicoterapia no Brasil: Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ),

[23] Canção: Canções e Momentos. Compositores: Fernando Brant e Milton Nascimento (1987).

Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Faculdade Escola Superior de Teologia (EST), Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) e Centro Universitário Conservatório Brasileiro de Música (CBM/UNICBE). São várias as especializações espalhadas por todo o território nacional.

A Musicoterapia foi definida pela Comissão de Prática Clínica da *World Federation of Music Therapy* como

> A utilização da música e/ou de seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia), por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, em um processo destinado a facilitar e promover comunicação, relacionamento, aprendizado, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, a fim de atender às necessidades físicas, mentais, sociais e cognitivas. A musicoterapia busca desenvolver potenciais e/ou restaurar funções do indivíduo para que ele ou ela alcance uma melhor organização intra e/ou interpessoal e, consequentemente, uma melhor qualidade de vida, através de prevenção, reabilitação ou tratamento. (REVISTA BRASILEIRA DE MUSICOTERAPIA, 1996, p. 4).

Para definir a Musicoterapia, a União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM) sustentou-a em três eixos: Disciplina, Prática e Profissão. Assim, a Musicoterapia

> é um campo de conhecimento que estuda os efeitos da música e da utilização de experiências musicais, resultantes do encontro entre o/a musicoterapeuta e as pessoas assistidas. A prática da Musicoterapia objetiva favorecer o aumento das possibilidades de existir e agir, seja no trabalho individual, com grupos, nas comunidades, organizações, instituições de saúde e sociedade, nos âmbitos da promoção, prevenção, reabilitação da saúde e de transformação de contextos sociais e comunitários; evitando dessa forma, que haja danos ou diminuição dos processos de desenvolvimento do potencial das pessoas e/ ou comunidades. (UBAM, 2018).

Para se tornar uma musicoterapeuta, é necessário formação especializada. Atualmente, a formação se dá por meio de cursos de graduação ou de especialização. No caso em que a formação se dá via curso de pós-graduação, “é necessário que o graduado em outra área possua domínio técnico musical, conhecimento verificado por meio de processo seletivo anterior ao seu ingresso na especialização”. (ARNDT, 2015, p. 35). Essa diferença na formação ocorre pela profissão ainda não estar regulamentada. Assim que a profissão seja regulamentada (projeto em tramitação), vigorará a formação somente pela graduação.

A UBAM define a(o) musicoterapeuta como a(o)

> profissional de nível superior ou especialização, com formação reconhecida pelo MEC e com registro em seu órgão de representação de categoria. Ele/a é habilitado/a a exercer a profissão no Brasil. Ele/a facilita um processo musicoterápico a partir de avaliações específicas, com base na musicalidade e na necessidade de cada pessoa e/ou grupo. Estabelece um plano de cuidado e um processo musicoterápico a partir do vínculo e de avaliações específicas atendendo às premissas de promoção da saúde, da aprendizagem, da habilitação, da reabilitação, do empoderamento, da mudança de contextos sociais e da qualidade de vida das pessoas, grupos e comunidades atendidas. O musicoterapeuta pode atuar em áreas como: Saúde, Educação, Social / Comunitária, Organizacional, entre outras. (UBAM, 2018).

O campo de atuação das musicoterapeutas vem se expandindo cada vez mais, atuando em distintos contextos, como o hospitalar, o educacional, o social, o comunitário, na saúde mental, com diferentes populações e suas demandas. Arruda (2018) esclarece que o público atendido na Musicoterapia é de

> pessoas com transtorno do espectro autista, pessoas com distúrbios emocionais ou transtornos psiquiátricos, pessoas com deficiência intelectual ou outras deficiências, crianças com dificuldade de aprendizado, pessoas que sofreram algum tipo de abuso, pessoas com dependência em álcool e drogas, pessoas idosas até pessoas em coma, entre outras. (ARRUDA, 2018, p. 31).

Entende-se a Musicoterapia como área de conhecimento interdisciplinar, o que pode ser conferido em afirmações como: “a Musicoterapia, dentro do contexto de ciência atual, surgiu no incômodo e instigante lugar da interdisciplinaridade” (CHAGAS, 2001, p. 56). E, por estar justamente nesse lugar, sofre a dificuldade de ser compreendida. “Uma das consequências da ocupação deste lugar interdisciplinar é a ausência de parâmetros oficiais para compreender um conhecimento interdisciplinar, portanto para compreender a Musicoterapia” (CHAGAS, 2001, p. 56).

A Musicoterapia também é designada como ‘arteciência’ (BUNT, 1994; BENENZON, 1988), por abarcar tanto a área da arte como da ciência. A dimensão artística refere-se à música, com toda a sua estrutura, beleza, complexidade e capacidade de sensibilizar e afetar os seres humanos. A natureza está impregnada de música, mas, acima de tudo, é produto da capacidade criativa dos seres humanos. Pela música, expressam-se ideias, sentimentos, pensamentos e emoções.

Bruscia (2000), quando da fusão de arte e ciência, afirma:

> [...] como uma arte, ela está ligada com subjetividade, individualidade, criatividade e beleza. Como uma ciência, está ligada à objetividade, coletividade, produtividade e verdade. Como processo interpessoal, ela está ligada à empatia, intimidade, comunicação, influência recíproca e relação de papéis. (BRUSCIA, 2000, p. 8).

A música, em muitos momentos da história, esteve relacionada à educação, à formação do caráter dos cidadãos e à função social. Porém, também esteve ligada a finalidades terapêuticas, ao restabelecimento da saúde física e mental das pessoas. Isso pode ser confirmado no trecho da Bíblia em que o rei Saul teve sua ira aplacada pela harpa de Davi, ou, ainda, na sentença do filósofo romano Severinus Boethius (480-524): “a saúde é tão musical que a doença não é outra coisa senão uma dissonância, e essa dissonância pode ser resolvida pela música” (VOLPI, 2006).

A musicoterapeuta Barcellos (1992, 2016) apresenta alguns argumentos que justificam a utilização do som e da música como elemento terapêutico:

a) provocam reações psicofisiológicas (aceleração no batimento cardíaco, alteração do tônus muscular, choro, entre outros);
b) estabelecem associações a vivências anteriores, sinestésicas, culturais, livres;
c) acompanham o indivíduo desde sua vida intrauterina (batimento cardíaco, sons articulares, peristálticos, de água), o que lhe atribui uma característica de familiaridade, conforto e segurança;
d) tem grande importância na vida biológica e cultural de todos os seres humanos.

Leinig (1977) justifica o uso da música a partir de três concepções:

a) estéticas – como uma necessidade de todas as culturas. “A necessidade e a sensibilidade ao belo, à criação de beleza, constituem suas características mais distintas” (LEINIG, 1977, p. 18);
b) biológicas – para conservação da saúde, da felicidade e do conforto;
c) psicológicas – influencia de maneira “única e poderosa sobre o que vai no íntimo do homem, quando ele está comprometido com a música” (LEINIG, 1977, p. 21).

A música e os sons constituem as principais ferramentas de trabalho de musicoterapeutas. Utilizá-las terapeuticamente, segundo Brandão, Millecco e Millecco

(2001, p. 80), decorre da crença em seu “alcance e em suas possibilidades como reveladora e restauradora da alma humana”. Quanto à sua função, esses mesmos autores afirmam que a música está relacionada à “necessidade humana de expressar seu mundo interno, subjetivo, onde as emoções têm nuances, movimentos que estão à margem de uma descrição discursiva” (BRANDÃO; MILLECCO; MILLECCO, 2001, p. 79). E, continuam, “é uma outra forma de linguagem, um *esperanto de emoções*, uma espécie de representação simbólica análoga ao sonho” (BRANDÃO; MILLECCO; MILLECCO, 2001, p.79).

Há uma distinção importante a ser feita quanto à utilização da música: entende-se que ela pode ser utilizada **em** terapia ou **como** terapia. No primeiro caso, ela é uma “técnica de mobilização da emoção e de sentimentos [...], ou como mobilização psíquica para quaisquer outras técnicas expressivas como o desenho, a pintura ou a modelagem” (BARCELLOS, 1992, p. 20-21).

Quando utilizada **como** terapia, a música é produto do participante e/ou da musicoterapeuta, ou seja, “o próprio paciente comprometido no processo de ‘fazer música’ junto com a musicoterapeuta. Assim a música não será só uma técnica de mobilização [...], o paciente se expressará através da própria música” (BARCELLOS, 1992, p.21).

Uma perspectiva da Musicoterapia que se distancia do modelo clínico convencional, a Musicoterapia Social, se apresenta como "práticas de cuidado, acolhimento e atendimento que centralizaram suas ações no contexto das relações sociais e culturais nas quais a existência humana se realiza" e o que "interessa nessa perspectiva, é a forma como as pessoas estabelecem, experimentam e expressam a vida, apesar de, e com suas condições existenciais pessoais, sociais e culturais". (CUNHA, 2016, p. 95-96).

Assim, é possível pensar uma perspectiva de Musicoterapia que não focaliza o binômio saúde/doença, mas que evidencia outras dimensões do existir (CUNHA, 2016, p. 109) e que privilegia as ações e fazeres musicais em grupo e em espaços para além dos tradicionais.

Bruscia (2000; 2016) afirma que o que caracteriza a Musicoterapia é sempre ter uma experiência musical envolvida. Quanto a ser uma experiência, Arndt (2015) afirma que

> é possibilitar a visibilidade de um lugar de valor à imaginação e seu papel nas relações e significações de mundo que os sujeitos criam. Afinal, quando a experiência do homem é ampliada, ele concomitantemente aumenta suas possibilidades de existir, ser, pensar e agir. (ARNDT, 2015, p. 71).

As experiências musicais nomeadas por Bruscia (2000, 2016) são as seguintes:

● Recriativas – aquilo que se recria a partir do existente. O participante "aprende ou executa músicas instrumentais ou vocais ou reproduções de qualquer tipo musical apresentado como modelo" (BRUSCIA, 2000, p.126). Entende-se que quando a música ou canção se presentifica em um Encontro de Musicoterapia, passa a pertencer àquela que a está fazendo acontecer naquele momento, ou seja, o participante e não mais ao compositor (CHAGAS, 2001). Arndt e Volpi (2012, p. 33) vão dizer que "ao recriar uma canção esta passa a ser de quem a executa, dominada por seu modo de interpretação, suas emoções e seus conteúdos subjetivos expressos na letra da canção e na construção de sentidos".

Para Arndt (2015) a recriação de

> um tema conhecido, de domínio público, constituinte da história é reelaborado, recebendo um acabamento diferente, por vezes se distanciando do material original, respeitando a novidade que nele se insere pela experiência que ali se dá. A re-criação é o abrir para eleição de novas tonalidades, novos andamentos, inserindo um tema antigo à categoria do novo. (ARNDT, 2015, p. 38).

● Improvisacionais – podem ser cantadas ou tocadas, "criando uma melodia, um ritmo, uma canção ou uma peça musical de improviso" (BRUSCIA, 2000, p.124). A improvisação pode acontecer com a participante tocando sozinha, em dueto, em grupo. Ela pode ser instrumental ou vocal, ou as duas ao mesmo tempo. Traz em sua essência a livre expressão, um fluir musical livre, aberto ao inesperado.

● Composicionais – neste tipo de experiência, a musicoterapeuta ajuda a participante a "escrever canções, letras ou peças instrumentais, ou a criar qualquer tipo de produto musical" (BRUSCIA, 2000, p.127). A musicoterapeuta, com seus conhecimentos musicais, vai mediando o processo de composição musical da participante. A composição pode ser totalmente inédita ou ser criada a partir de alguns referenciais musicais ou extramusicais.

● Receptivas – nessa experiência a participante ouve músicas tocadas pela musicoterapeuta ou de gravações e pode responder verbalmente, corporalmente,

silenciosamente por meio de outras expressões artísticas, como por exemplo, o desenho (BRUSCIA, 2000).

Pesquisar música, para a musicoterapeuta, é lançar um olhar e uma escuta abertos, dialógicos, primando pela "interdisciplinaridade para que se possa produzir um conhecimento a seu respeito que não seja dicotomizado" (MAHEIRIE, 2001, p.09).

A musicoterapeuta Leomara Craveiro de Sá (2004) diz que

> [...] pesquisar música, no contexto da Musicoterapia, é estabelecer relações entre música, homem e mundo. É dialogar abertamente com as diversas áreas do saber. É pensar música em sua própria dimensão físico-acústica (forma, matéria, tempo, espaço, gesto), como também nas dimensões pessoal, social, política, cultural e espiritual. É considerar como um campo de forças objetivas e subjetivas e as possíveis inter-relações que possam advir dessas forças. (CRAVEIRO DE SÁ, 2004, p. 3-4).

A música, no contexto da Musicoterapia, pode ser compreendida de diversas formas, dependendo da perspectiva teórica. Maheirie (2001, p. 9) entende-a como "produto humano inserido num contexto social, com múltiplas possibilidades de interpretação e compreensão por parte de quem a analisa". Ruud (1990), musicoterapeuta norueguês, vai pensá-la como "um meio de criar e representar novas categorias de experiências não referenciais. A qualidade de vida pode ter relação com essa capacidade de representar e tornar significativo o que vivenciamos num nível pré-linguístico na música" (RUUD, 1990, p. 91).

Fazer música e construir sentidos, na Musicoterapia, se dá em um espaço-tempo, no encontro de diferentes pessoas e suas histórias de vida. Esse espaço musical é compartilhado, é construído no entrelaçamento das sonoridades entre a musicoterapeuta e as participantes, e entre as participantes entre si. Cada encontro é único e potente para a produção da subjetividade e para o sujeito participante biografar-se (ARNDT; CUNHA; VOLPI, 2016).

A música possibilita uma narrativa, uma narrativa musical, que pode

> facilitar a produção de sentido; a expressão narrativa pode minorar o sofrimento tanto físico quanto psíquico; a narrativa através da música pode ajudar o paciente a atenuar a realidade; e, por fim, a interação musical entre terapeuta e paciente pode levar este último à compreensão de aspectos necessários para minorar seus sofrimentos, sejam da ordem que forem. Assim, poder-se-ia concluir que a narrativa musical pode facilitar a expressão de conteúdos e sentimentos de um paciente, produzindo significados, levando-o ao alívio de tensões provocadas pelos mais diferentes tipos de sofrimentos. (BARCELLOS, 2009, p. 120).

Arndt e Volpi (2012) ressaltam que os sentidos vão sendo construídos à medida em que a música acontece, na e durante a experiência musical, e que a música pode "contactar outras camadas de seu ser, que lhe indiquem outros caminhos para a resolução de seus problemas [utilizando] a possibilidade polissêmica da música e a espantosa capacidade humana de atribuir muitos sentidos às coisas" (CHAGAS, 2001, p. 120).

Acrescenta-se a compreensão de que a música é uma produção social e cultural em um processo dialógico constante e que, ao se vivenciar a música, estabelece-se uma relação com "toda uma rede de significados construídos no mundo social, em contextos coletivos mais amplos e em contextos singulares" (WAZLAWICK, 2007b, p.106).

A construção dos significados e sentidos da música se dão a partir do contexto social, econômico, político, de vivências concretas e da "utilização viva da música por sujeitos em relação, onde articulam sua dimensão afetiva, desejos e motivações" (WAZLAWICK, 2007b, p.106).

Para compreender como essa construção se dá, faz-se mister delinear o que são os sentidos e suas possíveis produções, bem como a diferença entre sentido e significado. Dessa forma, passa-se à abordagem desses conceitos, a partir do olhar de alguns autores com algumas reflexões no campo da Musicoterapia.

2.4 SENTIDOS

Buscar compreender a nós mesmas e ao mundo circundante são atributos dos seres humanos. Questionar-se sobre o sentido da existência, da vida, assim como atribuir sentido é, sem dúvida, uma condição humana. (NAMURA, 2004). Entretanto, os sentidos não são fixos, estanques, pelo contrário, são dinâmicos, fluídos, como afirma Namura (2004):

> os sentidos atribuídos mudam, se transformam e adquirem novos conteúdos, significados e qualidades no processo histórico-social do desenvolvimento do homem. Dessa forma, as idéias, as estruturas sociais e as concepções ideológicas que dão sentido à vida podem se transformar, desaparecer e renovar-se; podem ser produzidas e comunicadas diretamente na expressão lingüística, podem ser apreendidas indiretamente pelos fatos, acontecimentos, costumes, modos de ser e viver, enfim, as concepções de sentido se transformam nas infinitas relações sociais. (NAMURA, 2004, n.p).

Os elementos constitutivos da consciência humana, segundo Leontiev (2004), são o conteúdo sensível, a significação social e o sentido pessoal. Asbahr (2014) esclarece que

> o conteúdo sensível (sensações, imagens de percepção, representações) é o que produz a base e as condições da consciência, o que cria sua riqueza e seu colorido. É o conteúdo imediato da consciência, mas não exprime toda sua especificidade. Torna-se necessário compreender os outros dois elementos: a significação e o sentido. (ASBAHR, 2014, p. 267).

Leontiev (2004) explica que a significação é a generalização da realidade que se cristaliza e se fixa na palavra ou na linguagem e podem ter duplo sentido: "como significação verbal, e em outros, como referência aos conhecimentos, ao conteúdo da consciência social assimilado pelo indivíduo" (p.100). E complementa dizendo que a significação é

> aquilo que num objeto ou fenômeno se descobre objetivamente num sistema de ligações, de interações e de relações objetivas. A significação é refletida e fixada na linguagem, o que lhe confere a sua estabilidade. Sob a forma de significações linguísticas, constitui o conteúdo da consciência social: entrando no conteúdo da consciência social, torna-se assim a "consciência real" dos indivíduos, objetivando em si o sentido subjetivo que o refletido tem para eles. (LEONTIEV, 2004, p.100).

No que se refere às significações sociais, são "compreendidas como as sínteses das práticas sociais conjuntas, a forma ideal de existência no mundo objetal" (ASBAHR, 2014, p. 267). Asbahr (2014, p. 268) esclarece que para Vigotski os significados "são produtos históricos e transitórios e as relações sociais neles se refletem; são produtos das condições objetivas que lhes deram origem e refletem a realidade objetivamente existente de um modo especial, por meio de uma generalização".

Na leitura que Asbahr (2014) faz de Leontiev, o sentido é

> criado pela relação objetiva entre aquilo que provoca a ação no sujeito (motivo da atividade) e aquilo para o qual sua ação se orienta como resultado imediato (fim da ação). O sentido pessoal traduz a relação do motivo com o fim. Assim, para encontrar o sentido pessoal, é necessário descobrir seu motivo correspondente. (ASBAHR, 2014, p. 268).

Os sentidos para uma mesma pessoa, dependendo do seu momento e motivação, se modificam. Não são estáticos e estáveis, pelo contrário, são dinâmicos. Enquanto os sentidos são mais 'vivos', modificam-se de acordo com a vida da pessoa

e “traduzem a relação do sujeito com os fenômenos objetivos conscientizados” (ASBAHR, 2014, p. 268), os significados são mais estáveis.

No cotidiano, depara-se com diversas situações a que são atribuídos sentidos distintos aos que circundam. Asbahr (2014), citando Leontiev, afirma que o sentido é “antes de mais nada uma relação que se cria na vida, na actividade do sujeito” (p 266).

E as atividades geram sentidos distintos para pessoas diferentes. Tomando-se o exemplo da execução de uma tarefa, havendo clareza e consciência do porquê ser realizada e do seu objetivo final, e existindo motivação para a execução dessa tarefa, pode-se atribuir-lhe um determinado sentido, podendo-se dizer ‘positivo’ e impulsionando sua execução. Caso contrário, inexistindo essa conscientização toda, o sentido atribuído a essa ação será diferente do primeiro.

Namura afirma que Vigotski formula o conceito de “sentido” para ressaltar aquilo que é especificamente humano no homem, ou seja, sua “capacidade de criação e autoprodução nos seus modos e condições de existência” (NAMURA, 2004, p. 91).

González Rey (2007) ao referir-se à ampliação da compreensão do sentido de Vigotski em relação a Luria, relata que aquele

> desloca a categoria de sentido da fala para a consciência, e apresenta como o conjunto de todos os elementos psicológicos que aparecem na consciência como resultado do uso da palavra, o que leva implícita a presença das emoções e dos motivos no sentido. (GONZALÉZ REY, 2007, p.158-159).

González Rey (2007, p. 159) ainda esclarece que, na perspectiva vigotskiniana, “o sentido toma forma na representação conceitual na relação com a fala interior, a qual ele apresenta como uma verdadeira produção psicológica”. Assim, o sentido pode denominar coisas diferentes, dependendo da pessoa e de seu momento e situação, “pois do significado objetivo da palavra, a pessoa separa aquela ‘parte’ que lhe interessa, de acordo com a situação, e configura o sentido” (WAZLAWICK *et al.*, 2007b, p.108).

Tanto o significado como o sentido são produzidos no contexto social, pois é onde o sujeito se encontra, sendo impossível separá-los. Entretanto, “o significado engloba a dimensão coletiva, ou seja, as significações que são vividas coletivamente. O sentido, por sua vez, envolve o vivido de forma singular” (WAZLAWICK *et al.*,2007b, p.108).

Quanto à música, entende-se que está inserida nas inúmeras atividades sociais e em distintos momentos, o que a faz ter significados múltiplos. Por exemplo,

a música em uma celebração religiosa, ou a música em um desfile cívico, tem significados pertencentes à atividade em si. Wazlawick *et al*. (2007b) afirmam que a

> cultura dá os referenciais, bem como os instrumentos materiais e simbólicos de que cada sujeito se apropria para criar, tecer e orientar suas construções - neste caso, as atividades criadoras e musicais. Quando se vivencia a música se estabelece uma relação com a matéria musical em si (resultado da relação de seus elementos) e com toda uma rede de significados construídos no mundo social. (WAZLAWICK *et al*., 2007b, p.106).

Por conseguinte, seria impossível dissociar a maleabilidade e a movimentação que os significados podem ter, dependendo do contexto histórico-cultural. A "atividade musical pode receber diferentes significações que são partilhadas socialmente e sentidos singulares que são tecidos a partir da dimensão afetivo-volitiva e dos significados partilhados" (WAZLAWICK *et al*., 2007b, p.106).

Em Musicoterapia, não há generalização quanto a significado de uma determinada música, pois entende-se que tem um sentido particular para cada pessoa, relacionado a experiências anteriores, "passada e/ou presente, também em relação a um devir, e quando proporciona articular o vivido junto aos sentimentos e emoções à própria música" (WAZLAWICK *et al*., 2007b, p.110).

Essas significações encontram-se vinculadas aos contextos históricos, culturais e pessoais. A produção de sentidos está diretamente relacionada às ações que aquela pessoa tem em relação a determinada música e ao seu momento de vida.

Maheirie (2003) destaca a afetividade na relação que se estabelece com a música. Logo, ela diz:

> O sentido da música (...) é sempre permeado pela afetividade. Em primeiro lugar, percebemos sua sonoridade, depois degradamos um saber anterior que tenha uma relação com os elementos percebidos deste som para, em seguida, transformarmos este saber e constituirmos um sentido àquela música. Posteriormente, estabelecemos, de forma singular, um significado para a música, compactuando ou não com seu significado coletivo. As características daquela sonoridade surgem como um complexo representativo que determinado pela consciência afetiva, a qual, por sua vez, lhes dá nova significação. (MAHEIRIE, 2003, p. 150).

Assim se faz a imprevisibilidade no contexto da Musicoterapia. Trabalhar com a música, explorar o potencial que ela oferece, sem, no entanto, ter previsão de como cada participante será afetada por ela e que sentidos irão lhe atribuir no momento em que está experimentando e vivenciando a experiência musical. É justamente na

pluralidade de sentidos que as experiências musicais possibilitam que reside a potência terapêutica em Musicoterapia.

O próximo item apresenta os resultados de duas buscas sistematizadas realizadas para mapeamento do que se tem produzido sobre a questão da violência no ensino superior e, também, como e se os musicoterapeutas têm discutido a questão da violência em suas produções.

2.5 BUSCAS SISTEMATIZADAS DA LITERATURA

Foram realizadas duas buscas sistematizadas na literatura para compreensão do cenário de produções científicas dentro da temática desta pesquisa. A primeira busca teve como objetivo central mapear as produções científicas que tratassem da temática da violência no contexto do ensino superior, identificando os tipos de violência e a população que a sofre. A segunda busca objetivou mapear a literatura científica nacional e internacional sobre a violência e Musicoterapia.

2.5.1 Busca sistematizada sobre as produções científicas da violência no contexto do ensino superior

Buscando entender o cenário nacional, no que se refere à temática da violência no ensino superior, contexto no qual estão inseridas as participantes desta pesquisa, realizou-se uma busca sistematizada, com delineamento no modelo proposto pelo Instituto Joanna Briggs (AROMATARIS; MUNN, 2020), que possibilita identificar os tipos de estudos disponíveis em um determinado campo ou identificar as principais características relacionadas a um conceito.

Para construção da pergunta de pesquisa, utilizou-se a estratégia População, Conceito e Contexto (PCC), sendo População: publicações sobre violência no ambiente universitário; Conceito: população universitária; Contexto - área de estudo: violência e educação superior. A pergunta norteadora foi: O que se tem produzido na literatura científica sobre violência e o contexto do ensino superior brasileiro?

A partir da pergunta norteadora foram traçados os seguintes objetivos: a) mapear as produções que abordam a violência e ensino superior; b) identificar os tipos de violência relatados nos trabalhos; e c) identificar qual a população que vem sofrendo a violência nesse contexto.

2.5.2 Estratégia de busca

A busca dos materiais foi realizada em base de dados, repositórios e publicações científicas: Portal CAPES; BVS; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (DBTD); *Scientific Electronic Library Online* (ScIELO); *Psycinfo; Scopus; Web of Science; Education Resources Information* (ERIC). O período de busca ocorreu entre 3 e 4 de julho de 2021, com atualização em 23 de março de 2022.

Os descritores aplicados foram: *violence against women; higher education* (*universities*) e seus correspondentes em língua portuguesa - violência contra a mulher; educação superior (universidade) – e língua espanhola *violencia contra la mujer*; *educación superior* (*universidad*) – usando os operadores booleanos *AND* e *OR*.

Os critérios de inclusão foram: artigos, teses, dissertações com diferentes abordagens metodológicas; artigos teóricos, experimentais, artigos de revisão com diferentes abordagens metodológicas; nos idiomas português, inglês e espanhol; a partir de 2016.

Foram excluídos estudos anteriores a 2016, duplicidade em diferentes bases, livros, resumos publicados em anais, editoriais, estudos em que a realidade não fosse o ensino superior brasileiro.

A seleção dos materiais seguiu pelas fases de busca nas fontes previamente estabelecidas, na seleção dos materiais segundo os critérios de inclusão e duplicidades e na eleição dos materiais para a leitura na íntegra e análise. O Quadro 1 apresenta o total de trabalhos resgatados na busca, em cada fonte e o montante final, selecionados após a aplicação dos critérios previamente estabelecidos.

QUADRO 1 - TOTAL DE TRABALHOS RECUPERADOS E SELECIONADOS, POR BASE DE DADOS

BASE DE DADOS	TOTAL DE TRABALHOS RECUPERADO	TOTAL DE ARTIGOS SELECIONADOS
Scopus	169	5
ERIC	15	0
Psychoinfo	14	0
BVS	47	2
Web of Science	137	0
Portal CAPES	115	1
Scielo	57	0
DBTD	13	4
TOTAL	**566**	**12**

FONTE: A Autora (2023)

Foram analisados 12 materiais, sendo 5 artigos, 2 relatos de experiência, 4 dissertações de mestrado e 1 tese de doutorado. Todos os estudos são de autoras(es) brasileiras(os) e referem-se ao contexto do ensino superior no Brasil.

O Quadro 2 apresenta a descrição dos materiais selecionados e organizados por título, autoria/ano, objetivo e tipo de estudo.

QUADRO 2 – DESCRIÇÃO DOS MATERIAIS POR: TÍTULO; AUTOR(ES)(A)(AS)/ANO; OBJETIVO; TIPO DE ESTUDO.

(Continua)

TÍTULO	AUTORIA/ANO	OBJETIVO	TIPO DE ESTUDO
Projeto “Conte Comigo”: enfretamento da violência contra as mulheres nos jogos universitários	PEREIRA *et al*. (2022)	Relatar o processo de criação e estruturação e os resultados já conquistados pela iniciativa. Relato de experiência do projeto "Conte comigo"	Relato de experiência – estudo descritivo
Violência de gênero sofrida por mulheres estudantes de enfermagem: estudo transversal	SILVA *et al*. (2021)	Identificar o perfil sociodemográfico de estudantes de enfermagem que sofreram violência de gênero e conhecer as características da violência ocorrida nesta população.	Pesquisa exploratória - descritiva com delineamento transversal
Approach about sexual violence against women in the nursing undergraduation course	AGUIAR *et al*. (2021)	Compreender a abordagem da violência sexual contra a mulher na graduação de Enfermagem	Estudo de caráter exploratório-descritivo com abordagem qualitativa.
Diferentes formas de violência no contexto universitário: experiências e representações da comunidade acadêmica	SOUZA, J. G. DE (2021)	Conhecer as experiências da comunidade acadêmica acerca das violências presentes no espaço universitário. analisar as ações realizadas pela Universidade Federal de Santa Maria para combater as violências e mapear os tipos de violências predominantes no contexto da Universidade Federal de Santa Maria e como elas são reconhecidas.	Pesquisa qualitativa.
Borderless A Study of Violence against Women in Universities: Brazil, Portugal, and the U.K.	COSTA, F. (2020)	Discutir a violência contra a mulher nas universidades.	Acompanhamento um coletivo e produzir um documentário audiovisual
Emotional, physical and sexual violence against female students undergoing medical, dental and psychology courses in South Brazil	MAGRIN *et al*. (2019)	Descrever a prevalência e os fatores associados ao estudo da violência emocional, física e sexual contra estudantes do sexo feminino em cursos de medicina, odontologia e psicologia no Sul do Brasil.	Estudo observacional transversal baseado em questionário.
Invisibilidade e banalização da violência contra as mulheres na universidade: Reconhecer para mudar	D’OLIVEIRA, A. F. (2019)	Discutir a invisibilidade da desigualdade de gênero.	Estudo teórico.

TÍTULO	AUTORIA/ANO	OBJETIVO	TIPO DE ESTUDO
Construção de diretrizes para orientar ações institucionais em casos de violência de gênero na universidade	MAITO *et al*. (2019)	Propor formas institucionais e parâmetros normativo-dogmáticos para o enfrentamento da violência nesse contexto, enfatizando a responsabilidade jurídica das IES.	Revisão bibliográfica narrativa. Observação participante como abordagem complementar.
Coletivos feministas universitários e violência de gênero no centro-oeste e Distrito Federal	SARAIVA, V. M. (2019)	Analisar o surgimento de e a atuação de dois coletivos feministas em universidades da região centro-oeste.	Estudo de caso múltiplo
A luta é coletiva, mas a resistência é individual? Violências vivenciadas e estratégias de enfrentamento construídas pela comunidade universitária de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e outras identidades	FARIA, M. Aparecido de (2018)	identificar e analisar as violências vivenciadas e as estratégias de enfrentamento desenvolvidas pela comunidade universitária de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e outras identidades (LGBT+)	Qualitativa, exploratória, descritivo-interpretativa.
Violência contra mulheres nas Universidades: contribuições da produção científica para sua superação. (Scielo e Web of Science 2016 e 2017) -	BELLINI, D. M. G. (2018)	Evidenciar as contribuições teóricas e empíricas, no âmbito da educação, difundidas em artigos científicos nacionais e internacionais, relacionados à temática da violência de gênero na universidade, com destaque para a violência contra a mulher, buscando as medidas preventivas ou paliativas por eles indicados.	Pesquisa bibliográfica - revisão de literatura
Mapeamento de experiências existentes nas universidades federais no combate à violência de gênero e contra as mulheres: Subsídios para a construção do Observatório de Gênero Mulheres e Violência na UFSCar	CAPOVILLA, S. H. (2016)	Levantar algumas iniciativas encontradas nas universidades federais brasileiras que tenham como proposta o estudo, pesquisas e ações como estratégia de combate à violência de gênero e contra as mulheres e que possibilitem a concepção e a constituição de projetos e soluções alternativas que contribuam para a gestão dos conflitos das relações de gênero na UFSCar	Exploratória, bibliográfica e documental, qualitativa

FONTE: A Autora (2023).

A partir dos achados, e com foco nos objetivos da revisão, apresenta-se uma breve discussão dos resultados, expondo a violência no ensino superior, os tipos de violência que ocorrem neste contexto e a população que a sofre.

Violência e o ensino superior

A universidade, em sua complexidade, composta por seus atores – alunas(os), professoras(es) e funcionárias(os), “não está, obviamente, em um mundo à parte daquele no qual ela se constitui” (D’OLIVEIRA, 2019, p.3), configura-se em “um espaço de reprodução social, mesmo sendo considerado um cenário de pluralidade de pensamentos, nela se multiplicam manifestações violentas de discriminação e intolerância (DE SOUZA *et al.*, 2021, s/p.).

Portanto, pode-se pressupor que nos espaços acadêmicos do ensino superior ocorram violências, tal qual ocorrem na sociedade em geral. Pontua-se, justamente, que algumas violências são particulares desse universo, dado às relações que ali se estabelecem, como, por exemplo, entre docentes e estudantes. Segundo Capovilla (2016, p. 49), “professores universitários [....] utilizam do seu status de poder para exercer o controle social e a violência em seus diversos tipos contra as mulheres”.

A produção sobre a temática da violência no ensino superior encontra-se ainda tímida e desprovida de um quantitativo significativo de estudos e pesquisas. A área da saúde, saúde/educação, têm demonstrado mais preocupação em abordar o tema e publicar em periódicos nessa área (PEREIRA *et al.*, 2022; DA SILVA *et al.*, 2021; AGUIAR *et al.*, 2021; MAGRIN *et al.*, 2019; D'OLIVEIRA, 2019; MAITO *et al.*, 2019; DE FARIA, 2018).

Há dois trabalhos teóricos, um deles apresentando, precisamente, uma discussão em torno da invisibilidade de abordar sobre a questão da violência no âmbito da universidade brasileira, debate esse que já tem sido feito em universidades da Europa, EUA e Canadá (D'OLIVEIRA, 2019).

O outro trabalho, das autoras Maito *et al*. (2019), apresentou o processo de elaboração e construção das ‘Diretrizes gerais para as ações institucionais de intervenção diante de situações de violência e discriminação de gênero e orientação sexual’, e resultou em um documento que, segundo as autoras, pode servir de base para a articulação de respostas a casos similares que ocorram em outras universidades brasileiras. Entretanto, não foram encontrados trabalhos similares depois da publicação dessa pesquisa.

Os outros dois materiais selecionados, um de autoria de Bellini (2018), que trabalhou em uma revisão de literatura buscando evidenciar as contribuições teóricas e empíricas, no âmbito da educação, difundidas em artigos científicos nacionais e

internacionais, relacionados à temática da violência de gênero na universidade, com destaque para a violência contra a mulher, buscando as medidas preventivas ou paliativas por eles indicados. Já a dissertação de Capovilla (2016) teve como foco central as universidades federais brasileiras e objetivou levantar ações inovadoras que tivessem como proposta o combate à violência de gênero e contra as mulheres.

Embora a temática percorra a área da educação, ao tratar da violência no contexto educacional, mais especificamente no ensino superior, somente a dissertação de Bellini (2018) tem ali sua origem, pois foi produzida em um programa de Pós Graduação em Educação. Diferente de outros países, segundo a revisão de literatura da mesma autora, os artigos internacionais analisados localizam-se todos na área da educação.

O Brasil ainda não produziu uma política ou legislações específicas sobre a questão da violência no ambiente acadêmico (BELLINI, 2018), deixando à mercê e sem proteção legal e, em muitos casos, sem acolhimento, encaminhamento e resolução das situações graves ocorridas nesses espaços. Isto descortina um cenário de vulnerabilidades e fragilidades no qual se encontram a comunidade estudantil, de docentes e servidoras de universidades brasileiras públicas e privadas.

Seria ingenuidade negar que a violência não esteja presente entre os muros das universidades, como constataram Magrin *et al*. (2019) no seu estudo com estudantes do sexo feminino dos cursos de medicina, odontologia e psicologia. E, para além desses, em atividades relacionadas à vida acadêmica, na qual estão envolvidas estudantes do sexo feminino (PEREIRA *et al*., 2022).

Iniciativas realizadas por movimentos estudantis (SARAIVA, 2019) e por alunas, professoras e pesquisadoras (D'OLIVEIRA, 2019) denunciam e reivindicam ações por parte da universidade, no sentido de abordar, discutir, refletir e tratar sobre as violências existentes em seus espaços.

A inexistência de canais confiáveis para denunciar e responsabilizar os que provocam a agressão pode conduzir a desincentivos de denúncias, levando a perpetuar a invisibilidade e banalização do problema, segundo D'Oliveira (2019), correndo o risco de tornar a universidade um lugar arriscado para se estar.

Segundo Souza *et al*. (2021), a universidade tem sido um espaço de medo, especialmente para as mulheres, e a violência pode vir que qualquer pessoa (estranhos, colegas, professores e parceiros do cotidiano).

É direito de toda cidadã e todo cidadão viver livre de violência, direito protegido pela ONU. Isso inclui o direito de não sofrer violência institucional, que ocorre quando, por exemplo, uma instituição se omite no enfrentamento da mesma (MAITO *et al*., 2019).

Tipos de violência

Foi possível identificar, nos trabalhos selecionados, alguns tipos de violência conforme definidas pelo Conselho Nacional de Justiça. As violência descritas nos trabalhos foram: violência de gênero (DE FARIA, 2018; D'OLIVEIRA, 2019); agressão física, agressão sexual, abuso infantil, familiar ou doméstica, importunação sexual (DA SILVA *et al*., 2021); violência sexual (COSTA, 2021; AGUIAR *et al*., 2021; MAGRIN *et al*., 2019); atitudes intimidantes, insultos, sexo forçado, violência emocional e violência física (MAGRIN *et al*., 2019); violência de gênero (D'OLIVEIRA, 2019; FARIA, 2018); assédio moral e sexual, negar acessibilidade à(ao) aluna(o), abuso de poder, de autoridade (violência acadêmica) (SOUZA, 2021); violência ocupacional (MAGRIN *et al*., 2019).

Os estudos abordaram tanto a violência ocorrida entre muros da universidade, como identificaram estudantes que já haviam sofrido violência antes mesmo de nela ingressar. A amplitude dos tipos de violências que ocorre nos espaços universitários vai da desqualificação intelectual até o estupro (SOUZA *et al*., 2021). Isso revela a vulnerabilidade a que se expõem muitas(os) das(os) estudantes que circulam diariamente pelos espaços do ensino superior. Situação que atinge não somente o alunado, mas também corpo docente, funcionárias e servidoras de setores terceirizados, como se pode constatar nesta busca sistematizada.

População que sofre violência no contexto do ensino superior

Foi possível identificar nesta busca sistematizada que a população que vem sofrendo violência no contexto do ensino superior não se restringe somente às(aos) acadêmicas(os) (PEREIRA *et al.*, 2022; DA SILVA, 2021; AGUIAR, 2021; MAGRIN *et al*., 2019; DE FARIA, 2018), mas envolve também funcionárias(os) (AGUIAR, 2021; SOUZA, 2021; COSTA, 2020) e a classe docente (AGUIAR, 2021; SOUZA, 2021).

Estudantes do curso de medicina e a exposição às violências nas quais se encontram durante os jogos universitários Intermed foi apresentado no formato de relato de experiência (PEREIRA *et al.*, 2022).

O artigo de Aguiar *et al*. (2021) entrevistou discentes de enfermagem, docentes do mesmo curso e gestores e objetivou compreender como a temática da violência sexual contra a mulher tem sido abordada na graduação de Enfermagem de uma universidade do Ceará.

O estudo de Da Silva *et al*. (2021) teve como público participante estudantes universitárias do curso de enfermagem da Universidade Federal de São Paulo, e o objetivo foi identificar o perfil sociodemográfico de estudantes que sofreram violência de gênero, bem como as principais agressões a que estavam sujeitas.

Um outro artigo investigou estudantes de medicina, odontologia e psicologia (MAGRIN *et al.*, 2019) e teve como finalidade descrever a prevalência e os fatores associados ao estudo da violência emocional, física e sexual contra estudantes do sexo feminino dos respectivos cursos.

De Faria (2018) identifica e analisa as violências vivenciadas e as estratégias de enfrentamento desenvolvidas pela comunidade universitária de estudantes lésbicas, gays, bissexuais, travestis. Nesse trabalho não há indicação a quais cursos pertenciam as(os) participantes da pesquisa.

Dois trabalhos abordam a questão da violência na universidade envolvendo não somente estudantes, mas incluindo professoras e agentes técnico-administrativas (SOUZA, 2021; COSTA, 2020).

A dissertação de Souza (2021) entrevistou estudantes, docentes e servidoras(es) técnicas(os) administrativas(os) no intuito de conhecer as experiências da comunidade acadêmica sobre a questão das violências no espaço universitário.

Já o relato de Costa (2020) envolve situações que implicam casos de estupro, humilhação e sexismo em universidade portuguesas, brasileiras e no Reino Unido.

No intuito de acompanhar estudantes universitárias em seus trabalhos junto a coletivos feministas, a tese de doutorado de Vânia Marquez Saraiva (2019), teve como objetivo analisar o surgimento e a atuação de dois coletivos feministas em universidades da região centro-oeste do país. A autora ainda buscou compreender como esses grupos combatem a violência contra as mulheres e quais as demandas e dificuldades que incidem nessa forma de ativismo. Os coletivos são formados por estudantes de diversos cursos das duas universidades.

Quanto à autoria da violência, os trabalhos indicam uma diversidade quanto à pessoa que a exerce. Em situações nas quais a violência foi cometida fora dos muros da universidade, tem-se parentes e pessoas próximas (SILVA *et al.*, 2021). Professores e colegas também foram indicados como aquelas que perpetram atos violentos (MAGRIN *et al.*, 2019; CAPOVILLA, 2016).

Estudantes mulheres são as que se apresentam mais vulneráveis a sofrer violência nos espaços universitários. Somadas a elas, estão funcionárias e professoras, o que reflete o mesmo que acontece na sociedade, na qual a mulher é a que está mais exposta a essa situação. A violência contra as mulheres vem atravessando a história, ao longo dos séculos, e carrega dramas e tragédias não só para as mulheres que sofrem a violência, mas também para as pessoas próximas a elas, atingindo inclusive a sociedade e "configurando-se em um fator que desestrutura o tecido social" (FONSECA *et al.*, 2012, p. 308).

A violência afeta a vida dessas mulheres em todas as suas dimensões. Isso é tão grave, e as consequências que podem trazer para a saúde tão preocupantes, que fez com que a OMS, desde a década de 1980, considerasse esse assunto como um problema de saúde pública, face às marcas e sequelas que são produzidas a partir desses atos.

2.6 BUSCA SISTEMATIZADA SOBRE MUSICOTERAPIA E VIOLÊNCIA

Esta segunda busca teve como objetivos: a) mapear as produções sobre Musicoterapia e violência; b) identificar os países de origem dos estudos; c) identificar os objetivos do trabalho; d) identificar os tipos de violência relatados nos trabalhos; e) Identificar qual a população alvo dos estudos; e f) relatar os resultados do trabalho da Musicoterapia.

Para condução desta busca, tomou-se como base os pressupostos do Instituto Joanna Briggs (AROMATARIS; MUNN, 2020). Para construção da pergunta de pesquisa, utilizou-se a estratégia População, Conceito e Contexto (PCC), sendo População: publicações sobre Musicoterapia e violência; Conceito: violência; Contexto - área de estudo: Musicoterapia. A pergunta norteadora foi: O que se tem produzido na literatura científica nacional e internacional sobre Musicoterapia e violência?

2.6.1 Estratégia de busca

A busca dos materiais foi realizada em base de dados, repositórios e publicações científicas: Portal Capes; BVS; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); *Scientific Electronic Library Online (Scielo*); *Psycinfo*; *Scopus*; *Web of Scienc*e; *Education Resources Information* (ERIC); *Brazilian Journal of Music Therapy; Nordic Journal of Music Therapy; Voices; Journal of Music Therapy; Music Therapy Perspective*; Revista Incantare. O período de busca ocorreu entre 28 e 29 de setembro de 2022.

A busca nos periódicos *Brazilian Journal of Music Therapy; Nordic Journal of Music Therapy; Voices; Journal of Music Therapy; Music Therapy Perspective*; Revista Incantare foi realizada manualmente, a partir da leitura dos títulos de cada edição, dentro do período estabelecido: 2012-2022.

Para os descritores foram consultados o DeCs/ Mesh e o Thesaurus e foram aplicados: *violence; Music Therapy* e seus correspondentes em língua portuguesa Violência; Musicoterapia e *Violencia; Musicoterapia* em língua espanhola – usando os operadores booleandos *AND* e *OR*.

Os critérios de inclusão foram: artigos, teses, dissertações com diferentes abordagens metodológicas; artigos teóricos, experimentais, artigos de revisão com diferentes abordagens metodológicas nos idiomas: português, inglês, espanhol; período: 2012 - 2022. Foram excluídos estudos anteriores ao ano de 2011, duplicidade em diferentes bases, livros, resumos publicados em Anais, editoriais.

A seleção dos materiais seguiu pelas fases de busca nas fontes previamente estabelecidas, na seleção dos materiais segundo os critérios de inclusão e duplicidades e na eleição dos materiais para a leitura na íntegra e análise.

O Quadro 3 apresenta o total de trabalhos resgatados na busca, em cada fonte e o montante final, selecionados após a aplicação dos critérios previamente estabelecidos.

QUADRO 3 - TOTAL DE TRABALHOS RECUPERADOS E SELECIONADOS, POR BASE DE DADOS

BASE DE DADOS	TOTAL DE TRABALHOS RECUPERADO	TOTAL DE ARTIGOS SELECIONADOS
Scopus	21	13
ERIC	5	0
Psychoinfo	21	13
BVS	12	5
Web of Science	0	0
Portal CAPES	49	25
Scielo	0	0
DBTD	2	2
Brazilian Journal of Music Therapy	3	3
Nordic Journal of Music Therapy	41	3
Voices	58	2
Journal of Music Therapy	18	0
Music Therapy Perspective	43	2
Revista InCantare	2	1
TOTAL	**275**	**69**

FONTE: A Autora (2023).

Após a exclusão dos materiais duplicados, não disponíveis e que não atendiam aos critérios de seleção, restaram 20 trabalhos para serem lidos na íntegra. Por fim, restaram 16 que preencheram os critérios de interesse para esta busca sistematizada.

O Brasil e a Austrália apresentaram três trabalhos, seguidos dos Estados Unidos e Alemanha, com dois trabalhos e os demais países com um (Quadro 4).

QUADRO 4: DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS CONFORME O PAÍS

PAÍS	QUANTIDADE DE TRABALHOS
Cuba e México	1
Estado Unidos	2
Brasil	3
Colômbia	1
Alemanha	2
Espanha	1
Austrália	3
Congo	1
Coreia do Sul	1
Dinamarca	1

FONTE: a Autora (2023).

O Quadro 5 apresenta os trabalhos selecionados e organizados conforme o título, autoria, país, ano de publicação, objetivo do estudo, população estudada, tipo de violência e resultados.

Numa distribuição por continentes, tem-se 4 trabalhos da Europa, 4 da América do Sul, 3 da Oceania, 2 da América do Norte e 1, respectivamente, para América Central, África e Ásia.

QUADRO 5: DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS POR TÍTULO, AUTORIA, PAÍS, ANO DE PUBLICAÇÃO, OBJETIVO DO ESTUDO, POPULAÇÃO ESTUDADA, TIPO DE VIOLÊNCIA E RESULTADOS

(Continua)

TÍTULO	AUTORIA	PAÍS	ANO	OBJETIVO	POPULAÇÃO	TIPO DE VIOLÊNCIA	RESULTADOS
Efficacy of music therapy in the treatment of anxiety among children at social risk and those have committed child to parent violence	Pérez-Eizaguirre, Miren; Dorado, Ana; Rodríguez-Brioso, Mar; Privado, Jesús;	Espanha	2022	Analisar a eficácia de um programa de MT na redução do estado de ansiedade entre adolescentes que usaram CPV contra seus pais ou cuidadores e outro grupo de adolescentes em risco social.	Adolescentes	Violência contra os pais e cuidadores Violência verbal, emocional e/ou física	Redução mais significativa nos níveis de\o estado de ansiedade foi observado entre os participantes que usaram violência infantil contra os pais, enquanto os níveis de traços ansiedade foram mais significativamente reduzidos entre os participantes em risco social. Nossos achados também indicam que a musicoterapia pode ser efetivamente utilizada para reduzir os níveis de ansiedade entre grupos socialmente vulneráveis, e que pode ter um impacto significativo na redução desse transtorno, dependendo do nível de ansiedade.
Impact of the Healing in Harmony Program on Women's Mental Health in a rural area in South Kivu province, Democratic Republic of Congo	Cikuru, Justin *et al*.	Congo	2021	Avaliar se o Healing in Harmony (HiH), uma forma de MT, melhorou a saúde mental das mulheres após traumas relacionados a conflitos e violência sexual na República Democrática do Congo.	Mulheres	Violência sexual e conflitos	O programa HiH foi associado a uma melhora significativa na saúde mental das mulheres que foi sustentada até 6 meses após a conclusão do programa, apesar da instabilidade na região e da evidência de experiência contínua de trauma relacionado ao conflito durante o estudo. Esses dados apoiam o valor de fornecer atendimento psicológico no contexto de crises humanitárias

TÍTULO	AUTORIA	PAÍS	ANO	OBJETIVO	POPULAÇÃO	TIPO DE VIOLÊNCIA	RESULTADOS
							em curso.
Empowering Women Survivors of Domestic Violence	Hernandez-Ruiz, Eugenia;	Estados Unidos	2020	Compartilhar a experiência como musicoterapeuta em um abrigo de violência doméstica, incorporando uma visão geral dos serviços e referencial teórico que utilizados, refletindo sobre a função que a música pode ter nesta situação, e ilustrando-a com um caso de uma das mulheres	Mulher vítima de violências e abusos abrigada em abrigo de violência doméstica.	Violência doméstica, sexual, física	A musicoterapia em abrigos pode ser um veículo de empoderamento para essas mulheres. A experiência clínica mostra a capacidade da musicoterapia de induzir uma transformação positiva em mulheres sobreviventes de violência doméstica.
Prevention of violence through music: Empirical impact analysis of a music therapy model project	Wölfl, Andreas;	Alemanha	2019	Descrever os principais resultados de uma análise empírica do impacto de um projeto modelo de MT para a prevenção da violência nas escolas, desenvolvido e investigado pela autora.	Crianças/ adolescentes de 10 a 13 anos	Agressão e violência	O experimento mostrou efeitos significativos, mas heterogêneos. Dos 42 efeitos de tempo de interação a grupo testados, 21 foram significativos. Em uma das duas turmas do projeto (grupos de tratamento), o efeito positivo da prevenção da violência por meio do modelo do projeto foi confirmado pelos resultados da pesquisa. Na outra classe de projeto, as hipóteses de pesquisa foram predominantemente rejeitadas, com exceção de uma queda muito significativa na categoria de atos agressivos.

TÍTULO	AUTORIA	PAÍS	ANO	OBJETIVO	POPULAÇÃO	TIPO DE VIOLÊNCIA	RESULTADOS
Strengthening Bonds between Children, Young People, and their Families after Family Violence	Fairchild, Rebecca; Sheridan, Janine;	Austrália	2018 a	Refletir sobre nossas próprias experiências de trabalho dentro de uma abordagem centrada na família com mães e seus filhos que sofreram violência familiar. Explorar nossa abordagem colaborativa para trabalhar criativamente com crianças, jovens e seus familiares não violentos como uma forma de reunir as famílias depois que seus relacionamentos foram interrompidos devido à violência familiar	Crianças e jovens	Violência familiar	A proposta terapêutica deve abordar o processo de ajudar a criar uma teia terapêutica que convide qualquer pessoa saudável e envolvida na vida da criança para ajudar a fornecer oportunidades terapêuticas para a criança Sourish diante da adversidade.
Everything Changed When I Got Those Drums": A Collaborative Case Reflection	Fairchild, Rebecca; Mraz, Malakai;	Austrália	2018 b	Descrever nossas reflexões pessoais sobre os vários estágios de nosso envolvimento na MT juntos e explorar a gama de condições e recursos em jogo que contribuíram para o crescimento e desenvolvimento de Malakai.	Criança (11 anos)	Violência familiar	O que emergiu é um relato narrativo sobre como aprender a tocar bateria na musicoterapia proporcionou uma forma de promover o relacionamento de Malakai com a música, desenvolvendo novas formas de enfrentamento e fazendo conexões com sua família e colegas. No entanto, como discutimos, foi a interação do que aconteceu dentro e fora das sessões de musicoterapia que

TÍTULO	AUTORIA	PAÍS	ANO	OBJETIVO	POPULAÇÃO	TIPO DE VIOLÊNCIA	RESULTADOS
							contribuiu para o crescimento e desenvolvimento de Malakai ao longo desse tempo.
Programa piloto de musicoterapia para favorecer o enfrentamento de situações difíceis em virtude do projeto de vida de adolescentes vítimas de conflito armado colombiano	Vasco, Andrés Felipe Salgado	Colômbia	2017	Incentivar o enfrentamento de situações difíceis com base no projeto de vida de adolescentes vítimas do conflito armado colombiano por meio de um programa piloto de MT	Adolescentes	Conflito armado	A Musicoterapia favorece o enfrentamento de situações difíceis, por meio do desenvolvimento de habilidades de enfrentamento como o manejo da respiração, os pensamentos positivos em momentos de dificuldade, a dosificação e exteriorização dos sentimentos negativos, favorece também a projeção de expectativas sobre o futuro, mediante a visualização de aspirações e metas que o adolescente programa, tanto no nível pessoal como profissional; entendendo, por sua vez, que o enfrentamento de situações difíceis é determinante para o estabelecimento do projeto de vida. Concluindo que, a Musicoterapia pode contribuir para a reparação integral, desde o aspecto psicossocial, convertendo-se em uma alternativa adequada para atender aos e as adolescentes vítimas da violência na Colômbia.

TÍTULO	AUTORIA	PAÍS	ANO	OBJETIVO	POPULAÇÃO	TIPO DE VIOLÊNCIA	RESULTADOS
Exploring the Meaning of a Performance in Music Therapy for Children and Their Families Experiencing Homelessness and Family Violence	Thompson, Grace; Mcferran, Katrina Skewes;	Austrália	2017	Explorar a experiência e o significado de uma performance de grupo de apoio realizada na conclusão de um programa de MT para crianças pré-adolescentes e suas famílias que vivenciavam situação de rua e violência familiar	Crianças e suas famílias	Situação de rua e violência familiar	Os resultados sugerem que a performance dentro da musicoterapia pode promover resultados terapêuticos para as crianças que participam das apresentações, bem como para os membros da família na plateia e na comunidade em geral.
Music therapy for women survivors of intimate partner violence: An intercultural experience from a feminist perspective	Juan, Teresa Fernández de;	Cuba e México	2016	Aplicação da Abordagem Plurimodal	Mulheres sobreviventes de abuso (mexicanas e cubanas)	Violência doméstica e relacionamento abusivo	Este artigo destaca os resultados do trabalho com canções, instrumentos e com a técnica SISS como auxílio para a realização da catarse indireta. Também traz à tona a importância de cantarolar uma canção de ninar para começar a perceber o contato corporal como algo gratificante e como um passo para estabelecer padrões para reconhecer o valor desses elementos vitais para a reconstrução da autoimagem. A estratégia proposta foi eficaz em abordar o perfil clínico apresentado. Este estudo mostra evidências de aumento dos níveis de auto-estima, diminuição dos níveis de depressão e ansiedade, bem como maior empoderamento e recuperação da identidade do

TÍTULO	AUTORIA	PAÍS	ANO	OBJETIVO	POPULAÇÃO	TIPO DE VIOLÊNCIA	RESULTADOS
							participante
Drumpower – Music for a better community in the classroom: Group music therapy programme for violence prevention, social integration and empowerment in schools – suggestions from community music therapy approaches	Wölfl, Andreas	Alemanha	2016	Apresentar um programa específico de MT para a prevenção da violência nas aulas escolares, que vem sendo elaborado cientificamente nos últimos anos na Alemanha, chamado DrumPower.	Crianças e jovens alunos de escolas	Violências escolares - preventivo	DrumPower-Project é um método eficaz de prevenção da violência, integração social e empoderamento nas classes escolares. Sua variabilidade semi-estruturada é praticável em diversos tipos de escolas com diferentes faixas etárias e dinâmicas. Os alunos podem transferir os resultados do trabalho do projeto para a sala de aula e para o dia a dia escolar com o apoio dos professores.
Music therapy with children who have been exposed to ongoing child abuse and poverty: A pilot study	Kim, Jinah;	Coreia do Sul	2015	Determinar a viabilidade e os efeitos da MT em crianças que foram expostas ao abuso infantil e à pobreza na Coreia do Sul.	Crianças expostas a maus tratos e pobreza	Negligência infantil	Os resultados combinados do CBCL e do YSR indicaram melhorias gerais nos comportamentos e humores das crianças após o programa de musicoterapia. Os resultados para subescalas como o humor das crianças (ansioso/deprimido), capacidade de atenção e sociabilidade (retraído) mostraram que houve melhorias e que os problemas de externalização (comportamentos agressivos e delinquentes) diminuíram. Os resultados deste estudo piloto indicam que a musicoterapia pode ser uma intervenção viável e eficaz para essas crianças.

TÍTULO	AUTORIA	PAÍS	ANO	OBJETIVO	POPULAÇÃO	TIPO DE VIOLÊNCIA	RESULTADOS
Effects of a dyadic music therapy intervention on parent-child interaction, parent stress, and parent-child relationship in families with emotionally neglected children: a randomized controlled trial.	Jacobsen, Stine L; McKinney, Cathy H; Holck, Ulla;	Dinamarca	2014	Investigar o efeito de uma intervenção de musicoterapia diádica na interação pai-filhos	Pais e filhos	Negligência emocional e situação de risco	A intervenção de musicoterapia diádica examinada neste estudo melhorou a comunicação emocional entre pais e filhos e a interação após 6 a 10 sessões e pode ser considerada uma alternativa viável de tratamento ou complemento para famílias em risco e famílias com crianças emocionalmente negligenciadas.
A Clinical Case Study of Family-Based Music Therapy	Pasiali, Varvara;	Estados Unidos	2013	O objetivo deste estudo foi descrever como a participação na MT apoiou as interações pais-filhos com uma família	Família (mãe e filhos)	Abuso sexual, relacionamento abusivo, violência física	Os resultados indicaram dificuldades bidirecionais em se envolver em interações recíprocas entre pais e filhos. Estabelecer rotinas, participar de tarefas de atenção conjunta e incorporar ideias iniciadas pela criança no brinquedo terapêutico tornaram-se veículos para estabelecer confiança.
Desconstruindo Amélias: musicoterapia com mulheres em situação de violência doméstica sob a ótica da teologia feminista_danieli krob	Krob, Daniéli Busanello	Brasil	2013	Investigar em que medida os recursos da MT são eficazes para minimizar ou curar a depressão e os estados de ansiedade de mulheres em situação de violência doméstica, bem como investigar em que	Mulheres	Violência doméstica	Musicoterapia pode ser um instrumento eficaz para tratar os danos emocionais em mulheres decorrentes da violência doméstica. A música como linguagem não-verbal auxilia muito este processo, pois acessa o trauma de forma inconsciente. Para fazer uso da Musicoterapia como instrumento

TÍTULO	AUTORIA	PAÍS	ANO	OBJETIVO	POPULAÇÃO	TIPO DE VIOLÊNCIA	RESULTADOS
				medida a MT pode ser aplicada para elevar a autoestima e estimular a autonomia e a re-socialização da população alvo desta pesquisa. Compreender o discurso religioso e a sua relação com o comportamento de mulheres que vivenciaram a violência doméstica.			de reabilitação emocional de mulheres que viveram situações de violência doméstica, é necessário sempre estar com um olhar direcionado para as questões de gênero, tornando-a uma Musicoterapia com perspectivas feministas. Concluiu-se também que as participantes que receberam conselhos espirituais negativos ou obtiveram apenas a omissão de sua Igreja, tiveram resultados piores do que as participantes que receberam apoio de seus líderes espirituais ou apenas não procuraram nenhuma Igreja.
Comigo não, violão! Musicoterapia com mulheres em situação de violência doméstica	Krob, Daniéli Busanello; da Silva, Laura Franch Schmidt	Brasil	2012	Investigar a aplicabilidade da MT no tratamento dos danos emocionais – depressão, estados de ansiedade, estresse, baixa autoestima e isolamento social – decorrentes da violência doméstica e na reabilitação emocional dessas mulheres, proporcionando assim uma melhora na condição e na qualidade de suas	Mulheres	Violência doméstica	De acordo com os resultados obtidos nesta pesquisa, constatamos que a musicoterapia pode ser um método seguro e eficaz para tratar os danos emocionais que mulheres em situação de violência doméstica apresentam. Para este público, o trabalho em grupo realizado através da música enriquece o processo terapêutico, pois proporciona uma identificação, ou seja, esta mulher percebe que não está sozinha, é ouvida e ouve seus pares, fala e dialoga promovendo assim a ressocialização e a troca de

TÍTULO	AUTORIA	PAÍS	ANO	OBJETIVO	POPULAÇÃO	TIPO DE VIOLÊNCIA	RESULTADOS
				vidas.			experiências.
Intervenções do lúdico-musical frente ao stress de crianças abrigadas, vítimas de violência doméstica	Polo, Christianne Kamimura; Oliveira, Vera Barros de;	Brasil	2011	Investigar possível alteração no nível de estresse de crianças acolhidas, vítimas de violência doméstica após participação em intervenções lúdico-musicais grupais.	Crianças	Violência doméstica	O resultado desta pesquisa indica que as Intervenções Lúdico-musicais em grupo podem propiciar condições saudáveis de vida às crianças acolhidas, na medida em que proporciona um espaço potencial para o brincar e criar. Este estudo aponta a importância de oferecer atendimento Lúdico-musical às crianças acolhidas, pois ao brincar, elas resgatam a si mesmas, suas histórias, seus sonhos, num caminho de descoberta do EU. A análise qualitativa da intervenção revela aspectos positivos, com boa aceitação das crianças, que expressam seus sentimentos e opiniões nos jogos sonoros, com abertura para novas experiências, melhorando sua comunicação, sociabilização, criatividade e espontaneidade, indicadores estes de diminuição de estresse.

FONTE: a Autora (2023).

No que se refere à população que recebeu atendimentos de Musicoterapia, em ordem decrescente foram: mulheres; crianças; crianças e famílias; adolescentes; alunos de escolas. Nenhum desses trabalhos refere-se a Musicoterapia atuando com jovens estudantes universitárias.

Os objetivos de cada estudo foram os mais variados, desde aplicação de técnica ou abordagem específica; a eficácia para redução de sintomas; avaliação de projeto de implementação da Musicoterapia; investigar os efeitos da Musicoterapia; descrever resultados; a Musicoterapia como apoio ou suporte a situações difíceis; explorar a experiência e o significado de uma performance de grupo de apoio; propor um programa de Musicoterapia; trabalhar relacionamentos familiares; investigar a aplicabilidade da Musicoterapia.

A população alvo dos estudos concentrou-se em mulheres (5), família (mãe/filho; pais/filhos) (3); crianças (3); crianças e adolescentes (3); adolescentes (2). E os tipos de violência que essa população sofreu ou esteve exposta são: violência doméstica; relacionamento abusivo; abuso sexual; violência sexual, violência física; negligência infantil; conflito armado; violência verbal, emocional; violência familiar; negligência emocional; situação de risco – vulnerabilidade.

A partir da identificação dos estudos e da extração das informações é possível verificar que nenhum trabalho de Musicoterapia foi desenvolvido com estudantes universitárias que sofreram violência.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A incerteza permanece um elemento inexpugnável da condição humana.

(Morin)[24]

Neste capítulo, será apresentado o percurso teórico metodológico que sustentou a pesquisa. Inicia-se com a apresentação da caracterização da pesquisa, seguido do lócus da pesquisa de campo, as participantes, os instrumentos utilizados para a coleta de informações, a coleta de informações, que inclui o percurso desde a organização, divulgação da pesquisa e projeto de extensão, convite para participação, construção do *corpus*, análise das informações e questões éticas.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Embrenhar-se no mundo científico é, inevitavelmente, deparar-se com diversos desafios. E dentre eles, a busca da verdade, ou melhor, das verdades, é o que mais instiga a quem nesse mundo adentra. Mas um alerta se faz importante: compreender que o conhecimento é incompleto, provisório e aproximativo (MINAYO, 2012) e que, como bem advertido por Morin, na epígrafe que abre esta seção, a incerteza nos persegue sempre e faz parte da condição de seres humanos. São as incertezas que também impulsionam a busca constante pelo conhecimento.

Como nos adverte Bruscia (1998), pesquisar qualitativamente é como embarcar em uma aventura onde não há mapas confiáveis, rotas verificadas e passes válidos. Assim, nessa busca inexorável pela(s) verdade(s), apresentamos o método que norteou esta pesquisa.

Segundo Minayo (2012), para se fazer ciência é necessário

> trabalhar simultaneamente com teoria, método e técnicas, numa perspectiva em que esse tripé se condicione mutuamente: o modo de fazer depende do que o objeto demanda, e a resposta ao objeto depende das perguntas, dos instrumentos e das estratégias utilizadas na coleta dos dados. (MINAYO, 2012, p. 622).

[24] Edgar Morin. Entrevista a Fronteiras do Pensamento, em 9/4/20. Disponível em: https://www.fronteiras.com/entrevistas/edgar-morin-as-certezas-sao-uma-ilusao. Acesso em 10/9/20.

Assim, considerando o proposto pela autora, no intuito de produzir conhecimento optou-se por uma abordagem qualitativa, exploratória e com uma pesquisa de campo, com encontros semanais de Musicoterapia. A importância da escolha de um método adequado ao tema proposto, bem como a escolha teórica condizente, especificamente em Musicoterapia, é destacada por Barcellos (2004) a partir de um estudo de Tischler (1983), como fundamental.

A pesquisa qualitativa foi a eleita, pois busca a compreensão e o aprofundamento dos fenômenos a partir da perspectiva das participantes (SAMPIERI *et al.*, 2013). O método qualitativo, segundo Minayo (2010) se

> aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. (MINAYO, 2010, p. 57).

Esse tipo de método mostra-se mais flexível, porém não menos rigoroso e sistematizado em relação ao quantitativo, já que “caracteriza-se pela empiria e pela sistematização progressiva do conhecimento até a compreensão da lógica interna do grupo ou o processo em estudo” (MINAYO, 2010, p. 57).

Podemos entendê-lo como processual, que vai sendo construído progressivamente, primando pelo rigor, pela ética e pelo respeito às participantes, seus contextos, histórias e narrativas.

Um diferencial da pesquisa qualitativa é o papel e o lugar da pesquisadora, vez que está envolvida diretamente com as participantes e com suas experiências (CRESWELL, 2010).

Ainda, os métodos qualitativos

> consideram a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da produção de conhecimento, em vez de simplesmente encará-la como uma variável a interferir no processo. A subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas próprias atitudes e observações em campo, suas impressões, irritações, sentimentos, etc., tornam-se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação e são, portanto, documentadas em diários de pesquisa ou em protocolos de contexto. (FLICK, 2009, p. 25).

Sampieri *et al*. (2013) destacam que o objetivo do enfoque qualitativo é

> compreender a perspectivas dos participantes (indivíduos ou grupos pequenos de pessoas que serão pesquisados) sobre os fenômenos que os rodeiam, aprofundar em suas experiências, pontos de vista, opiniões e significados, isto é, a forma como os participantes percebem subjetivamente sua realidade. Também é recomendado selecionar o enfoque qualitativo quando o tema do estudo foi pouco explorado, ou que não tenha sido realizada pesquisa sobre ele em algum grupo social específico. (SAMPIERI *et al.*, 2013, p. 376).

Considerando que a temática aqui apresentada foi pouco explorada, a abordagem qualitativa mostrou-se ser a mais indicada. E, também, porque almejou entender a realidade das participantes, em seus próprios contextos, suas perspectivas e suas falas, na sua musicalidade, em seus cantos e canções, dando visibilidade àquilo que lhes pertence, que lhes faz sentido, na (re)construção desses sentidos, a partir das experiências compartilhadas nos Encontros de Musicoterapia e em contato direto com a pesquisadora e sua equipe e com a situação estudada (GODOY, 1995).

Kirkland (2013, p.106), ao citar Wheeler e Kenny (2005), destaca que o que justificaria a escolha por métodos qualitativos em Musicoterapia "é o desejo de explorar as experiências dos terapeutas com pacientes e clientes" e que, complementado por Aigen (2008) em Kirkland (2013, p.106), no "interesse em gerar resultados de pesquisa clinicamente relevantes"[25].

As participantes deste estudo não se configuram como pacientes e clientes, visto que o trabalho não teve uma proposta clínica, mas buscou-se resultados que contribuíram, tanto para as participantes como para o campo do conhecimento e da ciência, e evitando o que Barcellos alerta, para quando a pesquisa se torna "figura" do trabalho e o trabalho musicoterapêutico fica como "fundo" (BARCELLOS, 2004). O mais esperado é que aconteça um equilíbrio entre os dois: pesquisa e trabalho musicoterapêutico.

Esta tese também se caracteriza como exploratória, pois entende-se que tem como

> propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado. (GIL, 2018, s/p).

[25] Tradução livre da autora.

A pesquisa de campo foi fundamental, pois entende-se que “o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos” (JOSÉ FILHO, 2006, p. 64) e de onde extrai as informações para apresentação de resultados e discussão.

O campo não é o que está “distante”, externo ao pesquisador, não é “um lugar para fazer observações” (SPINK, 2003, p. 28). O pesquisador passa a fazer parte do campo quando, na perspectiva de Spink (2003, p.23), “ao relatar, ao conversar, ao buscar mais detalhes também formamos parte do campo; parte do processo e de seus eventos no tempo”. Spink vai denominar de campo-tema quando um pesquisador (no exemplo do autor, um psicólogo social), ao entrar em contato com uma história/tema (do outro), a entrelaça com um outro campo (o do pesquisador) e define que o mesmo deve ser estudado e se torna “disciplinarmente presente” (SPINK, 2003, p. 26). O campo “é o argumento no qual estamos inseridos; argumento este que têm múltiplas faces e materialidades, que acontecem em muitos lugares diferentes”.

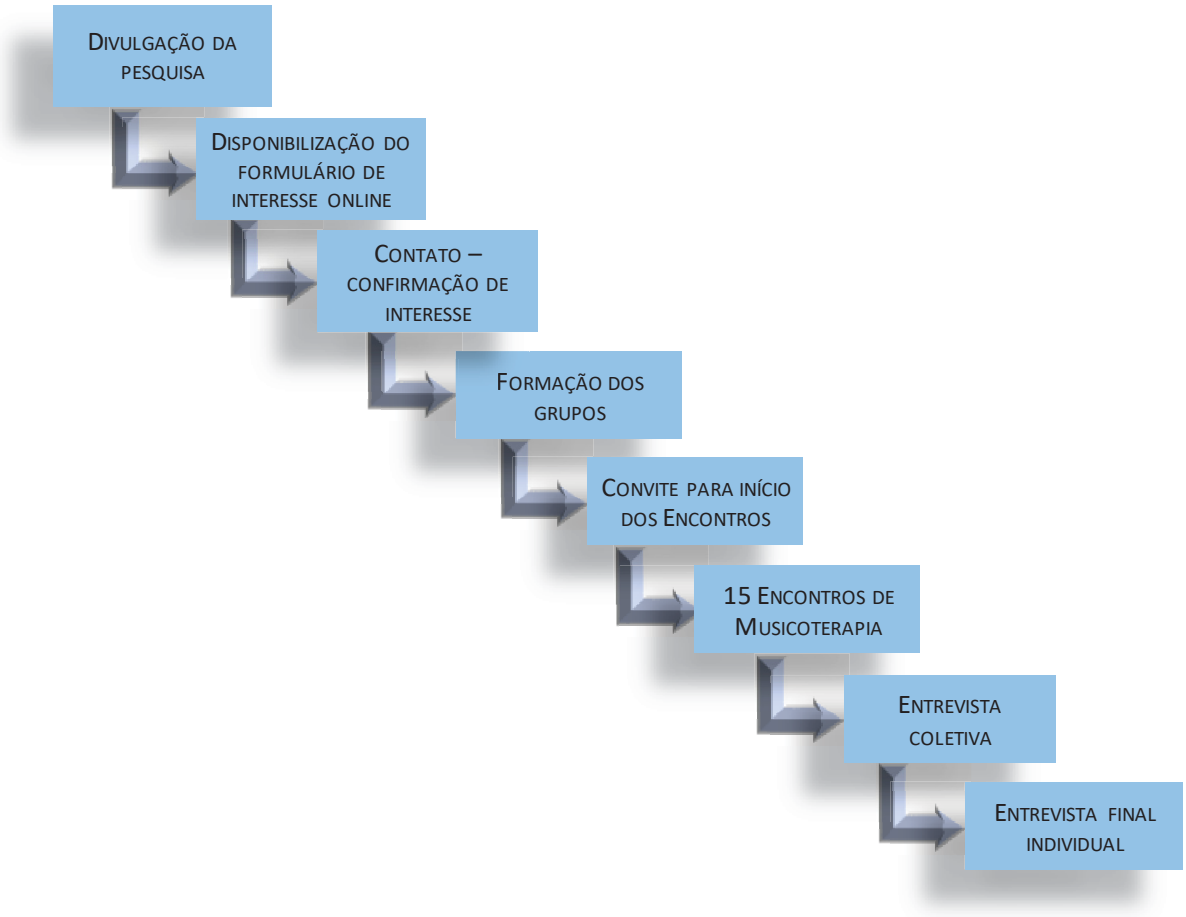
Para Spink (2003):

> Campo é o campo do tema, o campo-tema; não é o lugar onde o tema pode ser visto – como se fosse um animal no zoológico – mas são as redes de causalidade intersubjetiva que se interconectam em vozes, lugares e momentos diferentes, que não são necessariamente conhecidos uns dos outros. Não se trata de uma arena gentil onde cada um fala por vez; ao contrário, é um tumulto conflituoso de argumentos parciais, de artefatos e materialidades. (SPINK, 2003, p. 36).

Dessa forma, o autor afirma que fazer pesquisa de campo não é “ir” ao campo. Quando se está no tema, já se está no campo. Assim, entende-se o campo como a possibilidade de estabelecer diálogos, de construções coletivas, que irão constituir tanto a pesquisadora e equipe, como as participantes e suas vidas.

Nessa possibilidade de construções coletivas e diálogos verbais e musicais, o eixo central da pesquisa de campo foram os Encontros de Musicoterapia, em torno dos quais utilizou-se ferramentas para coleta das informações, a saber: diário de campo, filmagens e gravações dos Encontros, transcrição de cada encontro, entrevista coletiva e entrevista individual final, conforme mostra na Figura 3.

FIGURA 3 - FLUXOGRAMA DA PESQUISA DE CAMPO



Fonte: A Autora (2023).

A seguir será apresentado o campo de pesquisa, onde ocorreu e como era o espaço físico.

3.2 CAMPO – LÓCUS

A pesquisa de campo teve lugar nas dependências do Campus de Curitiba II da UNESPAR, em uma sala para ensaios de música reservada para tal, com tratamento acústico, ou seja, com isolamento de som, proporcionando um ambiente protegido e privativo; equipada com os seguintes instrumentos musicais: piano, violões, teclado, bloco sonoro, bateria montada, partes soltas de baterias.

Para compor esse espaço, outros instrumentos foram disponibilizados: pandeiro, ovinhos, triângulos, agogô, asalato, metalofone, bongô, reco-reco, clavas e baquetas. Além dos instrumentos musicais sempre havia papel e canetas. A câmera

filmadora e gravador de áudio (celular) também compuseram este espaço, pois todos os encontros foram filmados e gravados.

Como ainda havia restrições por causa da Covid-19, a pesquisadora, equipe e participantes usaram máscaras de tripla proteção facial durante todos os Encontros. Uma caixa de lenço de papel, máscaras descartáveis de proteção facial (obrigatórias nas dependências da Universidade) e álcool gel 70% estavam sempre disponíveis. Manteve-se um certo distanciamento das cadeiras, quando no formato de roda, e evitou-se instrumentos de sopro.

3.3 ENCONTROS DE MUSICOTERAPIA

Os Encontros de Musicoterapia se propuseram a ser um espaço de acolhimento, de escuta e de produção. Produção de musicalidades, de sonoridades, de falas, de (re)significados e sentidos, de possibilidades de existir. Um espaço para legitimação de narrativas, de sentimentos, bem como um espaço de produção/(re)criação. Foi uma aposta em bons encontros[26] para produção de forma de existência, na crença da potência do fazer musical em grupo.

A literatura da Musicoterapia tem indicado em seus diversos estudos de intervenção, processos que variam de 12 a 16 encontros musicoterapêuticos (MEDEIROS, 2013; DOS SANTOS, 2018; KROB, 2013; VALGAS, 2013; ARNDT, 2015, PEIXOTO e TEIXEIRA, 2013). Perfazendo uma média entre esses estudos, definiu-se o quantitativo de 15 encontros para esta pesquisa.

Os Encontros de Musicoterapia aconteceram de forma presencial, após dois anos de atividades à distância, como consequência da pandemia da Covid-19 que obrigou a população mundial ao distanciamento social.

Inicialmente, propôs-se três horários diferentes para acolher as disponibilidades das interessadas: um grupo na quinta-feira (tarde), outro na sexta-feira (manhã) e o terceiro no sábado (manhã). O horário que se firmou foi o de sexta-feira pela manhã, contando com o maior número de participantes e mantendo a regularidade semanal, que gerou o material para estudo e análise desta tese.

---

[26] Os bons encontros são sempre um momento onde todos se colocam mais próximos do mundo e de si mesmos, ampliando a capacidade de afetar e ser afetado, e onde pode-se construir relações e trocas (STRAPPAZZON; MAHEIRIE, 2016).

Para o início dos Encontros, foi enviado um convite, via *WhatsApp,* a todas as interessadas que preencheram o formulário, anunciando o dia do encontro, horário, endereço e sala. Esse procedimento repetiu-se semanalmente, como uma notificação, relembrando as interessadas do Encontro. Dessa forma, 15 Encontros aconteceram no período de 29/4 a 30/8/2022. Os encontros foram filmados[27] em uma câmera filmadora Sony HDR- CX405 e gravados no celular IPhone 7 e posteriormente transcritos[28].

Entendendo e acreditando na potência de um trabalho musicoterapêutico em grupo (CUNHA 2019; BAKER e BALLANTYNE, 2013), foi proposto que os Encontros fossem todos em grupo, em formato aberto, permitindo a participação de novas integrantes a qualquer momento.

A frequência e a formação dos grupos foram diversificadas, tendo momentos em que somente uma participante compareceu e, em outros, contando com a participação de duas, três e quatro participantes (Quadro 6).

QUADRO 6: NÚMERO DE PARTICIPANTES POR ENCONTRO

ENCONTRO	TOTAL DE PARTICIPANTES
1º Encontro	2
2º Encontro	3
3º Encontro	2
4º Encontro	2
5º Encontro	2
6º Encontro	1
7º Encontro	2
8º Encontro	3
9º Encontro	4
10º Encontro	2
11º Encontro	1
12º Encontro	1
13º Encontro	1
14º Encontro	4
15º Encontro	1

Fonte: a Autora (2023)

[27] Os 2 primeiros encontros, por problemas técnicos, não foram filmados e nem gravados. O registro se deu por meio do relatório e de anotações no diário de campo.

[28] Considerando a Lei n. 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais - LGPD), nos seus artigos 7º, IV e art. 11, II, c. Os dados estão armazenados no computador de uso pessoal da pesquisadora e em nuvem de acesso restrito. O período de armazenamento é de 5 anos, após o qual todos os dados serão apagados.

A frequência variou, pois houve participante que estava presente desde o primeiro Encontro e outras que foram chegando depois que os Encontros já estavam acontecendo. Por ser um período logo após o retorno às atividades presenciais, com o uso de máscaras obrigatório e a recomendação de não aglomeração, a presença deveria ser evitada a qualquer sintoma de um quadro gripal. O que aconteceu com algumas participantes, que estiveram ausentes em alguns Encontros.

Os Encontros duraram entre 1 hora até 1h30m, semanalmente, com exceção de feriados e recessos, pois o campus da universidade encontrava-se fechado.

Compuseram a equipe dos Encontros, além da pesquisadora, duas acadêmicas do curso de Musicoterapia, selecionadas pelo Projeto de Extensão. Estas, acompanharam todos os 15 Encontros, sendo uma acadêmica da 3ª série e outra da 4ª série. A participação delas envolveu: comparecer as reuniões semanais para falar sobre os Encontros (onde discutia-se sobre como foi o Encontro da semana, sobre questões teóricas pertinentes a alguma temática específica e o planejamento dos próximos Encontros); colaborar na pesquisa de repertório de canções; tocar e cantar nos Encontros; fazer colocações verbais nos Encontros; preparação de materiais; colaborar nas transcrições dos Encontros; transcrever partituras. As acadêmicas também participaram da entrevista coletiva, ao final dos Encontros.

3.4 PARTICIPANTES

A pesquisa contou com seis participantes, todas estudantes universitárias de instituições públicas da cidade de Curitiba, com faixa etária entre 21 e 27 anos. Todas concordaram em participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 2). Essas participantes frequentaram o grupo de sexta-feira (manhã), que se estabeleceu com regularidade.

As participantes deste estudo são do tipo voluntárias ou autosselecionadas, segundo classificação de Sampieri *et al*. (2013). Esse tipo de amostra caracteriza-se pela apresentação voluntária de participantes a partir de um convite feito por uma pesquisadora. Conforme descrito anteriormente, o convite para participar dos Encontros foi feito por meio digital e físico.

A amostra no processo qualitativo é proposicional e é compreendida como “um grupo de pessoas, eventos, acontecimentos, comunidades etc., sobre o qual

devemos coletar os dados sem que necessariamente seja representativo do universo ou população que estudamos" (SAMPIERI *et al*., 2013, p. 403).

O tamanho da amostra na pesquisa qualitativa não é importante do ponto de vista de propor generalizações, porque o que mais interessa é o aprofundamento e a compreensão de fenômenos a partir da ótica dos atores (SAMPIERI *et al*., 2013; MINAYO, 2010).

3.5 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES

Apresenta-se, a seguir, os caminhos pelos quais as informações foram coletadas. Entende-se que o trabalho proposto envolveu vidas, histórias, narrativas, que superam o que friamente pode-se compreender como uma mera coleta de dados para pesquisa, por isso foi adotado o termo informações (GONZÁLEZ REY, 2005).

Desta forma, compreende-se que

> não há dados, mas há, ao contrário, pedaços ou fragmentos de conversas: conversas no presente, conversas no passado; conversas presentes nas materialidades; conversas que já viraram eventos, artefatos e instituições; conversas ainda em formação; e, mais importante ainda, conversas sobre conversas. Não há múltiplas formas de coleta de dados e, sim, múltiplas maneiras de conversar com socialidades e materialidades em que buscamos entrecruzá-las, juntando os fragmentos para ampliar as vozes, argumentos e possibilidades presentes. (SPINK, 2003, p. 37).

Sendo assim, a coleta das informações para a pesquisa se deu por meio de:

a) Questionário econômico (ABEP 2020) – tem como objetivo caracterizar as participantes da pesquisa no quesito econômico e social. Foram utilizados os parâmetros propostos pela Associação Brasileira de Empresas e Pesquisa (ABEP, 2020) que estabelece critérios de classificação econômica considerando os bens que a pessoa possui e o grau de instrução do chefe da família (Apêndice 3).

b) Questionário sociodemográfico – teve como objetivo caracterizar as participantes da pesquisa nas questões relativas a condições físicas e financeiras de estudantes do ensino superior. O questionário foi baseado em INEP/MEC (2019b), abrange as variáveis gênero, estado civil, raça/cor, nacionalidade, curso frequentado instituição e período, estado de procedência, condições de moradia, situação/ manutenção financeira, situação de trabalho, meio de deslocamento para a universidade (Apêndice 4).

c) Relatório (transcrição) dos Encontros de Musicoterapia (gravados em vídeo e áudio) – teve por objetivo gerar documentação do processo musicoterapêutico para análise. “A especificidade do relatório de Musicoterapia está centrada, principalmente, na utilização de uma linguagem musicoterápica que é o resultado de uma ‘leitura ou análise musicoterapêutica’ do processo” (BARCELLOS, 2016, não paginado).

Segundo Barcellos (2016), para se analisar trabalhos de Musicoterapia já finalizados “é necessário que os acontecimentos de cada sessão estejam documentados e que sejam utilizados, na medida do possível, recursos tecnológicos, além do registro por escrito (gravações em áudio e vídeo)” (BARCELLOS, 2016, não paginado), pois documentam dados significativos do processo musicoterapêutico e para a pesquisa (CARVALHO, 1975 citado por BARCELLOS, 2016[29]).

d) Diário de campo – teve por objetivo registrar as observações e impressões da pesquisadora. Apresenta-se como um “recurso metodológico revelador da nossa condição de pesquisador e que traduz o universo intenso e denso dos vários caminhos percorridos pela pesquisa” (COSTA; COIMBRA, 2008, p.128).

e) Entrevista coletiva – Entendeu-se como oportuna para a proposta desta pesquisa realizar uma entrevista coletiva ao final dos Encontros de Musicoterapia, visando atender ao objetivo central da pesquisa. (Apêndice 5). Kaufmann (2013) desafia a compreender a potência que há em trabalhar com a entrevista. Pode parecer, a princípio, segundo o autor, fácil e econômica de se realizar e que se encontra ao alcance de qualquer pesquisadora iniciante que dispõe de um gravador e possui habilidades em conduzir uma conversa. Contudo, para aquela comprometida com a produção do conhecimento, não é uma tarefa tão simples assim. Primeiro, por não haver uma maneira única, ou método único, na crença de Kaufmann (2013), de realizar a entrevista, mas muitos e diversos jeitos propostos na literatura de metodologias.

A proposta escolhida para esta pesquisa entende a entrevista como uma

> conversação dirigida a um propósito definido que não é a satisfação da conversação em si, antes é uma forma de interação social que valoriza o uso da palavra, símbolo e signo privilegiados das relações humanas, por meio da qual os atores sociais constroem e procuram dar sentido à realidade que os cerca. (SOUZA, 2018, p. 40).

[29] CARVALHO, Doris Hoyer. Etapas do processo musicoterápico. **Associação Brasileira de Musicoterapia**, Boletim no. 2, p. 8-12. Rio de Janeiro, dez. 1975.

Nessa perspectiva, a entrevista é marcada por uma dimensão do social. “Não se reduz a uma troca de perguntas e respostas previamente preparadas, mas é concebida como uma produção de linguagem, portanto, dialógica” (SOUZA, 2018, p. 40).

f) Entrevista final individual – com cada participante. O objetivo da entrevista, nesse momento da pesquisa, foi a busca por identificar os sentidos construídos ao longo do processo de intervenção musicoterapêutico, focalizando em como a participante se percebe em relação ao trabalho desenvolvido. Deve-se considerar a amplitude e consistência da entrevista primando pelas não interferências desnecessárias ou inadequadas. (AGUIAR; OZELLA, 2006, p.229) (Apêndice 6).

3.6 COLETA DE INFORMAÇÕES

Pelo vínculo da pesquisadora com o curso de Bacharelado em Musicoterapia, da UNESPAR, pôde-se, juntamente com a orientadora, que também é professora na mesma universidade, propor um projeto de extensão, tendo em mente que poderia ser uma oportunidade de aprendizado e experiência para acadêmicas do curso de Musicoterapia e abrindo as portas para a comunidade externa da universidade, completando o tripé da universidade: ensino, pesquisa e extensão.

O projeto de extensão foi aprovado pelo Colegiado de Musicoterapia e pela Divisão de Extensão e recebeu o nome de “Musicoterapia, violências e produção de sentidos de estudantes universitárias”. Foram ofertadas duas vagas para estudantes a partir do segundo ano do curso. A seleção ocorreu em março de 2022.

Inicialmente, cinco alunas se candidataram para as vagas e todas foram aceitas, pois entendeu-se que poderia ser uma oportunidade de aprendizado. Contudo, ao longo das atividades, por motivos pessoais e por necessidade de trabalho, três delas tiveram que deixar o projeto.

A equipe inicial, de cinco acadêmicas, participou do planejamento, da confecção da arte, da divulgação e das discussões iniciais sobre os Encontros e chegaram a participar dos 2 primeiros Encontros de Musicoterapia, antes da desistência.

Todas as estudantes membras da equipe assinaram um Termo de Sigilo e Confidencialidade, comprometendo-se a manter em absoluto sigilo todas as informações referentes aos Encontros de Musicoterapia (Apêndice 7).

3.6.1 Divulgação e convite para a pesquisa/projeto de extensão

Para divulgação da pesquisa/projeto de extensão foram elaborados materiais diversos, tanto impressos como em mídia digital (Apêndice 8). Os *flyers* (Apêndice 9) e cartazes foram levados aos *campi* das universidades públicas de Curitiba. Onde foi possível, os *flyers* foram entregues em mãos a estudantes que circulavam pelo campus. Os cartazes foram afixados em murais, quando permitido. As alunas que compunham a equipe também fizeram divulgação direta entre estudantes do campus da UNESPAR, principalmente. Os *flyers* e cartazes indicavam o *link* e tinham um QR-Code para acesso ao Formulário de Interesse de Participação.

Foi criado um perfil no Instagram (Apêndice 10) chamado "Encontros de Musicoterapia"[30], no qual divulgou-se o projeto, com postagem de um vídeo convidando a participar e esclarecendo brevemente a proposta com material visual. Na *bio*[31] era possível acessar o *link* para o formulário de interesse.

Foram enviados e-mails para coordenadores de curso - aos que foi possível ter acesso, aos setores de Assuntos Estudantis, Centro de Direitos Humanos, Setor de Comunicação das três universidades.

Essa divulgação rendeu uma reportagem que foi publicada na página oficial da UFPR[32] (Apêndice 11) e publicações no Facebook e Instagram[33] (Apêndice 12) da mesma instituição. O projeto também mereceu uma publicação na página oficial da UNESPAR[34] (Apêndice 13) e no perfil do Instagram da Coordenação do Curso de Musicoterapia[35] da UNESPAR (Apêndice 14).

As membras da equipe também fizeram circular o material e o vídeo (Apêndice 15) entre grupos de *WhatsApp* de turmas e grupos de estudantes. Foi feito um movimento de bola de neve, solicitando que o material e vídeo fossem repassados a pessoas que poderiam ter interesse na proposta. Cada uma delas ficou responsável em divulgar o projeto em um dos campi das universidades públicas, levando materiais

---

[30] https://www.instagram.com/encontrosdemusicoterapia/
[31] Expressão usada em redes sociais para indicar suas informações de perfil.
[32] https://ufpr.br/pesquisa-busca-ressignificar-violencias-sofridas-por-universitarias-a-partir-da-musicoterapia/
[33] https://www.instagram.com/p/CdETAkbudtd/
[34] https://www.unespar.edu.br/noticias-2022/unespar-abre-inscricoes-para-os-encontros-de-musicoterapia-voltados-a-estudantes-das-universidades-publicas-de-curitiba-que-sofreram-alguma-tipo-de-violencia
[35] https://www.instagram.com/p/CcIqm-FNa2y/

impressos, afixando cartazes, distribuindo em mãos *flyers* a estudantes que circulavam pelo campus.

Na rede de contato das acadêmicas, em que cada uma delas tinha pessoas conhecidas que estudavam em uma das universidades públicas, em diferentes cursos, foram enviados o *flyer* e o vídeo e solicitado que o mesmo fosse repassado.

A partir da divulgação, foi disponibilizado, *online*[36] (*Google Forms*), o Formulário de Interesse de Participação (Apêndice 16) para preenchimento das pessoas interessadas em participar. O texto inicial do formulário convidava estudantes que tivessem sofrido qualquer tipo de violência. Esclarecia brevemente a Musicoterapia, quem poderia participar dos Encontros e o objetivo dos mesmos. Disponibilizava o e-mail de contato da pesquisadora responsável e esclarecia que, após o preenchimento, seria feito um contato direto.

Para preenchimento do formulário, constavam perguntas simples como nome, e-mail, telefone, data de nascimento, como se autodenomina em relação ao gênero, qual instituição pertence, a disponibilidade de horário para participar dos encontros, se já sofreu violência e uma pergunta aberta (opcional a ser respondida), um convite a compartilhar a violência que sofreu.

O formulário ficou aberto a receber respostas a partir do dia 8/4 até 20/8/22. O motivo do formulário ficar aberto foi porque a proposta era de um grupo aberto, em que as estudantes poderiam participar a qualquer momento. Ainda havia disponibilidade de mais estudantes frequentarem os Encontros, pois o número de vagas era 15. Somente na aproximação da data de encerramento da pesquisa, que o formulário foi fechado.

Os critérios para participar foram: a) ser estudantes universitárias regularmente matriculadas em instituições públicas na cidade de Curitiba, com idade igual ou superior a 18 anos que tivessem sofrido violência ou que ainda se encontrasse em situação de violência; b) que se autodenominassem do gênero feminino; c) concordassem em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os critérios de exclusão foram: a) estudantes universitárias inferior de 18 anos; b) estudantes universitárias que não estejam regularmente matriculadas/ matrícula ativa; c) estudantes universitárias que não sofreram qualquer tipo de

[36] https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeQIt7s88Wgki3cpOXeIKgFR0bgkvu-HclUrNf57f7x4cbtCA/closedform

violência; d) estudantes universitárias de instituições privadas de Curitiba; e) estudantes universitárias de instituições públicas que não sejam de Curitiba; f) estudantes universitárias que não se disponham a participar espontaneamente da pesquisa e se recusem a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O formulário recebeu 22 inscrições, de 2 universidades públicas de Curitiba. No campo da pergunta aberta, 11 interessadas(os) comentaram a violência sofrida. Entre os relatos, todos os tipos de violência em um relacionamento abusivo, abuso sexual, violência sexual infantil, *stalking*, violência psicológica, violência material, assédio sexual na infância, estupro, *bullying* na universidade. Uma participante, que veio a frequentar os Encontros posteriormente, não preencheu o formulário, pois conheceu o projeto por intermédio de uma colega que já estava frequentando.

Após o preenchimento do formulário, foi enviado um e-mail a cada uma das interessadas, confirmando o recebimento e que o momento era de organização do(s) grupo(s), conforme disponibilidade selecionada no formulário. Também foi o momento de esclarecer dúvidas ou de alguma resposta do formulário que se julgou necessário elucidar, como por exemplo, uma das interessadas que respondeu não ter sofrido violência e seu interesse em participar seria por ser estudante de Psicologia e apreço pela temática.

Tendo sido feito o estudo das disponibilidades e na tentativa de conciliar o número máximo possível de interessadas, foram organizados três horários: um grupo na quinta-feira (tarde), outro na sexta-feira (manhã) e o terceiro no sábado (manhã). Assim, divulgou-se os horários para as interessadas, por meio de mensagem no *WhatsApp*, convidando-as para o início dos Encontros.

3.7 CONSTRUÇÃO DO *CORPUS*

Todo o material foi reunido para a composição do *corpus*, que incluiu sonoridades, músicas, canções, palavras originadas da transcrição dos Encontros de Musicoterapia (359 páginas - sem as partituras), da entrevista coletiva (29 páginas), das entrevistas finais individuais (68 páginas) e do diário de campo[37] da pesquisadora.

[37] O diário de campo foi consultado como apoio, mas não foi extraído nenhum conteúdo específico do mesmo para a escrita da tese, devido ao volume de informações presentes nas transcrições dos Encontros e entrevistas.

Salienta-se que foram respeitadas as falas das participantes, em sua forma original, sem nenhum tipo de correção, buscando a manutenção mais fiel possível do discurso elaborado por cada uma das participantes, da pesquisadora e da equipe.

3.8 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Várias são as possibilidades de análise do material coletado em pesquisas, particularmente quando oriundo de falas, narrativas, depoimentos e entrevistas. Olhar para o material coletado constitui um momento muito singular no processo de pesquisa, etapa que deve ser realizada com lucidez, com paixão e mente aberta, para permitir que a riqueza do material coletado emerja para além das aparências e da descrição dos fatos (AGUIAR; OZELLA, 2006).

Para compor essa etapa, escolheu-se a proposta de Aguiar e Ozella (2006; 2013), com o Núcleo de Significação. Partindo da compreensão de significados e sentidos, os autores afirmam que ao “discutir significado e sentido, é preciso compreendê-los como constituídos pela unidade contraditória do simbólico e do emocional” (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 226).

Tendo os significados como ponto de partida, os mesmos autores indicam que “contém mais do que aparentam e que, por meio de um trabalho de análise e interpretação, pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas do sentido”. (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 226).

Assim, o sentido é mais amplo que o significado. (AGUIAR; OZELLA, 2006; 2013). Constitui-se, pois, um desafio apreender os sentidos produzidos pelos sujeitos, e a proposta é

> apreender o processo constitutivo dos sentidos bem como os elementos que engendram esse processo. Queremos apropriar-nos daquilo que diz respeito ao sujeito, daquilo que representa o novo, que, mesmo quando não colocado explicita ou intencionalmente, é expressão do sujeito, configurado pela unicidade histórica e social do sujeito, revelação das suas possibilidades de criação. (AGUIAR; OZELLA ,2006, p. 227).

As etapas preconizadas para o processo de análise são pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação. Os procedimentos incluem leitura flutuante e organização do material, momento em que recorre-se às várias leituras “flutuantes”, para familiarização e apropriação do material (AGUIAR; OZELLA, 2006; 2013).

Essas leituras possibilitam destacar e organizar os pré-indicadores que constituirão futuramente os núcleos. Emergem temas diversos, que podem ser pela frequência, pela importância dada pelos participantes em suas narrativas, pela carga emocional, pelas ambivalências ou contradições, entre outras. (AGUIAR; OZELLA, 2006).

Na sequência, uma segunda leitura possibilita um processo de aglutinação dos pré-indicadores, por similaridade, complementaridade ou contraposição, reduzindo a diversidade e sugerindo indicadores. Tendo os indicadores e seus conteúdos identificados e selecionados, volta-se ao material (das entrevistas) para que se inicie uma primeira seleção de recortes que sejam ilustrativos e que aclarem os indicadores. (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 230).

Subsequentemente, caminha-se para a construção dos núcleos de significação, que são resultados do processo de articulação derivadas da aglutinação dos indicadores e seus conteúdos. De acordo com Aguiar e Ozella (2006), inicia-se o processo de análise, avançando do empírico para o interpretativo. A análise dos núcleos parte de um processo intranúcleo, avançando para uma articulação internúcleos. Ressalta-se o cuidado em não se ater somente à fala da participante, mas articulá-la ao contexto histórico, buscando a compreensão do sujeito na sua totalidade (AGUIAR; OZELLA, 2006; 2013).

Os autores afirmam que só é possível compreender os sentidos quando da articulação dos núcleos, e consideram esse momento da análise como mais "complexo, completo e sintetizado, ou seja, quando os núcleos são integrados no seu movimento, analisados à luz do contexto do discurso em questão, à luz do contexto sócio-histórico, à luz da teoria" (AGUIAR; OZELLA, 2006, p.231).

As fontes do material, para esse processo de análise, vieram das transcrições (relatórios) dos Encontros de Musicoterapia, do material transcrito da entrevista coletiva e do material transcrito das entrevistas individuais.

Para a análise dos conteúdos sonoro-musicais provenientes dos Encontros de Musicoterapia trabalhou-se com a análise musicoterápica, que

> vai além da leitura musical convencional, pois busca observar os indivíduos, sua expressão corpóreo-sonoro-musical e as intra e inter-relações que vão se estabelecendo durante as sessões, ou seja, a subjetividade implícita no processo musicoterápico de um grupo. (ZANINI; MUNARI, 2006, p. 587).

Há, na Musicoterapia, uma especificidade, pois a música é tanto um meio de comunicação, uma linguagem possível, um meio de expressão, como proporciona uma experiência em si mesma. Dessa forma, para a análise musicoterápica, Barcellos (1999) considera importante a função dos elementos da música como parte do processo de compreensão da experiência musical compartilhada entre musicoterapeuta e participante.

De tal modo, registrar e descrever os elementos musicais abre uma porta para a compreensão daqueles que vivenciam a experiência musical. Da análise musical, caminha-se para a análise musicoterápica, articulando os aspectos musicais produzidos pela participante, à sua história de vida, à sua história clínica e/ou, ainda, ao seu momento de vida, possibilitando compreendê-la por meio do musical por ela expressado e na forma como expressa (BARCELLOS, 2004).

Quadro 7 apresenta uma síntese do trabalho, com o objetivo geral, objetivos específicos, os instrumentos de coleta de informações e análise.

QUADRO 7 – MATRIZ ANALÍTICA DO DESENHO DA PESQUISA

OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	TÉCNICA/INSTRUMENTO DE COLETA DE INFORMAÇÕES	INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE INFORMAÇÕES
Compreender os sentidos produzidos, nos Encontros de Musicoterapia, por estudantes universitárias que sofreram violência	Descrever o perfil sociodemográfico e econômico das participantes.	- Questionário sociodemográfico - Questionário econômico	Análise descritiva
	Relatar os tipos de violências sofridas das participantes.	Encontro de Musicoterapia	Núcleos de Significação
	Descrever os sentidos produzidos pelas participantes nos Encontros de Musicoterapia.	- Relatórios dos Encontros - Diário de campo - Entrevista coletiva - Entrevista final individual	- Análise musicoterápica - Núcleos de Significação
	Identificar os desdobramentos da violência na vida das participantes	- Relatórios dos Encontros - Diário de campo - Entrevista coletiva - Entrevista final individual	- Núcleos de Significação
	Relatar experiências musicais, dos Encontros de Musicoterapia, que contribuíram para a produção de sentidos das participantes.	- Relatórios dos encontros - Entrevista coletiva - Entrevista final individual	- Análise musicoterápica - Núcleos de Significação
	Identificar aprendizados que as participantes tiveram nos Encontros de Musicoterapia	- Relatórios dos Encontros - Entrevista coletiva - Entrevista final individual	- Núcleos de Significação

Fonte: A Autora (2023)

3.9 ÉTICA NA PESQUISA

Toda pesquisa que envolve pessoas deve ser conduzida com cuidado extremo, respeitando os princípios da autonomia, beneficência, não maleficência e justiça, o que buscou-se cumprir rigorosamente ao longo de todo o processo desta pesquisa. Fundamentou-se, também, nas quatro áreas principais de padrões[38] propostos por Bruscia (1998, p. 182), para a pesquisa qualitativa, a saber:

1. Integridade metodológica - refere-se aos valores que orientam a pesquisadora na concepção e implementação do estudo.

2. Integridade pessoal - refere-se aos valores que uma pesquisadora precisa para moldar sua identidade no papel de pesquisadora.

3. Integridade interpessoal - refere-se às qualidades que uma pesquisadora precisa para interagir significativamente com outras pessoas durante a investigação.

4. Integridade estética - refere-se às qualidades de beleza que a pesquisadora confere ao próprio estudo.

A presente pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual do Paraná, sob o CAEE 9.40235820.6.0000.92470, parecer no. 4.562.318 (Anexo 1). Foram respeitados todos os preceitos éticos previstos nas Resoluções da Saúde (Resolução nº 466/12) e das Ciências Sociais (Resolução n° 510/16).

Ratifica-se que a participação no estudo foi voluntária e a identificação das participantes está preservada em seu nome original, tendo sido adotada outra forma de identificação, e que todas as participantes concordaram em participar voluntariamente e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As acadêmicas que compuseram a equipe junto à pesquisadora, no projeto de extensão, também se comprometeram em respeitar o sigilo e a confidencialidade das informações, assinando um Termo de Sigilo e Confidencialidade.

Não foi oferecido nenhum benefício direto às participantes, mas entende-se que a participação das mesmas na pesquisa contribuiu, de alguma maneira, para a vida de cada uma delas.

---

[38] Tradução livre da autora.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo traz os resultados da pesquisa e a discussão dos achados, caracterizando-se as participantes e abordando-se os Encontros de Musicoterapia, onde aconteceram, como se organizaram e os núcleos de significação extraídos dos mesmos. Na sequência, apresenta-se a entrevista coletiva, quando aconteceu, quem participou e os núcleos de significação dele provenientes. Como última etapa da pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas finais individuais e extraídos os núcleos de significação. Ao final, faz-se a triangulação das três etapas da pesquisa de campo.

4.1 SOBRE AS PARTICIPANTES

Nesta subseção, apresenta-se as seis participantes da pesquisa. Por questões éticas, respeito ao sigilo e no intuito de preservar o máximo possível suas identidades, procede-se a uma descrição não singularizada e mais generalizada, mas que possibilite falar sobre elas sem, contudo, expô-las demasiadamente.

Solicitou-se às participantes a escolha de sua identificação, sendo que apenas uma deixou livre para a pesquisadora nominá-la. Assim, identifica-se as participantes deste estudo por: **Samanta, "L", Nitrogênio, Flora, Oxigênio** e **"H"**.

O instrumento Critério Brasil de Classificação Econômica estabelece uma classificação econômica considerando bens possuídos e escolaridade do responsável financeiro da residência. Os itens são: banheiro, empregados domésticos, automóveis, microcomputador, secadora de roupa; grau de instrução do chefe da família (escolaridade), e os serviços públicos utilizados (água encanada, rua pavimentada), gerando uma pontuação para a classificação econômica (ABEP, 2020)

Com base no questionário da ABEP (2020) e no questionário sociodemográfico, apresenta-se a pontuação classificatória e onde as participantes se enquadram, no Quadro 8.

QUADRO 8 - CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA DAS PARTICIPANTES CONFORME ABEP (2020)

CLASSIFICAÇÃO	PONTUAÇÃO	QUANTIDADE DE PARTICIPANTE
A	45 a 100	----
B1	38 a 44	----
B2	29 a 37	4
C1	23 a 28	2
C2	17 a 22	----
D-E	0 a 16	----

FONTE: a Autora (2023).

Todas as seis participantes se autodeclararam do gênero feminino/mulher, sendo cinco da cor/raça branca e uma parda[39]. Todas são moradoras da cidade de Curitiba, contudo o estado de origem é variado. Três delas são provenientes do Estado de São Paulo, uma de Rondônia e duas do Paraná.

A idade das participantes variou entre 21 e 27 anos, tendo maior concentração na idade de 22 anos (3). No que se refere ao estado civil, cinco são solteiras e uma declarou estar casada. Em relação a filho(s), somente uma delas possui um filho.

Os cursos em que as participantes estudam concentram-se na área de Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes.

Em relação a moradia (onde e com quem mora), distribui-se igualitariamente, conforme mostra o Quadro 9.

QUADRO 9 – TIPO DE MORADIA DAS PARTICIPANTES

ONDE E COM QUEM VOCÊ MORA?	PARTICIPANTES
Em casa ou apartamento com cônjuge e/ou filhos	2
Em casa ou apartamento com outras pessoas (incluindo república)	2
Em casa ou apartamento com pais e/ou parentes	2
TOTAL	6

FONTE: A Autora (2023)

Quanto à situação financeira das participantes, apresenta-se distribuída conforme o Quadro 10.

[39] Cor parda – denominação conforme a classificação do instrumento.

QUADRO 10 – SITUAÇÃO FINANCEIRA DAS PARTICIPANTES

SITUAÇÃO FINANCEIRA	PARTICIPANTES
Não tenho renda e meu gastos são financiados por programas governamentais (bolsa permanência)	1
Não tenho renda, mas recebo ajuda da família ou de outras pessoas para financiar meus gastos	2
Tenho renda, mas recebo ajuda da família ou de outras pessoas para financiar meus gastos	2
Tenho renda e contribuo com o sustento da família	1
TOTAL	6

FONTE: A Autora (2023)

Duas participantes trabalham paralelamente aos estudos, cumprindo uma carga horária semanal entre 21 e 39 horas. Uma delas respondeu que trabalha eventualmente e três não trabalham.

O meio de deslocamento até a universidade variou entre ir a pé, de bicicleta ou de ônibus, sendo que a mesma participante poderia se utilizar de mais de um desses meios de locomoção.

4.1.1 Participantes e a música

O contato, conhecimento e experiências anteriores com a música, das seis participantes, mostrou-se diversificado. Embora não tenha sido feita uma ficha musicoterapêutica[40] de cada uma delas, algumas informações foram extraídas dos Encontros de Musicoterapia.

Em relação aos conhecimentos musicais formais, a maioria das participantes relatou não ter muita experiência nesse sentido. Isso também inclui o manejo dos instrumentos e a prática de improvisação e composição.

No que concerne a tocar algum instrumento musical, somente duas não tocavam nenhum instrumento musical. Outras três tocaram violão em algum momento dos Encontros e relataram não ter muita familiaridade com os demais instrumentos disponibilizados nos Encontros. Entre estas três participantes, uma delas já tocou e

[40] Ficha musicoterapêutica é uma ficha utilizada por musicoterapeutas para registrar a história sonoro musical de participantes.

cantou profissionalmente, em eventos e bares/restaurantes. Uma das participantes tinha no canto a sua maior experiência musical.

As canções brasileiras, de diferentes estilos, foram as que mais se fizeram presentes nos Encontros. Aqui estão sendo consideradas as trazidas pelas participantes. Os estilos foram: MPB, samba, rap, pop e rock nacional.

4.1.2 Das violências sofridas

As narrativas das participantes carregam histórias de violência que começam na infância e atravessam a adolescência e a vida adulta. Para este estudo, considera-se as violências conforme apresentadas no Conselho Nacional de Justiça, pela Lei Maria da Penha e pela OMS e, para além destas, as que as próprias participantes consideraram como formas de violência, sentidas e entendidas como tal, e que afetaram suas vidas.

Falar sobre as violências sofridas, muitas vezes, se entrecruza com frases como "*eu me identifiquei com a fala dela*"[41] ("**L**"); "*ah, eu me identifiquei muito*" (**Samanta**), "*você começou a falar e eu, 'credo parece eu falando'*" ("**L**"), em relatos encharcados de emoções, risos nervosos, choros, pausas para respirar, silêncios prolongados, sonoridades.

Cada relato, cada fragmento narrativo, desvelou histórias de dor e sofrimento, como elas próprias nominaram, que trouxeram impactos em suas vidas, tanto na infância, como na adolescência, na vida adulta e na vida acadêmica.

As violências foram relatadas espontaneamente pelas participantes. Houve um movimento livre e espontâneo da parte delas de contarem sobre suas violências, sem que houvesse nenhum tipo de indagação por parte da pesquisadora. A fala de uma "convidava" outras a também contarem sobre suas situações de violências.

Todas as participantes relataram ter sofrido mais de um tipo de violência. Nenhuma delas relatou ter sofrido violência durante o período de isolamento social. As violências aconteceram antes ou depois.

Dentre as violências relatadas, uma participante narrou ter sofrido abuso/violência sexual[42] na infância e outra ter sido molestada na infância. Segundo

---

[41] Os relatos das participantes são grafados em itálico para destacá-los no texto, facilitando sua visualização.

[42] Os termos foram mantidos, conforme nominados pela participante.

Pilecco, Knauth e Vigo (2010, p.1), a violência sexual pode ser compreendida como o "conjunto de atos de violência física e simbólica que constrangem ou obrigam práticas sexuais contra a vontade, não implicando, necessariamente, no ato sexual em si".

O abuso sexual pode ser entendido como "todo jogo ou ato em que o agressor obtém satisfação ou prazer sexual, por meio do contato com crianças e adolescentes" (PAIXÃO; SOUZA NETO, 2020, p. 99). O abuso sexual pode ser com ou sem contato físico. Segundo ABRAPIA (2002) e CHILDHOOD (2019), os tipos de abuso sexual sem contato físico incluem: assédio sexual; abuso sexual verbal; voyeurismo e exibicionismo; exibição de material pornográfico. O abuso sexual com contato físico inclui atos físico-genitais: toques nos órgãos genitais, tentativas de relações sexuais, masturbação, sexo oral e/ou penetração.

Nas situações relatadas por duas participantes, as violências foram cometidas por pessoas próximas a elas, sendo familiar ou conhecido da família, homens. Diversos estudos indicam que pais, padrastos, familiares próximos são os agressores mais frequentes e que o ambiente doméstico é o local onde a violência ocorre com mais frequência (CRUZ *et al*., 2021; PAIXÃO; SOUZA NETO, 2020; ABRAPIA, 2002; CHILDHOOD, 2019).

Duas participantes relataram sexo forçado[43], sendo um deles perpetrado por um colega de trabalho e o outro por um colega de turma da universidade. O sexo forçado ou a coerção sexual referem-se a "contatos e/ou intercursos sexuais obtidos mediante constrangimento, como pressão verbal (insistência), chantagens, uso de força física" (CORDEIRO *et al*., 2009, p. 1052), podendo ser obtido por meio de falsas promessas e mentiras. O mais frequente é que o perpetrador seja alguém conhecido da pessoa que sofreu a coerção (PILECCO; KNAUTH; VIGO, 2010).

O assédio sexual por parte de um supervisor no ambiente de trabalho foi relatado por uma das participantes, como uma das violências sofridas. Em ambientes de trabalho "o assédio sexual é frequentemente cometido por líderes, gerentes ou supervisores, e resulta de relações de poder abusivas" (MCEWEN; PULLEN; RHODES, 2021, p. 1).

As formas de assédio sexual "variam desde a atenção sexual indesejada até a coerção sexual, a agressão sexual e o abuso sexual" (MCEWEN; PULLEN; RHODES, 2021, p. 2). Esses autores entendem o assédio sexual como "quaisquer

[43] Forma como as mesmas se referiram ao que vivenciaram.

formas de comportamento sexual indesejado que seja ofensivo, humilhante ou intimidador". (MCEWEN; PULLEN; RHODES, 2021, p. 2).

O reconhecimento de estarem envolvidas em relacionamentos afetivos abusivos ou tóxicos, por parte de companheiros/namorados, foi mencionado por três participantes. Para uma delas, esse reconhecimento foi sendo percebido ao participar dos Encontros de Musicoterapia. Além deste, uma participante relatou ter sido agredida fisicamente por um namorado. E um relato de estupro cometido pelo namorado também foi exposto por uma das participantes.

Ainda são poucos os estudos brasileiros (NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011; GOMES; ASSUNÇÃO, 2021) que abordam a questão da violência no namoro em contraposição à violência conjugal ou violência doméstica. O relacionamento abusivo pode ser compreendido como "aquele em que há a presença da violência e seus diversos desdobramentos de maneira naturalizada, cotidiana e institucionalizada" (SOUZA, 2018, p. 12). Conforme Silva (2020), o relacionamento abusivo pode ser definido como

> uma especificidade das relações socioafetivas em que um dos membros sofre, de modo cotidiano, uma série de humilhações, de atitudes de indiferença, de interdições e de estratégias de controle, que podem ou não se materializar em uma agressão física. (SILVA, 2020, p. 106).

Nem sempre é fácil identificar um relacionamento abusivo em relações de namoro. Por vezes, segundo Souza (2018, p. 14), é "silencioso e contribui para a desqualificação do outro e para o exercício de um domínio que afeta a capacidade de reação e decisão da pessoa agredida". Na direção mais extremista, um relacionamento abusivo pode progredir para agressões físicas e sexuais (SOUZA, 2018). Ainda segundo esse mesmo autor, "a humilhação, os insultos e as ameaças ao parceiro (a) define de um modo geral a violência psicológica e emocional nas relações abusivas" (SOUZA, 2018, p. 30).

Referente à situação de estupro no namoro, relatada por uma das participantes, considera-se "estupro nas relações amorosas a violência sexual empregada contra a mulher na união afetiva em qualquer instância, praticada pelo seu próprio parceiro, mediante violência física ou moral" (SOUZA, 2018, p. 31).

Um estudo português (CARIDADE; MACHADO, 2008) revela que a violência sexual entre estudantes universitárias é três vezes maior do que no restante da

população. No Brasil, um estudo realizado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro sinaliza para o alto índice de estudantes que sofreram violência de gênero em relacionamentos de namoros (UNIRIO, 2021). Tamanha a importância de tratar desse tema, que a universidade elaborou a Cartilha “Violência no namoro em jovens universitárias: como prevenir?”[44] (UNIRIO, 2021).

A violência psicológica também esteve nos relatos de cinco participantes e pode ser entendida, consoante o artigo 7º da Lei Maria da Penha, como

> qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação. (BRASIL, 2006).

Esse tipo de violência encontra-se frequentemente associado a outras violências, como por exemplo, em relacionamentos abusivos por parte de progenitores ou em relacionamentos afetivos de namoro/casamento. É a mais difícil de ser identificada, pela sua imaterialidade (SOUZA, 2018). Manobras de controle de atividades, movimentos com intuito de destruir a autoestima e autoconfiança, tentativa de isolar a pessoa de seu círculo familiar e de amigos, comportamento de possessividade irracional, ciúme exagerado e até mesmo terrorismo emocional sobre a parceira estão presentes em relacionamentos abusivos (SOUZA, 2018).

Uma das participantes apropriou-se dos termos ‘tortura psicológica’ e ‘jogos psicológicos’ ao mencionar o seu relacionamento afetivo e disse se sentir injustiçada, em um relacionamento desigual em termos de direitos e possibilidades de atuação, no qual o companheiro desfrutava de privilégios somente pela sua condição de homem.

A violência psicológica pode ser compreendida, segundo Bourdieu, quando o mesmo trata da dominação masculina e de como ela é imposta, configurando-se como violência simbólica (BOURDIEU, 2002). Nas palavras do autor

---

[44] Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/600990/2/CARTILHA%20VIOL%C3%8ANCIA%20NO%20NAMORO.pdf

> violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2002, p.7-8).

A violência intrafamiliar (doméstica) foi relatada por uma das participantes e, somada a essa, violência material, física, psicológica, perseguição, sequestro e tentativa de homicídio. A violência intrafamiliar pode ser entendida como

> toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física ou psicológica, ou até a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família. Pode ser cometida dentro ou fora de casa, por algum membro da família... O conceito de violência intrafamiliar não se refere apenas ao espaço físico onde a violência ocorre, mas também às relações em que se constrói e efetua. (BRASIL, 2001, p. 15).

Pode ainda, "tomar a forma de maus-tratos físicos, psicológicos, sexuais, econômicos ou patrimoniais" (BRASIL, 2001, p. 7).

Uma das participantes relatou ter sofrido injúria, calúnia e difamação por pessoas da universidade – estudantes/casa da estudante universitária, o que pode ser caracterizado como violência moral, que, segundo consta no Conselho Nacional de Justiça[45], é a "ação destinada a caluniar, difamar ou injuriar a honra ou a reputação da mulher".

Outra participante descreveu que foi explorada pela família da qual ela alugava um cômodo da casa, que o ambiente era insalubre e prejudicial aos estudos, particularmente por ser no período da pandemia e as aulas estarem na modalidade remota.

Perseguição (*stalking*) foi uma situação vivida por duas participantes, sendo uma delas cometida por um chefe e a outra pelo próprio pai. Muito recentemente o *stalking* passou a ser considerado crime, segundo o Código Penal Brasileiro[46]. Diz o artigo 147-A:

> perseguir alguém, reiteradamente e por qualquer meio, ameaçando-lhe a integridade física ou psicológica, restringindo-lhe a capacidade de locomoção ou, de qualquer forma, invadindo ou perturbando sua esfera de liberdade ou privacidade.

---

[45] Disponível no site do Conselho Nacional de Justiça: https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoes/violencia-contra-a-mulher/formas-de-violencia-contra-a-mulher/

[46] Lei 14.132, de 31 de março de 2021, introduziu o artigo 147-A, tipificando o crime de "perseguição"

Stalking, em inglês - perseguição, em português, é entendido como uma conduta persecutória abusiva perpetrada por uma pessoa contra outra, sendo que o agressor invade a esfera de liberdade pessoal da outra pessoa, repetindo a mesma ação por maneiras e atos variados, empregando táticas e meios diversos, na busca de manter poder e controle sobre a outra pessoa (SANTOS, 2022).

Segundo Castro e Sydow (2021), citado por Santos (2022), o *stalking* traz como consequência ofensa às integridades física e psicológica, produzindo abalo emocional, diante da violação da dignidade, privacidade, intimidade ou liberdade (SANTOS, 2022). É considerado como uma violência psicológica contra a mulher, segundo o Código Penal[47].

A autoagressão infligida, denominação considerada como uma das formas de violência segundo a World Health Organization (WHO, 2004), é cometida pela pessoa a si própria. Está presente em uma das participantes, sendo nomeada pela mesma, como momentos em que "*se machucava*".

A autolesão, pode ser entendida como a "intenção de causar a dor física a fim de suprimir ou minimizar a dor emocional havendo também uma conotação autopunitiva" (CRUZ *et al*., 2021, p. 1375), ou ainda por "comportamentos nos quais um indivíduo, direta e deliberadamente, causa dano a si próprio, sem a intenção de cometer suicídio" (RIBEIRO, 2014, p. 4). Esse tipo de comportamento pode estar presente em mulheres que sofreram abuso na infância/adolescência, podendo ser considerada como uma das repercussões psicológicas, segundo Cruz *et al*. (2021).

A violência de gênero esteve nas falas de quase todas as participantes, expressas em frases como "*a gente está suscetível a sofrer algum tipo de violência apenas por ser mulher, né*? ("**L**") ou "*Ah, eu sou mulher, né, acho que a maioria das mulheres sofreram violências*" (**Flora**). A condição de ser mulher as tornavam vulneráveis a sofrerem violência.

Questões relacionadas ao patriarcado e ao machismo estiveram presentes em vários momentos ao longo dos Encontros de Musicoterapia. O patriarcado e o machismo encontram-se fortemente enraizados em nossa cultura, gerando desigualdade e desequilíbrio em relacionamentos afetivos. Arruda e Luz (2013, p. 4-5) afirmam que

[47] Art. 147-B, incluído pela Lei n° 14.188, de 28 de julho de 2021.

> estruturas históricas que alicerçam as relações assimétricas entre mulheres e homens estão materializadas nos espaços sociais, na família, nas legislações, na desigualdade salarial, ou seja, estão entranhadas em grande parte das culturas mundiais, bem como nas identidades subjetivas de homens e mulheres. (ARRUDA; LUZ, 2013, p. 4-5).

Saffioti (2004), estudiosa das questões de violência de gênero, afirma que em sociedades que mantêm o regime patriarcal de gênero, as desigualdades de gênero são alimentadas e até mesmo toleradas, o que podem levar ao incentivo da violência contra a mulher. Essa foi uma queixa presente na fala das participantes.

Cabe esclarecer que as descrições e conceituações são aproximações de entendimento acerca das possíveis violências e que não necessariamente foram vivenciadas tal como descritas na literatura, pois cada vivência é singular, única e está vinculada às vivências histórico-culturais de cada uma e aos relacionamentos nos quais estiveram vinculadas.

Nos entremeios das narrativas das participantes sobre violências, destaca-se a menção a suas mães, que algumas delas também sofreram violência. Entre as seis participantes, três delas trouxeram essa situação, ou seja, de uma repetição geracional de situações de violência. Dentre as violências que as mães sofreram estavam o abuso sexual, relacionamentos abusivos, violência doméstica, violência física, patrimonial e perseguição (*stalking*).

No que concerne à violência intrafamiliar (doméstica), quando um membro da família é violento, abusa de sua autoridade, coage, intimida sua parceira, é muito frequente que essa situação se estenda as(os) filhas(os), e que também sofram violência psicológica, física, entre outras. Foi a situação vivida por uma das participantes, que teve na sua infância a presença de um pai (e sua família de origem) que cometia violência contra a esposa e filhos. Foi um ambiente de ameaças e perseguições que atingiu toda a família.

O apoio psicológico foi buscado por cinco participantes e todas elas fizeram psicoterapia em algum momento de sua vida. No período dos Encontros de Musicoterapia, somente uma delas ainda estava frequentando regularmente uma psicóloga. A depressão foi relatada como fazendo parte da vida de quatro das participantes, inclusive com uso de medicação em algumas delas. E uma relatou pensamento suicidas, embora não se referindo a nenhuma tentativa concreta.

Na sequência, apresenta-se a descrição dos Encontros de Musicoterapia, relatando como se organizaram, um resumo dos temas e propostas e as experiências

musicais em cada encontro e os núcleos de significação que foram extraídos dessa etapa da pesquisa.

4.2 OS ENCONTROS DE MUSICOTERAPIA

Os Encontros de Musicoterapia foram, em sua essência, encontros de pessoas, de fazeres musicais, de trocas, espaços de falas, de acolhimento e de compartilhamentos. Cada Encontro foi único e aberto a acolher quem chegasse, do jeito que chegasse, com o que trouxesse na bagagem.

De forma geral, a dinâmica dos Encontros consistiu em um momento inicial verbal, uma conversa que, por vezes, se prolongou durante a espera pela chegada de outras participantes. Entende-se como um momento importante esse conversatório, mesmo que a conversa fosse sobre assuntos variados, corriqueiros, como, por exemplo, a mudança da cor de cabelo, ou sobre o calendário acadêmico estar "bagunçado" por conta do retorno das atividades presenciais. O conversatório ajudou a construir laços, a fortalecer o vínculo com as participantes.

A pergunta que sempre esteve presente foi: “Como você(s) está(ão)?” Assim construindo um momento de acolher e entender como cada uma se encontrava naquele dia, possibilitando e permitindo que aflorassem questões, reflexões feitas a partir de Encontros anteriores, ou mesmo narrativas de violência, de compartilhamento de sentimentos e emoções.

Após esse instante verbal inicial, conforme o conteúdo/temática trazido/a pelas participantes, era proposto um momento de contato consigo mesma, da percepção de como estava o corpo, um trabalho de respiração e um voltar-se a si para identificar como estavam. Houve encontros em que elas relataram não saber identificar muito bem como estavam se sentindo, o que pode ser conferido na frase de "**L**": "*ah, eu não sei muito bem o que dizer. Eu tô assim, sem saber expressar em palavras*" (Encontro do dia 27/5/22).

Outra possibilidade, após o momento verbal inicial, era propor uma experiência musical, que variava em cada Encontro e estava muito relacionada ao conteúdo verbal trazido por elas. Em todos os encontros a música e as experiências musicais estiveram presentes. No que concerne à experiência musical em Musicoterapia, Santos (2018) afirma que por meio

> da experiência musical os indivíduos podem conseguir novas experiências que permitem a expressão de seus sentimentos, emoções, pensamentos, anseios, pedidos e a busca de soluções para os problemas e conflitos. (SANTOS, 2018, p. 95).

Algumas dessas experiências foram: exploração sonora do ambiente; exploração sonora de instrumentos musicais; exploração sonora-vocal; identificar sonoridades para “como estou me sentindo”; composição de canção; improvisação vocal; improvisação instrumental; recriação musical de canções; banho sonoro; discussão e reflexão através de canção (BRUSCIA, 2016); dedicatória de canção (BRANDÃO; MILLECCO ; MILLECCO, 2001); cantar canções e dançar, se expressar corporalmente; percutir e sonorizar palavras.

A experiência musical provocou um momento verbal de reflexão, que proporcionou questionamentos das participantes sobre a própria experiência musical; sobre suas violências e os reflexos em suas vidas; suas dificuldades; seus desejos; seus sentimentos; suas perspectivas; dúvidas; encaminhamentos para a vida. E não foi incomum que o Encontro terminasse com uma nova experiência musical.

Frequentemente, o Encontro se encerrava com um momento verbal, uma troca entre as participantes e equipe, sobre a experiência musical, as percepções sobre como foi a experiência musical, ou como cada uma se sentiu ao final do Encontro. Um momento livre para cada uma se apropriar da forma que desejasse e, por vezes, esclarecimentos e orientações eram feitos por parte da pesquisadora e equipe. Em algumas vezes, o Encontro também se encerrou com uma canção, uma dedicatória de canção ou mesmo um abraço.

Cabe esclarecer que o verbal esteve muito presente nos Encontros. Algo que pode ser compreendido como uma demanda por parte das participantes, uma necessidade de trazer suas narrativas. O Encontro propiciou um espaço de escuta e acolhimento como pode-se verificar na fala de **Samanta** (Entrevista coletiva - dia 6/9/22): "*Senti que vocês estavam realmente querendo ouvir o que eu tinha para dizer*".

A pesquisadora reforçou sua disponibilidade para conversas, caso alguma participante desejasse, entre um Encontro e outro, principalmente quando a temática do Encontro tivesse sido intensa e provocado fortes emoções. Elas poderiam entrar em contato, via *WhatsApp*, e agendar um horário. Essa possibilidade não foi requerida por nenhuma delas.

Alguns Encontros tiveram propostas pré-elaboradas pela pesquisadora e equipe, a partir de debates e conversas que aconteciam semanalmente. Nessas conversas, identificava-se a importância em encaminhar algumas situações surgidas em Encontros anteriores e avaliadas como sendo importante explorá-las junto às participantes. Assim, apresenta-se exemplos de encaminhamentos/propostas:

- Encontro 2: Como estou hoje? Como é estar aqui hoje? Proposta de experiência musical: buscar sonoridades para esse “como estou me sentido”.
- Encontro 3: O que me trouxe aqui. Trabalhou-se com a composição musical de uma canção.
- Encontro 5: Qual a canção que me acolhe? Que me coloca no colo? Após a experiência de cantar a sua canção e fazer reflexões de sua escolha, propôs-se uma reflexão: “o que eu quero para mim?”.
- Encontro 9: Reflexão a partir de uma canção selecionada pela pesquisadora e equipe: Coisas que eu sei (Dudu Falcão e Eduardo Motta).

Os demais Encontros fluíram a partir de temas/situações/narrativas trazidos pelas participantes. Como cada início de Encontro era marcado por saber-se como elas se encontravam no dia, nem sempre o tema da violência estava em destaque. Primou-se pelo acolhimento de qualquer tema, situação, questão a respeito da existência humana, em que as participantes se viam envolvidas.

O Quadro 12 apresenta um resumo dos Encontros, considerando o conteúdo do dia (tema), do dia e a(s) experiência(s) musical(is).

QUADRO 11: RESUMO DOS TEMAS E PROPOSTAS E DAS EXPERIÊNCIAS MUSICAIS EM CADA ENCONTRO

(Continua)

Encontro / Dia	Tema(s) / Propostas	Experiência(s) Musical(is)
1º Encontro - 29/4/2022	Recepção das participantes Apresentação Reconhecimento do espaço físico Esclarecimentos do projeto Assinatura do TCLE	Exploração sonora do ambiente Exploração dos instrumentos musicais Apresentação pessoal cantada Recriação musical de canções
2º Encontro - 6/5/2022	Apresentação (de nova participante) Proposta: percepção de: "Como estou hoje? Como é estar aqui hoje?"	Exploração dos instrumentos musicais Buscar sonoridades para o “como estou me sentindo" Dedicatória de canção
3º Encontro - 13/5/2022	Apresentação (de nova participante) Proposta: "O que me trouxe aqui" Conteúdo da composição: violências, como as sente, o que deseja	Receptiva - Audição musical Composição musical
4º Encontro - 20/5/2022	Reflexão sobre resoluções de conflitos. Reação ao sofrer violência; sentir-se paralisada.	Improvisação
5º Encontro - 27/5/2022	Proposta: “Qual música me acolhe?” “O que eu tenho vontade de fazer nesse momento?”	Recriação musical de canções Receptiva - Audição musical
6º Encontro /- 3/6/2022	“O que é que eu vou fazer com essa tal liberdade?” (sentimentos) Conteúdo da composição: relação com a mãe durante a infância	Recriação musical de canções Composição musical
7º Encontro - 10/6/2022	Sentimentos: raiva, pânico	Improvisação instrumental
8º Encontro - 24/6/2022	Apresentação (de nova participante) Criança interior / adulta de hoje Proposta: “Como posso acolher a minha criança interior?”	Dedicatória de canção Recriação musical de canções
9º Encontro - 1/7/2022	Reflexão: quem eu sou, o que eu sei, o que posso fazer. Apropriar-se, reconhecer-se	Recriação musical de canção - reflexão a partir da canção “Coisas que eu sei”

10º Encontro - 8/7/2022	Olhando para a própria história Sentimentos: medo, impotência, fracasso, culpa Quais as possiblidades para o presente?	Dedicatória de canções
11º Encontro - 15/7/2022	Reconhecimento de relacionamentos tóxicos Reconhecimento de sentimentos Protagonizar-se	Improvisação instrumental Dramatização sonora instrumental Recriação musical de canções
12º Encontro - 29/7/2022	Corpo Resgatando a própria voz	Exploração sonora pelo ambiente Buscar sonoridades que "vá ao encontro de você" Recriação musical de canções Improvisação vocal cantada
13º Encontro - 12/8/2022	Como estava antes e como está agora Os próprios desejos	Improvisação vocal cantada
14º Encontro - 26/8/2022	Auto percepção e identificando os padrões de relacionamento Perdas, luto “o que pode me ajudar”, “do que preciso hoje”, “o que acho que mereço”, “o que eu gostaria”, “seu eu pudesse, o que eu faria”	Percepção do corpo Expressar-se com palavras e percuti-las Dedicatória de canção para si própria e para outra pessoa
15º Encontro - 30/8/2022	A própria história: ser mulher, ser mãe, ser esposa, ser estudante Indo em direção a si própria	Improvisação instrumental Recriação musical de canções Dedicatória de canção para si própria

FONTE: A Autora (2023).

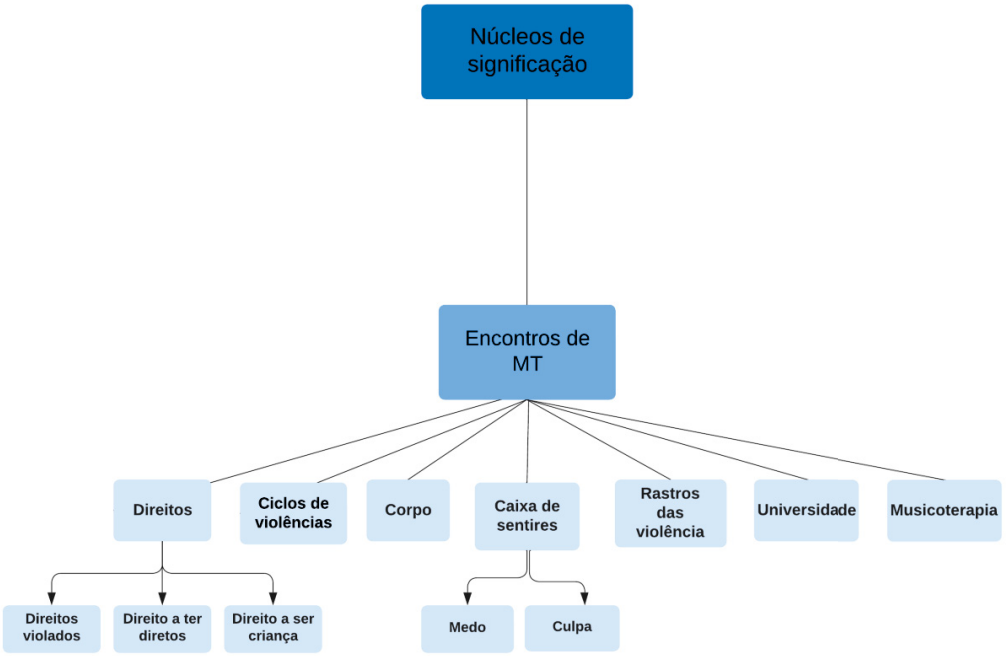
Registra-se que, mesmo com o término do período da pesquisa (30/8/22), por desejo e solicitação das participantes, os Encontros continuaram acontecendo até o dia 25/10/22.

4.2.1 Núcleos de significação extraídos dos Encontros de Musicoterapia

Os núcleos de significação foram extraídos dos Encontros de Musicoterapia, tanto da parte verbal (falas), como das experiências musicais (canções, composições, improvisações). Considerou-se a frequência dos temas e a importância dos mesmos nas narrativas e nas experiências musicais, juntamente com a carga emocional que as acompanhou (AGUIAR; OZELLA, 2006).

Cabe esclarecer que alguns núcleos estão muito próximos uns dos outros, interligados entre si. Por essa razão, entende-se que a forma em que estão dispostos tem muito mais um cunho didático, no intuito de organizar e possibilitar a discussão. Na Figura 4, visualiza-se todos os núcleos que serão apresentados.

FIGURA 4: NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO DOS ENCONTROS DE MUSICOTERAPIA



FONTE: a Autora (2023).

4.2.1.1 Direitos

Enquanto um dos núcleos de significação que puderam ser extraídos dos Encontros de Musicoterapia, o direito apareceu sob três perspectivas: a) direitos violados; b) o direito a ter direitos; c) o direito de ser criança e, de certa maneira, estão todos interligados.

Direitos violados

Quando se trata de violência, é praticamente inevitável pensar nos direitos humanos, isso porque a violência, independentemente de qual tipo e forma, contra quem ou o que, fere os direitos humanos. A Declaração Universal dos Direitos Humanos proposta pela ONU, em 1948, foi uma tentativa de garantir que todas as pessoas, independentemente de raça, cor, credo, gênero e nação tivessem seus direitos assegurados. Em 1993, a ONU, com a Declaração Sobre a Eliminação da Violência Contra as Mulheres, passa a considerar a violência contra as mulheres como uma violação de direitos humanos.

Infelizmente, em seu cotidiano, as mulheres são espectadoras e vítimas desse mal que assola a civilização. Pequeno (2019) afirma que a primeira vítima da violência são justamente os direitos humanos, pois "quando praticada, algo de essencial no ser humano é conspurcado" (PEQUENO, 2019, p.113). A violência coisifica o outro, viola os direitos e nega a sua condição humana, não reconhecendo no outro uma pessoa dotada de dignidade (PEQUENO, 2019).

A dignidade é violada, subtraída, quando uma pessoa sofre uma violência. Não é fácil definir dignidade, mas poderia ser compreendida como "um conjunto de valores, princípios e normas que permitem a uma pessoa afirmar sua condição humana e viver plenamente sua existência" (PEQUENO, 2019, p.116). A fala de **Flora** ilustra como sua existência foi comprometida pela violência que sofreu: "*não recuperei, assim a dignidade*" (ao se referir à situação de abuso que sofreu aos 18 anos) (Encontro do dia 8/7/22).

E junto com a dignidade, o sentimento de segurança e de autoconfiança, também se esvai. Segundo Pequeno (2019, p. 116), a ideia de dignidade deveria "garantir a liberdade e a autonomia do sujeito, condições necessárias para a afirmação da sua humanidade". A fala de **Flora** denuncia como sua liberdade e autonomia foram

prejudicadas, e como o artigo 3º da Declaração Universal dos Direitos Humanos[48] foi infringido:

> eu ainda tenho muito medo, quase não saio de casa. Se saio é com alguém, daí, se eu saio na rua eu quero que alguém vá comigo e até para passear assim, às vezes, eu vou em alguns lugares, mas eu sempre vou com muito medo. Então aí fico com a localização 24hs, porque eu tenho medo, tenho medo e, é isso. (**Flora** - Encontro do dia 8/7/22).

A palavra despossuída, trazida por "**L**" representa o que a violência, a violação, produzem: "*Eu me sinto despossuída de poder, despossuída de autonomia, despossuída de entendimento sobre mim, sobre quem eu sou. Porque de certa forma, eu tô ligada a esse controle do outro sobre mim*". ("**L**" - Encontro do dia 27/5/22).

Percebe-se como os direitos humanos foram transgredidos, na medida em que teriam por finalidade "assegurar ao homem o exercício de liberdade, a proteção da sua existência e a preservação da dignidade que lhe é inerente" (PEQUENO, 2019, p. 116). Contudo, as falas de **Flora** indicam o contrário, o quanto sua potência de ser (SAWAIA, 1995) foi afetada: "*Aconteceu essa merda [violência] e não tô conseguindo existir. [...] Eu me sinto fraca. É sempre isso assim, eu me sinto muito impotente, sem saber lidar com isso e parece que nunca vou saber*". (**Flora** - Encontro do dia 8/7/22).

Outro aspecto a ser apresentado diz respeito ao quanto a violência na infância sequestra o direito da criança em ser criança. Pode-se inferir que uma criança em situação de violência familiar ou que sofre abuso e assédio sexual tem direitos violados quando lhe comprometem este ser criança. Toda criança tem o direito de viver essa fase em toda a sua plenitude, com brincadeiras, exploração e descoberta do mundo, como preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

O Art. 3º do ECA busca assegurar-lhes a proteção e os direitos básicos e fundamentais para o desenvolvimento:

> A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (ECA, 2010, p. 11).

[48] "Todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal".

A Constituição Federal do Brasil (CFB), em seu artigo 227, pretende assegurar que crianças e adolescentes não sofram nenhum tipo de violência:

> É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidades, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-la a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Lamentavelmente, muitas crianças e adolescentes vivem situações de violências, das mais diversas. A vida cotidiana é complexa e quando se dirige ao núcleo mais privado, como o familiar, muitas situações estão ocultadas e ali podem residir violências que nem sempre chegam ao conhecimento público.

Os recortes de narrativas de **Samanta**, que expõe partes de sua história na infância, na qual viveu uma situação de vulnerabilidade, de exposição ao perigo, de ameaças e a colocou em situações difíceis e que não lhe seriam pertinentes naquele momento de vida, incluindo diversas violências, mostram como seus direitos foram violados. Sua fala:

> *"Eu tinha 5 anos. Assim, quando meus pais se separaram, meu pai entrou na justiça contra minha mãe, por causa da guarda, que era compartilhada na época e ele questionou a sanidade mental dela, porque ela tinha depressão. Ele questionou dizendo que ela não tinha condições de cuidar da gente e etc. Era eu e meus irmãos. É enfim, foi uma briga constante [...] ele não queria a guarda, mas ao mesmo ele queria tirar a gente da minha mãe, até hoje não entendo o porquê. [...] Mais tarde ele fez várias coisas assim pra nós. Perseguiu a gente por muito tempo, é, teve tentativa de sequestro, teve bastante coisa, bastante coisa, bastante história. Daí no final das contas ele não tirou a gente do convívio dela, mas ele vendeu a casa que a gente morava, a gente foi despejado, aconteceram várias coisas. Fui crescendo nessa turbulência, foi isso, eu era bem pequenininha".* (**Samanta** - Encontro do dia 1°/7/22).

Em outro trecho, do mesmo Encontro, em que **Samanta** continua sua narrativa, expondo o cenário de violência que teve na infância, cenário nada saudável para uma criança:

> "*Eu vivi muito esse cenário de violência [...] quando eu tava vivendo na infância, essa situação, eu quase fui parar num abrigo [...]. Dentro de casa tinha muita violência … é … tinha muita violência entre meus pais. Meu pai, do meu pai pra minha mãe e meus tios, também. É … dois … eu tenho três tios. Dois deles eram usuários de droga e um deles é … foi assassinado*". (**Samanta** - Encontro do dia 1°/7/22).

A violência, quando no contexto intrafamiliar, pode ser praticada por entes de laços consanguíneos ou até mesmo por pessoas próximas à família, além de poder ser praticada de diversas maneiras (BUENO, 2019). Esse tipo de violência atinge a todos os membros da família, afetando-os de alguma maneira. O que pode ser observado, também na narrativa de **Samanta**, é a revitimização que ela e seus irmãos sofriam com as visitas do pai, impostas judicialmente:

> "*Desde que eu e meus 2 irmãos mais novos nasceram, meu pai demonstrou todo tipo de ação violenta, tanto contra a nossa mãe, quanto contra nós. Ações como violência física, psicológica, ameaças constantes, etc. Em 2006, [aos meus 5 anos de idade] meus pais se separaram, mas o sofrimento se manteve, pois éramos judicialmente obrigados a comparecer em visitas acompanhadas de assistentes sociais e psicóloga. Mesmo estando fora do convívio diário, nos primeiros anos após a separação, meu pai mantinha contato e também continuava sendo agressivo, tendo sequestrado eu e minha irmã uma vez e tentando por mais outras 3 vezes, além de tentativas de homicídio contra mim e minha mãe. Todos nós [minha mãe, eu e irmãos] sofremos ameaças contra a vida, perseguição constante e frequentes telefonemas que nos provocavam medo e angústia*". (**Samanta** - E-mail enviado à pesquisadora no dia 20/4/22).

Outro aspecto da violação refere-se ao corpo, ao pertencimento de si, do sentir-se dona de seu próprio corpo e aos talhos que a violência produz nesse corpo, na relação com o mesmo, o que se aborda mais adiante, na explanação sobre o núcleo Corpo.

As denúncias estão estampadas claramente nas narrativas das participantes. Essas e muitas outras mais, que não couberam ser aqui colocadas. Em vista disso, alguns questionamentos incômodos surgem: Como evitar que os direitos sejam violados? Que ações podem ser feitas? Qual é o papel social da Universidade?

Pequeno (2019, p. 117) destaca o alerta feito por Norberto Bobbio[49], referente à violação dos direitos humanos: "o problema grave do nosso tempo, com relação aos direitos humanos, não é mais o de fundamentá-los e sim o de protegê-los".

A pesquisadora e equipe acolheram essas narrativas e tiveram uma atitude de escuta e validação dos discursos, entendendo a importância que as falas tinham naquele momento. Ali instaurou-se um processo de entrar em contato com, em perceber uma dor, de reconhecê-la e verbalizá-la. Um espaço compartilhado onde

[49] Norberto Bobbio - filósofo político, historiador do pensamento político, escritor e senador vitalício italiano. Conhecido por sua ampla capacidade de produzir escritos concisos, lógicos e, ainda assim, densos. Combatente em favor dos direitos humanos.

todas puderam falar. Cantar juntas sobre as questões que as afligiam foi possibilitando modos de se ter outra dimensão de existir (CUNHA, 2016).

Essa escuta empática revelou-se de suma importância às participantes, conforme demonstra-se mais adiante, por reconhecerem, nos Encontros de Musicoterapia, um espaço onde se sentiram acolhidas, escutadas e validadas.

O direito a ter direitos

O direito a ter direito manifestou-se na fala de **Samanta**, ao denunciar que algo lhe foi subtraído e que é uma luta constante e cansativa "*não ter que fazer muito esforço para conquistar alguma coisa, é como se fosse alguma coisa que eu já teria direito*" (**Samanta** - Encontro do dia 13/5/22). E é complementado pela fala de "**L**": "*não ter que lutar todas as lutas*" ("**L**" - Encontro do dia 13/5/22).

A questão de ter direitos, de se reconhecer como uma pessoa possuidora de direitos, de não ter que mendigá-los, de ter direito à existência, ao prazer, ao deleite, que lhe era permitido desfrutar, reposicionar-se na crença de não possuir direitos foi algo que emergiu quando da composição de uma canção (Apêndice 14), no Encontro do dia 13/5/22. A fala inicial da participante "**L**" expressa essa aceitação:

> "[...] *mas essa questão de aproveitar de algo que é meu direito, eu concordo plenamente também é um desejo, mas eu tenho essa sensação de que parece que é algo que eu vou carregar pro resto da vida, então, me parece que é um direito que já ta me negado, já"*. (Encontro do dia 13/5/22).

Essa fala foi sendo (re)criada e novos sentidos foram sendo atribuídos, à medida que o processo de composição progrediu. Isso aconteceu tanto para "**L**" como para **Samanta**, que fizeram parceria na escrita da canção. Assim, ao final da canção, abrindo uma nova perspectiva, foi possível cantar: "*Caminhando sem o meu pesar. Deixar o peso para lá. Desejando que ninguém o pegue. E encerrar ciclos, não reproduzi-los. E criar um novo mundo para mim*".

Segundo o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, "todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões [...]". Entretanto, a fala da participante "**H**" trouxe o contrário, pois, em diversos momentos, ela não se sentiu ouvida, respeitada,

validada em seu discurso: *"[quero] ser ouvida, ter o direito de falar*". ("**H**" - Encontro do dia 27/5/22).

Ainda na perspectiva do direito a ter direitos, as participantes expressaram o desejo de existir enquanto pessoa. Todas as pessoas têm o direito de sentir que sua existência é válida, que sua vida vale a pena (BUTLER, 2019); de ter uma existência que inclua a possibilidade de ser feliz, de se sentir pertencente a um contexto micro ou macrossocial; de ter o direito de pode falar e ser ouvida, de ser respeitada em sua singularidade e, principalmente, de não sofrer mais violências.

Elencou-se algumas falas das participantes, em que expressaram nitidamente esses desejos:

1) Ser feliz: *"Eu quero ser feliz"* ("**H**" - Encontro do dia 3/6/22).

2) Pertencer a: *"[gostaria] De me sentir parte daquilo que eu participo. É …, me sentir incluída nas coisas"*. (**Samanta** - Encontro do dia 26/8/22).

3) Ser dona de si própria: *"Ter o controle / poder de volta para mim, porque eu acho que a cada violência que a gente sofre, a gente perde muito da gente. A gente perde, não sei, assim, o controle sobre nós".* ("**L**" - Encontro do dia 27/5/22).

4) Respeito a singularidade: *"Eu só espero ser aceita do jeito que eu sou, assim, sem ser julgada. Ser aceita é o que eu mais espero de qualquer relacionamento que eu tenho, seja de amizade, seja de família, seja amorosamente falando. É pouca, mas espero ser aceita e sem ter medo de ser quem eu sou mesma".* (**Oxigênio** - Encontro do dia 30/8/22).

5) Não sofrer mais violências: *"O que mais eu quero é não repetir ciclos (de violências)".* ("**H**" - Encontro do dia 27/5/22).

Passa-se ao outro subnúcleo, que é o direito a ser criança.

O direito a ser criança

O tema da criança surgiu nos Encontros de Musicoterapia, disparados principalmente pelo relato das participantes que sofreram abuso sexual na infância ou viveram violência intrafamiliar. A lembrança registrada por aquela criança era de um sentimento de medo, conforme exposto por **Nitrogênio**:

> *“Eu lembro de um medo, assim, da proximidade da pessoa, que não identificava o que aconteceu, mas dá um pânico, tipo, quero sair daqui, não quero abraçar, não quero ficar perto, era estranho. [...] É, tipo, as pessoas forçando: 'não, mas um ...ele é legal, você não quer abraçar?' E eu, 'não quero abraçar'. Aconteceu quando era muito pequena, eu tinha, acho que 2 anos, e aí eu passei a infância com muito medo, só que depois eu esqueci. Parei de ter medo da pessoa, sabe? Mas demorou muito, só que eu lembro de ... chegava na casa da minha avó e ele estava lá e queriam que eu abraçasse, e eu ficava tipo 'pelo amor de Deus, eu prefiro a morte a abraçar esse ser humano', sabe? [...] Era um sufoco, tipo, não sei se era tensão, medo, era pânico!”* (**Nitrogênio** - Encontro do dia 10/6/22).

Relato parecido, em relação ao medo, a criança assustada, está na fala da participante "**L**":

> *“Eu sinto essa tensão porque eu tenho uma memória de ... ter muito medo ... que essa pessoa entrasse no quarto que eu estava dormindo. No caso, também era na casa de uma avó de criação, assim. No caso, a pessoa foi o avô, né. Então, eu tinha muito esse medo, que ele entrasse no quarto. Que eu já tinha sofrido a violência e eu percebia os olhares, assim, ainda que eu fosse muito criança, né, eu percebia os olhares, percebia que às vezes, eles faziam gestos assim, para que eu ficasse na casa só com ele, sozinha, sabe?*” ("L"- Encontro do dia 10/6/22).

Contudo, aquela criança presentificada na adulta de hoje carrega uma carga emocional pesada. Para algumas, aparece a punição, a autocobrança, de que ela – a criança - deveria ter feito alguma coisa para evitar ter sofrido a violência.

A fala de "**L**" é bem representativa nesse sentido:

> *“É, e aí eu, às vezes, eu fico pensando bastante na minha criança assim de como eu vejo hoje né? Agora, já com outros significados ali, mas acho que às vezes eu chego nesse lugar também, de ver como uma criança, que de certa forma não mereceu, mas tinha toda uma situação ali que indicava que ia acontecer, sabe, então... E aí ficou uma sensação de que haviam adultos que não deram suporte, então, eu tento me dar esse suporte agora, mas é difícil. [...] Uma raiva de mim, assim, da minha criança. [...] Ah, é uma raiva de uma criança, de ser muito passiva, assim. [...] porque daí eu jogo essa raiva para uma criança que não teria condições de fazer nada. Ah, eu fico pensando 'ah, porque é que eu não tomei uma atitude?' Não sei, mas eu não tomaria uma atitude, não. Acho que eu tomei na verdade, enfim [...]”.* ("**L**" - Encontro do dia 24/6/22).

E a adulta de hoje culpa sua própria criança, criança essa que foi acuada, abusada, ficou exposta ao perigo, que teve seu direito violado, que comprometeu tanto a criança como a adulta. Essa criança que ainda permanece com a adulta: "*Então, aí parece que eu culpo a minha criança por ser quem eu sou hoje. [...] É uma crítica a*

uma criança muito reservada, contida. Eu acho que eu ainda tô, não avancei nesse sentido. [...] Eu me vejo ainda nesta criança, então". ("**L**"- Encontro do dia 24/6/22).

Outros trechos de fala, da mesma participante com a pesquisadora e o grupo:

> "**L**": *E isso é uma coisa que eu, às vezes, eu me sinto uma adulta embaixo da mesa, então. Eu acho que tenho essa questão ainda de … Isso tem a ver com se exigir. Querer me livrar, talvez essa criança*.
> Pesquisadora: Uhum. A criança ainda está debaixo da mesa?
> "**L**": *Ainda tá*.
> "**H**": *o que você sentia quando estava debaixo da mesa*?
> "**L**": *muito medo, assim, de ficar sozinha, assim. Porque era, sempre foi só eu e minha mãe, né. A gente tinha ... eu tinha muito medo, assim, de ficar sozinha.*
> **Membra da Equipe**: esse medo ainda existe?
> "**L**": *Sim. Mas é ... eu acho que eu continuo sendo a criança embaixo da mesa, com medo de perder as pessoas*.

Os encaminhamentos para as questões trazidas pelas participantes se deram em duas experiências musicais, em dois instantes distintos. O primeiro foi permitir que o sentimento se concretizasse sonoramente. Propôs-se que cada participante escolhesse instrumentos que construíssem uma sonoridade que pudesse representar aquele sentimento.

Dessa forma, cada uma expressou musicalmente seu sentimento, em momentos separados, em uma potente improvisação musical: uma para a raiva e outra para o pânico. A primeira participante buscou na potência sonora a sua marca mais expressiva, com bumbo, tambores e prato. A dinâmica realizou-se com uma intensidade fortíssima, com uma base percussiva repetitiva do tambor, sustentada pelo bumbo e intercalada com o prato. Essa estrutura sonora básica se repetiu por três vezes e, obviamente, por ser uma improvisação, não foram idênticas. O elemento sonoro que a participante buscou foi a percussão forte e repetitiva.

A improvisação da outra participante, para o pânico, encontrou na repetição da nota Sol do metalofone, sua sonoridade. Contudo, era uma sonoridade que a remetia diretamente à sua situação de violência e que lhe causava desagrado. Ao repetir aquela nota, **Nitrogênio** falou:

> *'Tá horrível, não queria ter passado por isso'. (*toca a nota sol, balança a cabeça e fala*: 'Péssimo'* (coloca as mãos sobre as teclas do metalofone). Nitrogênio*: 'uhum'* (com movimento negativo da cabeça) e diz: *'É esse som que soa'* (tocando a nota sol)*, 'o pânico para mim, aquela sensação de …'* (toca a nota sol, coloca as duas mãos na cabeça). *'Não quero esse homem perto de mim. E é horrível, porque eu fico imaginando a situação daquele homem grande, e*

> *eu pequena, sabe'.* (está bem emocionada, chorando). (Trecho extraído da transcrição do Encontro do dia 10/6/22).

A proposta, então, foi oferecer a possibilidade de dar um novo sentido para essas sonoridades e sentimentos, por meio de uma nova experiência musical. Propôs-se uma nova improvisação instrumental, convidando a participante **Nitrogênio**, a partir da nota sol (no metalofone, instrumento por ela escolhido) a ampliar musicalmente seu campo sonoro. Pesquisadora e equipe ofereceram uma estrutura musical, composta por piano e violões, dentro de um campo tonal em torno da nota sol. A participante improvisa livremente, sustentada harmonicamente pelos violões e piano, e encontra outras sonoridades (lhe agrada os *glissandos*[50]).

Ao final da improvisação (que dura 4 minutos) fala: *"ah, chega, achei muito fofo, muito livre, me sinto assim, me libertando, assim. [...] Ah, fui fora daqui, tchau* (fazendo movimentos com os braços, como afastando algo). *Tá tudo melhorando*. (Trecho extraído da transcrição do Encontro do dia 10/6/22). Pode-se compreender a potência dessa experiência musical a partir de Ruud (1997), que afirma

> A música em si parece promover uma forma de limpeza emocional, uma forma de expressão direta da emoção. Esta forma de se expressar através da música, ou de viver uma experiência musical forte, é uma forma de dar forma à expressão da emoção, ainda que não verbal. Pode apontar para a forma de expressão que experimentamos no início da vida; nossa forma de entrar em contato com nossos sentimentos de vitalidade. (RUUD, 1997, p. 93).

Esta improvisação de **Nitrogênio** ressoa em "**L**", que acompanhou todo o momento como ouvinte (não quis participar da improvisação). Quando **Flora** declarou que se sentiu libertando, "**L**" responde que também sentiu o mesmo, dizendo:

> *me envolvi nas minhas memórias, aqui, enquanto vocês estavam tocando. [...] Eu fiquei pensando, acho que … me veio essa sensação de libertação de alguma forma, só que também veio a raiva junto, então, uma coisa … Mas, tá … acho que pode ser por aí, também, pode ser um caminho.* ("**L**" - Encontro do dia 10/6/22).

Foi proposta uma improvisação que juntasse os dois sentimentos: raiva e pânico, o que foi acolhido por **Nitrogênio** e "**L**". A improvisação começa com "**L**" (junto com pesquisadora e equipe) tentando reproduzir o mais próximo possível a

[50] *Glissando* – passar de uma nota a outra suavemente. Neste caso, ela deslizou a baqueta pelas teclas do metalofone.

sonoridade feita anteriormente para a raiva e na sequência a improvisação de **Oxigênio**, que começa na nota sol, mas expande-se para outras notas, finalizando com *glissandos* ao piano e metalofone. Ao término dessa improvisação (que dura 2'84''), **Nitrogênio** se expressa: "*paz, me sinto me libertando muito. Gostei muito. Adorei ter vindo (esta é a sua primeira vinda ao Encontro) [...] é bom sair de um pânico, assim, de tipo, 'isso nunca vai acabar' para 'um final feliz'*". Ao que "**L**" responde: "*experimentar a imaginação de um final feliz*".

Essa experiência musical abriu uma perspectiva para um novo possível, em que se pôde ver a construção de um outro sentido, em relação àquela lembrança. Eis a fala de **Nitrogênio**:

> *foi bom, foi bom ter esse contato assim, de.... de acabar com a tensão, sabe? De... existem outras possibilidades. É difícil de... Tava bem mal, assim, eu tô mal. Aconteceram outras coisas, aconteceu essa violência, mas eu foquei nela, assim, e ah, eu gostei de, de tipo, atribuir um som ruim a ela, mas conseguir fazer algo que melhorasse ela, sabe, tipo melhorasse a sensação em relação a ela. Eu gostei da musiquinha de final de filme. Gostei muito. Porque eu acho que a gente fica esperando que acabe, assim. A gente não processa tudo, não consegue processar tudo, todos os impactos, mas a gente fica esperando que eles parem de nos atingir, de nos prejudicar, porque prejudica em muitas coisas e até em relacionamento assim com a família, sabe?* (**Nitrogênio** - Encontro do dia 10/6/22).

Um outro momento, para ilustrar a possibilidade de olhar para aquela criança sob uma nova perspectiva, sem a cobrança que a adulta de hoje estava fazendo para aquela criança, encontra-se a seguir. A temática do Encontro (dia 24/6/22) girava em torno da criança e nos sentimentos de raiva, de desagrado em relação àquela criança, de cobranças da adulta de hoje e ao que aquela criança sofreu. A proposta feita pela pesquisadora foi: Como acolher esta criança? Que canção poderia ser dedicada a esta criança? O que poderia ser cantado para esta criança? O que a criança gostaria de ouvir? Foi um momento difícil, de um longo silêncio entre as participantes. Para algumas não chegou nada.

Uma das participantes, depois de um tempo, trouxe a canção "Fui morar numa casinha". Após ser cantada uma vez, a pesquisadora convida a participante a cantar mais uma vez e pergunta como ela gostaria que a canção fosse cantada, ao que ela responde: *"como a gente canta Nana Neném, sabe? Um acalanto*" (Samanta). Com acompanhamento do violão (pesquisadora), o asalato (Samanta), clavas (Yolanda - equipe), metalofone (Julia - equipe), em andamento lento, a canção é tocada e cantada conforme ela havia indicado. A canção termina na frase "olhou pra mim, olhou

pra mim e fez assim", a pesquisadora questiona **Samanta**: "como é que ela fez?" Ao que a mesma responde: "*ah, ela chorou, né*". A canção se repete e ao final da mesma faz-se o som de choro (buáá á).

Nesse momento a participante está visivelmente emocionada, chorando. A pesquisadora pergunta: "Como você quer que ela te acolha, **Samanta**? Está bom assim?" (tocando o violão em andamento lento). A participante responde cantando a canção em *bocca chiusa*[51]. Ao final, a pesquisadora pergunta: "O que você responde para essa lagartixa?", ao que ela responde: "*eu não sei nem responder*". Ao ser questionada por outra participante, se a música lhe trazia um sentimento ruim ou não, **Samanta** responde: "*acho que é bom. Essa música, a minha mãe cantava pra ninar a gente, mesmo, quando eu era pequena*" (a participante acessa a memória de experiências positivas da infância). A pesquisadora indaga: "É uma canção que de alguma maneira te pega no colo, te nina?". A participante responde afirmativamente com um movimento de cabeça. A pesquisadora pergunta como o grupo pode acolher e acalentar e ela responde que gosta de abraço.

Diante dessa resposta propõe-se o banho sonoro[52], que foi realizado com a mesma canção, inicialmente em *bocca chiusa* e depois cantada. Ao final do banho sonoro a pesquisadora pergunta a **Samanta**: "o que você falaria para essa criança?", ao que a mesma, após um suspiro responde: "*que ela não deveria exigir tanto dela mesma. Eu acho que é isso*". Propõe-se levar para a experiência musical esta frase, cantando novamente a canção "Fui morar numa casinha":

Fui morar numa casinha, nha, nha
Infestada, da, da
De cupim, pim, pim
Saiu de lá, lá, lá
Uma lagartixa, xa, xa
Olhou pra mim, olhou pra mim,
E fez assim:
Não se exija tanto assim
Não se exija tanto (cantado e repetido várias vezes).

Ao finalizar a canção, a pesquisadora pergunta à participante: "vamos dar o direito de a criança **Samanta** ser criança?", ao que a participante ri e concorda com a

[51] *Bocca chiusa* – termo em italiano que significa cantar com a boca fechada.
[52] Banho sonoro - é uma técnica no qual a pessoa é colocada no centro da roda e recebe um banho de sons feitos pelas pessoas presentes. Tenta-se gerar um som grupal a partir da possível conexão empática com quem a está recebendo (SHAPIRA, s/ ano).

cabeça. O momento seguinte do Encontro foi de dedicatórias de canções para a **Samanta** criança. As canções cantadas foram: “Festa no Céu – A tartaruguinha” (Cancioneiro Popular) e “Não é proibido” (Marisa Monte, Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown).

Entende-se que a música foi uma possibilidade de expressão do mundo emocional interior das participantes. Como indicado por Baker, "a concretude das palavras comunica a história ou questão e a música expressa mais plenamente como a pessoa se sente sobre aquela questão, seu grau de significado pessoal"[53] (BAKER, 2015, p. 133).

A participante **Samanta** se empoderou daquelas memórias e emoções e, com a mediação da pesquisadora, deu um novo sentido para aquela criança, um olhar mais carinhoso, fazendo um movimento de reconhecimento de uma exigência desproporcional e caminhando numa direção de um possível reconciliamento com aquela criança, presente na adulta atual.

As dedicatórias de canções, oferecidas ao final da experiência foram importantes para aconchegar aquela criança que estava tão exposta, fragilizada, mas muito autêntica.

4.2.1.2 Ciclos de violências

Este núcleo de significação surge a partir das narrativas das participantes em relação ao que elas nomearam de ciclos de violência[54], ou seja, a repetição da violência em suas vidas. Como apresentado anteriormente[55], todas as participantes relataram ter sofrido mais de um tipo de violência.

O sentimento de que estão fadadas a sofrer violência, que vivem uma repetição da violência, está explícito nas falas de "**L**": "*E aí, eu até escrevi no meu formulário[56] que eu sinto que é um ciclo na minha vida, essa violência. Bem complicado*" (**"L"** - Encontro do dia 13/5/22). Nesse mesmo Encontro, "**L**" expressou o peso e a impossibilidade de ter o direito ao prazer, a um desfrute da vida: "*parece que*

[53] Tradução livre da autora.
[54] Mantém-se a fala original das participantes. Alguns autores (DOS SANTOS, 2021) descreve como ciclos de vitimização. Nesta pesquisa as participantes não usaram a palavra vítima em seus relatos, não se autodenominaram vítimas.
[55] No item 5.1.2.
[56] Formulário de Interesse de Participação nos Encontros de Musicoterapia.

é algo que eu vou carregar pro resto da vida. Então, me parece que é um direito que já tá negado, já, o de deleitar"[57] (**"L"** - Encontro do dia 13/5/22).

A mesma temática surgiu em vários Encontros e foi trazida por mais de uma das participantes. No Encontro do dia 13/5/22, trabalhou-se com a questão, por meio de uma composição/paródia (Apêndice 17). A letra da composição das participantes **"L"** e **Samanta** inicia falando do peso[58], das lutas, do reconhecimento de direitos, de ter que carregar.

Compartilham-se dores, sofrimentos, marcas. Contudo, na proporção em que a composição vai sendo construída, e com a mediação da pesquisadora e equipe, a canção se encaminha para uma mudança de perspectiva, em deixar o peso para trás, desvencilhando-se do peso e do que ele representa e desejando que nenhuma outra pessoa passe pelo que elas passaram.

E um novo possível surgiu e elas começaram a ressignificar, a dar um outro sentido para esse peso, essa dor, bem expressados na fala de **Samanta**: "*eu gosto do ressignificar. Eu vejo como dar outro nome ou ver de outra maneira, olhar de outro ponto de vista*". (**Samanta** - Encontro do dia 13/5/22).

Para **"L"**, o ressignificar representa-se pela palavra caminho: "*tem a palavra caminhar ali, né, talvez um caminho sem peso"* (**"L"** - Encontro do dia 13/5/22). E a canção termina com o desejo do encerramento dos ciclos de violência e um novo existir, expresso na frase: "criar um novo mundo para mim".

O processo de paródia/composição[59] do RAP envolveu um trabalho de reflexão pessoal e apropriação de cada uma, mas também das duas juntas, conforme elas foram compartilhando suas histórias, seus sentimentos e desejos. Juntas, fizeram um movimento de olhar para suas histórias, reconhecer as dores ali existentes, refletir sobre elas e com a mediação da pesquisadora e equipe, ir transformando a letra da canção. Inicialmente colocando-a em primeira pessoa e, em seguida, dando-se conta dos seus próprios desejos, fazendo uma mudança de discurso do peso para a leveza.

A musicoterapeuta Baker (2015) aponta como a experiência musical pode produzir reflexões, discussão de sentimentos e obtenção de *insights* sobre os mesmos. A composição dá o poder de dizer, de expressar o que quiser e do jeito que

---

[57] Frase dita no processo de composição de uma canção

[58] [peso] "uma coisa que você vai arrastando e que te dificulta o andar. [..] "Carregando o mundo nas costas" (**Samanta** - Encontro do dia 13/5/2).

[59] Pequenas alegrias da vida adulta - Emicida (2019).

quiser. Uma ação importante para as participantes, pois ao sofrerem violência elas se sentem sem poder, como expressado pela participante "**L**".

Em outro Encontro, a temática do ciclo de violência volta a aparecer, como pode ser conferido novamente na fala de "**L**": "*Um ciclo sem fim, né*. ("**L**" - Encontro do dia 10/6/22). Essa sensação de ser algo que não finda, também está presente na fala de **Nitrogênio**: "*A última [violência] né, as últimas [violências] que aconteceram este ano, acontece tanta, que você vê que é tipo, 'nossa quando é que vai acabar', sabe?"*. (**Nitrogênio** - Encontro do dia 10/6/22). Essa mesma participante sente-se injustiçada e exclama: "*Eu, eu fico tipo, meu Deus, eu quero que isso acabe e não acaba! E é horrível!* (**Nitrogênio** - Encontro do dia 10/6/22).

A repetição da violência afeta a vida da pessoa que a sofre "*Porque eu acho que a cada violência que a gente sofre, a gente perde muito da gente. A gente perde, não sei, assim, o controle sobre nós".* ("**L**" - Encontro do dia 27/5/22).

Novamente a temática do ciclo de violência aparece quando foi proposto pela pesquisadora trabalhar: "o que eu quero para mim". A participante "**H**" expressa:

> *Eu acho que ... eu o que eu mais quero é não repetir ciclos. Que, às vezes, a gente entra numa coisa e essa se repete, às vezes, um abuso que você não percebe, e aí você engole aquilo, mas logo em seguida vem uma outra coisa parecida com aquilo. E você talvez não enxergue de novo e engole de novo*. ("**H**" - Encontro do dia 27/5/22).

Como evitar ciclos de violência? Foi a pergunta que se instaurou no mesmo Encontro, instigada principalmente por "**L**": "*Isso que me, me encuca, porque depende muito do outro, nesse caso. Não sei se faz sentido. De certa forma, porque, como que a gente evita um ciclo se nós não somos culpadas pela violência?"* ("**L**" - Encontro do dia 27/5/22). Ao que "**H**" responde: "*Acho que é uma linha muito tênue, porque a gente …, a partir do momento que a gente pensa, como é que eu vou evitar isso, a gente pensa em se isolar, tipo, de não dar margem para mais nada…*" ("**H**" - Encontro do dia 27/5/22).

O que se segue na fala das participantes "**L**" e "**H**" é a percepção de que o poder todo está no outro. A pesquisadora propõe um deslocamento dessa percepção, convidando-as a pensar: o que **eu** posso fazer? Qual é o poder que **eu** (e não o outro) tenho? Diante da dificuldade por parte das participantes em pensar como ter 'esse poder' e evitar ciclos, a pesquisadora propõe que uma participante diga para a outra qual o poder que teria.

Assim acontece, com "**H**" dizendo para "**L**": "*Eu acho que ela já está no caminho. A partir do momento que ela decidiu denunciar, por exemplo, ela tá tomando o poder para ela. Falando 'não, não vai acontecer de novo, não quero você na minha vida'. Esse é um tipo de poder*". Na sequência, "**L**" diz para "**H**": "*se escutar, ser ouvida, ter o direito de falar e conseguir estar*".

Após a troca entre as participantes e de um momento de reflexão, a participante "**L**" diz:

> *Eu acho que talvez, em relação a ciclos… acho que é uma questão da gente entender melhor o que acontece. Se acontece a gente é... deixa claro pra gente mesmo de, que bom .... está acontecendo. Isso não é culpa minha. De certa forma, eu não tenho esse controle sobre o outro, mas se aconteceu, enfim, isso, não fui eu a responsável por esse ciclo. Então, eu acho que, talvez isso, um certo entendimento, uma percepção de si, da situação. Mas ainda é muito complicado, né? Saber que pode acontecer e a gente... tudo que a gente tem, de certa forma, é isso. Se entender e 'bom não sou a culpada, mas aconteceu'. Fica um sentimento de injustiça, na minha cabeça fica um … uma injustiça ali, uma frustração, eu não sei*. ("**L**" - Encontro do dia 27/5/22).

É possível constatar como a participante "**L**" deu um passo para um novo olhar, embora seja difícil, com sentimentos contraditórios, mas abriu-se uma percepção importante de não carregar a culpa de ter sofrido a violência.

No mesmo Encontro, um novo diálogo se fez em torno dessa questão, com a intenção de juntas, participantes, pesquisadora e equipe, construir algumas estratégias de ação e proteção. A pesquisadora fez esclarecimentos, com a intenção de ajudá-las a perceber, sobre as atitudes manipulatórias que o agressor usa para confundir a mulher, principalmente no sentido de desqualificá-la, de colocá-la em uma situação de vulnerabilidade e assim conseguir o que quer. Compreender essas manipulações pode ajudá-las a criar estratégias de defesa.

Não há ingenuidade de acreditar que as legislações dirigidas à proteção das mulheres inibem que a violência siga acontecendo. Dados estatísticos, estudos, pesquisas e teorias que buscam explicar os porquês da violência (que são de fundamental importância), não dão cabo de fazer com que se reduza os números de vítimas (violências e feminicídios) no cenário nacional.

Prover as mulheres com conhecimentos, esclarecimentos, reflexões, experiências compartilhadas, pode contribuir para que tenham algum tipo de recurso e saibam lidar com possíveis situações de abuso e violência.

Um outro tipo de ciclo de violência identificado durante a pesquisa de campo ocorreu com algumas mães das participantes, que também sofreram violências, assim como suas filhas, em uma repetição geracional. Aqui, não são compreendidas como legados, como no conceito de Transmissão Intergeracional da violência doméstica intrafamiliar, descritos na literatura, como um padrão contínuo de eventos de violência (SANTOS, 2021), mas, sim, na perspectiva de que há um entrelaçamento das histórias e de alguma maneira afetam a vida da filha/participante.

Das seis participantes, três comentam sobre a presença da violência na vida de suas mães. **Samanta** expressa a violência que atingia não somente a mãe, mas toda a família: "*Meu pai era bem abusivo com a minha mãe e isso se tornou pra família toda"*. (**Samanta** - Encontro do dia 13/5/22). "**L**" deixa explicito o tipo de violência que a mãe sofreu: *Minha mãe sofreu bastante, o abuso sexual* (**"L"** - Encontro do dia 13/5/22). Na complementação da fala de "**L**", há uma denúncia de homens abusadores, reprodutores de violências:

> *Só que, é... foi nessa família que eu sofri abuso, né? Por parte do avô, assim considerado. E a minha mãe sofreu assédio para caramba, assim, da parte desse avô, do filho dele e do irmão. Era tipo irmão assim, então, todos os homens ali reproduzem violências, assédio. [...] A minha mãe, é sim, a minha mãe, eles iam na nossa casa, então eles, enfim, ficavam vigiando ela, sempre muito bêbados, muito bêbados, essa coisa da bebida envolvida. Aí, esse filho dele já chegou a entrar dentro de casa, tentou ... enfim, minha mãe tava no banho, ele entrou no banheiro, sabe, tentou fazer alguma coisa com ela, mas não fez, mas, enfim, ela vivia morrendo de medo ou com a casa trancada*. (**"L"** - Encontro do dia 27/5/22).

A percepção da participante de que, pela circunstância da mãe ter sofrido violência, comprometeria a possibilidade de lhe transmitir algo (SANTOS, 2021; SANT'ANNA; PENSO, 2018), fica expresso na fala de **Flora**: "*Minha mãe sempre foi muito consciente, mas ela também aceitou muita violência. Como que ela ia poder me ensinar?*" (**Flora** - Encontro do dia 8/7/22).

Flora foi agredida fisicamente por um namorado. Ela também relata que o relacionamento com a figura masculina é comprometido, não sabendo diferenciar algo que fosse carinhoso:

> *Não sei, eu acho que me acostumei a ser tratada dessa forma [desrespeitosa]. Teve violência desde relacionamento, desde os meus treze anos, assim, que eu apanhei de namorado, minha mãe chamou a polícia pra me buscarem ali então eu sempre vivi em meios, assim, muito violentos. Então eu não tinha uma postura assim de um homem que fosse bom, eu não sei reconhecer um homem que fosse bom pra mim. Meu pai era um bom pai,*

> *é um bom pai, mas ele não é afetuoso, meu irmão também, tá sempre tipo, me xingando de filha da puta, de cachorrinha, essas coisas. Então eu nunca sabia o que era carinho ou não e eu acho que eu não tinha voz pra falar sobre isso*[60]. (**Flora** - Encontro do dia 8/7/22).

A presença da violência na vida da mãe reforça um pensamento sobre a questão da repetição da violência, que parece indicar uma inevitabilidade em viver dentro desse ciclo. A narrativa de "**L**" clarifica esse pensamento:

> *Porque minha mãe conviveu com um avô também, que ... ele abusou 13 anos das filhas, então.... ela foi criada pelos avós, então, isso já era uma coisa na família. Histórico na família. [...]. Muito ... um ciclo de violências que as mulheres não conseguem. [...] Por ouvir as histórias da minha família, ouvir a minha história, a minha sensação é essa, de que a gente está fadada a um ciclo de … qualquer momento a gente está suscetível a sofrer algum tipo de violência. Apenas por ser mulher, né?* ("**L**" - Encontro do dia 27/5/22).

A maneira de ter sido educada pode refletir inconscientemente em relacionamentos nos quais a pessoa se envolve (SANTOS, 2021). Mas isto não significa que o ciclo não possa ser questionado e rompido, com uma ruptura da naturalização de papéis estereotipados de gênero (SANT'ANNA; PENSO, 2018), como pode-se observar na narrativa de **Oxigênio**:

> *Na minha criação, sempre foi ensinado de que o homem pode fazer tudo e a gente só tem que aceitar isso e fingir que nada aconteceu. É, a minha mãe sempre falava para mim, entra no ouvido e sai no outro. 'Aí eu falo, mãe, mas se entrou aqui, vai rodar muito da minha cabeça para sair e não vai sair'. É que eu não consigo, eu fico com aquilo ali na minha cabeça e sempre, né? E aí, sempre foi essa relação, assim, de todos os relacionamentos. Tanto é que aí eu, eu tenho consciência disso agora e ponderando todas as coisas, eu até me questiono se eu realmente sirvo para estar em relacionamento, porque para mim parece que nem funciona isso. Porque é automático eu estar nessas relações interpessoais amorosas, eu sempre entro nisso sem perceber assim, nesse modo passiva e que é submisso a tudo. É difícil de sair dessa condição. É uma luta constante para mim*. (**Oxigênio** - Encontro do dia 30/8/22).

Os Encontros de Musicoterapia tiveram ressonâncias para a participante "**L**", o que a levou a buscar diálogo com a mãe. A mãe conseguiu falar das violências que sofreu, mas não conseguiu falar das violências da filha.

---

[60] Essa fala de Flora foi apresentada quando relata o assédio que sofreu aos 18 anos e que deixou marcas muito profundas em sua vida.

> *A gente começou a conversar agora sobre isso, mas ... A minha mãe foge e a mãe fala assim, muito abertamente do que ela viveu com eles, com a família. Mas no ... de mim, assim, ela não consegue conversar. Quando eu falo para ela, ah ... eu falei para ela que eu estou fazendo Musicoterapia, envolve a sua questão da violência. Ela não respondeu nada, ela não consegue falar sobre isso, então* … ("**L**" - Encontro do dia 27/5/22).

Samanta, que viveu parte de sua infância em um ambiente com violência familiar, no qual viu a mãe estar sujeita à violência do pai e da família dele, viveu um primeiro namoro que reconheceu, a partir de sua participação nos Encontros de Musicoterapia, como tendo sido um relacionamento abusivo, inclusive comprometendo seu relacionamento com a mãe, durante o período do namoro. Pode-se perceber a importância dos Encontros para **Samanta**, que a ajudaram a reconhecer esse relacionamento abusivo e tornar-se um pouco mais ciente da situação vivenciada (mesmo que o relacionamento já houvesse findado), e, quiçá, entrar mais consciente em um próximo relacionamento.

Algumas teorizações[61], como a teoria do desamparo aprendido, a teoria da aprendizagem social, a naturalização de comportamentos violentos, teoria de Pollack (modelo intergeracional de violência doméstica - IMDV), a transmissão entre gerações dos papéis de gênero, têm sido propostas para ajudar a compreender situações de repetição de violência geracional, particularmente em situações de violência doméstica.

Tornar-se consciente das situações vividas, entender que o agressor tem um perfil manipulador, que ciclos de violência podem ser rompidos são importantes ferramentas para mulheres que sofreram violência.

4.2.1.3 Corpo

O corpo abriga a nossa existência. O corpo guarda nossos segredos. O corpo pulsa, vibra, se expande, se encolhe. O corpo sente e ressente. O corpo dói. O corpo se expressa. O corpo (não)pode. O corpo segura o instrumento musical para soar e ressoar. O corpo que contém a voz e que a libera.

---

[61] Podem ser encontradas na dissertação: SANTOS**,** A. P. DOS. **De mãe para filha**: a transmissão da violência doméstica entre gerações e a trajetória de vitimização entre mulheres, de autoria de Angélica Pereira dos Santos, 2021.
Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/43826/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Ang%C3%A9lica%20Pereira%20dos%20Santos.pdf.

O corpo carrega e se relaciona com o meio, com outros corpos. "O corpo é móvel, fluido e sua materialidade está eternamente em negociação com a exterioridade". (CAMPOS; SILVA, 2020, p. 105). O corpo é espaço (CAMPOS; SILVA, 2020).

Durante os Encontros de Musicoterapia, surgiram questões relacionadas ao corpo, à imagem corporal, ao corpo violado. E, também, sobre as marcas que a violência produziu em seus corpos. Retrata-se, na sequência, narrativas que expressam essas questões.

O corpo que sofreu violência não está incólume, intacto, como pode-se constatar, a seguir, nas elocuções das participantes. "**L**" afirma (Encontro do dia 27/5/22), "*esse corpo vai carregando isso*". O que se carrega são distintas 'marcas, tatuagens, cicatrizes, um peso'[62] a ser carregado.

Flora (Encontro do dia 8/7/22), fala de um sofrimento, uma dor, um corpo violado e que traz reflexos até os dias atuais, causando medo e limitando suas ações: "*doeu bastante ... é, meu corpo, é meu espaço, então, violentou isso e até hoje eu tenho bastante coisa assim que eu não faço por causa dessa situação".*

Quando o corpo, esse corpo feminino, é violado, pode ser narrado como um espaço de rejeição, com sentimentos de nojo e culpa (CAMPOS; SILVA, 2020). É o que se pode perceber na fala de "**L**", que ainda acrescenta a vergonha ao seu corpo, fato que ressurge quando de um novo relacionamento afetivo:

> *Você começa a se relacionar, eu fui percebendo agora no relacionamento, de que essa questão da vergonha do corpo, que eu pensei, nossa, realmente tem muita coisa aí. [...] Eu desenvolvi, assim, um nojo pelo meu corpo. Bem bizarro*. ("**L**" - Encontro do dia 10/6/22).

A percepção pode estar comprometida, demonstrando uma insatisfação com seu próprio corpo e uma busca por reconhecer esse corpo, que por vezes pode ficar 'abandonado'. As palavras de **Flora** ilustram isso:

> *Eu tento, assim, me ver e sentir se eu tô dentro do meu corpo. E a academia é justamente pra isso, porque eu tinha esquecido de como era ter um corpo aí. Quando eu comecei a reparar eu tava vendo só coisa feia, tipo, eu não tava satisfeita. E aí eu ficava ofendendo e não sentia Eu*. (**Flora** - Encontro do dia 29/7/22).

[62] Palavras atribuídas pelas participantes "**L**" e **Samanta,** no Encontro do dia 13/5/22.

O corpo, por mais que seja individual, singular, está marcado pela relação com o outro, "ativamente produzida ‘em’ e ‘através’ das relações de interação espaciais" (CAMPOS; SILVA, 2020, p. 106). Um corpo que quer se esconder, que não pode aparecer, que precisa ser protegido para que não sofra mais. O corpo que não deve ficar exposto a uma nova violência. Pessoas que sofreram abuso podem assumir comportamentos retraídos (CRUZ *et al.*, 2021).

A narrativa da participante "**L**", resgatada em sua memória, demonstra essa condição:

> *Tive muitos problemas com exibição, assim em sala de aula. Não conseguia fazer nada, assim, essa coisa de você se mostrar, então, eu queria, sempre ficar me escondendo, porque né, percebo hoje que tem bastante relação com coisa de corpo, coisa de … enfim, muitos impactos.* ("**L**" - Encontro do dia 27/5/22).

> *Eu sou uma pessoa muito contida … como eu fui contida, como eu tive medo de me mostrar, assim, não só de personalidade, mas corporalmente falando, inclusive. É porque é isso, eu queria de certa forma não ser vista. Então, porque eu não queria ser vista por 'aquela' pessoa, né. Então, não daquela forma, né.* ("**L**" - Encontro do dia 10/6/22).

A percepção de não ter controle, de não ser dona do seu próprio corpo, de estar despossuída dele. Esse corpo que foi violado e que por isso ficou exposto ao outro. Esse espaço, tão íntimo e próprio, que ao ser violado marca uma perda de controle, um limite rompido entre ela própria e o mundo exterior (CAMPOS; SILVA, 2020). A fala de "**L**" expõe claramente isto:

> *No meu caso, eu sinto isso [despossuída] muito no meu corpo. Então, por eu ter sofrido um tipo de violência sexual, o meu corpo tá muito num lugar, assim, de que eu sinto meu corpo completamente abandonado ao outro, assim, a toda essa história que eu vivi. É … não sinto que eu tenho poder sobre o meu corpo. Não sinto que ele é utilizado pra mim, assim. Eu tô sempre nessa sensação de que esse corpo carrega memórias, assim. Memórias ligadas a esse outro. E eu não consigo sair disso*. ("**L**" - Encontro do dia 27/5/22).

Esse corpo também pode ser visto como merecedor de (auto)ferimentos. Um corpo que merece ser castigado, punido. O corpo sofre as agruras da mente, pois o corpo não está desvinculado da mente. Os excertos a seguir, de "**H**" e de **Flora**, ilustram isto: "*Eu tenho pensamentos suicidas e coisas assim* ("**H**" - Encontro do dia 20/5/22). "*Quando eu tenho essas crises eu me bato muito e me machuco bastante. Quando a gente está ali naquela bolha horrorosa a gente não se percebe, o nível da maldade que a gente se faz, né?"* (**Flora** - Encontro do dia 26/8/22).

Por vezes, uma trajetória de vitimização, segundo Santos (2021), pode levar a pessoa a se tornar limitada ou até mesmo impotente para reagir diante das adversidades. De tal forma que o corpo paralisa e a pessoa não consegue ter uma ação mais efetiva diante de determinadas situações. A percepção também pode se tornar comprometida.

A paralisação está nos relatos de duas participantes: "*Acho que é uma sensação de que eu paraliso, não resolvo muito as coisas, embora eu acho que estou resolvendo"*. ("**L**" - Encontro do dia 7/5/22) e "*Talvez esse seja o meu problema, eu geralmente … eu paraliso quando acontece alguma coisa. Eu não reajo. Eu fico, tipo, não sei, eu travo*" ("**H**" - Encontro do dia 27/5/22).

A incredulidade diante da violência também faz com que haja uma dificuldade de mover-se, de colocar-se em ação. A fala de "**H**" representa bem essa situação: "*A gente dá uma travada na hora, não sabe exatamente, tipo, é isso mesmo? Não é possível que seja [violência]*. ("**H**" - Encontro do dia 27/5/22).

A latência de conteúdos, por vezes não percebida sobre as questões corporais manifestaram-se no musical. No Encontro do dia 29/7/22, **Flora** traz a canção "*All I want*" (Kodaline), no qual há a repetição da frase "*Take my body*". Ao final da canção dá-se o seguinte diálogo entre pesquisadora e participante (extraído da transcrição do Encontro do dia 29/7/22):

- Pesquisadora: *Take my body*?
- **Flora**: *É … meu corpo (risos)*
- Pesquisadora: Pois é. É o que eu estou pensando. Você começou falando do corpo, chegou falando do corpo e cantou a música …
- **Flora**: *Eu nem pensei nisso (risos). Que doido! (risos)*
- Pesquisadora: que outra música chega para você?
- **Flora**: *se for nesse aspecto de corpo: Triste, Louca ou Má, sabe?*
- Pesquisadora: Uhum
- **Flora**: *Representa bastante, se for nesse pensamento …*

A participante percebe a temática que estava latente desde o início do Encontro, quando ela chega falando ter vindo da academia e “ter que” dar uma atenção ao corpo (no aspecto físico). O que se revela ao longo do Encontro é algo mais profundo do que somente a parte física, mas um conteúdo subjetivo de sua

relação com o corpo, um corpo que foi violado e maltratado. Ao longo da sua participação nos Encontros ela vai declarar um perdão a esse corpo.

Os corpos revelaram, em posturas encolhidas, braços cruzados, mãos que permaneciam guardadas no bolso por muito tempo, olhares vagos, fugidios, cabisbaixos, algo de doloroso, de misterioso, secreto. Contudo, ao longo dos Encontros pôde-se observar mudanças nestes corpos. De posturas encolhidas, com bonés enterrados na cabeça, quase ocultando os olhos, para posicionamentos mais abertos, olhares mais diretos, posturas mais eretas.

Os corpos também mostraram suas potências ao tocar, ao cantar, ao dançar. A força ao tocar a raiva, o pânico, de chutar um instrumento que representava o abusador, possivelmente construíram outras formas de ser e estar naquele momento. Para as participantes ter tido a oportunidade de vivenciar essas experiências musicais e corporais, acredita-se, foram muito potentes para produzir formas de existir, de resistir, de transformar. Depoimentos na entrevista coletiva e na entrevista final corroboram essa crença.

Entende-se que os corpos sofridos, violados, foram afetados por outros corpos, igualmente sofridos e violados e nestas afecções alterações podem ocorrer, permitindo que a potência seja aumentada ou diminuída (SPINOZA, 2009). Nessas afecções, abraços foram trocados entre as participantes. De "*abraçar as dores*" (**Samanta** - Encontro do dia 6/9/22) da outra (e as suas), de oferecer um "*abraço musical*", abraço esse que vai além do físico (**Flora** - Encontro do dia 6/9/22) e também abraços coletivos.

Esses corpos também pediram consolo, carinho e conforto. Os abraços físicos foram requisitados pelas próprias participantes, quando questionadas sobre o que poderia ajudar em um momento do Encontro em que estavam muito mobilizadas emocionalmente. "*Eu gosto de abraço*", foi a colocação de **Samanta** (Encontro do dia 24/6/22), ao ser perguntada como o grupo poderia acolhê-la, depois de um relato com uma forte carga emocional.

Esses corpos também puderam dedicar-se a outros corpos, nos Encontros. Assim, abraços também foram oferecidos pelas participantes quando percebiam que a outra estava em um momento de muita emoção, ou de fragilidade, seja por ter relatado algo ou após um momento musical intenso. Sempre com o cuidado de perguntar antes, se poderiam dar um abraço. "*Ah, eu quero abraçar ela. Posso abraçar*?" (**Samanta** - Encontro do dia 8/7/22). **Flora** também se manifestou, dizendo:

"*Eu gosto muito de abraço quentinho e você sabe disso*", depois de receber um abraço de outra participante (Encontro do dia 8/7/22).

Outra forma como esses corpos (com todos os seus sentires) foram acolhidos, foram em momentos que receberam canções dedicadas especialmente a elas. **Samanta**, após receber uma canção dedicada a ela, retribuiu com um abraço e um "*obrigada*" (Encontro do dia 10/8/22).

Assim, entende-se que esses momentos foram experiências positivas, de contato com o corpo da outra pessoa. Um contato não ameaçador. Um momento acolhedor, tão necessário para esses corpos invadidos, violados, profanados. Uma outra possibilidade desses corpos se colocarem diante de outros corpos.

Ao se entender que o "corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída" (SPINOZA, p. 99) não paginado), propôs-se, em alguns Encontros, momentos de contato com o seu próprio corpo, numa percepção corporal, de que aquele corpo estava necessitando e assim, tentar proporcionar uma experiência positiva e acolhedora.

4.2.1.4 Caixa de Sentires

Este núcleo de significação - de sentimentos e de emoções - chamado de caixa de sentires, foi o mais volumoso em termos de pré-indicadores extraídos das falas das participantes. Isso quer dizer que muito se falou, cantou e tocou sobre.

Emoções e sentimentos, segundo as autoras Machado, Facci e Barroco (2011) ao citarem Smirnov, "se desenvolvem e se modificam, são constitutivos da personalidade e permeados por vivências e pela história". Pessoas agem na realidade, mas também reagem a ela e a maneira de reagir diante das "coisas, acontecimentos e as pessoas é definida por emoções e sentimentos" (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011, p. 651).

Muitos desses sentires estão interligados uns com os outros, pois enquanto seres humanos há uma cadeia de emoções e sentimentos que são ativados diariamente, podendo um levar a outro ou mesmo senti-los simultaneamente. Há tanto uma subjetividade como uma objetividade nesses sentires. Para quem os sente, são subjetivos, contudo, objetivos a partir de sua origem (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011). Muito do que é aqui apresentado, e que está presente nas narrativas das participantes, originou-se nas experiências negativas das violências sofridas.

As emoções afloram frente a situações do cotidiano e são consideradas funções psicológicas superiores, portanto, segundo Vigotski (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011, p. 651), "culturalizadas e passíveis de desenvolvimento, transformação ou novas aparições" e são "formadas a partir de condições histórico-sociais, portanto, aprendidas em determinado contexto". Para pessoas que sofreram violências repetidas, alguns desses sentires, segundo Santos (2021), podem ser: insegurança, baixa autoestima, culpa e passividade. E se presentificaram nas narrativas das participantes.

Na caixa de sentires couberam sentimentos e emoções como: culpa; vergonha; frustração; mágoa; raiva; decepção; sentimento de fracasso; medos; aflições; apreensões; tensões; sentimento de injustiça; impotência; medo de ser julgada; medo de não ser compreendida; medo de falar em sala de aula; medo que o sentimento seja diminuído; medo de perder pessoas, medo do abandono, medo de estar sozinha; impotência; sentimento de invisibilidade; desamparo; desvalorizada; despossuída; desautorizada entre outros. Contudo, pode-se observar muitos outros sentimentos e emoções (mais positivos) durante os Encontros, principalmente relacionados às experiências musicais, que apareceram ao longo do relato dos resultados.

Foram selecionados alguns sentires, ou porque estiveram mais presentes, ou pela força emocional e impactante que tiveram durante os Encontros. Em outras partes desta tese aparecem outros sentimentos e emoções, quando discutidos em outros núcleos de significação. Destaca-se dois deles: medos e culpa.

Medos

Dentro dos discursos produzidos pelas participantes, o medo esteve presente em vários momentos dos Encontros. Quando contabilizada, a palavra medo soma 95 ocorrências. O medo apresentou-se de diferentes formas, em momentos distintos na vida das participantes, referindo-se a si própria ou a outra pessoa (mãe), relacionado à figura do agressor/abusador, a um gênero específico (homens), receio de que aconteça uma nova violência, de circular por espaços públicos, ou de uma ação (denunciar).

Boen e Lopes (2019, p. 8) afirmam que o "medo é um aspecto bastante variável e subjetivo [...] e é socialmente produzido". Os autores creem que "algumas

situações geram sentimentos de medo mais do que outras – e isso acontece por diversas razões" (BOEN; LOPES, 2019, p. 8), e que são motivadas por distintas circunstâncias, como conferido nas narrativas que seguem.

As lembranças do abusador e do medo que a situação causava, associada a outros diferentes tipos de emoções e sentimentos, estão representadas na fala de **Nitrogênio**:

> *Eu lembro de um medo, assim da proximidade da pessoa … mas dava um pânico, tipo quero sair daqui, não quero abraçar, não quero ficar perto, era estranho. Não sei se era tensão, não sei se eu descreveria como tensão… eu passei a infância com muito medo … era um sufoco, tipo, não sei se era tensão, medo. Era pânico!* (**Nitrogênio** - Encontro do dia 10/6/22).

Nitrogênio, tecendo sua narrativa, conseguiu identificar qual emoção sentia. Como era muito pequena quando sofreu o abuso, seus sentimentos eram confusos. Poder trazer ao presente, rememorar o que sentia, nominá-los e trabalhá-los, foi um processo de negociação dela consigo mesma. Campos e Silva (2020, p. 104), afirmam que "as memórias das vítimas não é o resgate do fato em si, mas a forma como o passado é rememorado na mediação com o presente em um processo de negociação entre si e os outros".

"**L**" também expôs esse medo da figura do abusador, presente em sua memória: "*Eu tinha muito medo, medo de que ele entrasse no quarto*". **("L**" - Encontro do dia 10/6/22).

Nesses dois excertos, observa-se quão assustador, para uma criança que sofre violência/ assédio sexual na infância, é a figura do agressor e a tensão constante que se cria. Mesmo para crianças de pouca idade, que ainda não conseguem elaborar claramente que são vítimas de um adulto abusador, a própria presença da pessoa é suficiente para causar um mal-estar, desejando o distanciamento do mesmo (PAIXÃO; SOUZA NETO, 2020).

Um sentimento de insegurança, de vulnerabilidade e da iminência de algo acontecer constituíram o cenário na infância de "**L**", que relata:

> *Eu lembro que eu tinha muito medo dele entrar no meu quarto, assim, que eu dormia no quarto separado, no quarto de visita. Então eu trancava a porta, só que era aquela tramelinha de madeirinha, que era só uma pessoa erguer, assim. Então eu tenho muito essa lembrança desse medo, disso. Que eu morria de medo dessa porta que... eu, eu tinha a sensação que essa porta sempre era aberta toda a noite.* ("**L**" - Encontro do dia 27/5/22).

Sentimento similar, de uma infância permeada pelo medo, está na colocação de **Nitrogênio**: "*Aconteceu quando era muito pequena, eu tinha, acho que 2 anos, e aí eu passei a infância com muito medo".* (**Nitrogênio** - Encontro do dia 10/6/22).

O vivido na infância, que deixou marcas na memória e no corpo, pode permanecer ainda nos dias atuais: "*Porque a memória que eu tenho, assim, de um medo muito específico, assim, da pessoa passar a mão em você, né. E eu tenho até hoje assim, esse medo.* (**"L"** - Encontro do dia 10/6/22). Esse medo que se presentifica e se atualiza pode ser olhado, trabalhado, reelaborado, para que possa ser amenizado e que, talvez, deixe de ser tão perturbador.

Outro medo emergido foi o de sofrer uma nova violência. A fala de **Flora** demonstra esse temor:

> *Eu tenho medo de só acontecer de novo, de me sentir nessa situação e vivo em função de não acontecer, né? [...] Mas eu evito de ficar sozinha porque eu tenho medo e não é tipo medo 'ah, eu não aceito a minha pessoa, eu não gosto da minha companhia. Não, é medo de ser violentada! É medo de qualquer um, assim.* (**Flora** - Encontro do dia 8/7/22).

Quando as participantes mencionam o ciclo de violências (um dos núcleos de significação abordados no item 5.2.1.2), também aparece a questão do medo de que alguma outra violência aconteça de novo.

O medo de circular por espaços públicos ou sair da segurança da sua própria casa, com receio de encontrar o agressor, encontra-se no dizer de duas participantes: "*E até hoje eu tenho medo de encontrar meu pai na rua"*. (**Samanta** - Encontro do dia 1°/7/22); e "*Eu ficava morrendo de medo, tinha pânico de sair na rua e ficava olhando para tudo quanto era lado".* (**"L"** - Encontro do dia 20/5/22). Para **Samanta**, o medo ainda está presente, enquanto que para **"L"**, a mudança de bairro, onde o agressor trabalhava e onde sofreu *stalking*, trouxe um certo alívio.

O medo de sair sozinha na rua e a necessidade de ter uma companhia para se sentir um pouco mais segura é encarado por **Flora** como um desafio, algo a ser superado:

> *Eu ainda tenho muito medo, quase não saio de casa, se saio é com alguém. Se eu saio na rua eu quero que alguém vá comigo e até para passear, assim, às vezes, eu vou em alguns lugares, mas eu sempre vou com muito medo". [...] O medo é constante. Eu acho que todo mundo tem medo, todas as mulheres têm medo e eu me sinto um pouco bicho do mato, porque, daí eu não consigo fazer muita coisa, ter coragem. Aos poucos eu vou tomando coragem*. (**Flora** - Encontro do dia 8/7/22).

O medo e o desejo de afastamento do agressor (quando ainda criança) ou da pessoa do mesmo sexo (PAIXÃO; SOUZA NETO, 2020) são compreensíveis para pessoas que sofreram abuso sexual na infância. Não se descarta a possibilidade de "criar uma aversão a relacionamentos com pessoas do mesmo sexo do agressor". (CRUZ *et al.*, 2021, p.1376).

A narrativa de **Nitrogênio** deixa evidente: "*Porque eu tenho muito medo, projeto muito medo, assim, da pessoa. Eu fico com medo, dos homens, na real. Nas mulheres nem tanto, mas, medo deles"*. (**Nitrogênio** - Encontro do dia 10/6/22).

A proximidade com a aparência do agressor foi percebida pela participante "**L**", como algo que provocava medo nela: "*Eu comecei a buscar ajuda em relação a isso quando eu comecei a ter muito medo de homens, assim, eu não conseguia estar sozinha com um homem, principalmente homens que tinham a aparência muito próxima ao meu abusador"*. ("**L**" - Encontro do dia 27/5/22). "**L**" buscou terapia com uma profissional psicóloga para poder lidar com a situação.

O medo de denunciar foi um desafio superado por "**L**", quando sofreu *stalking*. Ao fazê-lo pôde, inclusive, aliviar a culpa que atribuía a si própria, por achar que tinha "*dado margem*" para que sofresse a perseguição que sofreu. "*Eu tinha muito medo de denunciar. Demorei muito para denunciar, mas quando denunciei, acho que foi bom. Eu percebi que a culpa não era minha, aquilo já acontecia*". ("**L**" - Encontro do dia 20/5/22).

A mãe de "**L**" também foi perseguida pelo mesmo agressor e o medo se estendeu para o que poderia acontecer com sua mãe: "*Eu tinha muito medo de tudo assim, tinha medo pela minha mãe, também, porque... bom ele ... a gente ia no mercado, nem no mercado a gente conseguia ir, porque ele ficava na porta do mercado"*. ("**L**" - Encontro do dia 20/5/22).

Os medos compartilhados nos Encontros, as trocas que as participantes fizeram entre elas e com a equipe, as experiências musicais realizadas, ofereceram a possibilidade de compreender e (re)significar alguns desses medos.

Culpa

A questão da culpa ou da 'autoculpa' se apresentou na fala das participantes em alguns dos Encontros de Musicoterapia. Em nossa sociedade, machista e

patriarcal, ainda resiste a "cultura da responsabilidade" ou "cultura da culpabilidade", da mulher, a quem é atribuída a responsabilidade/culpa por ter sofrido a violência, invertendo o lugar daquela que sofreu a violência para a que a provocou, passando do banco de réus para o de acusada (SILVA, 2019).

Esse conceito encontra-se impregnado em nossa cultura, levando homens, e até mesmo algumas mulheres, a crerem que a maneira de vestir, de falar, foram responsáveis pela violência que sofreram (ARRUDA; LUZ, 2013). Conduzida por esse pensamento, instaura-se na mulher uma dúvida quanto a atribuir a responsabilidade a si própria em sofrer um assédio sexual, um estupro, uma violência física, ou outra violência qualquer.

As narrações de "**H**" e "**L**" são bem ilustrativas nesse sentido:

> *[...] olha, muitas vezes aconteceu muitas situações. Então, é por isso que eu fico me culpando porque eu acho que eu deixo acontecer. Não é possível! [...] Aí, meu pai ficou falando; 'ah, porque as roupas que você usa', 'ah, porque você deve ter dado risadinha, dado a entender alguma coisa pra ele ter te seguido lá. "[...] E ... fico pensando, 'nossa, será que realmente eu fiz isso, então?*' ("**H**"- Encontro do dia 27/5/22).

> *É, eu acho que é esse lugar que recai a culpa né? Porque a sensação é ... alguma coisa eu fiz de errado. Que eu provoquei isso, porque não tem como …"* ("**L**" - Encontro do dia 27/5/22)

Perdura, até os dias atuais, uma educação que "treina" a mulher a se sentir culpada, mesmo quando é agredida (ARRUDA; LUZ, 2013). Nessa esteira, persiste uma educação, desde a infância, que inclui a punição para meninas que 'fogem' ao comportamento esperado, enquanto há uma permissividade alargada em tolerar o mau comportamento dos meninos (SILVA, 2019). A participante "**H**", que sofreu uma relação sexual forçada, ainda é revitimizada pelo seu agressor na tentativa de culpá-la e de inverter a situação, colocando-se no papel de sofredor, de vítima:

> *[...] coisas assim, tipo, colocando toda a culpa em cima de mim. Ele falou que ele tava ficando mal e triste por minha causa e que quando ele parou de falar comigo, isso passou. Que a culpa era minha, que eu que tava deixando ele mal, porque a minha energia era ruim.* ("**H**" - Encontro do dia 20/5/22).

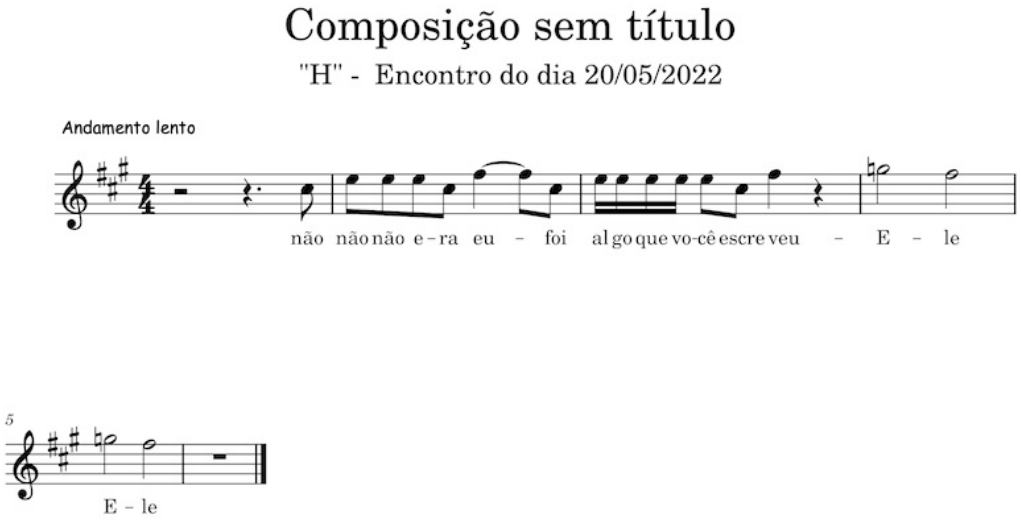
Essa violência, do sexo forçado, e os desdobramentos que isso teve na relação de "**H**" com o rapaz, se sucederam em ações desqualificantes, machistas da parte dele, inclusive expondo-a a outras pessoas, enviando mensagens de *WhatsApp*

para falar sobre ela, atribuindo-lhe a culpa, tratando-a como problemática e traumatizada[63], irrompeu um sentimento de raiva e de indignação na participante.

Propôs-se, então, uma experiência musical, uma exploração instrumental, uma improvisação, que evoluiu para uma composição. Por tocar violão, a participante foi explorando sonoridades neste instrumento, começando a delinear uma melodia, para a qual ela trouxe uma letra.

A composição resumiu-se a três frases. Curta, porém, muito potente em sua estrutura melódica e conteúdo lírico. A primeira frase é: "*Não, não era eu*". Quando questionada pela pesquisadora: "se não era Eu, era quem?", a participante "**L**" (que acompanhou todo o relato sobre a situação de violência sexual e todos os seus desdobramentos), rapidamente responde: "*ELE*". Este ELE, é acolhido por "**H**" e incorporado à canção.

Contudo, ela identifica que, naquele momento, o que a incomodava, foi o que ele havia escrito sobre ela e enviado a outra pessoa. Assim que surge a frase "*foi algo que você escreveu*", a composição ficou: "*Não, não era eu. Foi algo que você escreveu*[64]. *ELE, ELE, ELE*."

FIGURA 5: PARTITURA DA COMPOSIÇÃO

FONTE: a Autora (2023).

[63] A manipulação deste agressor, distorcendo e inventando coisas a respeito da participante pode ser entendida como *gaslighting*, que é uma forma de abuso psicológico e que pode levar a vítima a duvidar da sua própria percepção, memória ou mesmo sanidade.

[64] O que foi escrito sobre ela na mensagem enviada para outra pessoa, por *WhatsApp*, que ela teve acesso ao conteúdo.

Destaca-se a estrutura da composição: a primeira e segunda frases têm uma melodia composta pelas notas C#, E, C#, F# (tocadas em uma única corda do violão, a segunda corda) e executada em andamento lento. Para a palavra ELE, a participante escolhe um intervalo de segunda menor descendente formado por G, F#, tocada também em andamento lento. Esse intervalo cria uma tensão e é repetido algumas vezes pela participante. Observa-se como a linha melódica, particularmente o intervalo menor, serviu para criar a ênfase para a palavra ELE, dando uma força emocional a uma letra expressa pela participante (BAKER, 2015). A autora afirma que

> a manipulação cuidadosa dos vários componentes musicais, palavras importantes dentro de uma letra são musicalmente trazidas à tona, chamando a atenção do ouvinte para certas letras. Da mesma forma, a música pode criar um clima ou atmosfera que realça a expressão emocional da letra. (BAKER, 2015, p.132)[65].

Nesse caso, pode-se compreender que a música possibilita a "expressão do mundo emocional interior das participantes da terapia. A concretude das palavras comunica a história ou questão e a música expressa mais plenamente como a pessoa se sente sobre aquela questão, seu grau de significado pessoal" (BAKER, 2015, p.133).

"**H**" ainda estava processando tudo o que havia sofrido, que tinha acontecido recentemente. Como ela inaugurou esse relato no Encontro, falando pela primeira vez sobre tudo o que tinha acontecido (entende-se que foram violências e violências empreendidas pela mesma pessoa), ela precisava de tempo para elaborar tudo aquilo. Na entrevista final, relatou como foi importante ter falado e ter sido acolhida no Encontro e que a partir disso, conseguiu ter ações que a levaram a abrir a situação para outras pessoas, inclusive professoras, e para a coordenação de seu curso (o agressor foi um colega da universidade).

Mesmo não se entendendo como culpada, após o tema ter sido discutido no Encontro, alguns sentimentos, autenticamente e justificadamente permaneceram, pois incorporam a complexidade que é a questão da violência em nossa sociedade. Os atravessamentos que a violência produz, e as limitações em reduzir suas ocorrências, são os desafios que se enfrenta diariamente, enquanto sociedade.

A participante "**L**" demonstra seus sentimentos de frustração e injustiça:

---

[65] Tradução livre da autora.

> *Então, eu acho que, talvez isso, um certo entendimento, uma percepção de si, da situação. Mas ainda é muito complicado, né? Saber que pode acontecer e a gente... tudo que a gente tem, de certa forma, é isso. Se entender e 'bom não sou a culpada, mas aconteceu'. Fica um sentimento de injustiça, na minha cabeça fica um … uma injustiça ali. Uma frustração, eu não sei*. (**"L"** - Encontro do dia 27/5/22).

Um certo alívio pode acontecer ao se pronunciar sobre a violência, mesmo que isso traga vergonha para a pessoa. Não é tarefa fácil expor-se aos outros e mostrar-se em um momento de vulnerabilidade, ainda mais para mulheres, que são as que mais sofrem violência, em uma sociedade permanentemente machista, como a nossa.

Como bem colocado por Campos e Silva (2020, p. 110), a culpa que mulheres sentem não pertencem necessariamente somente a elas, mas é um "forte componente das experiências emocionais vivenciadas pelos corpos femininos que não é individual [...]", ultrapassa a realidade individual e se configura coletivamente em uma sociedade machista".

A participante **"L"** declarou, quando denunciou que sofria de *stalking*: "*eu acho que eu consegui assim, sair desse lugar de culpa, porque é.... era óbvio que tinha muita coisa errada. Quando eu comecei a compartilhar isso com outras pessoas"*. (**"L"**- Encontro do dia 20/5/22).

Os Encontros de Musicoterapia se propuseram a acolher todas as narrativas das participantes, permitindo falas espontâneas e livres de pré-julgamentos (no meaximo que foi possível por parte pesquisadora e equipe). Primou-se por uma escuta atenta, cuidadosa, que validasse e legitimasse os discursos e os sentires, explorando o reconhecimento do que sentiam, de como isso as afetava e como isso poderia ser expressado para além do verbal, acreditando na potência da experiência musical para alargar existires.

Os Encontros foram espaços de produções de sentimentos e emoções, propiciados principalmente pelas experiências musicais. Segundo Chagas (2020), na Musicoterapia, os musicoterapeutas

> são aqueles que recolhem uma série de emoções e ajudam a dar uma forma expressiva, a dar uma forma de ritmo, de harmonia. E o que vai acontecer? A música como obra de arte afeta as pessoas [...] Obras de arte porque ela vai criar desvios em mim, ela vai criar novos caminhos comigo. Ela vai poder estar de uma forma coletiva [...] e ela vai poder, também ser individualizada. Eu posso estar compartilhando a mesma música com todo mundo e pra mim,

> ela tá sendo própria porque ela vai me afetar e eu vou mudar, transformar com essa afetação, que eu tenho. É o que a obra de arte faz comigo. (CHAGAS, 2020).

4.2.1.5 Rastros das violências

Neste núcleo de significação, rastros da violência, aborda-se os impactos das violências na vida das participantes e a depreensão do quanto afetaram e continuam afetando sua realidade. Algumas narrativas afloram de forma espontânea, sem qualquer tipo de questionamento pela pesquisadora. Essas narrativas estão permeadas por percepções, sentimentos, emoções e estão vinculadas ao que foi abordado na "caixa de sentires", na seção 4.2.1.4.

A participante **"L"** apresentou algumas falas que indicaram sua percepção de como as violências sofridas deixaram marcas no seu corpo, na sua personalidade, com sentimentos de medo e raiva, e de como afetam relacionamentos atuais:

> *Eu acho que tem muitos impactos no dia a dia, mesmo. E até você entender que as coisas começam a fazer sentido, mas ainda assim, você, não sei ainda, me sinto … 'será que entendi mesmo?'. Mas tem muito impacto, por isso que eu tava falando hoje sobre a raiva, assim, porque eu sinto esse impacto na minha vida. [...] Eu sinto que impacta na minha personalidade, de ser uma pessoa muito contida, muito, assim. Acho que impacta de várias formas, dependendo da pessoa, mas, nossa, eu sinto muito isso, assim. Eu sou uma pessoa muito contida … eu tive medo de me mostrar, assim, não só de personalidade, mas corporalmente falando, inclusive… Eu sinto que, nossa, minha personalidade é total, às vezes, eu sinto muito como se estivesse colada a isso. Então, é difícil. [...] Essa coisa dos impactos nos relacionamentos com outras pessoas que não tem nada a ver … é … totalmente isso, né? Você começa a se relacionar, eu fui percebendo agora no relacionamento, de que essa questão da vergonha do corpo, que eu pensei, nossa, realmente tem muita coisa aí. Então, impacta*. (**"L"** - Encontro do dia 10/6/22).

A participante **Nitrogênio** compartilhou, de forma semelhante, os reflexos da violência suportada. Acrescentou que é um processo que leva tempo e que percebeu como afetou seus relacionamentos, inclusive familiares. Por vezes, "o passado é algo que se coloca no presente como uma questão ainda não resolvida" (PAIXÃO; SOUZA NETO, 2020, p.102) e é necessário tempo e ajuda profissional para as questões serem processadas, (re)significadas e quem sabe, passem a afetar cada vez menos suas vidas.

Na fala de **Nitrogênio** transparece o desejo de não ser mais afligida por impactos:

> *A gente não processa tudo, não consegue processar tudo, todos os impactos, mas a gente fica esperando que eles parem de nos atingir, de nos prejudicar, porque prejudica em muitas coisas e até em relacionamentos, assim, com a família, sabe? Com pessoas que não tem nada a ver com o que aconteceu, e um jeito que a gente acaba ficando, também. Eu sinto que isso até impactou na minha personalidade, sabe, de ser muito ansiosa. [...] Demora para entender, né? O que aconteceu… [..] Eu acho que queria ter entendido antes, porque tem as consequências, né? E você sente ela no seu dia a dia e você fica, tipo, porque isso está acontecendo e demora … é muito estranho, tipo… como fica gravado, né? Tipo na mente, sei lá… [...]* (**Nitrogênio** - Encontro do dia 10/6/22).

A vida profissional de **Flora** foi interrompida logo em seguida, após ela sofrer a violência:

> *Eu canto desde os 12, assim, ganho dinheiro com isso. Hoje não mais. Mas eu cantava. Até isso influenciou… Eu não tenho mais coragem, perdi total, assim. Foi na época que aconteceu, na época eu fazia bastante… quando eu comecei a trabalhar depois que aconteceu a violência, lá na minha cidade, eu parei assim.* (**Flora** - Encontro do dia 8/7/22).

Quando abordado o medo, no núcleo "caixa de sentires", foi possível observar alguns dos impactos que continuaram afetando o cotidiano de participantes.

Estudos evidenciam as repercussões que a violência pode trazer para quem as sofre. O estudo de Cruz *et al*.(2021) refere-se às repercussões psicológicas (baixa autoestima, depressão, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), dificuldade de dormir, *borderline*, autolesão, comportamento suicida, transtorno psicótico, alucinações auditivas), físicas (enxaqueca, síndrome metabólica, somatização; cefaleia do tipo tensão), sociais (revitimização, vergonha, uso de álcool e tabaco, drogas, afastamento da família), sexuais (dificuldades de orgasmo, início precoce da atividade sexual, aversão à relação sexual, contradições quanto à orientação sexual) para aquelas que estiveram expostas ao abuso sexual na infância.

As autoras Bittar e Kohlsdorf (2013) afirmam que, independentemente da espécie de violência sofrida, as mulheres podem apresentar sintomas físicos, como: cefaleias, dores, palpitações, tontura, mal-estar, hematomas, distúrbios gastrointestinais, perda ou aumento de peso, quadros inflamatórios, incômodos difíceis de serem localizados e diagnosticados.

Os sintomas psicológicos seriam: depressão, síndrome de estresse pós-traumático, ansiedade, fobias, desânimo, irritabilidade, síndrome do pânico, sensação de perigo iminente, ideação suicida, tentativa de suicídio, homicídio, baixa autoestima, sentimento de culpa, inferioridade, insegurança, vergonha, isolamento social, dificuldade de tomada de decisão, dependência ao extremo, uso de álcool, falta de concentração.

Dentre os sintomas listados pelas autoras, identificou-se nas participantes: baixa autoestima, depressão, vergonha, ansiedade, sensação de perigo iminente, ideação suicida, sentimento de culpa, de inferioridade, insegurança, autolesão, revitimização, dificuldade de tomada de decisão.

4.2.1.6 Universidade: um lugar para poder existir

Este núcleo de significação foi construído considerando as narrativas espontâneas das participantes. Evidencia a relevância do espaço universitário para suas vidas, que elas encontram nos corredores, salas de aulas, cantinas, espaços coletivos, que estão para além do conhecimento acadêmico (SANTOS, 2008), revelando um lugar de pertencimento e uma importância ímpar no sentido de poder existir na sua singularidade. O espaço da universidade é um espaço de produção de vidas.

O mérito do curso como algo que sustenta, dá suporte e sentido para a participante se manter, apesar de tantas dificuldades, revela-se no comentário da participante **Oxigênio**:

> *Se eu trancar acabou para mim, porque, é a única coisa que eu tenho, é as aulas. [...] Eu ter entrado nesse curso, na faculdade, me salvou de muitas formas. [...] Eu sei que se eu desistir da faculdade agora eu não voltaria mais, e eu ia me afundar de novo, com certeza.* (**Oxigênio** - Encontro do dia 1°/7/22).

Samanta, que estava em uma situação financeira delicada porque sua mãe havia sido dispensada do emprego, expressa a importância de estar frequentando o curso escolhido, e o pesar se tiver que parar: "*o curso é muito importante para mim, mas se não tiver nenhuma alternativa eu tranco".* (**Samanta** - Encontro do dia 8/7/22).

Oxigênio destaca a magnitude dos laços sociais que sobrevêm ao ingresso na universidade:

> *Eu conheci pessoas maravilhosas, fiz amizades, e enfim, as pessoas já me viram chorando muito na faculdade e, tipo, sinto um acolhimento de pessoas que nem me conhecem tanto, me dando [apoio], e eu não tenho isso com quem eu mais precisava ter. Tá sendo importante porque eu vejo que eu sou vista de alguma forma, que eu importo* (**Oxigênio** - Encontro do dia 1°/7/22).

Para **Oxigênio**, conhecer outras pessoas, relacionar-se para além do círculo familiar, possibilitou descobrir-se para outros possíveis enquanto pessoa, enquanto mulher:

> *Porque é automático, eu estar nessas relações interpessoais amorosas, eu sempre entro nisso sem perceber, assim, nesse modo passiva e que é submisso a tudo. É difícil de sair dessa condição. É uma luta constante para mim. Aí depois que eu entrei na faculdade comecei a ver que eu tinha, é uma coisa a mais do que ser só esposa de alguém, uma mulher de alguém. E aí, depois que eu tive esse clique na minha cabeça, não tive paz nenhuma, nunca mais, porque eu fui reconhecendo, né, as coisas e não querendo aceitar, mas sem saber também o que fazer para mudar aquilo.* (**Oxigênio** - Encontro do dia 30/8/22).

Circular pelo espaço universitário possibilitou à participante Oxigênio, além de ampliar seu conhecimento sobre questões relativas ao patriarcado, reconhecer-se em uma situação desconfortável, a qual pôde nomear e entender-se em um sistema de poder hierárquico desfavorável às mulheres. Novas relações interpessoais contribuíram para ampliar a percepção sobre si, sobre outras possibilidades de existência, viabilizando novas ações e produções de si:

> *Quando eu comecei a fazer faculdade … eu comecei a perceber ainda mais essas coisas [patriarcado] e ver que eu realmente não queria me deixar nesse lugar para sempre. Que eu queria mais para mim… Depois que eu vim para o presencial, comecei a conhecer mais pessoas e conversar com outras mulheres, também, que eu comecei a dialogar mais, mais sobre a situação com outras pessoas, com mulheres na sua maioria e perceber que aquilo não era normal mesmo, que não era algo que eu tinha que aceitar. E a faculdade me ajudou muito nisso, muito mesmo. Eu conheci pessoas que começaram a falar, não, você não é só isso, é muita coisa. E pra não aceitar para mim que eu era realmente muita coisa, foi um processo longo, assim, muito. Com a faculdade eu acabei criando uma banda com 2 colegas de sala. Então a gente produz, está produzindo minhas coisas e eu passei a cantar, escrever, compor pra nossa banda e tudo aquilo foi me ajudando a me empoderar de mim, né.* (**Oxigênio** - Encontro do dia 30/8/22).

Estar na universidade trouxe o sentimento de pertencimento a um lugar, de cumprimento dos objetivos de vida, de pôr-se em movimento apesar dos desafios,

como ter que mudar de cidade, deixar a família e o conforto da casa e ver-se sozinha em um lugar desconhecido. As participantes **Oxigênio** e **Flora** expressam claramente:

> *Agora que sei que eu pertenço aqui, tô aqui e aqui é meu lugar (universidade).* (**Oxigênio** - Encontro do dia 1°/7/22).

> *Estar nesse lugar, em Curitiba, me deixa muito desamparada, assim… a minha única função de estar aqui é a faculdade … Independente do tempo que eu levar, eu tô fazendo. Então, é uma promessa que eu tô … eu prometi para mim, desde muito cedo. Eu tô fazendo e eu vou fazer isso por mim, por mais ninguém. É isso que me movimenta* (**Flora** - Encontro do dia 8/7/22).

4.2.1.7 Musicoterapia: um espaço repleto de possíveis

Este núcleo de significação abarca a Musicoterapia e parte dos acontecimentos ocorridos durante os Encontros. Diz respeito à percepção das participantes em relação a Musicoterapia, ao que/como se constituiu enquanto um espaço possível, um espaço para perceber-se, para reflexão, para experimentar(se), para realizar(se). Um espaço para acolhimento de pessoas que se dispuseram a estar ali e abrir-se para algo novo em suas vidas, já que nenhuma delas havia participado anteriormente da Musicoterapia.

Como algo novo, a Musicoterapia - campo ainda relativamente jovem- desperta curiosidade, bem como possibilita novas/outras experimentações. A participante "**L**", em seu primeiro dia, relatou sua curiosidade em relação à Musicoterapia: "*mais curiosa para saber o que acontece*". ("**L**" - Encontro do dia 13/5/22). E, logo após uma experiência de improvisação instrumental, expressou como foi a experiência nova e o que lhe proporcionou:

> *Foi uma forma de expressão, que eu tenho muita dificuldade de expressar sentimentos. Mas ... foi isso, essa coisa da imaginação, eu fui longe na imaginação, então ... aqui por dentro estava assim, né, totalmente contida por fora, né, mas por dentro eu tava imaginando mil coisas que as minhas emoções me levam.* ("**L**" - Encontro do dia 10/6/22).

A improvisação possibilita arriscar-se, entrar em contato com coisas novas na música em si mesma e, com isso, emergir sentimentos e emoções. Hibben (1999) afirma que:

> improvisar é um risco, torna seus sentimentos reais. Os sentimentos surgem ao tocar. As improvisações não são um fim em si mesmas. A improvisação cria um contexto não limitado e controlado pela linguagem, no qual a autoaprendizagem pode ocorrer, os clientes descrevem aprender a criar, a deixar ir, a tomar decisões e outras metáforas de suas vidas[66]. (HIBBEN, 1999, p. 25)

Experiência semelhante foi relatada por "**H**", em fazer algo novo, diferente: "*É tão novo para mim … estar com o instrumento, estar disposta a compor algo com outras pessoas … é diferente".* ("**H**" - Encontro do dia 3/6/22). Ruud (1997) entende que a música tem o papel de reunir pessoas para uma experiência musical compartilhada fazendo com que elas se tornem parte de algo que é maior do que elas próprias.

Os Encontros de Musicoterapia foram espaços seguros que possibilitaram sentirem-se confiantes para falar e também para identificar-se com outras participantes. Nesse relato, observa-se a importância de projetos de extensão ofertados pela universidade, como rede de apoio. A fala de **Oxigênio** é ilustrativa nesse sentido:

> *Eu não tenho rede de apoio em Curitiba, principalmente de mulheres. Então isso é bem pontual para mim, de me sentir identificada com as outras dores e conseguir expor a minha, também. De alguma forma e, como as meninas falaram, alivia muito você ter um espaço seguro que você possa falar. Fiquei muito triste porque eu não consegui participar mais, também, porque no dia que eu vim eu senti que foi bom pra mim, muito bom mesmo, cantar junto, falar das coisas que a gente passa. É coisa que só mulher iriam entender, mesmo. Então, eu acho que é um grupo de extrema importância para mim, aqui.* (**Oxigênio** - Encontro do dia 26/8/22).

Os Encontros de Musicoterapia constituíram-se em um espaço que trouxe acolhimento e segurança para falar, possibilitando a inauguração de narrativas nunca antes ditas. Inspirando-se em Maya Angelou (2018), no livro 'Eu sei por que o pássaro canta na gaiola', no qual diz que "não existe agonia maior do que guardar uma história não contada dentro de você", pode-se compreender a necessidade premente de contar, de colocar para fora algo que espeta dolorosamente a vida de uma pessoa.

Entendendo que "o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir" (RIBEIRO, 2017, s/p.), **Flora** anuncia, na sua narrativa, como foi

[66] Tradução livre da autora.

importante apropriar-se de sua história e o valor que a experiência musical teve para ela:

> *Isso eu nem contei para a minha psicóloga (sobre a última violência sofrida) [..]. (ao final do Encontro) Ninguém sabia disso até agora.* (**Flora** - Encontro do dia 8/7/22).

Em outro Encontro, reitera:

> *Porque aquele dia (Encontro do dia 8/7/22), foi a primeira vez também que eu falei para o mundo assim, pra pessoas, que eu verbalizei isso, que eu queria, que tava conseguindo. E aí, eu acho que foi bom eu ter despejado essa informação. É como se tivesse realmente validado tudo, todo aquele não desejo, sei lá de não querer cantar e falar sobre isso. Foi despertar de novo, mas foi muito bom.* (**Flora** - Encontro do dia 29/7/2022).

E os desdobramentos ocasionados a ela, autorizando a se impor frente à pessoa que a violentou:

> *É, pra mim foi muito bom, porque eu falei de coisas que eu não tinha falado pra ninguém. Depois daquilo eu consegui me impor e falar: 'você aí e eu aqui'. [...] E depois eu consegui realmente lidar com a pessoa, no mesmo ambiente, assim, de dividir um espaço, tipo, eu estou na minha e ele está na dele, mesmo que ele esteja do meu lado, E ele estava do meu lado, mas me respeitou, me ouviu e ficou no mesmo lugar, dele… [...] E é muito bom a gente se expressar com o que a gente ama, é muito bom expressar com uma música, e músicas que fazem sentido, num inconsciente coletivo pra mulheres. Ou senão, as outras mulheres que estão com você e, engajar uma música que é só sua e que faz sentido só pra você. Mas de ser tão ouvida, tão ouvida que aquela música, ela se torna universal, assim. E é boa essa sensação.* (**Flora** - Encontro do dia 26/8/22).

A participante "**H**" também se apropriou do espaço do Encontro de Musicoterapia para narrar, pela primeira vez, o que lhe aconteceu: "*é tão recente, eu não conversei isso com ninguém"*. ("**H**" - Encontro do dia 20/5/22).

Pelos relatos, percebeu-se a importância que falar e compartilhar tiveram na vida das participantes, contribuindo não somente para contar, como para ajudar a organizar-se, a elaborar, a dirigir um olhar e uma escuta para si própria e criar sentidos para sentimentos e emoções:

> *Quando a gente desabafa pra alguém a gente precisa escolher palavras e isso faz com que a gente entenda como a gente está se sentindo. Que, também no dia a dia a gente fica com um turbilhão de sentimentos e aqui a gente escolhe algum que talvez esteja doendo mais, que esteja .... e isso faz bem, né? Desanuvia um pouco.* ("**H**" - Encontro do dia 26/8/22).

> *Pra mim também ajudou muito a organizar os meus pensamentos, os meus sentimentos. É, eu consegui colocar numas caixinhas separadas, assim, eu consegui organizar comigo mesma pra repensar aquilo que eu estou sentido e trazer aquilo que dói mais, o que é mais difícil de eu lidar e tem me ajudado bastante. Todos os momentos foram muito fortes, muito intensos. Eu acho que eu consegui melhorar até na própria faculdade, assim, me soltar mais. Eu tinha muita insegurança com tudo, minha autoestima. Eu tinha medo de falar as coisas durante as aulas. Então, ajudou, ajudou bastante.* (**Samanta** - Encontro do dia 26/8/22).

Os discursos de "**L**" e **Samanta** indicaram como os Encontros de Musicoterapia possibilitaram momentos de reflexão e de possibilidades de (re)significar situações de vida, emoções, sentimentos, lembranças e memórias, seja pela experiência musical, seja pela fala:

> *"Eu sempre ouvi essa música sem pensar nela. Hoje é a primeira vez. Eu ouço ela. 'Ah, tipo gostosinha, sei toda a letra', mas nunca tinha parado para pensar".* ("**L**" - Encontro do dia 1°/7/22).

> *Durante as férias eu até tinha pensando em vir, é, mas não sei, acho que eu precisava pensar um pouco, assim, dar uma meditada em tudo o que já tinha acontecido nas últimas vezes que eu participei … que foram bem intensas pra mim. Foi bastante coisa, assim, que eu fiquei refletindo*. (**Samanta** - Encontro do dia 26/8/22).

A participante **Samanta**, a partir dos Encontros, pôde entender que viveu relacionamentos afetivos abusivos, tanto de namoro como de amizades, e também percebe as mudanças que ocorreram na sua vida, na sua forma de estar, de se expressar:

> *[...] a questão dos meus relacionamentos, em geral, eu percebi um padrão, assim que se repete, é, e que interfere na minha autoestima, na minha forma como me expresso e tudo mais. É .. desde o começo que eu comecei a fazer os Encontros aqui, com vocês, eu percebi que eu mudei. É, como que eu posso dizer, fiquei um pouco mais expressiva, eu consegui falar mais, com os outros e assim, não ficava tão em mim, assim. Até nas aulas, nossa eu me sinto muito tagarela, nas aulas eu falo um monte. E assim, eu fui me percebendo. Eu tô me percebendo melhor. Isso me ajudou bastante e na questão das minhas relações, eu fiz uma retrospectiva de tudo o que eu já vivi e eu percebi, assim, que eu sempre tô caindo em algum relacionamento tóxico, é … uma pessoa que me coloca pra baixo, esse tipo de coisa. Eu fiquei tentando encontrar o por que disso e tal, mas enfim, acho que foi a minha reflexão mais forte, é .. sobre mim, né.* (**Samanta** - Encontro do dia 26/8/22).

Dentre os muitos possíveis que os Encontros de Musicoterapia possibilitaram, alguns deles referem-se a experiências novas, a algo desejado, a possibilidade de expressar-se de outras maneiras. **Nitrogênio** realizou seu sonho de tocar piano,

inclusive desmistificando ser necessário conhecimento musical para poder tocá-lo: "*Meu sonho é tocar piano, acho muito chique assim*". (**Nitrogênio** - Encontro do dia 10/6/22).

A participante "**L**", em uma improvisação instrumental, mostrou sua satisfação e realização após ter tocado: "*Eu já realizei meu sonho hoje, que era participar de uma banda de rock".* ("**L**" - Encontro do dia 10/6/22). Satisfação parecida foi expressa pela participante **Oxigênio**: "*É bom externalizar com sons*". (**Oxigênio** - Encontro do dia 30/8/22).

Superar algumas limitações ou dificuldades foi uma das possibilidades nos Encontros de Musicoterapia. Sempre foi dito e redito pela pesquisadora e equipe que o espaço do Encontro era aberto, numa busca de superar os conceitos de certo e errado, as dualidades do posso/não posso, do não sei tocar (direito), do medo de se expressar. Entende-se com isso que este espaço foi se constituindo em um lugar aberto a acolhê-las do jeito que elas poderiam estar ali, entendendo-as a partir do que elas mesmas poderiam trazer (BORGES, 2019), nas suas possibilidades viáveis para aquele momento.

A fala de "**H**" mostra um pouco disso: "*Eu sempre tenho muita vergonha de tocar para as pessoas. Aqui eu quebro um pouco isso, mas ainda assim eu tô com vergonha".* ("**H**" - Encontro do dia 3/6/22).

Coletivizar foi o verbo trazido por "**L**", expressando sua expectativa pelos Encontros de Musicoterapia: "*Coletivizar uma dor (sofrimento) - expressar de outro modo, pela linguagem musical".* ("**L**" - Encontro do dia 13/5/22). Também era seu interesse poder expressar-se pela música. Ruud (1997) afirma que

> Estar com os outros através da música pode assim proporcionar experiências intensas de envolvimento, um sentimento acrescido de inclusão, de relação profunda com os outros. Através do quadro íntimo dado pela atividade musical, os indivíduos são unidos por meio de experiências musicais comuns[67]. (RUUD, 1997, p. 95).

Em vários momentos dos Encontros as participantes compartilharam experiências musicais, criando momentos de trocas, de intimidade, de comunalidade (Ruud, 1997), com sentimentos de realização pelas suas produções musicais. Considera-se que essas experiências foram de muita importância para elas, que

[67] tradução livre da autora.

apresentavam autoestima comprometida, sentimento de culpa, muitos medos, e entende-se que ali, nos Encontros, obtiveram experiências positivas, compartilhadas por fazeres musicais individuais e coletivos.

Para encerrar esta seção, apresenta-se duas narrativas mostrando a perspectiva das participantes e como estavam sendo os Encontros para elas:

> *Tá sendo muito bom poder falar. No dia a dia a gente não tem essa liberdade, acho. Ninguém quer ficar falando sobre isso (violência), nem a gente quer ficar pensando muito isso o tempo todo. Mas é sempre bom ter esse momento.* (**"H"** - Encontro do dia 27/5/22).

> *Também gosto de falar e das outras formas, também. Semana passada fiquei bem impactada com a música que a gente criou. Fiquei pensando: é bem diferente de tudo o que fiz até agora, para lidar com estas questões aqui. Pra mim tem sido bem importante, também.* (**"L"**- Encontro do dia 27/5/22).

Embora as narrativas das participantes, de suas histórias de vida, em muitos momentos estivessem permeadas pela violência, acredita-se que os Encontros de Musicoterapia ofereceram uma caminhada mais colorida e libertadora (BOWE; MUDGE; FRISCH, 1999), criando, pelas experiências musicais, lugares de validação, de pertencimento e (auto)realização, possibilitando-as se sentirem 'alguém' com o direito de levantar a própria voz (Ruud, 1997), de se reconhecerem e de poderem existir de uma outra maneira.

4.3 ENTREVISTA COLETIVA

A entrevista coletiva aconteceu após o 15º Encontro, no dia 6 de setembro de 2022, com duração de 1h43m, em uma sala específica para essa finalidade, a sala do Centro de Atendimento e Estudos de Musicoterapia, na UNESPAR, que permite privacidade e isolamento acústico. Contou com a presença de duas participantes (o convite foi feito a todas, mas por dificuldades de horário as demais não puderam comparecer). O grupo foi conduzido pela pesquisadora e sua equipe.

Um guia de temas foi elaborado para nortear o evento e a condução privilegiaram uma conversa aberta, deixando o mais livre possível, permitindo que a discussão fluísse à vontade e as participantes trouxessem suas percepções e experiências (BACKERS *et al.*, 2011), em torno da participação dos Encontros de Musicoterapia.

Buscou-se explorar a sinergia, própria do grupo, fazendo emergir opiniões e percepções singulares, pois segundo Gatti (2012),

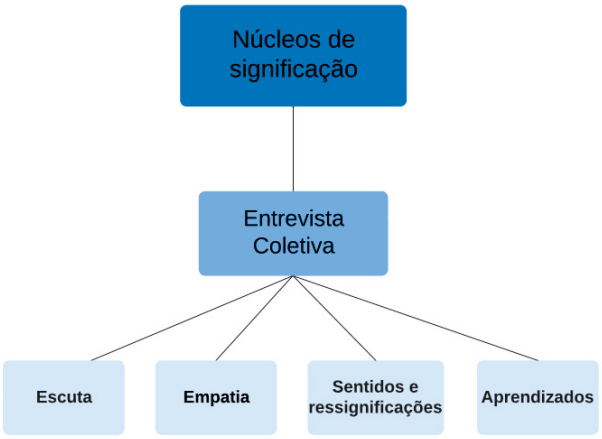
> Há uma reelaboração de questões que é própria do trabalho particular do grupo, mediante as trocas, os reasseguramentos mútuos, os consensos, os dissensos, e que trazem luz sobre aspectos não detectáveis ou não reveláveis em outras condições. (GATTI, 2012, p. 14).

Assim, antes de adentrar no conteúdo em si, foi esclarecido para as participantes que esse momento marcava o término do período da pesquisa e, por essa razão, seria importante um posicionamento sobre como foram os Encontros, abrindo espaço para que elas pudessem relatar sobre a experiência.

De tal modo, a pergunta que inaugurou a conversa foi: “Como foram as experiências que vocês tiveram aqui, nos Encontros?”. A partir das falas das participantes, outras perguntas foram feitas, no intuito de trazer as percepções sobre as questões norteadoras: experiências e temas mais marcantes; as experiências musicais que lhes foram significativas; se sentidos (novos sentidos) foram produzidos para suas vidas; se houveram aprendizados durante os Encontros e outros mais que desejassem trazer livremente. Tudo foi gravado e transcrito para compor o *corpus* de análise.

Nesta seção, optou-se por apresentar as falas das participantes quase na íntegra, pela riqueza de conteúdo presente nas narrativas. Dessa forma, dispõe-se as perguntas feitas pela pesquisadora e as respostas das participantes, diálogos e outras falas a mais que ocorreram durante a conversa. Após a apresentação dos relatos, foram destacados quatro núcleos selecionados: a) escuta; b) empatia: c) sentidos e ressignificações; d) aprendizados (Figura 6).

FIGURA 6: NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO DA ENTREVISTA COLETIVA



FONTE: a Autora (2023).

Para a pergunta: “Como foram as experiências que vocês tiveram aqui nos Encontros? **Samanta** responde que os Encontros lhe trouxeram uma segurança e confiança em poder falar sobre as violências sofridas, podendo identificar melhor seus sentimentos e assim externalizá-los:

> *Para mim todos os Encontros foram muito intensos, senti muita coisa e eu choro toda vez, e eu acho que foi bom para mim, porque eu tenho essa trava de não poder chorar por nada, e enfim. Eu acho que no primeiro encontro que a gente teve, eu tive muita dificuldade de falar, eu acho que nem, nem falei nada no primeiro encontro. [...] Acho que, a de travar um pouco do que eu precisava falar. E..., acho que vem num crescendo assim. Mas a questão de externalizar o que eu sinto e não só aqui dentro, é ... em casa, com as pessoas que eu convivo. Ainda tem um pouco de dificuldade, mas tá funcionando melhor, eu acho. E... Eu acho que entender, também, porque que eu sinto as coisas, porque que eu vejo as coisas de uma forma e não de outra e, eu acho que as peças estão começando a se encaixar, assim.* (Samanta – Entrevista coletiva - dia 6/9/22).

Para **Flora**, ter participado dos Encontros possibilitou um novo olhar para o seu passado, para sua história:

> *A demanda que ... que a gente veio para cá, do que se trata a pesquisa, que é sobre violência, eu acho que eu melhorei bastante nesse aspecto, de como lidar com o meu passado*. (**Flora** - Entrevista coletiva - dia 6/9/22).

Quando indagadas pela pesquisadora sobre a possibilidade de terem construído sentidos nos Encontros, foi como abrir a ‘caixa de Pandora’. O segredo se

revelou e trouxe alívio por ter sido dito ou aquilo que foi sendo guardado, reprimido ao longo do tempo voltou à superfície, mas já não mais da mesma maneira.

Destaca-se no depoimento de **Flora**, o reconhecer e (re)significar sentimentos, processo construído nos Encontros, bem como a possibilidade de um olhar para si mesma mais generoso:

> *Eu nunca tinha dito, né, sobre essa, essa, essa última violência que eu tinha sofrido, que foi esse ano, de novo. É, então, pra mim, foi libertador e ... não sei, passar a me olhar de outra forma, sabe. Não me olhar como um objeto vulnerável, naquele instante, por mais que estivesse, mas não mais. E ... eu realmente significar os meus sentimentos, de um modo geral, de todas as experiências que eu tive, as pessoas, no sentido que elas me deram. E ... como elas agiram na minha vida. Então acho que foi mais uma relação de perdão pra mim ... pra mim mesma, um pedido de desculpa pro meu corpinho. Tudo bem, eu passei por isso, mas não passar mais. Estar bem segura. Acho que foi isso.* (**Flora** - Entrevista coletiva - dia 6/9/22).

A importância de ser escutada, acolhida, nos Encontros, foi o ponto destacado por **Samanta** para que pudesse resgatar sua história, olhar novamente para ela, agora em um outro tempo e lugar, numa nova perspectiva:

> *Acho que para mim o que mais me ajudou foi poder dividir, com alguém que não ia me julgar. Bom, a violência que eu sofri foi desde pequenininha.... É, começou no meu pai, e veio vindo e em várias situações que eu, eu acabei me colocando, ou que foi imposta para mim. E... assim, eu vim por causa da minha relação com meu pai, que enfim não foi nada fácil, e até hoje não é muito, mas acho que falar sobre o que eu passei, sobre o que eu vivi, e não ter um olhar de julgamento, ou um olhar de pena. Não sei explicar, sempre que eu dividia com alguém, e eu falava muito, às vezes, sobre esse assunto, contava muitas vezes a minha história, as pessoas, ou olhavam e ficavam com dó e eu me sentia mal, por alguém ter dó de mim. É ... porque eu não queria que sentissem pena, eu queria que me entendessem. É... ou então, olhar e falar, é... que eu estava exagerando, que eu inventava história. É porque, de fato, é uma coisa muito, muito pesada que as pessoas não costumam dividir, né? E ... daí eu comecei a guardar isso e ficar com medo de assustar as pessoas, de ... é ... de contar assim, e eu acabei deletando essa parte da minha vida, assim. E eu acho que trazer isso de volta foi, foi importante e ter vocês para me ouvir. E senti que vocês estavam realmente querendo ouvir o que eu tinha para dizer. Foi bom para ressignificar, também. Pra aceitar a minha história, de fato.* (**Samanta** - Entrevista coletiva - dia 6/9/22).

A pesquisadora questionou as participantes sobre as experiências musicais vivenciadas nos Encontros, perguntando-lhes quais foram as mais marcantes. **Flora** é a primeira a responder e diz:

> *Do triste lá*[68]*. No sentido de que ... porque já era uma música que estava muito tempo na minha vida e eu já tinha até enjoado dela, de enjoar, mas ela teve uma nova forma de ressignificar, pra mim.* (Flora - Entrevista coletiva - dia 6/9/22).

Na fala de **Flora** identifica-se como a experiência musical, com a canção 'Triste, Louca ou Má', foi vivenciada de uma outra forma, presentificada, ressignificada. Já não era mais a mesma canção que ela conhecia tão bem. Era uma outra canção, uma que lhe possibilitou entrar em contato com as dores daquele momento e construir uma nova relação com a mesma. Ao final da experiência, já não era a mesma canção do início da experiência, passou a ser uma canção ressignificada.

Indagada pela pesquisadora se conseguiu identificar o que foi ressignificado, **Flora** apresentou uma mudança na sua possibilidade de existência, que apesar da violência sofrida, há outras vias para existir, caminhos outros a serem trilhados:

> *Que não me define, né? Que minha violência não me define, que os homens não me definem, a culpa não me define, e não é isso que eu sou. Que não é que aquele evento que vai perdurar para o resto da minha vida. Não é aquele sentimento de medo, de não ter controle das próprias ações. Isso não me define mais. E.... é realmente queimar isso de uma forma, como a canção traz mesmo, e traçar um novo formato de vida, de proteção, de lidar com este tipo de situação. Que elas nunca vão acabar, né? Que tá aí, faz muito tempo, desde que começou a humanidade, é saber que existe, mas saber como me portar*. (**Flora** - Entrevista coletiva - dia 6/9/22).

A participante **Flora** usou de uma metáfora (que foi a inspiração para o título desta tese) para expressar o que ela entendeu por ressignificar:

> *É tipo uma boneca, sabe? Que a gente tem, mas você acha que ela é muito feia. Mas aí, você veste uma roupa nova nela e 'hum, ficou engraçada, agora! Vou deixá-la em cima da minha cama'. A gente veste roupas novas, nas nossas.... nos nossos acontecimentos de vida. Acho que isso é ressignificar... vestir roupas novas em nosso brinquedo velho usado. Consegue até brincar com ele de volta, sem se machucar. Eu tinha medo, eu tinha... medo, de me machucar, daquela... da visão, da 'criatura'. Mas agora tem roupa nova, tá tudo bem. Porque eu escolhi.* (**Flora** - Entrevista coletiva - dia 6/9/22.

Samanta destacou dois momentos que lhe foram marcantes, o da composição musical feita coletivamente e o de recriação musical, em uma canção que foi muito potente para ajudá-la a perceber questões relevantes em sua dinâmica pessoal:

---

[68] Referindo-se a canção Triste, Louca ou Má - Canção de Francisco, el Hombre.

> *Um dia que foi marcante, tiveram dois momentos. Um que a gente fez a composição em cima da música do Emicida, tava eu e a "L" neste dia. Era no começo, ainda tinha muita dificuldade de falar e acho que trazer, construir ali a música, construir os versos e ter que explicar e elaborar mesmo, porque que eu tinha escolhido aquilo. Foi uma reorganização assim na minha cabeça, do porquê das coisas. E um outro momento, foi ... acho que aí eu fiz sozinha, que a gente cantou Menina Veneno*[69]*, que assim, eu entendi que eu posso ser eu mesma, né? E é uma das coisas que eu mais estou batendo o martelo, assim. Que ... é … eu estou me procurando mais. Eu tô me buscando e tentando entender quem é eu mesma, o que que eu gosto, quem eu sou. Porque durante muito tempo, eu sempre me baseava nos outros e eu era os outros. Acho que isso, eu tô buscando fortalecer. E eu acho que é isso. [...] Acho que aquele dia que a gente tocou (Menina Veneno), acho que foi importante. Me reconheci ali como alguém importante, também.* (**Samanta** - Entrevista coletiva - dia 6/9/22).

Pesquisadora: E você acha que foi a partir dessas experiências aqui?

> *Uhum, isso mesmo! Antes de eu começar, eu só guardava tudo numa caixa e não mexia, até alguém me explodir. Daí eu ficava uma semana mal, daí, voltava e guardava tudo numa caixa e*… (**Samanta** - Entrevista coletiva - dia 6/9/22).

Voltando mais para as vivências no geral, a pesquisadora lançou a pergunta: Se vocês fossem destacar alguns pontos dos Encontros - temas, músicas, experiências - quais seriam?

> *Acho que foi muito forte para mim o dia que eu cantei para a Flora*". (**Samanta** - Entrevista coletiva - dia 6/9/22).

> "*Eu pensei, também*!" (**Flora** - Entrevista coletiva - dia 6/9/22).

> *Então, eu gostei muito, assim, foi, foi especial para mim, gostei bastante, e uma cantou para outra, e a gente se abraçou assim, né. Foi muito bom. E eu acho que no dia da composição. Ter feito a composição. Foi ... mesmo que eu não tenha participado no restante, não sei se vocês continuaram compondo...foi bem bom. Gostei bastante de poder escrever, porque eu sou muito de escrever, né. Eu tenho mais dificuldade de falar e, escrever eu faço texto enorme, às vezes, sem sentido, mas faço texto enorme. Então, foi bom assim. Eu consegui me expressar, usando a música, escrevendo. Foi bom*. (**Samanta** - Entrevista coletiva - dia 6/9/22).

Pesquisadora: E aquele momento, de vocês duas, de uma cantar para a outra, o que acham, o que vocês pensariam desse momento, que sentido ele teve, que sentido aquela troca teve?

> *Acho que foi um abraço musical, além do físico.* (**Flora** - Entrevista coletiva - dia 6/9/22).

[69] Meninas Veneno - composição de Richie.

> *Eu super concordo. Para mim foi muito uma conexão, assim. [...] A gente tem as dores e a gente abraçou, se abraçou. Abraçou as nossas dores e se abraçou musicalmente, também. E foi, um assim momento 'irmãzinhas', sabe? Eu estou aqui e você está aqui, a gente tá aqui. Foi muito especial*. (**Samanta** - Entrevista coletiva - dia 6/9/22).

Destaca-se, nesses depoimentos, que a empatia e o fazer musical compartilhado (na composição, na dedicatória de canção) foram experiências grupais determinantes para ambas. Foram momentos de trocas musicais com forte apelo afetivo, encharcados de emoções que se apresentaram no musical e no corporal. Abraços físicos e musicais.

As participantes relataram passar a ter uma relação de amizade mais próxima e a se perceberem mais atentas 'aos sinais', uma da outra, especialmente quando uma não estava muito bem. Ao que a pesquisadora indaga se isso se estendia para outras pessoas, em outros momentos, com outras pessoas e circunstâncias. **Samanta** compartilha sua percepção:

> *Acho que outras pessoas também. [...] Eu passei a reparar assim [...] mas acho que a minha percepção, minha sensibilidade melhorou nesse sentido. E até dentro de casa também. Nós temos 3 mulheres e tem meu irmão mais novo. Então, eu acho que comecei a ficar mais sensível, em julgar menos quem está por aí, tal. E aqui também, com vocês. Eu me sentia um pouco de lado assim, sabe, eu ficava, eu mesma isolada, sabe? E eu acho que eu comecei a me sentir um pouco mais integrada na .... em tudo. Mudou alguma coisa.* (**Samanta** - Entrevista coletiva - dia 6/9/22).

Flora relata que a relação com a sua mãe mudou e que ela consegue escutá-la e entendê-la melhor, sem tantos (pré)julgamentos.

> *Às vezes, a gente acha que mãe é um bicho que não sente, né? E ... aí, às vezes, agora é minha mãe, ela fala, lá, 'ah, entendi, entendi mãe, aham'. E ela só quer falar. Igual eu quero. E eu acho que isso que é legal, assim. [...] Então, ficou uma relação muito boa, assim, da gente conversar, porque a gente não se julga. Só as vezes que ela dá uma pisada na bola, mas tudo bem. A gente conversa mais sobre isso, sem julgamento nenhum e foi ... bastante sobre os Encontros, porque minha mãe foi bem violentada e eu passei a entender mais sobre as violências que ela sofreu e até aquelas que ela não considera, sabe. E porque ela não considera também eu comecei a entender, porque antes eu brigava 'ah você não deveria estar com meu pai', sabe? E agora não, eu entendo ela. E por que que ela acha daquele jeito.* (**Flora** - Entrevista coletiva - dia 6/9/22).

A pesquisadora questiona se ela acha que tem relação com os Encontros de Musicoterapia, ao que **Flora** responde:

> *Sim, com certeza, porque cada um sabe lidar de alguma forma e eu entendi isso pela comunicação da gente (fazendo um gesto com a mão, circular, mostrando o grupo). Cada uma vê de um jeito, cada uma sente uma dor de um jeito, e cada uma tem o direito de lidar como pode. E ela tem o direito dela. Talvez isso tenha sido só por ela mesma, por mim, pelo meu irmão*. (**Flora** - Entrevista coletiva - dia 6/9/22).

As experiências positivas tecidas nas interações grupais nos Encontros de Musicoterapia, somadas aos processos individuais (e certamente muito outros acontecimentos na vida delas) ampliaram o campo de possibilidades nas formas de estar com outras pessoas. Certamente é o que se deseja em processos musicoterapêuticos, esta expansão para além do que acontece no próprio encontro.

O componente empatia também merece ser destacado, por sua significância nas interações sociais. É interessante notar como ele aparece no discurso das duas participantes.

Ao perguntar-se às participantes sobre a experiência em grupo, destaca-se, novamente, o aparecimento da empatia como algo significativo, pois para ambas foi a primeira experiência em grupo. **Flora** já havia feito terapia individual, mas nunca Musicoterapia. Eis sua resposta:

> *Eu nunca tinha tido, assim, pra mim né. Pra mim eu digo, eu participar como a terapeutizada. É ... não tinha, é não tinha. [...] São pessoas com histórias, também. E eu ouvir, é tão pesado quanto, né. Eu não sei como que é para a Samanta, mas eu sinto muito, de ..., da questão do pai, cuidar de irmão, porque eu não tenho isso, assim. [...] Mas eu consegui meio que sentir em mim o que era aquilo tudo nela. E transforma a nossa visão. [...] E eu sei que a visão de olhar para o outro, tanto aqui, quanto fora. A empatia, né?. E ... de saber como conversar com as pessoas, de como ouvir, mesmo que seja um trabalho. No trabalho vem, muita coisa assim para mim [...] eu escuto e aí a pessoa fala, fala, fala um monte e eu falo 'olha, eu não sei como lidar com essa situação, mas eu posso ouvir, tô aqui a disposição, se precisar de alguma ajuda no trabalho, no dia em que você não estiver muito bem eu ajudo'. Mas ... eu nunca vou saber o que doeu tanto nela. E a gente só abraça musicalmente, eu abracei de verdade. É isso que a gente faz. Acho que é isso que foi importante*. (**Flora** - Entrevista coletiva - dia 6/9/22).

Para **Samanta** os Encontros de Musicoterapia inauguraram seu primeiro contato com qualquer tipo de trabalho terapêutico. A empatia também teve distinção em sua fala:

> *Acho que para mim, bom, para mim também foi a primeira experiência em grupo, a primeira experiência de terapia, no geral. Eu nunca tinha feito terapia nenhuma antes, e... para mim, é .... foi bastante significativo é ... ouvir, cada*

> *uma das meninas, é.... reconhecer a história delas e me reconhecer nelas e saber que elas se viram em alguma coisa do que eu contei. E, eu acho que ouvir, ouvir as outras pessoas falando o que dói nelas, doía em mim também, mas é uma coisa que eu entendia. Era dolorido. Eu sentia o que aquela pessoa.... é ... eu percebia, eu não sentia o que ela sentiu, mas eu, via a intensidade e aquilo ressoava em mim. Então..., fez muito sentido para mim enxergar os sentimentos das outras pessoas, mesmo. E perceber a existência do outro, e olhar para aquela uma pessoa e falar. 'É, você sofre como ela, assim, você sente coisas como eu sinto, não da mesma forma, mas você também tem sentimentos, tem emoções, dores, então, é um momento de todo mundo se colocar aberto, aqui. Então, tanto eu me colocando diante do grupo, mostrando as minhas fragilidades e inseguranças, e o que mais estiver no dia, é... e poder acolher aquilo que vem dos outros. Foi uma experiência diferente. Acho que eu nunca tinha passado por uma coisa dessa, eu sempre tentava acolher os outros, mas nunca numa experiência forte assim. É isso.* (**Samanta** - Entrevista coletiva - dia 6/9/22

Flora responde a narrativa de Samanta com: "*ouvir também é cuidar*!"

Preparando-se para a finalização da entrevista coletiva, a pergunta feita pela pesquisadora buscou identificar se as participantes consideraram ter tido aprendizados ao longo dos Encontros. Um ponto que se destacou foi a escuta, uma escuta não contaminada de (pré)julgamentos, uma escuta empática. Outro ponto, trazido pela participante **Flora**, foi a possibilidade de ter vivenciado algo muito caro à Musicoterapia, que é a potência da experiência musical, que faz (re)conhecer o que pode ser a Musicoterapia:

> *Ouvir. Eu acho que, eu até ouvia, mas eu tinha que falar alguma coisa e agora não. 'Fala aí, eu estou te ouvindo'. E com todas as pessoas assim, eu tento fazer isso. Às vezes, aluga muito, assim. Mas ouvir foi um aprendizado, ouvir sem julgar, ouvir sem medir, sem parâmetro de dor, ou de sentimento, ou a menos ou a mais. Tá ali só. [...] A tranquilidade que é de, no caso da sua posição, de entender, de olhar, de prestar atenção. Ter uma posição de terapeuta. [...] E como acolher todas essas falas e transformar em musical. Como fazer daquilo uma dor, um momento de vitória assim, de autoconhecimento e de passar pelas coisas, e transformar em música. E eu nunca tinha visto assim, de fato acontecer. E aqui eu consegui ver. Me inspirou bastante. É uma nova percepção do que é a posição de um musicoterapeuta, principalmente nesse aspecto tão delicado, como lidar com esses assuntos delicados. É tão sereno, tão tranquilo, que é uma baita inspiração!* (**Flora** - Entrevista coletiva - dia 6/9/22).

Samanta compartilhou a possibilidade de ver a potência da ação musicoterapêutica ao vivenciar diferentes experiências musicais, diferentes fazeres musicais, tanto individuais como coletivos. O aprender a escutar, uma outra escuta, também aparece na fala desta participante:

> *Pra mim também, tem …, compartilho as tuas palavras, é, no meio dessa correria que a gente vive, prazo e meta e um monte de coisa pra fazer, a*

> *gente entra aqui, esse momento tranquilo que a gente tem liberdade aqui dentro, pra ser o que quiser. E academicamente falando eu tive muita inspiração [...] eu via coisa acontecendo e eu vi como que refletiu em mim, como musicoterapeutizada, então eu entendi, é ... o que é a Musicoterapia mesmo. Qual, qual é o significado disso. Foi ... acho que um reconhecimento ali da Musicoterapia. E outros aprendizados também, foi ... escutar, ouvir, parar para ouvir os outros. Acho que entender que cada pessoa tem uma história, cada pessoa é uma coisa diferente, cada pessoa é um universo diferente. Acho que no cotidiano a gente não para pra pensar. É ... na história de cada um e quando para pensar, 'nossa quanta gente tem na faculdade que tem uma história particular!' Então, é uma coisa louca, mas é uma coisa que me faz refletir bastante. E também acho que não ter medo das pessoas. Porque eu vivia muito pequenininha, sabe? Nossa, e acho que é um crescimento assim, e, e ... o meu posicionamento diante das pessoas, diante da vida, né? Porque ... eu consegui colocar, me colocar, me ver de igual para igual pra as pessoas.* (**Samanta** - Entrevista coletiva - dia 6/9/22).

Identifica-se, a partir das narrativas das participantes, que cada uma pode construir (novos/outros)sentidos, (re)significar, (re)elaborar e transformar questões diversas relacionadas a sua história de vida, seja em relação às violências sofridas ou outras questões pessoais, interpessoais, familiares e musicais. Constata-se que elas trouxeram outras formas de ser, estar e agir.

São muitas as possibilidades de discutir os conteúdos por elas apresentados. Há uma riqueza imensa nas narrativas de cada uma, que extrapola o tamanho desta tese. Dessa forma, ressalta-se os núcleos: escuta, empatia, sentidos e aprendizados.

Escuta

A escuta é, sem dúvida, um grande desafio. Em um contexto terapêutico, como na Musicoterapia, é um desafio duplo. Por que duplo? Porque a escuta envolve não somente as palavras, mas sonoridades, musicalidades e silenciamentos. Quando se escuta musicoterapeuticamente, escuta para além, escuta pessoas, escuta seres humanos em toda a sua complexidade, com todas as suas questões existenciais, mundanas, suas dores e sofrimentos.

Escutar é uma arte. Uma arte que implica desenvolver a capacidade para tornar-se, parafraseando Dunker e Thebas (2021), "escutador profissional". E sim, é possível de se aprender. Exige abertura e experimentação, segundo os autores. Escutar, também significa saber silenciar, aquietar-se para poder escutar profundamente o que a outra pessoa está dizendo[70].

[70] Entenda-se “dizendo” tanto para palavras como para sons, músicas, canções.

Significa inspirar-se em Luiz Melodia, quando canta "se a gente falasse menos, talvez compreendesse mais"[71]. É um exercício para todo terapeuta que busca estar com outras pessoas.

Dunker e Thebas (2021, p. 23), quando abordam a arte da escuta, trazem cinco pontos importantes a serem considerados: a) foco no outro; b) atenção ao tempo; c) cuidado com as palavras; d) inversão de perspectivas; e) violação calculada de expectativas.

Uma simples, mas ao mesmo tempo complexa e profunda pergunta, "como vocês estão hoje?", que dava início a cada Encontro, acrescida da atitude verdadeira de "estamos aqui para escutar vocês", foi construindo um espaço de confiança para as participantes, como se depreende dos excertos apresentados.

A atitude de escuta aberta, ampliada, desprovida (no máximo que foi possível) de (pre)concepções, (pré)significações, (pré)sentidos - da pesquisadora e equipe - foi uma postura-guia nos Encontros. E a atitude de pronta escuta, em muitos momentos, trouxe surpresas ao colher as narrativas das participantes, seja pela profundidade do conteúdo ou por sua disponibilidade em abrir-se, muitas vezes, em um primeiro dia de participação, eis que, como dizem Gomes *et al* (2019, p.64), "quem se dispõe a escutar se depara com o inesperado".

Broile (2020) afirma que "quando a gente escuta o sujeito fala", pois quando se tem a atitude verdadeira de escutar, o outro a percebe e ocupa seu lugar. As participantes relataram que o Encontro era realmente um lugar de escuta e elas se sentiram sendo escutadas. E quanto mais "você se sente escutado, você quer mais. E quando você acha que escuta, o outro quer mais também" (DUNKER; THEBAS, 2021, p. 23).

Observou-se que a escuta da pesquisadora e equipe, por elas sentida, propiciou-lhes um aprendizado. Elas aprenderam a escutar, e foram despertadas para isso nos Encontros. A condição por elas compartilhada, de terem sofrido violências, as colocou em um ambiente com a oportunidade de serem escutadas, porém, e não menos importante, de escutar juntas as suas dores e sofrimentos.

Como bem colocado por Dunker e Thebas (2021):

> Quando a gente se escuta, surge uma espécie de confiança que faz da experiência de estar junto o centro da gravidade da história. A situação de

[71] Congênito, composição de Luiz Melodia, 1976.

> vulnerabilidade ajuda muito a confiar no outro e torna a escuta mais aguda e decisiva. (DUNKER; THEBAS, 2021, p. 23).

Aprender a escutar-se é o primeiro passo para poder escutar outra pessoa (GOMES *et al*, 2019), o que, certamente, foi uma dinâmica constante nos Encontros. Perguntas como: "como vocês estão", "o que você gostaria", "como você se sente", "que música que te acolhe", "como colocar sonoramente isso que você está sentindo", foram oportunidades para que elas se escutassem e escutassem umas às outras.

Crê-se que essa escuta possibilita "construir brechas e fissuras em um discurso já cristalizado" (GOMES *et al*, 2019, p. 63), trazendo a possibilidade de construir outros sentidos para muitas das questões que ali se colocavam. "Fazer trabalhar a palavra [a música e canções][72], na produção de novas significações, retirando-as da clausura dos sentidos previamente construídos, possibilita novas articulações na rede discursiva" (BROIDE, 2017, p. 95), com novas perspectivas, novos horizontes, como dito assertivamente pela participante "**L**", de poder "experimentar a imaginação de um final feliz". (Encontro do dia 10/6/22).

Empatia

Ponto de destaque nas narrativas das participantes foi a empatia, tanto da pesquisadora/musicoterapeuta e sua equipe para com as participantes, como entre as participantes, que reconheceram estar com uma postura mais empática com outras pessoas, em outros contextos: família, trabalho, universidade.

De acordo com Brolezzi (2014), o conceito de empatia tem sua origem na palavra alemã *Einfühlung* - sentir dentro, sentir em - e surge vinculada à experiência estética. A versão grega *empatheia*, que significa “paixão” ou “ser muito afetado”, foi a que deu origem à palavra empatia em diversas línguas. "Na língua portuguesa, empatia vem do inglês *empathy,* termo criado em 1909 pelo psicólogo inglês Edward Bradford Titchener (1867-1927) para traduzir *Einfühlung*. Mais tarde, o termo foi retraduzido para o alemão como *Empathie*" (BROLEZZI, 2014, p. 156).

A empatia pode ter distintas compreensões que dependem da perspectiva teórica, mas é de interesse compreendê-la como um constructo multidimensional, pois envolve tanto aspectos cognitivos, afetivos, fisiológicos e sociais (SAMPAIO;

[72] música e canções estão ali inseridas pela pesquisadora.

CAMINO; ROAZZI, 2009). Influenciado por uma perspectiva vigotskiana, na experiência com a arte, a empatia é "uma ação pela qual, a partir de dentro de nós mesmos, nos inserimos em uma obra, projetando nela nossos próprios sentimentos mais profundos, a partir da complexidade do nosso organismo" (BROLEZZI, 2014, p. 160).

Entende-se, portanto, a empatia como "uma forma de se ampliar o universo pessoal, por meio da arte, fenômeno a partir do qual o homem pode completar sua vida incorporando experiências alheias". (BROLEZZI, 2014, p. 159). Tomando emprestada a forma de compreender a empatia, considera-se que uma pessoa se 'insere' na vida da outra, nesta 'vida-obra-de-arte', num mergulho em sentimentos profundos. Esse mergulho agrega novas experiências e possibilita a ampliação do universo da própria pessoa e da outra também.

Essas inserções puderam ser vistas acontecendo ao longo dos Encontros e nos depoimentos aqui expostos. Compartilhando histórias similares, identificaram as próprias dores com as dores das outras, num movimento aproximativo. Acredita-se que as experiências musicais, especialmente as dedicatórias de canções, foram momentos potencialmente fortes e que contribuíram para a aproximação.

Quando uma pessoa escolheu uma canção para cantar especialmente para outra, naquele momento específico[73], e ambas passaram a cantar juntas, essa experiência tornou-se potente para ambas. Ao final da prática, ambas já não são mais as mesmas de antes da experiência. Algo ali se modificou. Ambas foram afetadas tanto pela música, como pela carga afetiva presente e, com isso, um aumento nas suas possibilidades de existir, ser, pensar e agir (ARNDT, 2015).

Sentidos e ressignificações

> É preciso ter esperança, mas esperança do verbo esperançar;
> Porque tem gente que tem esperança do verbo esperar.

[73] No Encontro do dia 8/7/22, as participantes narraram recortes de violências sofridas e ficaram muito emocionadas, sendo que uma delas conta pela primeira vez a violência que sofreu. A pesquisadora propôs que cada uma escolhesse uma canção para cantar para a outra. Uma participante canta para outra o trecho, da canção Força Estranha (Caetano Veloso) "Por isso uma força me leva a cantar, Por isso essa força estranha no ar, Por isso é que eu canto, não posso parar, Por isso essa voz tamanha". A pesquisadora propôs que elas segurassem as mãos e cantassem juntas. No momento seguinte, a pesquisadora propôs que a participante que dedicava a canção cantasse para ela própria. O grupo canta junto com ela, com consentimento da mesma. A força se fez presente para todas e a voz ganhou volume e potência. Potência de cantar, potência de estar ali, plena na sua possibilidade de existir.

E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera.
Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir;
Esperançar é não desistir!
Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo ...
(Paulo Freire, 2011)

Ao longo dos Encontros foram produzidos pelas participantes alguns sentidos e ressignificações, o que se corrobora pelo relatado na entrevista coletiva. Pelas narrativas de **Samanta**, constatou-se que ela foi construindo novos sentidos sobre quem ela é, que estava se entendendo mais, buscando identificar-se com o que sente, com o que gosta, porque vê as coisas do jeito que as vê e o que quer para si. Que as peças foram se encaixando. Que antes era uma caixinha fechada.

Foi difícil trazer o passado de volta, carregando uma relação conflituosa na bagagem, contudo conseguiu produzir outros meios possíveis para si mesma, fortalecendo-se, mirando novas perspectivas. Ela deu um passo para a construção de uma nova pessoa, e começou a sentir-se como alguém importante, em um processo de criação e autoprodução nos seus modos e condições de existência (NAMURA, 2004).

Ver-se frente ao seu passado, com sua própria história, e passar a olhá-la com outras lentes, soldando momentos (FREIRE, 2011), construindo outros olhares, podendo libertar-se, não se vendo como objeto, mas como um ser humano, foi despertado em **Flora**, durante os Encontros, conforme ela mesma relata. Ela ressignificou seus sentimentos e construiu o entender-se não culpada pelas violências sofridas, podendo perdoar-se. Um reconhecer-se para conhecer-se melhor (FREIRE, 2011). E, nesse processo, a voz cantada volta a fazer parte de sua existência.

Novos sentidos para antigas canções[74] preencheram os Encontros e foram assinalados pelas participantes na entrevista coletiva. Elas vivenciaram o trabalho com canções, seja escolhendo sua própria canção, ouvindo a canção de outras, recebendo canções dedicadas a elas, refletindo sobre canções, dando novos acabamentos, novas tonalidades (ARNDT, 2015).

Cantar uma velha canção nunca é cantar a mesma canção. O momento em que a canção se faz presente e soa na voz daquela intérprete, já não é a mesma canção e nem a mesma intérprete.

[74] Todas as canções que foram cantadas nos Encontros estão listadas no Apêndice 18.

Para ambas as participantes da entrevista coletiva, novos sentidos foram dados para algumas relações. Sensibilizando-se com suas próprias escutas e com a escuta das outras participantes, houve uma ampliação de seu ser, o que lhes permitiu estar de um outro modo consigo mesmas e, consequentemente, relacionando-se de maneira diferente com outras pessoas.

Aprendizados

Perguntando-se às participantes se os Encontros de Musicoterapia produziram aprendizados, ambas responderam afirmativamente e identificaram os seguintes pontos que consideraram aprendizados:

a) Aprender a escutar sem julgar, entendendo que cada pessoa carrega uma história e que esta pode conter dores e sofrimentos.

b) Entender o que é a Musicoterapia e sua potência, pois vivenciaram nas experiências musicais momentos intensos e transformativos. Encantaram-se com a possibilidade de produzir outros sentidos na música, momentos de dor e sofrimento em uma experiência estética prazerosa.

c) Aprenderam que podem ser mais do que a suas violências, mesmo fazendo parte de sua história.

d) Descobriram que existem lugares seguros para se abrirem, que há pessoas que sabem escutar e acolher.

Acredita-se que os aprendizados se constroem em processos de trocas, de compartilhamentos, em constante dialogação das pessoas entre si e entre todas, como apregoado por Paulo Freire (2011). O que as participantes revelaram, nos pontos destacados de seus aprendizados nos Encontros de Musicoterapia, foi justamente que aprenderam a escutar outras pessoas, se percebendo mais sensibilizadas em sua escuta. As trocas constantes, os momentos de coletivizar, de escutar as narrativas de outras, de tocar juntas, possibilitaram um aprendizado de escuta a si mesma, mas também de escuta da outra.

Há uma particularidade nos seres humanos, que é a capacidade de transpor a sua singularidade ao ouvir a dor de outrem e de identificar-se com ela. Esse fator terapêutico, denominado de universalidade (YALOM, 2006), foi vislumbrado nos Encontros de Musicoterapia, ao revelarem-se preocupações, sentimentos, aflições semelhantes, e ofertar-se a oportunidade de sentirem-se mais em contato com o

mundo, pois não há "ato ou pensamento humano que esteja completamente fora da experiência de outras pessoas" (YALOM, 2006, p. 27).

A fala de **Samanta** expressa bem:

> *eu me sentia muito sozinha, muito numa bolha e que eu ficava remoendo aquilo o tempo todo, e ouvir as outras meninas deu aquela sensação de 'eu não tô sozinha'. E eu acho que um pouco, me ajudou com …. empatia, com se colocar no lugar delas*. (**Samanta** - dia 26/9/22).

A seguir apresentam-se as informações extraídas das entrevistas finais realizadas individualmente com cada participante.

4.4 ENTREVISTA FINAL INDIVIDUAL

Após o término dos Encontros e da realização da entrevista coletiva, foi agendada a entrevista individual com cada uma das seis participantes. Foram realizadas cinco entrevistas presenciais e uma por e-mail, esta última por dificuldade em conciliar os horários da participante com os da pesquisadora e, desejando colaborar, a participante optou por responder as perguntas por esse meio. Algumas participantes já não estavam mais conseguindo participar regularmente dos Encontros, mas, mesmo assim, se dispuseram a comparecer na entrevista final.

As entrevistas aconteceram no período de 14/9 a 8/11/2022. As entrevistas presenciais duraram entre 30 minutos e 1 hora. Foram realizadas em um espaço reservado, garantindo sigilo e confidencialidade, e um roteiro serviu de guia para a conversa (Apêndice 6). Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas.

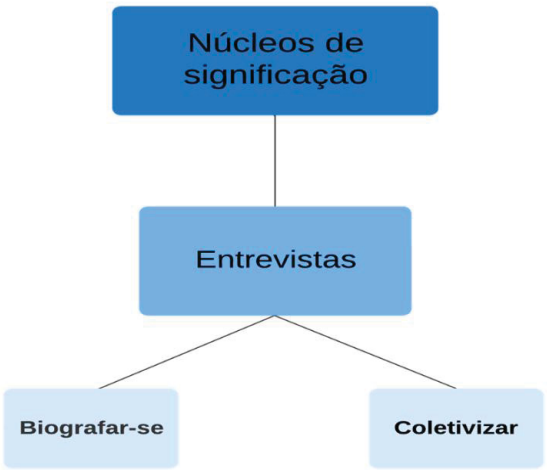
Depois de transcrita, a entrevista foi encaminhada para a participante, para que a mesma fizesse a leitura e pudesse modificar algo que julgasse pertinente, acrescentando ou retirando algum trecho. Todas as participantes devolveram a transcrição sem nenhuma alteração.

A entrevista foi um convite para falar de como foi participar dos Encontros de Musicoterapia. A partir da fala da participante, um diálogo foi sendo tecido, entremeado pelas suas narrativas e as perguntas da pesquisadora, que buscou compreender aspectos intrínsecos da experiência individual/coletiva, questionamentos sobre os temas que foram marcantes, as experiências musicais de destaque, sobre os sentidos, reflexos da violência na vida acadêmica, identificação de

processos de aprendizado, a percepção em relação à proposta de um projeto de extensão universitária.

Acredita-se que as estudantes universitárias, participantes desta pesquisa, carregam em suas vozes “o tom de outras vozes, refletindo a realidade de seu grupo, gênero, etnia, classe, momento histórico e social” (SOUZA, 2018, p. 40). A partir do coletivo dessas vozes, numa densidade de conteúdos trazidos pelas participantes, alguns dos quais já discutidos nos núcleos dos Encontros e na entrevista coletiva, destacam-se dois núcleos de significação: a) biografar-se e b) coletivizar. (Figura 7)

FIGURA 7: NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO DAS ENTREVISTAS FINAIS INDIVIDUAIS



FONTE: a Autora (2023).

Passa-se, a seguir, os discutir estes núcleos de significação extraídos das entrevistas individuais.

Biografar-se

Este núcleo fala sobre a expectativa de narrar sua própria história para construir uma nova história. Há muitas maneiras de (re)escrever sua própria história. As linhas não são retas, a geografia não é plana, conexões são feitas e desfeitas. Algo novo pode entrar, algo velho pode permanecer, mas também pode sair. O (suposto) conhecido pode ganhar um lugar novo nessa história, uma nova relação, um novo espaço na vida da pessoa. A capacidade que os seres humanos têm de criar e recriar é surpreendente.

Paulo Freire entende que a história é um *continuum*, no qual "os momentos que vivemos ou são instantes de um processo anteriormente iniciado ou inauguram um novo processo de qualquer forma referido ao passado". (FREIRE, 2011, p. 39). Assim, acredita-se que as participantes iniciaram um processo de apropriação de sua história, olhando para o passado, atualizando-a no presente e mirando um possível futuro modificado.

Ao ponderar inaugurar algo novo na sua própria história, contemplou-se como a música se alargou na vida da participante "**L**", abrindo uma nova relação a partir das relações sociomusicais, no território compartilhado (CUNHA, 2019) dos Encontros de Musicoterapia:

> *Eu acho que eu, eu saia daqui, acho que eu levei assim, tendo uma outra relação, com umas músicas que eu pensava aqui, ou até mesmo... quando... lembro que a gente criou uma música, né? Então, a primeira música que eu criei, assim eu, eu.... eu acho que eu passei o tempo lendo e relendo ela, e pensando assim, que é uma ... não sei algo que realmente forte assim tenho, tenho essa coisa. E eu saia daqui pensando muito nas músicas, ouvia as músicas de outra forma. Mas também, muitas vezes, bem abalada, assim. Acho que às vezes me puxava bastante, assim os Encontros, mas, muitas vezes eu percebia que, que as outras meninas também conseguiam encontrar esse acolhimento na música, de certa forma. [...] Tinha muita repercussão, porque eu lembro até que eu peguei um violão lá, do meu sogro eu um dia fiquei lá só tocando uma nota, uma única nota. E eu falava 'nossa essa nota aqui, ela me diz muita coisa', e aí até eu pensava bastante nas sessões. 'Nossa, eu usaria essas notas nas sessões pra, pra expressar o que eu estou sentindo.* ("**L**" - Entrevista final - dia 14/9/22).

Samanta narrou como foi se contactando com sua história, não negando os acontecimentos violentos que fizeram parte de sua vida, e passando a enxergá-los de outra maneira. Ela foi se apropriando, entendendo mais suas emoções, lidando com o que sentia e… sorrindo:

> *Uma reconciliação com meu passado e aceitar, aceitar que eu não posso mudar aquilo que me aconteceu, mas eu posso mudar o jeito de ver. [...] Eu posso dizer com segurança que eu ressignifiquei foi a questão do relacionamento abusivo. Que eu passei a enxergar de outra forma. Eu passei a entender que eu não preciso deixar de sentir e renegar as minhas emoções, renegar meus sentimentos, né, então...Validar aquilo que eu tô sentindo e entender que fez parte, aconteceu, mas agora não faz mais parte de mim. E não é mais, não é mais Samanta que eu sou hoje. Então, é eu.... Hoje eu posso olhar para trás e dar risada.* (**Samanta** - Entrevista final individual - dia 26/9/22).

A participante "**H**" expressou seu início de caminhada com a escrita de uma nova maneira de pensar e agir (CUNHA, 2019). Mostrou estar mais atenta às pessoas com quem se envolve e a lidar melhor com a questão da culpa:

> *Ainda estou nesse processo (de se posicionar, de dizer não), mas acho que melhorei pra caramba, de não deixar que aconteça de novo. Porque, por mais que não tenha sido culpa minha, eu acho que, é, talvez algumas coisas se repetiam muito nas pessoas que eu buscava numa amizade, digamos assim. Então, agora eu já tenho alguns alertas um pouco mais ligados*. ("**H**"- Entrevista final individual - dia 28/9/22).

Em outro momento da entrevista, "**H**" contou que ter falado sobre a violência sofrida recentemente, a qual mencionou pela primeira vez no Encontro, a fortaleceu e possibilitou colocá-la em ação. Como a violência que sofreu veio de um colega de universidade, ela foi conversar com algumas professoras, fazendo o assunto chegar à coordenação do curso, e provocando a entrada do tema da violência na pauta.

No dia da entrevista ela descreveu que estava lidando melhor com tudo, que já não se sentia tão sozinha, culpada e desamparada, e que colegas, ao ficarem sabendo do ocorrido, se aproximaram e passaram a lhe dar apoio:

> *A repercussão maior, assim, que teve na minha vida, foi quando eu falei do incidente com o XXX. E isso me abriu muito para contar para outras pessoas. Eu queria até ter vindo em algum Encontro para contar mais sobre isso, que eu levei isso para a frente. Fui falar com a professora sobre … [..] E ela escreveu um e-mail para a coordenação explicando toda a situação. E a partir disso, elas tomaram algumas medidas.* ("**H**"- Entrevista final individual - dia 29/9/22).

O processo de reconhecer-se, de (re)constituir-se, proporcionado precipuamente pelas vivências nas experiências musicais, contribuiu para novas formas de ser e estar, impondo novos limites para si mesma e para os outros, em um movimento protetivo. A narrativa de Samanta expõe como aconteceu com ela:

> *Eu conseguia falar e senti que eu estava sendo ouvida, né [...] Eu tive uma experiência, até foi esses dias, que eu falei de uma situação que eu tenho dentro de casa, esperando que eu fosse ouvida, como é … como eu era ouvida dentro do setting. E a pessoa teve uma reação bem diferente, uma reação mais crítica, mas impositiva, e eu percebi essa diferença, assim, e o que que eu espero, e o que eu não tolero mais, né? Então, esse sentimento de ser acolhida, de ter um parâmetro, né, falar ... 'É até aqui, OK'. 'Até aqui eu...', colocar o meu limite. Então eu fui construindo, dando essa percepção, estabelecendo os meus limites, aquilo que eu espero, aquilo que eu não espero. Acho que eu construí dentro de mim, dei nome para os meus sentimentos, e para fora, eu coloquei a cerquinha, quem pode entrar e quem*

> *não pode entrar. Acho que foi isso. [...] É ... acho que usar as formas de expressão, tanto, falada quanto musical, é, me ajudou a montar esse quebra-cabeça, a montar toda essa nova percepção, porque eu tenho agora. Como que eu posso explicar. Eu acho que de alguma forma a música, as melodias que eu, a gente trouxe, os ritmos me ajudaram a estruturar um sentimento que eu não sabia lidar. Então, isso que eu falo de dar nome às emoções, também, eu dei uma estrutura.* (**Samanta** - Entrevista final individual - dia 26/9/22).

A participante **Oxigênio** destaca, especialmente, como a experiência musical proporcionou que entendesse melhor a sua singularidade e seu lugar na sociedade, possibilitando-a colocar-se em uma atitude diferente para si e para os outros:

> *E aí a gente conversando e ressignificando a letra, pude por mais uma vez, na minha mente de que aquilo era, era o meu jeito, que era o que eu sou e que estava tudo OK de ser daquela forma. [...] eu não tenho que me encaixar em nenhum molde, que eu sou a pessoa que eu sou. Eu tenho um lugar na sociedade como mulher e que eu importo sim, e que não estou sozinha*. (**Oxigênio** - entrevista final individual 7/10/22).

Flora destaca em seu depoimento a importância de não negar os sentimentos, de trazer o novo, de resistir e seguir em frente:

> *De ver essas pessoas falando sobre, desenvolvendo essas dores e falando sobre o que tá sentindo mesmo, não deixando de escanteio. E trazendo um olhar novo, uma produção assim. Você vê que depois de tudo, a gente levanta enxuga aqui e consegue continuar a vida. Eu acho que ver esse movimento, é mais bonito ainda, vê todo mundo aqui enxugando as lágrimas, dando abracinho e confortando. Fazendo da canção uma forma de resistir e continuar*. (**Flora** - entrevista final individual - dia 11/10/22).

O novo sentido adquirido, do reconhecimento de ser uma pessoa com direitos, que tem um lugar de fala e que reconhece sua história, atribuiu uma nova perspectiva à vida de **Samanta**, legitimando que, apesar das violências sofridas, é possível seguir adiante. E que a jornada oportuniza ajudar outras pessoas, servindo de exemplo

> *Eu acho que aqui eu tenho um pouco da oportunidade de contar trechos da minha história e exemplificar. Acho que isso também é um pouco culpa do projeto, profe. Porque, antes eu tinha medo de falar e de assustar as pessoas. E... porque ou a pessoa fica assustada ouvindo o que eu conto, ouvindo o que eu vivi, fica com o olho estalado, 'meu Deus do céu, que absurdo isso'. Ou a pessoa fica incrédula. Eu tinha um pouco de receio de falar isso. E agora não. Eu vejo como um exemplo que eu posso dar e posso falar. Porque é o meu lugar de fala, né. De fato, eu sofri violência, e vivo ainda num lugar perigoso, mas eu tô aqui. Isso não vai me definir como pessoa, como profissional, como nada. Então .... mudança de perspectiva*. (**Samanta** - Entrevista final individual - dia 26/9/22).

Pequenos, mas poderosos, passos foram dados por cada uma das participantes no sentido de poder (re)escrever a vida, mirando com perspectivas outras certos acontecimentos de sua vida e, assim, como autoras e como testemunhas, podendo existenciar-se, biografar-se (FREIRE, 2020).

O caminho se faz a cada dia, em movimentos de avanços e retrocessos, pois, a existência é complexa, cheia de altos e baixos, de previstos e imprevistos. Deseja-se que os avanços tenham passadas mais largas do que os retrocessos, que a existência tenha mais cor, mais música, mais vida e que os sorrisos se façam cada vez mais presentes.

Coletivizar

Em diversos momentos, ao longo dos Encontros, as participantes mencionaram palavras como compartilhar e coletivizar. Este núcleo se destacou nas entrevistas e foi enfatizado pelas participantes. Esse coletivizar diz respeito a narrar a dor, o sofrimento, mas principalmente, ao estar junto, e ao fazer musical compartilhado. Foram momentos que explicitaram a “boniteza” que há nas relações e que comprovaram a nossa "gentetude" (FREIRE, 2011).

Nas palavras de "**L**", coletivizar é:

> *Você compartilha pela fala, mas também pelo som. Esse, talvez o que eu falei, o que eu entendi, o que eu estava fazendo, que é mesmo o momento de criar o seu som e convidar outras pessoas para participar dele. Que é isso, contar a sua história e convidar outras pessoas para ouvir e para se identificar. Então, pra mim, isso definiria o coletivizar, do que a gente falou, tanto pelo falar quanto pelo som, pela pelo canto, né. Acho que sempre, sempre era um convite assim, de ouvir e de se identificar. Ouvir e se sentir acolhida, se sentir ouvida. Falar e se sentir ouvida. Então, acho que para mim esse é o ponto alto, de tudo. Foi pelo menos. E que isso gerou muitas coisas, né? Como eu falei, tipo sair daqui dei um abração na H, porque a gente sentiu que era isso.* ("**L**" - Entrevista final individual - dia 14/9/22).

Samanta salientou o grande valor de falar sobre as violências que sofreu, mas também ouvir, pois identificou que algo que considerava natural, normal, não era. Nas trocas, ela pôde ampliar a sua percepção:

> *Eu acho que um pouco ouvir, ouvir as outras meninas falando que ... Algumas delas falaram situações, que eu falei, 'poxa, isso acontece comigo!'. E ela considera isso uma violência, né. E, também eu contando, eu narrando as minhas histórias, eu me deparei com coisas que, eu olhei ... parece que é olhar no espelho. Eu olhei, eu falei, 'não, calma, isso que eu achava que era*

> *normal, mas não é tão normal assim'. Então, acho que eu fui construindo, sabe, ouvindo elas, é... quando, acho que foi no encontro que eu falei pela primeira vez no relacionamento que eu tive, que era abusivo, que tava eu e a Flora. E ela falou que ela sofreu abuso e tal, e ali eu me vi, né, nela, então ... Acho que até o motivo que me fez falar sobre isso, que me veio a lembrança. De fato, do forçar a fazer coisas que você não quer e de colocar a sua vontade sobre a da outra pessoa, a outra pessoa era eu. Então, essa percepção.* (**Samanta** - Entrevista final individual - dia 26/9/22).

Uma forma diferente de se expressar, a potência da música e, junto com isso, a importância do espaço grupal como um espaço musical no contexto musicoterapêutico (CUNHA, 2019), dos momentos compartilhados, especialmente os momentos do fazer musical coletivo, porém sem que a singularidade se perdesse, e na troca com outras participantes, foi o que transpareceu na fala de **"L"**:

> *E lembro também da vez que uma das nossas, das meninas do grupo fez um som e como aquilo mexeu com ela, então ... também isso, assim você vê outras pessoas e ver a relação delas com o som e a sua relação com o som. Então, acho que a gente meio que foi construindo coletivamente uma relação com o som, mas ao mesmo tempo, é uma relação individual, né, de como aquilo chegava na gente, como a gente podia expressar também as nossas dores, enfim. Então foi muito bom assim, acho que me despertou uma outra forma de, de expressar isso, né, de poder falar sobre isso. É ...dou bastante ênfase, assim no que foi bom para mim, foi essa questão do coletivo e ... essa possibilidade de pensar uma outra forma de contar isso, né, de contar a minha história, não sei, é ...ou lidar com essa minha história, pelo som*. (**"L"** - Entrevista final individual - dia 14/9/22).

Flora salientou como as vivências compartilhadas entre elas, a fez perceber a força que o coletivo tem, em especial esse coletivo de mulheres que sofreram violência, e como isso a fez acreditar mais em si mesma e lhe trouxe esperança de viver:

> *Eu acho que eu não fazia ideia do quanto mulheres falando umas para as outras, era tão forte, sabe? Ver isso, assim, tá todo mundo assim se identificando e olhando umas para as outras. Acho que de sentido que eu vou levar sempre assim, essa coisa da força feminina, e que é única e exclusiva delas, nossa. E me fez acreditar mais em mulheres. Me fez acreditar mais em mim. Então acho que é, de uma certa forma, ter esperança de viver, e solitude.* (**Flora** - entrevista final individual - dia 11/10/22).

A ênfase dada à potência da música para criar espaços de ligação entre as participantes, que se tornou um território compartilhado, uma outra pele provocando resultados, reações (CUNHA, 2019) ficou evidenciada na fala da participante. **Oxigênio,** para quem a música trouxe a possibilidade de conexão com outras pessoas e consigo mesma, de maneira mais aberta:

> *Eu acho que a música que traz muita essa proximidade assim, de diminuir um pouco o medo de se conectar com outras pessoas e com você mesmo, seus sentimentos. Prá mim é isso*. (**Oxigênio** - entrevista final individual 7/10/22).

O sentimento de proteção, a percepção do coletivo, o sentir-se em um lugar seguro para se compartilhar suas dores e sofrimentos, foram o percebimento de que os Encontros se converteram num porto seguro para as participantes. Estar na música, na experiência sonoro-musical compartilhada, foi importante porque a "música pode mediar encontros, espaços de partilha, de criação de vínculos" (ARNDT, 2022, p. 219). É o que descreve a participante "**L**":

> *Para mim acho que os sentidos que eu mais criei foram quando, nessa questão de compartilhar, de falar sobre e ouvir outras mulheres falando sobre. Mas eu buscava bastante o sentido de proteção, assim, acho que a própria noção de grupo você acaba indo pra esse lado, assim de, de se proteger ali, então, para mim teve esse sentido assim, ou talvez essa busca de sentidos. [...] Ah, eu acho que tinham coisas legais, porque todo mundo participava do seu som, né? Então você criava o seu som e você convidava outras pessoas para participar. E isso para mim foi outra forma de compartilhar, né? Então, o que eu tava... nunca tinha feito, eu acho. Então, eu acho que quando eu criei o meu som sobre a raiva, né, que eu comecei a bater o ... , esqueci o nome, mas acho que foi ... elas desmontaram a bateria, então eu batia, a gente criou um som de raiva, de tensão ali, e aí logo depois a gente cria um som pra Nitrogênio, um som de acolhimento pra ela. Então, isso era bem interessante, assim, poder criar o seu som e ao mesmo tempo convidar outras pessoas pra, pra fazer parte disso. É como se eu tivesse aqui compartilhando a minha dor e convidasse outras pessoas para ouvir, para ouvir a delas também, ou seja, a gente .... tanto na fala quanto na música, eu acho que cumpriu bem, assim esses sentidos, pelo menos os que eu dei.* ("**L**" - Entrevista final individual - dia 14/9/22).

Estar em um coletivo ouvindo outras narrativas possibilitou, para a participante "**H**", ampliar a sua percepção para realidades antes não percebidas como negativas. Eis sua fala:

> *Acho que quando a gente escuta outros relatos, a gente vê quão absurdo é, parece que foi dito em voz alta, você fica, 'nossa, caramba, como que eu deixei isso acontecer? Como é que achei que pudesse ser normal? Como que eu consegui engolir isso? Como é que eu não fiz um escândalo na hora?*' ("**H**" - Entrevista final individual - dia 28/9/22).

A partir dos dizeres das participantes percebe-se como "o processo grupal, fundando em técnica e procedimentos da Musicoterapia" (CUNHA, 2019, p. 26) foi um espaço de encontros, encontros de cada uma consigo mesma e encontros com outras. As interações criadas nos Encontros de Musicoterapia, seja pelo verbal, corporal, ou

pelo sonoro-musical, permitiu formas de ser, estar e agir para cada uma delas, na singularidade e na coletividade.

4.5 TRIANGULAÇÃO DE INFORMAÇÕES

A triangulação de informações, em estudos qualitativos, "permite a consideração dos diferentes níveis de profundidade que o desvelamento de um fenômeno exige" (SANTOS *et al.*, 2020, p. 657). Caracteriza-se por possuir mais de uma fonte de informação (SANTOS *et al.*, 2020; SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013) e busca "a apreensão do fenômeno sob diferentes níveis, considerando, desta forma, a complexidade dos objetos de estudo" (SANTOS *et al.*, 2020, p. 656). Objetiva conferir confiabilidade e rigor à investigação.

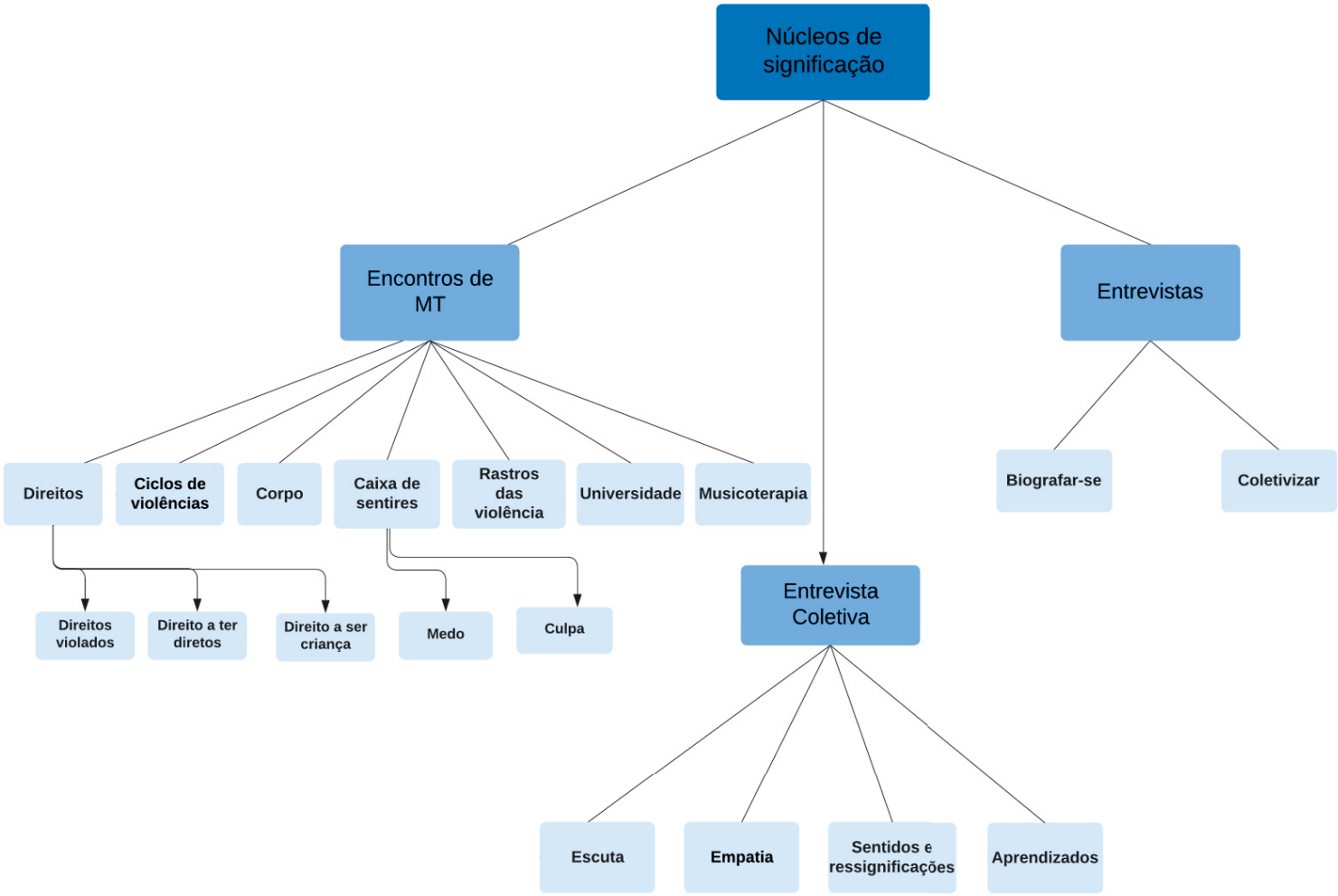
Segundo Denzin e Guion, citados por Santos *et al*. (2020), a triangulação pode assumir cinco formas diferentes: triangulação de dados ou a utilização de distintas fontes de dados; triangulação de investigador; triangulação de teorias; triangulação metodológica; e triangulação ambiental.

Esta pesquisa utilizou-se da triangulação múltipla: distintas fontes de dados e metodologia intramétodo, que diz respeito à utilização de diversas técnicas específicas ao método (SANTOS *et al.*, 2020).

Neste estudo foram empregadas as seguintes técnicas metodológicas: os Encontros de Musicoterapia, a entrevista coletiva e as entrevistas individuais. Por essa razão, o leque de informações gerado pelas três técnicas foi bastante volumoso (Figura 8).

Para este momento metodológico, a triangulação foi trabalhada considerando a complementaridade das informações obtidas nos Encontros de Musicoterapia, na entrevista coletiva e nas entrevistas individuais.

FIGURA 8: NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO DOS ENCONTROS DE MUSICOTERAPIA, DA ENTREVISTA COLETIVA E DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS



FONTE: A Autora (2023).

A convergência dos núcleos (direitos, ciclos de violência, universidade, musicoterapia, escuta, aprendizados, sentidos e significados, biografar-se, aprendizados) suscita a leitura de que as estudantes buscam uma forma de existir fundada na dignidade, nos seus plenos direitos humanos, sendo respeitadas nas suas falas, no seu corpo, no seu espaço físico e existencial. Essa leitura denuncia, ainda, o quanto a violência pode fazer mal a um ser humano (núcleos: direitos violados, corpo, caixa de sentires, rastros das violências), o quanto o outro pode ser cruel e inconsequente nas suas ações, e, mais, que a existência é uma luta diária frente a desafios constantes que exigem um esforço de todo ser humano para se manter na sua própria humanidade.

Evidencia-se a gregariedade constituinte dos seres humanos que buscam estar com seus pares, em momentos de dor, mas também em momentos nos quais a alegria se faz presente (presentes nos núcleos: musicoterapia, universidade, escuta, empatia, coletivizar). Há uma capacidade humana infindável de fazer trocas, de interagir, bem como uma miríade de formas de ser, de estar e de sentir, o que tornam complexos os relacionamentos humanos. O trânsito entre o singular e o coletivo é um desafio diário para que a própria humanidade siga em frente.

E é nessa perspectiva que se entende que o aprender se dá nas interações entre pessoas (identificadas nos núcleos: musicoterapia, escuta, empatia, aprendizados, coletivizar). Cada pessoa é única e rica em conhecimentos e nas trocas entre elas, uma ensinando a outra e todas aprendendo juntas. Os conhecimentos se ampliam, se coletivizam e agregam ao particular e ao coletivo. O aprendizado é uma roda gigante que gira o tempo todo. Sempre há algo a aprender e apreender. No instante em que se está em cima, mira-se para baixo e se depara com uma visão de um mundo muito maior do que aquela que acreditava-se ter apreendido. E assim se segue, pois o ser humano também se mostra desejoso em saber mais, querendo sempre mais.

Depreende-se, em muitas das possíveis análises destes núcleos de significação (musicoterapia, escuta, empatia, coletivizar), que um ambiente seguro, acolhedor, respeitoso, permite que as pessoas se relacionem de forma aberta, sincera, havendo trocas afetivas, num dar e receber, num escutar e falar.

As expressões verbais, musicais, se tornam autênticas, buscam abrigo, requerem ser compreendidas e acolhidas. Esses ambientes podem ser espaços mais reservados ou públicos, num grupo de pessoas que se reúnem com uma finalidade

em comum, como o que se configurou nesta pesquisa, ou em ambientes maiores, como a universidade. E um pode estar dentro do outro.

A história de cada pessoa é escrita dia após dia, num movimento que encontra sua finitude somente no momento da partida deste plano existencial. Os fatos desta história não conseguem ser apagados, mas podem ser contranarrados. O ser humano mostra-se extremamente dotado na sua capacidade de criar estratégias de se (re)inventar e de (sobre)viver, é um ser em crescimento, em movimento, que encontra linhas de escape para formatações e narrativas engessadas que lhes tentam ser impostas. A incompletude e o inacabamento do qual é feito lhe permite ir dando outras formas, outras modelagens, outras sonoridades, outros sentidos e significados para o seu existir.

Todas as pessoas carregam cicatrizes, marcas que permanecem, mas que podem ser suavizadas e deixar de ser tão aparentes e dolorosas. É nesse momento que a Musicoterapia entra em cena, para criar possibilidades de (re)escritas e novas escritas da história de vida que cada pessoa possa vir a fazer.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve como objetivo central compreender a produção de sentidos de estudantes universitárias que sofreram violências, sendo estas produções feitas nos Encontros de Musicoterapia. Como apresentado no início deste trabalho, não foi encontrado nenhum outro estudo de Musicoterapia com essa população. Os materiais científicos, nos quais se identificou práticas da Musicoterapia relacionadas a pessoas que sofreram violência, mostraram-se variados, concentrando-se em outras populações. Dessa forma, entende-se que há um ineditismo no escopo desta pesquisa, referente à prática da Musicoterapia com esta população e com este objetivo.

O Brasil ainda carece de estudos voltados a conhecer melhor a realidade de estudantes universitárias(os) que sofreram violência. Se poucos são os estudos nesta temática, supõe-se que as ações também sejam rarefeitas. Cabe questionar qual o papel social que a universidade pode ter nesse sentido? Que intervenções poderiam ser propostas para dar atendimento e assistência a estudantes que sofreram violência? As políticas de permanência estudantil esbarram neste tema? Elas conseguem ter alcance neste sentido?

Este trabalho indicou que estudantes universitárias de instituições públicas da cidade de Curitiba, sofreram violências de tipos e formas variadas. E que essas violências ressoam em suas vidas de diferentes formas, nas suas interações sociais, na maneira de se colocar diante de outras pessoas, em relacionamentos afetivos, familiares, no trabalho, em sala de aula.

A vida acadêmica também não fica de fora, pois o medo nelas instaurado pode dificultar a saída de casa para ir às atividades acadêmicas. A falta de atenção aos conteúdos, dificuldades nos trabalhos e avaliações, são reflexos que resvalam no dia a dia. Fenômeno como o presenteísmo pode acontecer para essas estudantes. A depressão, a autoestima rebaixada, sentimentos de culpa que as acompanham também podem comprometer sua dedicação aos estudos.

Acentua-se que todas sofreram mais de um tipo de violência. Entre as violências estão abuso/violência sexual na infância, sexo forçado, estupro, assédio sexual em local de trabalho, violência no namoro, violência psicológica, violência intrafamiliar/doméstica, perseguição (*stalking*), injúria, calúnia e difamação. A autoagressão infligida também apareceu como um tipo de violência.

Os abusadores foram familiares ou pessoas próximas à família, colegas de universidade, outras estudantes vinculadas à casa de moradia para estudantes, namorados, companheiros, marido e chefes, o que está em acordo com a literatura vigente.

Nos Encontros de Musicoterapia houve uma ampla produção de sentidos das participantes, relacionados à maneira como elas olham para si mesmas, para suas violências, para os seus sentimentos, para sua história.

Destarte, se defende a tese de que a Musicoterapia, com seus campos teórico e prático, se mostrou potente na mediação para produção de sentidos e na criação de outros modos possíveis de existir para estudantes universitárias que sofreram violências, contribuindo para que elas criassem modos outros de ser, pensar, sentir e agir, colocando-as diante de si e dos outros de maneira mais apropriada, reconhecendo-se como sujeitas com direitos, compreendendo seus sentimentos e emoções e validando suas próprias falas.

Compreende-se que já não são mais somente vidas marcadas e cicatrizadas pelas violências, já não são mais somente corpos violados em seus direitos, mas, sim, são corpos que se colocaram em ação, em fazeres musicais singularizados e coletivos, que reafirmaram sua existência cantando, dançando, compondo, expressando suas dores e também suas possibilidades.

Por conseguinte, são jovens estudantes que encontraram seus lugares de fala, que puderam reencontrar a voz que já não cantava mais, que aprenderam a se ouvir e a ouvir outras vozes/vidas, que aprenderam existir pessoas que sabem acolher e escutar, que criaram e compuseram sonoridades para suas dores e abriram fissuras para um "experimentar a imaginação de um final feliz".

E entenderam que podem ter na canção uma forma de resistir e continuar e que, apesar das marcas e cicatrizes deixadas pelas violências, elas podem ser mais do que estas, que há como fazer um certo reconciliar com sua história e mirar para possíveis outras formas de escrevê-la.

Destaca-se a importância que esta pesquisa teve ao ser ofertada como um projeto de extensão da universidade. As participantes enfatizaram a importância que o projeto teve para elas, de estarem com outras estudantes em condições semelhantes à sua, compartilhando relatos, sonoridades, risos e choros e produzindo música-vida. Elas recomendaram que o projeto tivesse continuidade, que fosse ampliado para mais estudantes e para a comunidade em geral.

Entende-se que a universidade pode ser, para além da produção de conhecimentos técnico-científicos, uma casa que acolhe projetos que potencializam a produção de vidas e de existências. Uma casa que produza saberes diversos, que contribua para a formação de seres humanos sensibilizados, pois esta pesquisa mostrou que é possível a transformação, tanto das estudantes, como do seu entorno, e do próprio lócus, a universidade.

Ao final desta pesquisa conclui-se que a Musicoterapia, que vem ampliando cada vez mais seu campo de atuação, pode ter no espaço universitário um novo campo para atuar, em um trabalho ofertado para estudantes que sofreram violência e também para outros estudantes em situação vulnerabilidades.

Como limitação, esta pesquisa foi realizada somente com estudantes do gênero feminino. Sugere-se que estudos como este possam ser estendidos, considerando a formação de grupos maiores e mais ampliados no quesito gênero. Que sirva de inspiração para outras pesquisas, ampliando para outras parcelas de estudantes que também sofrem violência, como a população LGBTQIAP+, estrangeiros, negros, indígenas e outros mais.

Para finalizar, junto minha voz, à voz das participantes, à voz de compositores, compositoras e intérpretes, e deixo estas palavras para “**L**”, “**H**”, **Flora**, **Samanta**, **Oxigênio** e **Nitrogênio**, assim como para todas as estudantes e mulheres que sofrem violência.

MÚLTIPLAS VOZES

Vem cá, encosta tua cabecinha no meu ombro e chora
Você tem uma amiga em mim
Você tem problemas, eu também tenho
As histórias que você viveu só você sabe como foi
Tudo aquilo que você sentiu, só você sabe
Que essa dor eu não quero pra ninguém no mundo,
nem para você.
Porque, não, não era você, era ele
Sim, há pequenas alegrias da vida adulta
Pode crer

Melhor viver, meu bem
Pois há um lugar
Em que o sol brilha pra você

Há um vilarejo ali
Onde areja um vento bom
Vem sentir, vem desfrutar, vem se deleitar.
É algo do seu direito
Caminhe sem o pesar
Você é o seu próprio lar
Você pode se definir
Lembre-se, a gente aprende,
a vida é uma escola
Seja dona dos seus ideais
Não se esqueça
Seus sonhos são sempre verdadeiros.

Espero que você entenda
Que o sofrimento não é tormento
Tudo é uma questão de viver
Com a liberdade de poder e ser o que se quer
Tem que ter coragem e vontade de se conhecer
Nunca se esqueça
A pessoa que você mais ama é você mesmo
Agora você pode ir
Pra se reconhecer de volta
Pra se reaprender e se apreender de novo
Fique alerta, pois
Alguém lhe avisou pra pisar nesse chão devagarinho.
Vai, segue o vento sob suas asas
Voa, voa, voa.

Agora há coisas que você sabe que antes não sabia
E é por isso que essa força te leva a cantar,
Por isso é que você canta e não pode parar,
Por isso essa voz, essa voz tamanha.

REFERÊNCIAS

ABEP – Critério de Classificação Econômica Brasil. Alterações na aplicação do Critério Brasil, válidas a partir de 01/06/2021. Disponível em: https://www.abep.org . Acesso em 20 out 2022.

ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência. **Abuso sexual – mitos e realidade**. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados, 3. ed. 2002. Disponível em: https://andi.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Abuso-sexual_mitos-e-realidades.pdf . Acesso em: 29 nov. 2022.

ADAMS, J.; RICOY, L. C. Violencia pasiva en mujeres universitarias. Un estudio exploratorio de las causas del deterioro de la autoestima. **Psicología y Salud**, *[S. l.]*, v. 22, n.1, p.133-139, 2012. Disponível em: https://psicologiaysalud.uv.mx/index.php/psicysalud/article/view/565/970. Acesso em: 09 out. 2020.

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, *[S. l.]*, v. 26. n. 2, p. 222-245, 2006. DOI: https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000200006.

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbeped/a/Y7jvCHjksZMXBrNJkqq4zjP/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 2 nov. 2021.

AGUIAR, F. A. R. *et al*. Approach about sexual violence against women in the nursing undergraduation course. **Enfermería Global**. 2021. Disponível em: https://scielo.isciii.es/pdf/eg/v20n63/en_1695-6141-eg-20-63-283.pdf. Acesso em: 23 mar 2022.

ARENDT, H. **Da violência**. Livro digitalizado. Tradução: Maria Claudia Drummond. Data da publicação Original: 1969/1970. Data da Digitalização: 2004.

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

ARNDT, A. D.; CUNHA, R.; VOLPI, S. Aspectos da prática musicoterapêutica: contexto social e comunitário em perspectiva. **Psicologia & Sociedade**, *[S. l.]*, v. 28, p. 387-395, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/psoc/a/4sqmqK54YDF8xTvqvjbZnJd/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 20 nov. 2020.

ARNDT, A. D. **"Mas, nós vamos compor?":** roda de música como experiência coletiva em um CRAS da região metropolitana de Curitiba. 196 f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

ARNDT, A. D. Restituindo a possibilidade de sonhar e amar: notas sobre transformação social e musicoterapia. *In*: BEGGIATO, S.; ARNDT, A. D. **Ensaios sobre arte, educação e musicoterapia**. Curitiba: CRV, 2022.

ARNDT, A. D.; VOLPI, S. B. A canção e a construção de sentidos em musicoterapia: história de mulheres em sofrimento psíquico. **Revista Brasileira de Musicoterapia**. *[S. l.]*, n. 2, p. 27-38, 2012. Disponível em: http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/10/A-can%C3%A7%C3%A3o-e-a-constru%C3%A7%C3%A3o-de-sentidos-em-musicoterapia-hist%C3%B3ria-de-mulheres-em-sofrimento-ps%C3%ADquico.pdf. Acesso em: 20 nov. 2020.

AROMATARIS, E.; MUNN, Z. (Eds.) **JBI manual for evidence synthesis**. Adelaide: The Joanna Briggs Institute. 2020. DOI: http://dx.doi.org/10.46658/JBIMES-20-01.

ARRUDA, J. E. da S.; LUZ, N. S. da. Mulher vítima de violência: desbravando as razões da culpa feminina. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10: Desafios atuais do feminismo., 2013. Florianópolis. **Anais eletrônicos.**.. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373306034_ARQUIVO_artigofazendogenero2013versaofinal.pdf. Acesso em: 16 nov. 2022.

ARRUDA, M. L. **A influência da musicoterapia na percepção da qualidade de vida de pessoas idosas**. 2018. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

ASBAHR, F. da S. F. Sentido pessoal, significado social e atividade de estudo: uma revisão teórica. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 18, n. 2, 2014. p. 265-272. DOI: https://doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0182744.

BAKER, F. A. What about the music? Music therapists' perspectives on the role of music in the therapeutic songwriting process. **Psychology of Music**, *[S. l.]*, v. 43, n. 1, p. 122-139, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1177/0305735613498919. Acesso em: 19 ago 2020.

BAKER, F. A.; BALLANTYNE, J. "You've got to accentuate the positive": Group songwriting to promote a life of enjoyment, engagement and meaning in aging Australians. **Nordic Journal of Music Therapy**, *[S. l.]*, v. 22, n.1, p. 7-24, 2013. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1080/08098131.2012.678372. Acesso em: 19 ago. 2020.

BANYARD, V. *et al*. Academic correlates of unwanted sexual contact, intercourse, stalking, and intimate partner violence: an understudied but important consequence for college students. **Journal of Interpersonal Violence**, *[S. l.]*, v. 35, n. 21-22, p. 4375-4392, 2020. DOI: https://doi.org/10.1177/0886260517715022. Acesso em: 02 nov. 2021.

BARCELLOS, L. R. M. **Musicoterapia e Cultura.** Cadernos de Musicoterapia 1**.** Rio de Janeiro: Enelivros, 1992.

BARCELLOS, L. R. M. **Etapas do processo musicoterápico ou para uma metodologia de musicoterapia.** Cadernos de Musicoterapia 4. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.

BARCELLOS, L. R. M**. Musicoterapia:** alguns escritos. Rio de Janeiro: Enelivros, 2004. 142 p.

BARCELLOS, L. R. M. **Música e metáfora em musicoterapia**. (Tese Doutorado) Programa de Pós- Graduação em Música do Centro de Letras e Artes da UNIRIO, 2009.

BARCELLOS, L. R. M. **Quaternos de musicoterapia e coda**. Dallas: Barcelona Publishers, 2016.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEGGIATO, S. M. O. O curso de musicoterapia no Paraná́: dos anos 70 até os anos 90**.** Fórum Paranaense de Musicoterapia, 18, **Anais** ... Curitiba, 2017. Disponível em: https://amtpr.com.br/wp-content/uploads/2021/03/2017-8.-O-Curso-De-Musicoterapia-no-Parana-dos-anos-70-ate-os-anos-90..pdf. Acesso em: 20 out. 2020.

BEGGIATO, S.; MESSAGI, J. Caminhada histórica da musicoterapia no Paraná. *In*: BEGGIATO, S.; ARNDT, A. D. **Ensaios sobre arte, educação e musicoterapia**. Curitiba: CRV, 2022.

BENENZON, R. **Teoria da musicoterapia**: contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal. São Paulo: Summus, 1988.

BELLINI, D. M. G. **Violência contra mulheres nas universidades:** contribuições da produção científica para sua superação. 2018. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

BITTAR, D.; KOHLSDORF, M. Ansiedade e depressão em mulheres vítimas de violência doméstica. **Psicologia Argumento**, *[S. l.]*, v. 31, n. 74, p. 447-456, 2013. Disponível em: http://doi:10.7213/psicol.argum.31.074.DS08. Acesso em: 16 nov 2022.

BOEN, M. T.; LOPES, F. L. Vitimização por *stalking*: um estudo sobre a prevalência em estudantes universitários. **Revista Estudos Feministas**, *[S. l.]*, v. 27, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/Xf3nnDR9z4XCJ7gqRspzZjS/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 30 nov 2022.

BONFIM, L. A. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponivel em: https://www.researchgate.net/publication/250988508_Grupos_focais_conceitos_proc

edimentos_e_reflexoes_baseadas_em_experiencias_com_o_uso_da_tecnica_em_pesquisas_de_saude. Acesso em: 18 nov. 2020.

BORGES, L. M. A escuta clínica em contexto de intervenção com imigrantes e refugiados. *In*: LOPEDOTE *et al*. **Corpos que sofrem**: como lidar com os efeitos psicossociais da violência? São Paulo: Elefante, 2019.

BOURDIEU, P.; **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOWE, H.; MUDGE M. B.; FRISCH, A. When words are not enough. *In*: JACKSON, N. A. **Inside music therapy:** client experience. Gilsum: Barcelona Publishers, 1999.

BRANDÃO, R.; MILLECCO, L. A.; MILLECCO, R. **É preciso cantar - musicoterapia cantos e canções**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.

BRASIL. Decreto-Lei n° 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União,** Brasilia. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 20 set. 2021.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10644726/artigo-227-da-constituicao-federal-de-1998. Acesso em: 26 nov 2022.

BRASIL.- Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar**: orientações para prática em serviço, 2001. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf . Acesso em: 14 dez 2022.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Diário Oficial da União**, Brasília, p. 1, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 20 set. 2021.

BRASIL. Lei nº 13.984, de 3 de abril de 2020. **Diário Oficial da União**, 2020. Disponivel em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L13984.htm#:~:text=O%20PRESIDENTE%20DA%20REP%C3%9ABLICA%20Fa%C3%A7o,e%20a%20ter%20acompanhamento%20psicossocial. Acesso em: 3 mar. 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2021**: divulgação de resultados. Brasília, DF: Inep, 2022(a). Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados. Acesso em: 3 dez. 2022.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2021**: notas estatísticas. Brasília, DF: Inep, 2022(b). Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_da_educacao_superior_2021.pdf. Acesso em: 15 dez. 2022.

BROILE, J. **Psicanálise nas situações sociais críticas**: a construção de dispositivos clínicos (aula 01). YOUTUBE. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mJ56ttAp4xQ. Acesso em: 10 jan. 2023.

BROLEZZI, A. C. Empatia em Vigotski. **Dialogia**, n. 20, p. 153-166, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.5585/dialogia.N20.4944. Acesso: 1 fev. 2023.

BRUSCIA, K. Standards of integrity for qualitative music therapy research. **J Music Ther**., *[S.l.],* v. 35, n. 3, p. 176-200, 1998. Disponível em: DOI: 10.1093/jmt/35.3.176.

BRUSCIA. K. **Definindo musicoterapia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

BRUSCIA. K. **Definindo musicoterapia**. 3. ed. Dallas: Barcelona Publishers. 2016.

BUENO, R. de C. P. Violência na infância: por que é importante falar sobre isso? *In*: CANOSA, A. C.; ZACHARIAS, R.; KOEHLER, S. M. F. (Orgs.) **Sexualidades e violências** - um olhar sobre a banalização da violência no campo da sexualidade. São Paulo: Ideias & Letras, 2019.

BUNT, L. **Music therapy:** an art beyond word. London: Routledge, 1994.

BUTLER, J. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CAMPOS, M. P. de; SILVA, J. M.; SILVA, E. A. 'Teu corpo é o espaço mais teu possível': construindo a análise do corpo como espaço geográfico. **Revista da ANPEGE**, *[S.l.],* v. 16, n. 31, p. 101-114, 2020. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege. Acesso em 18 jan. 2023

CAPOVILLA, S. H. **Mapeamento de experiências existentes nas universidades federais no combate à violência de gênero e contra as mulheres:** subsídios para a construção do observatório de gênero mulheres e violência na UFSCar. Dissertação (Mestrado em Gestão de Organizações e Sistemas Públicos) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

CARIDADE, S.; MACHADO, C. Violência sexual no namoro: relevância da prevenção. **Psicologia**, *[S.l.],* v. 22, n. 1, p. 77–104, 2008. DOI: https://doi.org/10.17575/rpsicol.v22i1.339.

CÉSPEDES, R.; *et al*. Academic presenteeism and violence against women in schools of business and engineering in Peruvian universities. **Lecturas de Economía**, *[S.l.],* v. 93, p. 127-153, 2020. DOI: https://doi.org/10.17533/udea.le.n93a340726 .

CHAGAS, M. **Musicoterapia - desafios entre a modernidade e a contemporaneidade – como sofrem os híbridos e como se divertem**. Rio de Janeiro: Mauad X e Bapera, 2008.

CHAGAS, M. “Cantar é mover o som”. III Fórum Paranaense de Musicoterapia **Anais** ... Curitiba, 2001. Disponível em https://amtpr.com.br/wp-content/uploads/2021/03/2001-30.-Cantar-e-mover-o-som..pdf. Acesso em: 20 out. 2020.

CHAGAS, M. **Musicoterapia**: uma ferramenta de autoconhecimento em saúde mental. Youtube, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NR8sdTrb-Ww. Acesso em: 12 dez. 2022.

CHILDHOOD – **Pela proteção da infância**. Página web, 2019. Disponível em: https://www.childhood.org.br/tipos-de-abuso-sexual-de-criancas-e-adolescentes. Acesso em: 29 nov. 2022.

CIKURU, J. *et al*. Impact of the Healing in Harmony program on women's mental health in a rural area in South Kivu province, Democratic Republic of Congo. **Global Mental Health**, *[S.l.],* v. 8, p. e13, 2021. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/global-mental-health/article/impact-of-the-healing-in-harmony-program-on-womens-mental-health-in-a-rural-area-in-south-kivu-province-democratic-republic-of-congo/D652BC74A9F9B40DF29E0C8352192066. Acesso em: 28 set. 2022.

CORDEIRO, F. *et al*. Entre negociação e conflito: gênero e coerção sexual em três capitais brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, *[S.l.],* v. 14, p. 1051-1062, 2009. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000400012. Acesso em: 6 dez. 2022.

COSTA, C. M. **O despertar para o outro:** musicoterapia. São Paulo: Summus, 1989.

COSTA, E. A. P.; COIMBRA, C. M. B. Nem criadores, nem criaturas: éramos todos devires na produção de diferentes saberes. **Psicologia & Sociedade**, *[S.l.],* v.20, n.1, p. 125-133, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/250047198_Nem_criadores_nem_criaturas_eramos_todos_devires_na_producao_de_diferentes_saberes. Acesso em: 2 nov. 2020.

COSTA, F. Borderless a study of violence against women in universities: Brazil, Portugal, and the U.K. **Journal of International Women's Studies**, *[S.l.],* v. 21, n. 2, p. 169-177, 2020. Disponível em: https://vc.bridgew.edu/jiws/vol21/iss2/14. Acesso em: 22 jul. 2021.

CNJ. Conselho Nacional de Justiça. Formas de violência contra a mulher. **Portal CNJ**, 2023. Disponivel em: https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoes/violencia-contra-a-mulher/formas-de-violencia-contra-a-mulher/. Acesso em: 03 Mar 2023.

CRAVEIRO DE SÁ. L. Música em musicoterapia: dimensões da pesquisa. *In*: Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia. **Anais**... Rio de Janeiro, 2004.

Disponível em: http://www.amtrj.com.br/wp-content/uploads/2021/04/V-ENPEMT-completo.pdf. Acesso em: 20 set. 2021.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativos, quantitativos e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 296 p.

CRUZ, M. A. da *et al*. Repercussões do abuso sexual vivenciado na infância e adolescência: revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, *[S. l.]*, v. 26, n. 4, p. 1369-1380, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/y96pVLNpJBGzgY9Sd9kFJwJ/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 28 nov. 2022.

CUNHA, R. Musicoterapia Social e Comunitária: uma organização crítica de conceitos. **Brazilian Journal of Music Therapy**, *[S. l.]*, n. 21, 2016. Disponível em: https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/68. Acesso em: 14 jun. 2020.

CUNHA, R. Reflexões sobre a prática da Musicoterapia em grupo. **Brazilian Journal of Music Therapy**, *[S. l.]*, n. 26, 2019. Disponível em: https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/22. Acesso em: 14 jun. 2020.

CUNHA, R.; ARNDT, A. Musicoterapia social comunitária e (in)visibilidades. *In*: BEGGIATO, S.; ARNDT, A. D. **Ensaios sobre arte, educação e musicoterapia**. Curitiba: CRV, 2022.

D'OLIVEIRA, A. F. Invisibilidade e banalização da violência contra as mulheres na universidade: reconhecer para mudar. **Interface** (Botucatu). 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/Interface.190650. Acesso em: 31 out. 2021.

FARIA, M. A. de. **A luta é coletiva, mas a resistência é individual? Violências vivenciadas e estratégias de enfrentamento construídas pela comunidade universitária de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e outras identidades**. 2018. 184 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Instituto René Rachou (Fundação Oswaldo Cruz), Belo Horizonte, 2018.

FAIRCHILD, R.; THOMPSON, G.; MCFERRAN, K. S. Exploring the meaning of a performance in music therapy for children and their families experiencing homelessness and family violence. **Music Therapy Perspectives**, *[S. l.]*, v. 35, n. 1, p. 36-49, 2017. DOI: https://doi.org/10.1093/mtp/miw004. Acesso em: 28 set. 2022.

FAIRCHILD, R.; SHERIDAN, J. Strengthening bonds between children, young people, and their families after family violence. **Voices: A World Forum for Music Therapy,** *[S. l.]*, v. 18, n. 4. 2018. DOI: https://doi.org/10.15845/voices.v18i4.2600. Acesso em: 28 set. 2022.

FAIRCHILD, R.; MRAZ, M. "Everything changed when i got those drums": a collaborative case reflection. **Voices: A World Forum for Music Therapy,** *[S. l.]*, v. 18, n. 1, 2018. DOI: https://doi.org/10.15845/voices.v18i1.957. Acesso em: 28 set. 2022.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. COSTA, J. E. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, D. H. *et al*. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. **Psicologia & Sociedade**, *[S. l.]*, v. 24, n. 2, p. 307-314, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/psoc/a/bJqkynFqC6F8NTVz7BHNt9s/?lang=pt&format=html. Acesso em: 1 out. 2020.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Nota Técnica Violência Doméstica Durante a Pandemia** (2020). Disponível em https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf. Acesso em: 20 set. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 75. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GADONI-COSTA, L. M.; DELL'AGLIO, D. D. Mulheres em situação de violência doméstica: vitimização e *coping*. **Interinstitucional de Psicologia**, *[S. l.]*, v. 2, n. 2, p.151-159, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202009000200010. Acesso em: 1 out. 2020.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

GODOY, A. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. RAE – **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, *[S. l.]*, v. 35, n. 3, p. 21, 1995. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCgnnC/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 20 nov. 2020.

GOMES, L. K. G. R.; ASSUNÇÃO, M. M. S. de. Relacionamentos amorosos abusivos. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 271-294, 2021.

GOMES, M. de A. *et al*. Como lidar com os efeitos psicossociais da violência?: o curso de capacitação como um dispositivo clínico e político. *In*: LOPEDOTE, M. L. G. *et al*. **Corpos que sofrem**: como lidar com os efeitos psicossociais da violência? (p.54-68). São Paulo: Elefante Editora, 2019.

GONZALEZ-REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de subjetivação da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GONZÁLEZ-REY, F. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psicologia da Educação**,

São Paulo, n. 24, 2007. p. 155-179. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n24/v24a11.pdf. Acesso em: 2 out. 2021.

GOULART, M. C. V. *et al*. Considerações sobre a violência na universidade. Disponível em: *In*: Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. 7. 2013, São Cristovão. **Anais** .... São Cristovão: Universidade Federal de Sergipe, 2013. p. 1-9. Disponível: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/15768/1/CONSIDERAÇÕES%20SOBRE%20A% 20VIOLENCIA%20NA%20UNIVERSIDADE.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

GUIMARÃES, R. C.S. *et al*. Impacto na autoestima de mulheres em situação de violência doméstica atendidas em Campina Grande, Brasil. **Revista Cuidarte**, *[S. l.]*, v. 9, n. 1, p.1988-97, 2018. DOI: http://dx.doi.org/10.15649/cuidarte.v9i1.438. Acesso em: 9 out. 2020.

HERNANDEZ-RUIZ, E. Empowering women survivors of domestic violence. **Music Therapy Perspectives**, *[S. l.]*, v. 38, n. 1, p. 3-6, 2020. DOI: https://doi.org/10.1093/mtp/miaa005. Acesso em: 29 set. 2022.

HIBBEN, J. (ed.) **Inside music therapy:** client experiences. Gilsum: Barcelona Publishers. 1999. DOI: https://doi.org/10.1093/jmt/42.2.163.

INSTITUTO AVON. Pesquisa Instituto Avon / Data Popular. **Violência contra a mulher no ambiente universitário**. São Paulo: Instituto Avon, 2015. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/11u8aXbJIlCjhzjxZgmiGzcAkv85KnFGe/view. Acesso em: 19 mai. 2022.

JACOBSEN, S. L.; MCKINNEY, C. H.; HOLCK, U. Effects of a dyadic music therapy intervention on parent-child interaction, parent stress, and parent-child relationship in families with emotionally neglected children: A randomized controlled trial. **Journal of music therapy**, *[S. l.]*, v. 51, n. 4, p. 310-332, 2014. DOI: https://doi.org/10.1093/jmt/thu028. Acesso em 28 set. 2022.

JOSÉ FILHO, P. Pesquisa: contornos no processo educativo. I*n:* JOSÉ FILHO, P. M; DALBÉRIO, O. **Desafios da pesquisa**. Franca: Unesp - FHDSS, 2006. p. 63-75.

JUAN, T. F. de. Music therapy for women survivors of intimate partner violence: An intercultural experience from a feminist perspective. **The Arts in Psychotherapy**, *[S. l.]*, v. 48, p. 19-27, 2016. DOI: https://doi.org/10.1016/j.aip.2015.12.007Get rights and content. Acesso em: 28 jul. 2021.

KAUFMANN, J. C. **A entrevista compreensiva – um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

KIM, J. Music therapy with children who have been exposed to ongoing child abuse and poverty: A pilot study. **Nordic Journal of Music Therapy**, *[S. l.]*, v. 24, n. 1, p. 27-43, 2015. DOI: https://doi.org/10.1080/08098131.2013.872696. Acesso em: 28 set. 2022.

KIRKLAND, K. **International dictionary of music therapy**. East Sussex: Routledge, 2013.

KROB, D. B.; SILVA, L. F. S. da. “Comigo não, violão!”: musicoterapia com mulheres em situação de violência doméstica. **Revista Bras. de Musicoterapia**, *[S. l.]*, n. 132, p. 27-38, 2012. Disponível em: https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/259/240. Acesso em: 10 mar. 2021.

KROB, D. B. **Desconstruindo Amélias:** musicoterapia com mulheres em situação de violência doméstica sob a ótica da teologia feminista. 2013. 136 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2013.

LEINIG, C. E. **Tratado de musicoterapia**. São Paulo: Sobral Editora, 1977.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LUCENA, K. D. T. de *et al.* Associação entre a violência doméstica e a qualidade de vida das mulheres. **Revista Latino-Americana de. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 25, 2017. DOI: https://doi.org/10.1590/1518-8345.1535.2901 . Acesso em: 20 out. 2020.

MACHADO, L. V.; FACCI, M. G. D.; BARROCO, S. M. S. Teoria das emoções em Vigotski. **Psicologia em Estudo**, *[S. l.]*, v. 16, p. 647-657, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/cvL9hMXKctvZpzF3nLFdyYw/abstract/?lang=pt. Acesso em: 31 jan 2023.

MAGRIN, J. V. *et al*. Emotional, physical and sexual violence against female students undergoing medical, dental and psychology courses in South Brazil. **Eur J Dent Educ**., *[S. l.]*, v. 23, n. 4, p. 455-450, 2019. DOI: https://doi.org/10.1111/eje.12452. Acesso em: 22 jul. 2021.

MAHEIRIE, K. “**Sete mares numa ilha**”: a mediação do trabalho acústico na construção da identidade coletiva. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. 196f.

MAHEIRIE, K. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. **Psicologia em estudo**, v. 8, n. 2, p.147-153, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/Mj7QYdVRbYk5QSF7F8sDRLf/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 10 out. 2021.

MAITO, D. C. **Parâmetros teóricos e normativos para o enfrentamento à violência contra as mulheres na Universidade de São Paulo**. 218 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.

MAITO, D. C. *et al*. Construção de diretrizes para orientar ações institucionais em casos de violência de gênero na universidade. **Interface,** Botucatu, v. 23, 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/Interface.180653. Acesso em: 31 out. 2021.

MATTAR, R. *et al*. Assistência multiprofissional à vítima de violência sexual: a experiência da Universidade Federal de São Paulo. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 459-464, 2007. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-311X2007000200023. Acesso em: 21 out. 2020.

MCEWEN, C.; PULLEN, A.; RHODES, C. Assédio sexual no trabalho: um problema de liderança. **Revista de Administração de Empresas**, *[S. l.]*, v. 61, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rae/a/F8WjqCNn6hGxfnTB3PfTNdp/?format=pdf&lang=pt . Acesso em: 7 dez. 2022.

MEDEIROS, I. F. **A musicoterapia na preservação da memória e na qualidade de vida de idosos institucionalizados**. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, 2013.

MESQUITA; A. P. *et al.* A violência contra as mulheres em tempos de pandemia: reatualizando a caça às bruxas. **Revista Humanidades e Inovação**, *[S. l.]*, v.8, n. 35, 2021. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5375. Acesso em: 14 ago. 2021.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, pág. 621-626, 2012. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007 . Acesso em: 15 ago. 2020.

MIRANDA, M. I. F. de *et al*. Conduta de acadêmicos de uma universidade da região amazônica frente ao *bullying*. **Enfermagem em Foco**, *[S. l.]*, v. 3, n. 3, p. 114-118, 2012. DOI: https://doi.org/10.21675/2357-707X.2012.v3.n3.293. Acesso em: 19 out. 2020.

MISHRA, L. Effects of Violence against Women on Higher Education in Mizoram, India. **Journal of International Women's Studies,** *[S. l.]*, v. 22, n. 1, p. 465-472, 2021. Disponível em: https://vc.bridgew.edu/jiws/vol22/iss1/27. Acesso em: 2 nov. 2021.

MORIN, E. **Cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 128 p.

NAMURA, M. R. Porque Vygotski se centra no sentido: uma breve incursão pela história do sentido na psicologia. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 19, p. 91-117, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752004000200006. Acesso em: 2 out. 2021.

NASCIMENTO, F. S.; CORDEIRO, R. L. M. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. **Psicologia & Sociedade**, *[S. l.]*, v. 23, p. 516-525, 2011. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000300009 . Acesso em: 8 dez. 2022.

OLIVEIRA, P. P. *et al*. Mulheres vítimas de violência doméstica: uma abordagem fenomenológica**. Texto & Contexto Enfermagem,** *[S. l.]*, v. 24, n. 1, 2015, pp. 196-20. DOI: https://doi.org/10.1590/0104-07072015002900013. Acesso em: 9 out. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS. **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde**. Genebra, 2002.

PANUNCIO-PINTO, M. P. *et al*. Situações de violência interpessoal/bullying na universidade: recortes do cotidiano acadêmico de estudantes da área da saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília,v. 43, n. 1, supl. 1, p. 537-546, 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/1981-5271v43suplemento1-20190060. Acesso em 19 out. 2020.

PAIXÃO, E. de S.; SOUZA NETO, J. C. O abuso sexual de crianças e adolescentes: considerações sobre o fenômeno. **Territorium**, *[S. l.]*, v. 27, n. 1, p. 97-111, 2020. DOI: DOI: https://doi.org/10.14195/1647-7723_27-1_8 .Acesso em 29 nov. 2022.

PASIALI, V. A clinical case study of family-based music therapy. **Journal of Creativity in Mental Health**, *[S. l.]*, v. 8, n. 3, p. 249-264, 2013. DOI: https://doi.org/10.1080/15401383.2013.821925. Acesso em: 28 set. 2022.

PEIXOTO, M. C. de M.; TEIXEIRA, C. M. F. da S. Musicoterapia comunitária – contribuição para a saúde mental da comunidade. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**. Florianópolis, v. 5, n. 11, p. 102-113, 2013. DOI: https://doi.org/10.5007/cbsm.v5i11.68809. Acesso em: 17 out. 2020.

PEQUENO, M. J. P. **Violência e direitos humanos**. São Paulo: Opção Livros, Editora Cajuína, 2019.

PEREIRA, A. L. de Q. *et al*. Projeto “conte comigo”: enfretamento da violência contra as mulheres nos jogos universitários. **Revista Brasileira de Educação Médica**, *[S. l.]*, v. 46, 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/1981-5271v46.1-20210146. Acesso em: 22 mar. 2022.

PÉREZ-EIZAGUIRRE, M. *et al*. Efficacy of music therapy in the treatment of anxiety among children at social risk and those have committed child to parent violence. **Psychology of Music**, *[S. l.]*, v. 50, n. 1, p. 328-342, 2022. DOI: https://doi.org/10.1177/0305735621996024. Acesso em: 29 set. 2022.

PILECCO, F. B.; KNAUTH, D. R.; VIGO, A. Violência de gênero: coerção sexual entre jovens brasileiras. **Fazendo Gênero**, *[S. l.]*, v. 9, 2010. Disponível em: http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277256020_ARQUIVO_Pilecco,KnautheVigo_2010_.pdf . Acesso em: 6 dez. 2022.

POLO, C. K.; OLIVEIRA, V. B. de. Intervenções do lúdico-musical frente ao stress de crianças abrigadas, vítimas de violência doméstica. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, *[S. l.]*, v. 80, n. 1, p. 210-230, 2011. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/946/94622747017.pdf. Acesso em: 28 set. 2022.

PREFEITURA DE CURITIBA. **Cartilha de Prevenção e combate à violência doméstica e familiar contra a mulher em condomínios**. Curitiba, 2020.

PRESTES, E. M. da T.; JEZINE, E. Interface da violência com a evasão e exclusão na educação superior. **Revista Eletrônica de Educação**, *[S. l.]*, v.15, p. 1-16, 2021. Disponível em: http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3828/1135. Acesso em: 10 out. 2021.

REVISTA BRASILEIRA DE MUSICOTERAPIA. Ano I, n. 2., UBAM, 1996.

RIBEIRO, M. R. **Caracterização das lesões auto-infligidas não letais no âmbito das perícias médico-legais.** Dissertação (Mestrado Integrado em Medicina) - Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2014.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RUUD, E. **Caminhos da musicoterapia.** São Paulo: Summus, 1990.

RUUD, E. Music and the quality of life. **Nordic Journal of Music Therapy**, *[S. l.]*, v. 6, n. 2, p. 86-97, 1997. DOI: http://dx.doi.org/10.1080/08098139709477902. Acesso em: 6 fev. 2023.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAMPAIO, L. R.; CAMINO, C. P. dos S.; ROAZZI, A. Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. **Psicologia: ciência e profissão**, *[S. l.]*, v. 29, p. 212-227, 2009. DOI: https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000200002. Acesso em: 9 fev. 2023.

SAMPIERI, R. H. *et al*. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANT'ANNA, T. C.; PENSO, M. A. A transmissão geracional da violência na relação conjugal. **Psicologia: teoria e pesquisa**, *[S. l.]*, v. 33, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ptp/a/YNYtcz4CJmnn7qgB3LpbSVM/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 28 jan. 2023.

SANTOS, A. P. dos. **De mãe para filha**: a transmissão da violência doméstica entre gerações e a trajetória de vitimização entre mulheres**.** 104 f. 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2021.

SANTOS, B. S. A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. *In*: SANTOS, B. S.; ALMEIDA FILHO, N**. A**

universidade no século XXI: para uma universidade nova. COIMBRA, 2008. Disponível em https://www.boaventuradesousasantos.pt/media/A%20Universidade%20no%20Seculo%20XXI.pdf. Acesso em: 17 jan. 2022.

SANTOS, C. de A. dos. Stalking na violência doméstica e familiar contra a mulher. **Caderno Virtual**, *[S. l.]*, v., n.1, p.54, 2022. Disponível em: https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/cadernovirtual/article/view/6543/2717 Acesso em: 09 nov. 2022.

SANTOS, E. A. dos. **Musicoterapia e o cuidado ao cuidador familiar de idoso com Alzheimer**: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, 2018. 2020.

SANTOS, K. da S. *et al*. O uso de triangulação múltipla como estratégia de validação em um estudo qualitativo. **Ciência & Saúde Coletiva**, *[S. l.]*, v. 25, p. 655-664, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/1413-81232020252.12302018. Acesso em: 26 fev. 2023.

SARAIVA, V. M. **Coletivos feministas universitários e violência de gênero no centro-oeste e Distrito Federal**. 2019. 127 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). São Leopoldo, 2019.

SAWAIA, B. B. Dimensão ético-afetiva do adoecer da classe trabalhadora. *In*: LANE, S. T. M.; SAWAIA, B. B. (orgs.). **Novas Veredas da Psicologia Social**. São Paulo: EDUC/Brasiliense, 1995.

SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Editora Vozes Limitada, 2001.

SHAPIRA, D. **Técnicas Receptivas de la Musicoterapia Plurimodal**. Material utilizado en los Grupos de Estudio del Programa ADIM. Não publicado.

SILVA, F. V. da. "Depois a louca sou eu": estratégias biopolíticas e produção de subjetividade em discursos sobre relacionamento abusivo. **MOARA–Revista Eletrônica**, *[S. l.]*, v. 2, n. 57, p. 103-122, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.18542/moara.v2i57.8561 . Acesso em: 7 dez. 2022.

SILVA, L. C. P. da *et al*. Gender violence against woman nursing students: a cross-sectional study. **Ver. Bras. Enferm**., *[S. l.]*, v. 74, n. 5, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0539. Acesso em: 31 out. 2021.

SILVA, T. C. O. da. A cultura da culpabilidade da mulher frente à agressão a ela cometida em pleno século XXI: até quando a vítima será colocada no banco dos réus? **Revista Eletrônica OAB/RJ**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, jul./dez. 2019. Disponível em: http://revistaeletronica.oabrj.org.br. Acesso em: 16 nov. 2022.

SOUZA, D. C. **Relacionamentos abusivos**: significados atribuídos por um grupo de jovens acadêmicos da UFAM. 2018. 86 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

SOUZA, J. G. de. **Diferentes formas de violência no contexto universitário:** experiências e representações da comunidade acadêmica. 2021. 63 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.

SOUZA, V. M. P. de *et al*. Violência de gênero no espaço universitário. **Cogitare Enfermagem**, *[S. l.]*, v. 26, 2021. DOI: https://doi.org/10.5380/ce.v26i0.67689. Acesso em: Acesso em: 09 out. 2020.

SPINK, P. K. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista**. Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 18-42, 2003. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-71822003000200003. Acesso 18 out. 2020.

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica.

STRAPPAZZON, André Luiz; MAHEIRIE, Katia. “Bons encontros” como composições: experiências em um contexto comunitário. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 68, n. 2, p. 114-127, 2016. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/2290/229048487010.pdf. Acesso em: 30 mar 2023.

THEBAS, C.; DUNKER, C. **O palhaço e o psicanalista:** como escutar os outros pode transformar vidas. *[S. l.]:* Planeta Estratégia, 2021.

UBAM. União Brasileira das Associações de Musicoterapia. **Definição Brasileira de Musicoterapia**. 2018. Disponível em: http://ubammusicoterapia.com.br/definicao-brasileira-de-musicoterapia/. Acesso em: 5 nov. 2020.

UNIRIO. **Violência no namoro em jovens universitárias**: como prevenir? Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/600990/2/CARTILHA%20VIOL%C3%8ANCIA%20NO%20NAMORO.pdf. Acesso em: 11 dez. 2022.

VALGAS, H. M. **A musicoterapia em situações de luto:** possibilidades de intervenção. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

VASCO, A. F. S. Programa piloto de musicoterapia para favorecer o enfrentamento de situações difíceis em virtude do projeto de vida de adolescentes vítimas de conflito armado colombiano. **Revista InCantare**, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 1-156, 2017. Disponível em: https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/article/view/1962/1242. Acesso em: 28 set. 2022.

VILELA, M. E. de A. *In*: MELO, V. H.; MELO, E. M. **Para elas**. Ministério da Saúde – Núcleo de Promoção de Saúde e Paz. UFMG. Belo Horizonte: Nescon/UFMG, 2016.

VOLPI, S. M. O. B. **Razão e sensibilidade**: caminhos para a formação do professor musicoterapeuta. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2006.

WAZLAWICK, P. *et al*. Análise de uma história por meio da autobiografia musical. *In*: VIII Encontro de Musicoterapia da FAP e IX Fórum de Musicoterapia do Paraná**.** 2007a. **Anais** ... Curitiba, 2007.

WAZLAWICK, P.; CAMARGO, D. DE; MAHEIRIE, K. Significados e sentidos da música: uma breve "composição" a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 12, n. 1, p. 105-113, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000100013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 out. 2020.

WÖLFL, A. DrumPower–music for a better community in the classroom: group music therapy programme for violence prevention, social integration and empowerment in schools–suggestions from Community Music Therapy approaches. **International Journal of Community Music**, *[S.l.],* v. 9, n. 1, p. 65-75, 2016. DOI: https://doi.org/10.1386/ijcm.9.1.65_1. Acesso em: 28 set. 2022.

WÖLFL, A. Prevention of violence through music: Empirical impact analysis of a music therapy model project. **Nordic Journal of Music Therapy**, *[S.l.],* v. 28, n. 5, p. 363-381, 2019. DOI: https://doi.org/10.1080/08098131.2019.1606847. Acesso em: 29 set. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Preventing violence**: a guide to implementing the recommendation of the world reporting violence and health, 2004. Disponível em: https://www.who.int/publications/i/item/9241592079. Acesso em: 19 out. 2021.

YALOM. I. D. **Psicoterapia de grupo**: teoria e prática. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ZANINI, C. R. de O.; MUNARI, D. B. A movimentação de grupos em musicoterapia: vivenciando musicalmente papéis grupais. Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM). 16. 2006. **Anais** ... Brasília – 2006. Disponível em: https://www.anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2006/CDROM/COM/05_Com_Musterap/sessao01/05COM_Musterap_0101-100.pdf. Acesso em: 18 out. 2020.

ZOTARELI, V. *et al*. Gender and sexual violence among students at a brazilian university. **Rev. Bras. Saúde Mater. Infant**., Recife, v. 12, n. 1, p. 37-46, 2012. Disponível em https://doi.org/10.1590/S1519-38292012000100004. Acesso em: 19 out. 2020.

APÊNDICE 1 – PROJETOS DE EXTENSÃO OFERTADOS EM CURSOS DE MUSICOTERAPIA NAS IES NO BRASIL

1. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG

Os projetos de extensão são o que a seguir se apresentam, contudo alguns deles não se encontram preenchidos com todas as informações, desta forma não é possível saber quais estão em vigência:

a) Musicoterapia nos Distúrbios do Neurodesenvolvimento (sem informações)

b) **Musicoterapia Hospitalar: Olhares Empáticos (Hospital João XXIII)**

Objetivos Gerais: Oferecer atendimento clínico de Musicoterapia Breve aos pacientes internados na Unidade de Cuidados Progressivos do Hospital João XXIII e promover o ensino, a pesquisa e a prática clínica aos alunos de Música com habilitação em Musicoterapia da UFMG.

Objetivos Específicos:

- Atender possíveis necessidades físicas, psíquicas e/ou sociais dos pacientes;
- Estimular melhoras cognitivas, motoras, de comunicação e/ou humor dos pacientes;
- Potencializar o trabalho da Psicologia, da Fisioterapia, da Enfermagem e da Fonoaudiologia, dependendo da necessidade de cada paciente;
- Analisar a eficácia da Musicoterapia Hospitalar Breve.

Metodologia:

Os alunos serão divididos em duas duplas, que atenderão os pacientes semanalmente em horário previamente definido pela Unidade de Cuidados Progressivos. Os alunos serão supervisionados pela Professora Marina Horta Freire (Departamento de Instrumentos e Canto – Escola de Música da UFMG) e pelos seguintes profissionais do Setor: Coordenação de Ana Luiza Goveia Moraes (Enfermeira), Supervisão de Luciana Flávia Squarcio Purysco (Psicóloga). As atividades serão realizadas semanalmente: (a) entrevistas com a equipe da Unidade de Cuidados Progressivos

para avaliação de demanda; (b) entrevistas com familiares dos pacientes para levantamento de histórico musical; (c) aplicação de técnicas receptivas ou interativas da Musicoterapia Breve, abordagem Musico-centrada – o musicoterapeuta toca/canta para o paciente, ou estimula o paciente a tocar/cantar, para atingir os objetivos terapêuticos traçados. (OBS: os instrumentos que forem ser tocados por pacientes serão devidamente higienizados com álcool antisséptico antes e após cada utilização.) Paralelamente, serão realizadas supervisões clínicas dos alunos, bem como reuniões de planejamento e discussão de casos clínicos.

c) Musicoterapia na Associação Brasileira de Esclerose Tuberosa (ABET)

Objetivo GeraL: Utilizar métodos e técnicas próprios da musicoterapia para estimular e desenvolver habilidades cognitivas, sociais, motoras, emocionais e de comunicação dos pacientes.

Metodologia:

A metodologia utilizada baseia-se na abordagem da Musicoterapia Neurológica, que procura instigar o efeito do estímulo musical, percebido ou produzido, no treinamento sensório-motor, cognitivo e de linguagem. O planejamento inclui a avaliação inicial, tratamento e avaliação final. Para tanto serão analisadas as necessidades e habilidades de cada paciente para o delineamento do processo.

d) Musicoterapia na Associação Mineira de Reabilitação (AMR)

Objetivo geral: Prestar atendimento clínico musicoterapêutico a pessoas com Deficiência Física, objetivando seu desenvolvimento global e inclusão na sociedade.

Objetivos específicos:

- Utilizar técnicas específicas da Musicoterapia para manter ou desenvolver habilidades de importância para a vida dos pacientes nas áreas da comunicação, atividades acadêmicas, percepção e desenvolvimento da motricidade, habilidades sociais e desenvolvimento emocional.
- Identificar os efeitos da intervenção musicoterapêutica no atendimento aos pacientes da Associação Mineira de Reabilitação (AMR) através da percepção e performance instrumental.

Metodologia:

A intervenção musicoterapêutica esta baseada no Modelo de Reabilitação Funcional e se utiliza de técnicas da Musicoterapia Neurológica na reabilitação sensorial, motora, cognitiva e psicossocial. O atendimento musicoterapêutico se propõe a ser o mais holístico possível. O princípio básico a ser aplicado é o de construir cada plano tratamento e de sessão baseado nas habilidades da pessoa, criando-se, a partir daí, situações musicais baseadas em técnicas fundamentadas em evidências cientificas que permitam desenvolver novas habilidades, minimizando assim sua deficiência. O atendimento musicoterapêutico nas patologias de origem neurológica em crianças na primeira infância e na adolescência ira depender fundamentalmente do diagnostico e recomendação médica e da equipe terapêutica envolvida no tratamento dessa pessoa. O projeto envolve a participação dos alunos do Curso de Graduação em Música- Habilitação Musicoterapia da EM-UFMG dos 6º, 7º e 8º Períodos, matriculados nas disciplinas Clínica A, Clínica B e Estágio I e II. A participação do aluno inclui: atendimento clínico; coleta de dados clínicos através de testes aplicados e filmagens; elaboração de planos de atendimento e projetos de pesquisa; seminários de estudo; análise e tratamento de dados.

e) Musicoterapia nas Instituições de Saúde Mental de Belo Horizonte

Objetivo Geral: Oferecer atendimento musicoterapêutico a jovens, adultos e idosos em Instituições de saúde mental e promover o ensino, a pesquisa e a prática aos alunos de Música com habilitação em Musicoterapia da Universidade Federal de Minas Gerais.

Objetivos Específicos:

- Atender possíveis necessidades psíquicas e/ou sociais;
- Construir e/ou otimizar aspectos coletivos e individuais;
- Possibilitar oportunidades de socialização e criatividade;
- Diminuir a sensação de isolamento comum a estes pacientes.

Metodologia:

Realização de processos clínicos musicoterapêuticos grupais com jovens, adultos e idosos em Instituições de cuidado em Saúde Mental de Belo Horizonte e região metropolitana, fazendo parcerias com o curso de Música com Habilitação em Musicoterapia da Universidade Federal de Minas Gerais. Realização de supervisões de Musicoterapia bem como reuniões de planejamento e discussão de casos clínicos.

Orientação de pacientes e familiares das pessoas atendidas em relação ao processo realizado no contexto musicoterapêutico.

f) Musicoterapia na Casa Do Ancião Chichico Azevedo (Cidade do Ozanam)

Objetivo Geral: estabelecer um programa de atendimento de Musicoterapia do Curso de Graduação em Música – Habilitação em Musicoterapia da UFMG, aos idosos da Casa do Ancião, Cidade Ozanam – Sociedade São Vicente de Paulo. Trata-se de um projeto de ensino e pesquisa. Participam desse projeto os alunos das disciplinas, Clínica de Musicoterapia A e B e Estágios em Musicoterapia I e II.

Objetivos Específicos:

- Preservar a qualidade de vida do idoso; integrado a essa qualidade de vida está o objetivo de manter a dignidade da pessoa, criando oportunidades de socialização e criatividade, diminuindo a sensação de isolamento.
- Remotivar o paciente, facilitando a integração, comunicação e manejamento dos diferentes aspectos da saúde do paciente.

Metodologia:

O atendimento pode ser individual, nos casos terminais e em grupo nos casos onde o paciente apresenta mais independência ambulatorial. O projeto inclui, portanto, três tipos atendimentos: (1) atendimentos paliativos nas enfermarias a paciente terminais; (2) atendimento de grupo a paciente ambulatoriais portadores de Parkinson, AVE, Alzheimer e outras patologias; (3) atendimento preventivo na forma de canto terapêutico. Três atendimentos semanais de três horas cada são realizados. Participam desse projeto os alunos das disciplinas Clínica de Musicoterapia A e B e Estágios em Musicoterapia I e II do Curso de Graduação em Música – Habilitação em Musicoterapia. A instituição é residencial e atende a mais de uma centena de pacientes de Minas Gerais e outros Estados vizinhos. São avaliadas em cada atendimento as respostas, cognitivas, de motricidade, humor e sociabilidade e é realizada uma observação sistemática interdisciplinar do estado geral de saúde do paciente. Cada sessão é previamente planejada e inclui: abertura da sessão; atividade corporal e instrumental; preferências musicais; vocalização livre ou específica; fechamento da sessão. Cada atividade é estruturada visando rotina, familiaridade, predictabilidade e simplicidade. A avaliação do nível de dificuldade cognitiva e física na execução em instrumentos musicais são fatores primordiais.

g) Musicoterapia no Centro de Investigação de Esclerose Múltipla de MG (CIEM) (sem informações)

h) Musicoterapia no Acolhimento de Crianças e Adolescentes (sem informações)

i) Musicoterapia Social em Minas Gerais

Objetivos Gerais: Oferecer intervenções musicoterapêuticas a crianças, jovens, adultos e idosos em situação de risco social.

- Promover e facilitar a discussão, a geração e sistematização de conhecimentos e o registro de ações na área de Musicoterapia Social em Minas Gerais.

Objetivos específicos:

- Integrar equipes de referência nos três níveis de proteção social para promover e/ou facilitar estratégias de emancipação e autonomia para os usuários de serviços de assistência social.
- Promover um levantamento e o cadastramento de ações na área de Musicoterapia Social em Belo Horizonte.
- Promover encontros de discussão e divulgação acerca das abordagens próprias para Musicoterapia Social e suas singularidades.

Metodologia:

Realização de intervenções musicoterapêuticas individuais e/ou grupais com crianças, jovens, adultos e idosos em situação de risco social, numa perspectiva de saúde biospsicossocial. Realização de supervisões musicoterapêuticas e discussões de casos clínicos. Orientação a familiares, comunidades e profissionais da assistência social relativas às intervenções musicoterapêuticas efetuadas. Realização de entrevistas para levantamento de informações sobre ações de musicoterapia social já realizadas ou em realização em Minas Gerais

2. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ

a) "Toma essa canção como um beijo"

Coordenação: BIANCA BRUNO BARBARA

Resumo: O “Toma essa canção como um beijo” é uma proposta de ação em extensão universitária/projeto piloto de parceria entre Curso de Graduação em Musicoterapia

da UFRJ, a Residência em Psicologia Clínica Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IP/UERJ) e o Laboratório de Pesquisa e Extensão em Psicanálise e Saúde (LaPsa/ UERJ). Com tal parceria interinstitucional e interdisciplinar espera-se promover intervenções musicoterápicas pontuais com pacientes do CTI COVID do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE/UERJ) que estejam em ventilação mecânica invasiva (VMI) e/ou recém extubados, mas ainda sem possibilidades de interação com o entorno. Propomos que, a partir de contatos telefônicos com familiares de pacientes hospitalizados no CTI da referida instituição, estes familiares escutados possam endereçar suas vozes em recados curtos (gravados em mídia eletrônica) e que sugiram uma canção (que seja reconhecidamente marcante na história pessoal do paciente) de modo a endereçá-la a escuta deste, por meio também de reprodução mecânica. Entendemos que tais endereçamentos – tanto pela voz gravada, quanto pela "canção/presente" - sejam meios de diminuir, ainda que de modo subjetivo, a distância entre o paciente e seus familiares, que tornar-se-iam presença a partir do que poderão endereçar sonoro/musicalmente a aquele ente hospitalizado.

Data de Início: 23/07/2021

Data de Término: 21/07/2023

Objetivos

1. Promover intervenção sonoro/musical (especialmente a partir da voz e de canções) para pacientes diagnosticados com COVID 19, em estado grave – hospitalizados em UTI, prioritariamente a aqueles intubados e/ou sob sedação; 2. Utilizar estímulos sonoro/musicais tanto para a facilitação de suas progressivas possibilidades de interação com o entorno, quanto para levar-lhes algo que se processe, mesmo que de modo não inteiramente consciente, como familiar, que possa, talvez, configurar-se como uma convocação à vida; 3. Realizar contato com os familiares destes pacientes – indicados pela equipe de psicologia e de residentes do HUPE/UERJ – de modo a ofertar-lhes escuta e apresentar-lhes a possibilidade de endereçamento de um recado de voz e de uma canção que seria destinada a seu parente hospitalizado; 4. Selecionar as canções indicadas e endereçá-las, junto com os recados de voz, às responsáveis pela aproximação aos pacientes hospitalizados, com as devidas indicações de para quem elas dirigir-se-iam; 5. Reproduzir as canções e os recados de voz para seus destinatários (os pacientes internados no CTI COVID) – através das

profissionais parceiras do projeto e em atuação no HUPE/UERJ; 6. Ofertar espaço de escuta em grupos – virtuais – aos familiares contatados, oferecendo, a estes, a possibilidade da música estar posta tanto como recurso expressivo – mais um modo de dizer sobre o que vivem e sentem – como também como recursos na promoção de momentos de relaxamento.

Metodologia

- articulações entre a equipe do projeto de extensão da UFRJ, da UERJ e de psicologia do HUPE para um fluxo contínuo de informações sobre os pacientes indicados para as intervenções musicoterápicas, transmissão dos contatos telefônicos e nome de familiar de referência para cada caso - organizar, entre os alunos extensionistas, as funções assumidas por cada um, de modo a dividir as tarefas/etapas da ação de extensão: • telefonemas para os familiares indicados para apresentação da possibilidade de envio de uma mensagem de voz – em áudio – e indicação de uma canção a ser reproduzida ao lado do leito de seu familiar hospitalizado; convite aos mesmos para participação no Grupo de Acolhimento/ Musicoterapia; • seleção das canções indicadas pelas famílias e organização do material para envio digital; • encaminhamento das gravações (de voz e/ou canções) para o celular institucional da equipe em trabalho no HUPE -execução/ reprodução da gravação de voz e/ou canção durante abordagem da psicóloga residente (HIPE/UFRJ) ao lado dos leitos dos pacientes a quem as mensagens se destinam; - Realização de encontros virtuais para intervenções musicoterápicas com familiares (em plataforma de reuniões - links a serem disponibilizados ao final dos primeiros contatos com os mesmos). OBS: maiores detalhamentos sobre a metodologia e fluxo da ação proposta podem ser expostos posteriormente, se necessário, uma vez que há limitações no espaço para sua descrição por ora.

b) C@MT_techMUS: Promoção da saúde por meio de soluções bio_tecno_sonológicas na interface universidade_sociedade

Coordenador da Ação de Extensão: BEATRIZ DE FREITAS SALLES

Resumo: O presente projeto é uma aposta da Graduação que se constitui a partir do campo das AR_TE_S como possibilidades comunicacionais do homem imbricadas em potências expressivas, criativas e terapêuticas nas ARticulações entre TEcnologia e

Saúde, tendo como eixo transversal a música e os fenômenos sonoros. A proposta é criar um núcleo de desenvolvimento de ações, intervenções e produtos na interface bio-tecno-sonológica, viabilizando o compartilhamento de saberes, poderes, processos e práticas no desenvolvimento de soluções tecno-comunicacionais, como artefatos e/ou dispositivos que potencializem e/ou viabilizem as possibilidades expressivas do ser-humano-corpo-som-movimento a partir de suas singularidades e ou limitações físicas/neurológicas. A Sonologia faz referência a um campo híbrido de pesquisas musicais em que o som serve como elemento catalisador. A Musicoterapia, considerada em Medicina uma tecnologia leve na promoção da saúde, se ocupa das relações, da produção de autononomização, da comunicação, do acolhimento e da constituição de vínculo entre as pessoas. Na comunicação, a tecnologia é entendida como meios de extensão do corpo e da inteligência humana, que nos convocam, em especial neste “novo normal pandêmico” à criação de dispositivos, soluções tecnológicas e ecossistemas digitais que permitam, cada vez mais, a inserção das singularidades de cada sujeito em um mundo multissensorial, audiotátil, globalizado e cósmico.

Data de Início: 09/12/2021

Data de Término: 09/12/2023

Objetivos

1.Relacionar a eletroacústica, a acústica, a psicoacústica, as musicologias e aplicações de novas tecnologias à produção e análise musical em contextos clínicos, explorando aspectos do som no contexto musical e processos de criação multimídia no espectro da Acessibilidade Cultural. 2. Possibilitar o estudo, desenvolvimento de protótipos e/ou confecção de instrumentos ou equipamentos sonoro- musicais adaptados a partir de materiais não convencionais e/ou situações problema, sejam elas terapêuticas, educacionais ou psicossociais. 3.Possibilitar o estudo e o desenvolvimento de propostas de intervenções sonoro -musicais ético-político-sociais na cidade, integrando os conceitos de cidade educadora na perspectiva de Paulo Freire, no conceito de território, na perspectiva de Mílton Santos e no conceito de Musicoterapia Comunitária na perspectiva de Brinjulf Stige entendendo a música como um imunogênico cultural. 4. Viabilizar o desenvolvimento de processos criativos de intervenção artístico- performático e sonoro musicais capazes de dar voz e lugar de fala, promovendo a tradução intersemiótica entre sujeitos, coletivos e representações/categorias sociais que dialoguem com as sonoridades da cidade, das

escolas, ruas e praças de todo e qualquer lugar compondo, nas relações que aí se estabelecem, outras paisagens sonoras/outras formas de se ser e estar. 5.Promovam a compreensão do que é musicoterapia a partir uso ou criação das redes sociais/ecossistemas digitais.

Metodologia

A metodologia utilizada é baseada na metodologia ativa de aprendizagem baseada em projetos, com o objetivo de desenvolver soluções tecnológicas a partir de situações problema entendendo que nesses atravessamentos, concebidos a partir dos objetivos tecnológicos/ pedagógicos, de sensibilização, artísticos e/ou terapêuticos preconizados pelas Diretrizes da Extensão Universitária, é que vamos constituir as diferentes possibilidades de intervenção destinados aos diferentes público-alvo. As ações desenvolvidas serão realizadas para viabilizar o compartilhamento de processos que fomentem a criação de experiências musicais desenvolvidas em meio digital ou que se utilizem de recursos tecnológicos, construídas a partir das possibilidades singulares de cada indivíduo e que podem ser voltadas para o aprendizado de competências lúdico musicais e/ou para a reabilitação física e motora/cognitiva. A realização de atividades/eventos/oficinas/experiências e ou intervenções musicais e/ou atividades sonoro-musicais corporais serão realizadas mediadas pelas tecnologias e abertas à comunidade interna (discentes, docentes, técnicos e frequentadores do campus universitário) e à comunidade externa por meio de parcerias institucionais na área de saúde, educação, cultura e assistência social, viabilizando como desdobramento, o surgimento de pesquisas articuladas com o ensino e a extensão.

a) COMunicaSoM: Promoção da saúde na interlocução universidade – comunidade por meio de possibilidades expressivas na interface corpo-som-movimento

Coordenador da Ação de Extensão: BEATRIZ DE FREITAS SALLES

Resumo: O projeto COMunicaSOM se constitui na imbricação entre o campo da saúde e das artes em suas possibilidades expressivas, criativas e terapêuticas tendo como eixo transversal os Sons e suas combinações, seja no que concerne a suas aplicabilidades enquanto propriedades físicas ou à música em todas as possibilidades de representação de sua natureza polissêmica. Sabemos que os sons atravessam a

constituição do ser humano, desde nossa concepção ainda no ventre materno até nosso apagar enquanto seres biológicos. Nessa linha do tempo, estamos e nos constituímos a partir dos ambientes sonoros onde estamos imersos. Estas experiências e vivências constituirão nossas histórias e memórias, compondo uma trilha sonoro-musical singular, parte integrante das concepções teóricas que constituem o campo da Musicoterapia, que nos acompanharão consciente ou inconscientemente ao longo de nossas vidas. O projeto foi concebido, a partir da implementação da Graduação em Musicoterapia, para promover experimentações sensoriais articuladas com as disciplinas do curso, que viabilizem o compartilhamento de saberes, poderes, processos e práticas que envolvam as possibilidades expressivas corpo-som-movimento seja por meio de artefatos técnicos (instrumentos) ou tecnológicos, que promovam a experimentação e o autoconhecimento por meio da relação corpo-som-movimento inerente a cada indivíduo, em seus modos singulares de fruir e existir.

Data de Início: 09/12/2021

Data de Término: 09/12/2023

Objetivos

Concebido pensando na promoção de experiências sonoro musicais que se articulam com a formação em Musicoterapia, em especial com as disciplinas corpo e prática instrumental, música e movimento, movimento e dança, música em musicoterapia e aos Laboratórios de Musicoterapia o projeto tem como objetivos: 1. Desenvolver metodologias, estratégias e técnicas que promovam e estimulem a sensibilização para as possibilidades expressivas de todo e qualquer corpo inscrito na relação som/espaço/tempo a partir das experiências por ele vividas, entendendo este processo de sensibilização como possibilidades de promoção de potência de vida e saúde. 2. Promover a sensibilização e o desenvolvimento de habilidades psicomotoras, comunicacionais, organizacionais e psicossociais na integração corpo-som-movimento; 3. Construir propostas de atividades individuais ou em grupo que visem a produção de narrativas e/ou intervenções sonoro-musicais; 4. Estimular a produção de sonoridades a partir das singularidades e possibilidades expressivas de cada corpo seja com a utilização de músicas já existentes, ou criando músicas ou recursos sonoro-musicais compostos pelo próprio grupo; 5. Fomentar atividades que utilizem o corpo como instrumento musical e/ou uso de instrumentos convencionais,

criados ou adaptados 6. Criar propostas de intervenção sonoro-musicais para situações problema prospectadas pelos estudantes a partir de suas articulações com o território.

Metodologia

A metodologia utilizada é baseada na metodologia ativa de aprendizagem baseada em projetos, que utiliza atividades individuais ou em grupo a partir de situações problema entendendo que nesses atravessamentos, concebidos a partir dos objetivos pedagógicos, de sensibilização, artísticos e/ou terapêuticos preconizados pelas Diretrizes da Extensão Universitária, é que vamos constituir as diferentes possibilidades de intervenção destinados aos diferentes público-alvo. As ações desenvolvidas serão realizadas por meio do aprendizado da teoria musical e de práticas instrumentais que fomentem a criação de experiências musicais construídas a partir das possibilidades singulares de cada indivíduo e/ou grupo a fim de promover processos de sensibilização (atividades/eventos/oficinas/experiências) e ou intervenções musicais e/ou atividades sonoro-musicais corporais em diferentes modalidades abertas à comunidade interna (discentes, docentes, técnicos e frequentadores do campus universitário) e à comunidade externa por meio de parcerias institucionais na área de saúde, educação, cultura e assistência social, viabilizando como desdobramento, o surgimento de pesquisas articuladas com o ensino e a extensão. A supervisão das atividades será feita de forma remota em encontros quinzenais com os coordenadores de cada serviço ou professores dessas unidades. A avaliação das oficinas será feita por meio de rodas de conversa ao final dos semestres e de questionários de avaliação via googleforms.

b) OFICINAS MUSICAIS: PROMOVENDO APRENDIZAGEM, CRIATIVIDADE E CIDADANIA

Coordenador da Ação de Extensão: GUNNAR GLAUCO DE CUNTO CARELLI TAETS

Resumo: O projeto será desenvolvido através de: experimentação musical com os acadêmicos durante reuniões de supervisão e de oficinas específicas periódicas; formação de grupo de estudos O Projeto também oportuniza aos graduandos o desenvolvimento de habilidades para criação de atividades lúdicas para desenvolvimento cognitivo, motor, social e afetivo.

Data de Início: 05/04/2019

Data de Término: 01/08/2024

Objetivos: Elaborar estratégias pedagógicas junto as instituições e publico alvo, visando o desenvolvimento da aprendizagem, criatividade e cidadania

Metodologia

O projeto tem um ciclo de renovação a cada 12 meses. Janeiro - Seleção e treinamento dos graduandos Fevereiro a Junho - atividades de extensão na escola com escolares Julho - treinamento dos graduandos Agosto a novembro - atividades de extensão na escola com escolares Dezembro - avaliação interna do projeto pelos membros do projeto e avaliação externa pelas crianças (público alvo) e pedagogas da escola participante. As supervisões acontecem semanalmente as sextas feiras. Reuniões mensais do Grupo de Pesquisa em Música e Musicoterapia para estudo e desenvolvimentos de pesquisas relacionadas a extensão.

3. UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - UFG - (somente os projetos de extensão dos últimos 2 anos - 2020 - 2022)

a) Musicoterapia Psicossocial: práticas críticas, políticas públicas e produção de subjetividade

Ano: 2022

Coordenação: Tanya Marques Cardoso

Resumo: O presente projeto se bifurca em dois eixos, para dois públicos e instituições diferentes, a partir de uma mesma ética e referencial teórico - da ética da clínica da atenção psicossocial. O primeiro eixo é chamado “Musicoterapia no Saudavelmente”, no contexto universitário em atendimento pelo Programa Saudavelmente (PRAE), resgatando a Musicoterapia como oferta no programa que fora oferecido anos atrás, sendo objeto de pesquisas e de publicações. A partir da parceria entre Instituto de Informática (INF) e suas demandas por musicoterapia, o curso de Musicoterapia da Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC) reforçou seu diálogo com o INF e, por consequência, com o Saudavelmente e propôs este trabalho de modo a ampliá-lo para estudantes de toda a universidade. A oferta de espaços de acolhimento e tratamento musicoterapêutico é voltada para jovens adultos que estejam enfrentando impasses subjetivos moderados ou graves relacionados à vida universitária e/ou as questões sociais e existenciais da vida cotidiana - sintomas psicossomáticos (físicos cuja causa

possa ser "psicológica"); sinais emocionais e de humor que aparecem em atos (inibição, introversão, agitação, impulsos, compulsões, dificuldades no pensar e no fazer em geral); sofrimentos decorrentes da desigualdade econômica, étnico-raciais, de gênero e sexualidade, relacionada à deficiências dentre outras; dúvidas sobre carreira e profissão ou sobre aspectos afetivo-relacionais dentre outras. Pela "transferência de trabalho" com o campo sonoro-musical como modo de expressão de si, serão organizadas ações tanto em grupos de Musicoterapia como em atendimentos individuais em Musicoterapia, de acordo com o perfil do público atendido e da elaboração por parte da equipe executora do projeto. O segundo eixo foi intitulado “Musicoterapia no CAP”, a ser realizado em contexto de atendimento à comunidade externa, no âmbito da Secretaria de Educação do município de Goiânia/GO, na atenção à pessoas com deficiência visual, em especial, ao público infantil que realiza estimulação global e sensorial no Centro de Apoio Pedagógico para Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual (CAP). Nessa prática, serão realizados atendimentos em musicoterapia aplicada ao contexto da estimulação precoce/essencial, sob perspectiva da ética e do campo da "Musicoterapia Psicossocial", no âmbito da promoção e prevenção específica. O projeto como um todo, atuando em duas vertentes - comunidade interna e externa, níveis primário e secundário da atenção em saúde mental, visa proporcionar aos estudantes uma experiência e o diálogo comparativo sobre a clínica ampliada, as especificidades de diferentes públicos e faixas etárias e a aplicação da atenção psicossocial como estratégia válida para qualquer contexto em que a subjetividade peça por escuta qualificada.

b) Laboratório Clínico De Musicoterapia

Ano: 2020

Coordenação: Tereza Raquel De Melo Alcantara Silva

Resumo: Ação destinada a atendimentos musicoterapêuticos à comunidade interna e externa UFG, por estagiários e egressos do curso de musicoterapia UFG. Podem-se beneficiar, como pacientes pessoas de qualquer idade que apresente alguma necessidade física, emocional, cognitiva dentre outras.

Público Alvo: Estudantes, Professores e Servidores

c) I Semana Internacional de Musicoterapia da UFG

Ano: 2020

Coordenação: Fernanda Valentin

Resumo: A Semana de Musicoterapia realizada pela Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (EMAC-UFG) em parceria com a Associação Goiana de Musicoterapia (AGMT), terá sua primeira edição nos dias 14 a 19 de setembro de 2020. O evento tem por objetivo reunir professores, estudantes e profissionais da área da Musicoterapia e a comunidade em geral para a realização de atividades científicas e culturais em comemoração ao dia nacional do musicoterapeuta.

Público Alvo: estudantes do Curso de Graduação em Musicoterapia

d) Acolhida da Musicoterapia

Ano: 2020

Coordenação: Fernanda Valentin

Resumo: A acolhida da Musicoterapia trata-se de um projeto que prevê encontros presenciais com os alunos do curso de bacharelado em Musicoterapia a cada início de semestre letivo para dar esclarecimentos e promover integração entre os estudantes, docentes e técnicos vinculados ao curso. No atual contexto, devido a pandemia de Covid-19 e com a paralisação das aulas presenciais como medida de isolamento social, a acolhida de Musicoterapia passa a ser realizada quinzenalmente, no formato online, a fim de acompanhar os estudantes e discutir temáticas relevantes sobre a área.

Público Alvo: Alunos do Curso de Musicoterapia da UFG

e) TOCA - Grupo Terapêutico On-line

Ano: 2020

Coordenação: Fernanda Valentin

Resumo: A pandemia de Covid-19 configura uma situação de crise. É importante reconhecer que este cenário repercute na saúde mental dos indivíduos uma vez que o medo e a ansiedade a respeito da doença podem ser intensos e causar impactos psicológicos negativos a população. Além disso, rotinas são transformadas e as pessoas são colocadas diante de situações inéditas que exigem resiliência e mudanças de hábitos. Diante da epidemia, o afastamento social se mostra como medida apropriada para reduzir os riscos de contágio do vírus. Neste contexto, os grupos terapêuticos online se apresentam como uma forma relevante de promover o

suporte a saúde mental e o fortalecimento de redes de apoio. Este é um projeto de extensão que oferecerá atendimento terapêutico grupal on-line há estudantes da UFG e profissionais da área da saúde. Para cada grupo de até doze participantes serão realizados sete encontros de 90 minutos cada, uma vez por semana. Espera-se com esse projeto proporcionar um espaço de escuta e acolhimento das angústias e sofrimentos dos participantes, mitigando os impactos do isolamento físico; aumentar a capacidade autocrítica e auto reflexiva, fortalecendo suas redes de apoio.
Público Alvo: estudantes de graduação da UFG

4. CENTRO UNIVERSITÁRIO UniFMU - não foi encontrado nenhum projeto de extensão de Musicoterapia no site. Estas informações foram obtidas com uma professora musicoterapeuta que ministra aulas no Curso de Musicoterapia:

a) Coral Vozes da Alma - Projeto de Extensão da Musicoterapia com a Fonoaudiologia. Um Coro Terapêutico para Coordenadores, Docentes, Discentes, Colaboradores da FMU - Modalidade online.

b) IMUPSI - Intervenções Musicoterapêuticas e Psicológicas para Grupo de Pessoas acima de 50 anos. Está fechado desde 2020 por causa da pandemia. Presencial.

5. FACULDADES EST - não foi encontrado nenhum projeto de extensão de Musicoterapia no site.

6. UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ – UNESPAR – o site do Campus Curitiba II, no qual o curso de Musicoterapia está lotado, encontra-se desatualizado. Últimos projetos divulgados são de 2021.

APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
Credenciada pelo Decreto Estadual n.º 9.538, de 05/12/2013
Recredenciamento pelo Decreto nº 2.374, de 14/08/2019
CNPJ: 05012896/0001-42
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP UNESPAR

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Prezada Colaboradora,

Você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada "**A musicoterapia como mediadora na produção de sentidos de estudantes universitárias que sofrem/sofreram violência"**, que faz parte do curso de Pós Graduação em Educação (doutorado), sob a responsabilidade de Gislaine Cristina Vagetti da Universidade Federal do Paraná, que tem por objetivo compreender os sentidos que podem ser criados, durante os encontros de musicoterapia. Outros objetivos são, descrever as características pessoais das participantes e as violências sofridas; identificar as possíveis consequências que a violência pode trazer tanto para sua vida pessoal como acadêmica; oportunizar a produção de sentidos por meio dos encontros de musicoterapia; e descrever como a música atua na mediação da produção de sentidos durante os encontros de musicoterapia. A questão da violência contra as mulheres é uma temática que merece atenção, tanto no sentido do desenvolvimento de pesquisas, como em ações que visem acolher e oferecer atendimento, independente do tipo de violência que a mulher sofreu.

O presente projeto de pesquisa foi aprovado pelo CEP UNESPAR.

DADOS DO PARECER DE APROVAÇÃO

Emitido Pelo Comitê de Ética em Pesquisa, CEP UNESPAR.

Número do parecer: 4.562.318

Data da relatoria:26/02/2021

1. PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA: A sua participação é muito importante, e ela se daria da seguinte forma: a) participar da entrevista inicial, em que haverá uma conversa explicando como será desenvolvida a pesquisa. Nesse primeiro contato conversaremos brevemente sobre sua história e de como a música faz parte de sua vida. Caso se sinta à vontade, pode relatar sobre a violência que você sofreu e de como isso afeta sua vida pessoal e acadêmica; b) participar dos encontros de musicoterapia (quinze), que acontecerão uma vez por semana. Os encontros serão todos mediados pela música, ou seja, a música estará presente nestes encontros e utilizaremos as técnicas da musicoterapia; c) participar de uma entrevista individual final para falar sobre sua participação nos encontros, com o seu depoimento sobre sua experiência com a música e os possíveis sentidos construídos ao longo dos encontros; d) uma possível participação em um encontro de grupo, chamado de Grupo Focal, para o identificar os pontos em comum, da experiência, com as outras participantes. Todos os encontros serão filmados e/ou gravados para posterior estudo. Assim, solicitamos a sua autorização para estes registros de áudio e vídeo. Garantimos a confidencialidade e preservação do anonimato, sendo que o conteúdo é de uso exclusivo para a pesquisa. Os encontros acontecerão no Centro de Atendimentos e Estudos em Musicoterapia (CAEMT), no Campus de Curitiba II (FAP), da UNESPAR, na Rua dos Funcionários, 1357, Curitiba, Paraná.

2. RISCOS E DESCONFORTOS: Informamos que poderão ocorrer os riscos/desconfortos a seguir: sentir invasão de privacidade, especialmente na questão relacionada a violência sofrida; emoções e sentimentos decorrentes de experiências passadas, particularmente relacionadas a violência; desconforto pelas gravações de áudio e vídeo; responder questões sensíveis; expor-se ao cantar ou tocar algum instrumento musical; ativar lembranças tristes e desagradáveis. Como medidas de providências e precaução garantimos confidencialidade e anonimato de tudo o que for exposto; buscaremos minimizar desconfortos, garantindo local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras; prestaremos todos os esclarecimentos prévios e ao longo da pesquisa; para as emoções e sentimentos que surjam durantes os encontros, ou eventuais estresses psicológicos, estes poderão ser trabalhados nos próprios encontros de musicoterapia ou em encontros individuais, caso você sinta necessidade, assim pode nos solicitar a qualquer momento encontros extras. Esclarece-se que a musicoterapia, em seu corpo teórico e prático, possui

ferramentas próprias para lidar com estas demandas. Assim, as pesquisadoras se dispõem a prestar assistência e atendimentos musicoterapêuticos extras, tantos quantos se fizerem necessários; sua participação pode ser interrompida a qualquer momento.

Lembramos que a sua participação é totalmente voluntária, podendo você recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

3. BENEFÍCIOS: Os benefícios esperados são que ao oferecer um espaço de acolhimento, acompanhado por uma profissional/pesquisadora musicoterapeuta experiente, você possa construir sentidos outros durante os encontros de musicoterapia, e que isso possa te trazer mais autoconhecimento, mais percepção de si mesma, melhora na sua qualidade de vida.

4. CONFIDENCIALIDADE: Informamos ainda que suas as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. A gravações de áudio e vídeo ficarão sob responsabilidades das pesquisadoras, guardadas em local seguro, privado e particular até o seu descarte, que se dará após 5 anos, contando a partir da coleta, em 2022.

Suas respostas, dados pessoais, registro das canções e músicas ficarão em segredo e o seu nome não aparecerá em lugar nenhum dos documentos, nem quando os resultados forem apresentados.

Além disso, os dados a serem coletados só serão utilizados para fins de publicações científicas, num período de até 5 anos, contados a partir do ano de 2022. Após este período os dados serão descartados.

5. ESCLARECIMENTOS: Caso você tenha mais dúvidas ou necessite esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queira saber antes, durante e depois da sua participação, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UNESPAR, cujo endereço consta deste documento.

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o **pesquisador responsável**, conforme o endereço abaixo:

Nome do pesquisador responsável: Gislaine Cristina Vagetti
Endereço: Rua dos Funcionários, 1357.
Telefone para contato: 41 9956-2673
E-mail: gislainevagetti@hotmail.com
Horário de atendimento:
Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (CEP) envolvendo Seres Humanos da UNESPAR, no endereço abaixo:

CEP UNESPAR
Universidade Estadual do Paraná.
Avenida Rio Grande do Norte, 1.525 – Centro, Paranavaí-PR
CEP: 87.701-020
Telefone: (44) 3482-3212
E-mail: cep@unespar.edu.br

6. RESSARCIMENTO DAS DESPESAS: Caso você/sra. aceite participar da pesquisa, não receberá nenhuma compensação financeira.

7. CUSTOS: Foi esclarecido de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por sua participação na pesquisa, tendo em vista que sua participação é voluntária

8. PREENCHIMENTO DO TERMO: Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você), como garantia do acesso ao documento completo.

TERMO 1

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, a Sra _____, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelo (a) pesquisador(a), ciente dos serviços e

procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa. E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Cidade, _____ de _____ de _____.

_____

Assinatura ou impressão datiloscópica

TERMO 2

Eu _____ (nome da pesquisadora ou do membro da equipe que aplicou o TCLE), declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

Cidade, _____ de _____ de _____.

_____

Assinatura da Pesquisadora

APÊNDICE 3 - QUESTIONÁRIO CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA - ABEP (2020)

Modelo de Questionário sugerido para aplicação

P.XX Agora vou fazer algumas perguntas sobre itens do domicílio para efeito de classificação econômica. Todos os itens de eletroeletrônicos que vou citar devem estar funcionando, incluindo os que estão guardados. Caso não estejam funcionando, considere apenas se tiver intenção de consertar ou repor nos próximos seis meses.

INSTRUÇÃO: Todos os itens devem ser perguntados pelo entrevistador e respondidos pelo entrevistado.
Vamos começar? No domicílio tem_____ (LEIA CADA ITEM)

		QUANTIDADE QUE POSSUI			
ITENS DE CONFORTO	NÃO POSSUI	1	2	3	4+
Quantidade de automóveis de passeio exclusivamente para uso particular					
Quantidade de empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana					
Quantidade de máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho					
Quantidade de banheiros					
DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel					
Quantidade de geladeiras					
Quantidade de *freezers* independentes ou parte da geladeira duplex					
Quantidade de microcomputadores, considerando computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones					
Quantidade de lavadora de louças					
Quantidade de fornos de micro-ondas					
Quantidade de motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional					
Quantidade de máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca					

A água utilizada neste domicílio é proveniente de?	
1	Rede geral de distribuição
2	Poço ou nascente
3	Outro meio

Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é:	
1	Asfaltada/Pavimentada
2	Terra/Cascalho

APÊNDICE 4 – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO: BASEADO EM INEP/ MEC (2019)

1) Como você se declara em relação ao seu gênero? _____

2) Data de nascimento / Idade _____

3) Qual seu estado civil?

( ) solteira

( ) casada

( ) separada

( ) divorciada

( ) viúva

( ) outro

4) Qual a sua cor ou raça?

( ) branca

( ) preta

( ) amarela

( ) parda

( ) indígena

( ) não quero declarar

5) Qual a sua nacionalidade?

( ) brasileira

( ) brasileira naturalizada

( ) estrangeira

6) Possui filhos?

( ) não

( ) sim Quantos? _____

7) Qual o curso que frequenta? _____

8) Em que ano/período está? _____

9) Qual seu estado de procedência? _____

10) Qual sua instituição de ensino?

( ) UNESPAR ( ) UFPR ( ) UTFPR

11) Onde e com quem você mora?

( ) em casa ou apartamento, sozinha

( ) em casa ou apartamento, com pais e/ou parentes

( ) em casa ou apartamento, com cônjuge e/ou filhos

( ) em casa ou apartamento, com outras pessoas (incluindo república)

( ) em alojamento universitário da própria instituição

( ) em outros tipos de habitação individual ou coletiva (hotel, hospedaria, pensão ou outro)

12) Qual alternativa melhor descreve sua situação financeira (incluindo bolsas)?

( ) não tenho renda e meus gastos são financiado por programas governamentais

( ) não tenho renda e meus gastos são financiados pela minha família ou por outras pessoas

( ) tenho renda, mas recebo ajuda da família ou de outras pessoas para financiar meus gastos

( ) tenho renda e não preciso de ajuda para financiar meus gastos

( ) tenho renda e contribuo com o sustento da família

( ) sou a principal responsável pelo sustento da família

13) Qual alternativa a seguir melhor descreve sua situação de trabalho (exceto estágio ou bolsas)?

( ) não estou trabalhando

( ) trabalho eventualmente

( ) trabalho até 20 horas semanais

( ) trabalho de 21 a 39 horas semanais

( ) trabalho 40 horas semanais ou mais

14) Meio de deslocamento para a universidade

( ) a pé

( ) carona

( ) carro próprio

( ) bicicleta

( ) taxi

( ) ônibus

( ) carro de aplicativo

( ) outro

APÊNDICE 5 – ROTEIRO ENTREVISTA COLETIVA

1. Como foram as experiências que vocês tiveram, nos Encontros?
2. Qual(is) tema(s) lhe foram mais marcantes?
3. Quais experiências musicais lhes foram mais significativas?
4. Vocês acham que foi possível construir sentidos a partir dos Encontros?
5. Vocês acreditam que houve algum aprendizado?

APÊNDICE 6 – ROTEIRO ENTREVISTA FINAL INDIVIDUAL

1. Vamos falar sobre como foram os Encontros para você.
2. Quais os momentos mais significativos? Pode trazer exemplos?
3. E sobre as experiências musicais, o que você pode falar?
4. Qual(is) tema(s) lhe foram mais marcantes?
5. Vocês acham que foi possível construir sentidos a partir dos Encontros?
6. E sobre o projeto de extensão, o que você achou dele?
7. Você acha que aprendeu algo?
8. E sobre a produção de sentidos, o que você poderia falar?
9. Você acha que ter sofrido violência trouxe impactos na sua vida acadêmica?
10. O que você acha que esta vivência trouxe para sua vida?

APÊNDICE 7 – TERMO DE SIGILO E CONFIDENCIALIDADE

Universidade Estadual do Paraná
Credenciada pelo Decreto Estadual n. 9538, de 05/12/2013.
***Campus* de Curitiba II**

TERMO DE SIGILO E CONFIDENCIALIDADE

Projeto de Extensão:
Musicoterapia, violências e produção de sentidos de estudantes universitárias

Eu, _____, portadora do CPF _____, aluna regulamente matriculada no Curso de Bacharelado em Musicoterapia da UNESPAR, me comprometo a manter sigilo absoluto quanto aos conteúdos pertinentes do Projeto de Extensão “Musicoterapia, violências e produção de sentidos”, coordenado pela professora Gislaine Vagetti e conduzido pela professora Sheila Beggiato. Agindo assim, declaro respeitar a privacidade e a confidencialidade de todas as participantes. Me comprometo a não utilizar as informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico-financeiro. Me comprometo a salvaguardar e assegurar a confidencialidades dos dados coletados.

Curitiba, _____ de _____ de 2022.

_____

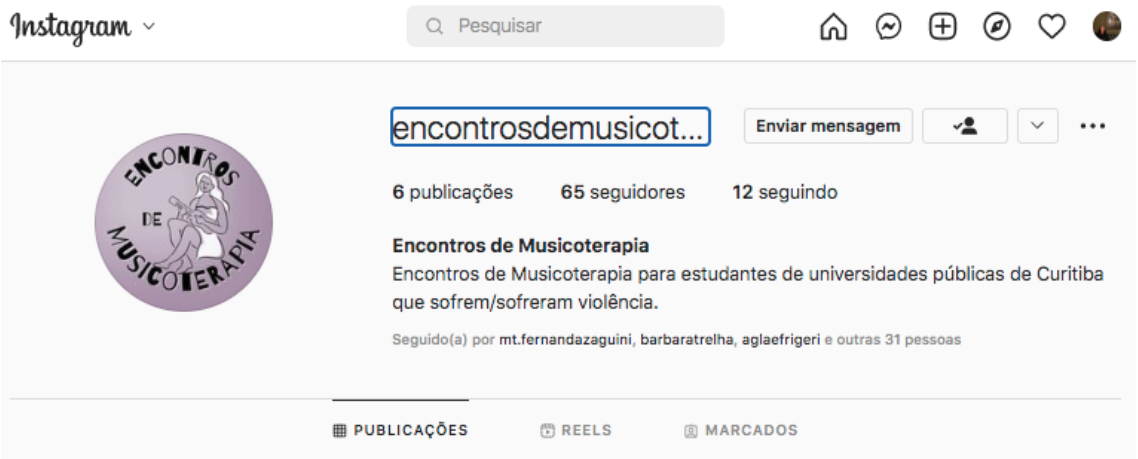
APÊNDICE 8 - DIVULGAÇÃO DOS ENCONTROS

Cartaz de divulgação:

APÊNDICE 9 – FLYER DIVULGAÇÃO

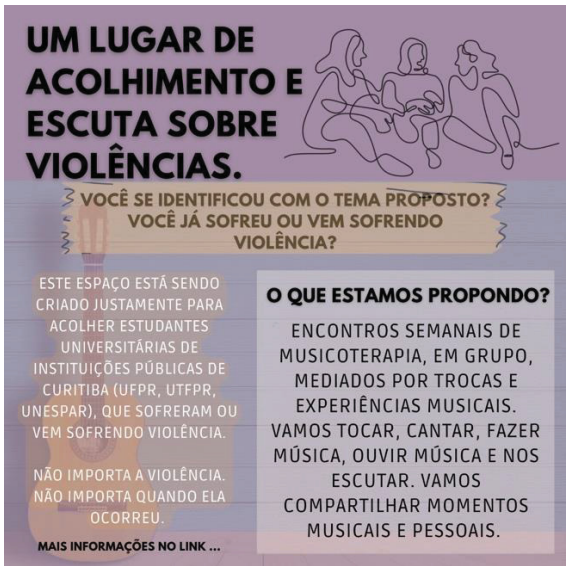
ENCONTROS DE MUSICOTERAPIA
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS TOCAM, CANTAM E FALAM SOBRE VIOLÊNCIAS.
Você se identificou com o tema proposto?
Você já sofreu ou vem sofrendo violência?
O QUE ESTAMOS PROPONDO?
Encontros semanais de Musicoterapia, em grupo, mediados por trocas e experiências musicais. Vamos tocar, cantar, fazer música, ouvir música e nos escutar. Vamos compartilhar momentos musicais e pessoais.
Este espaço está sendo criado justamente para acolher estudantes universitárias de instituições públicas de Curitiba (UFPR, UTFPR, UNESPAR), que sofreram ou vem sofrendo violência.
Não importa a violência.
Não importa quando ela ocorreu.
UNESPAR
Para mais informações acesse aqui:
ENCONTROS DE MUSICOTERAPIA
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS TOCAM, CANTAM E FALAM SOBRE VIOLÊNCIAS.
Você se identificou com o tema proposto?
Você já sofreu ou vem sofrendo violência?
O QUE ESTAMOS PROPONDO?
Encontros semanais de Musicoterapia, em grupo, mediados por trocas e experiências musicais. Vamos tocar, cantar, fazer música, ouvir música e nos escutar. Vamos compartilhar momentos musicais e pessoais.
Este espaço está sendo criado justamente para acolher estudantes universitárias de instituições públicas de Curitiba (UFPR, UTFPR, UNESPAR), que sofreram ou vem sofrendo violência.
Não importa a violência.
Não importa quando ela ocorreu.
UNESPAR
Para mais informações acesse aqui:
ENCONTROS DE MUSICOTERAPIA
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS TOCAM, CANTAM E FALAM SOBRE VIOLÊNCIAS.
Você se identificou com o tema proposto?
Você já sofreu ou vem sofrendo violência?
O QUE ESTAMOS PROPONDO?
Encontros semanais de Musicoterapia, em grupo, mediados por trocas e experiências musicais. Vamos tocar, cantar, fazer música, ouvir música e nos escutar. Vamos compartilhar momentos musicais e pessoais.
Este espaço está sendo criado justamente para acolher estudantes universitárias de instituições públicas de Curitiba (UFPR, UTFPR, UNESPAR), que sofreram ou vem sofrendo violência.
Não importa a violência.
Não importa quando ela ocorreu.
UNESPAR
Para mais informações acesse aqui:

APÊNDICE 10 – PERFIL NO INSTAGRAM



Texto e imagem de divulgação da pesquisa e dos Encontros de Musicoterapia:

Este espaço está sendo criado justamente para acolher estudantes universitárias das instituições públicas de Curitiba (UFPR, UTFPR, UNESPAR), que sofreram ou vem sofrendo violência.
Não importa a violência. Não importa quando ela ocorreu.
O que estamos propondo?
Encontros semanais de Musicoterapia, em grupo, mediados por trocas e experiências musicais. Vamos tocar, cantar, fazer música, ouvir música e nos escutar. Vamos compartilhar momentos musicais e pessoais.
Quem pode participar?
Estudantes universitárias regulamente matriculadas em uma das instituições públicas de Curitiba, quer seja da UTFPR, da UFPR, da UNESPAR.
Link para formulário na bio.



Fonte: https://www.instagram.com/encontrosdemusicoterapia/

APÊNDICE 11 - MATÉRIA DE DIVULGAÇÃO EM SITE DA UFPR

Ir para o conteúdo 1 Ir para o menu 2 Ir para a busca 3 Ir para o rodapé 4

ACESSIBILIDADE ALTO CONTRASTE MAPA DO SITE

Página Inicial Intranet Office 365 Comunicação

Universidade Federal do Paraná

A Universidade | Ensino | Pesquisa e Inovação | Extensão e Cultura | Vestibular e Concursos | Serviços | Transparência | UFPR na Mídia | Comunicação

Ciência e Tecnologia

Últimas notícias...

- Ciência UFPR: Mapas revelam áreas que podem esconder novas espécies de formigas
- UFPR integra rede global de monitoramento de chuvas
- UFPR recebe duas menções honrosas no Prêmio Capes de Tese
- Tartaruga-verde resgatada se recupera após expelir lixos plásticos e é solta em Pontal do Paraná
- Tartaruga-verde volta à natureza após reabilitação no LEC-UFPR

Histórico de notícias

Mês: Setembro

Ano: 2022

Gênero: Ciência e Tecnologia

Pesquisa busca ressignificar violências sofridas por universitárias a partir da musicoterapia

Superintendência de Comunicação Social *20 de abril de 2022 - 8h27*

Curtir Tweetar

Investigar os sentidos criados pelas estudantes do ensino superior de instituições públicas que sofreram ou sofrem algum tipo de violência é o objetivo da pesquisa desenvolvida pela doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (PPGE/UFPR), Sheila Beggiato, que faz a análise a partir de encontros de musicoterapia. Interessadas em participar da iniciativa podem preencher formulário de interesse aqui.

Segundo a pesquisadora, experiências que teve quando autou como professora e como coordenadora da Seção de Assuntos Estudantis na Universidade Estadual do Paraná (Unespar) a levaram ao tema de estudo. "A vivência me permitiu ter conhecimento de situações de violências que estudantes haviam sofrido e que ficavam ocultas, mas não deixavam de afetar a vida das alunas".

A proposta do projeto é propiciar um espaço acolhedor para falar sobre um assunto delicado. As atividades são baseadas no campo teórico-prático da musicoterapia, que envolvem técnicas específicas e experiências musicais compartilhadas. "Estar em um grupo no qual se compartilham trocas, experiências, vivências, com a mediação de profissional experiente, pode contribuir para ressignificar algumas histórias de vida", relata.

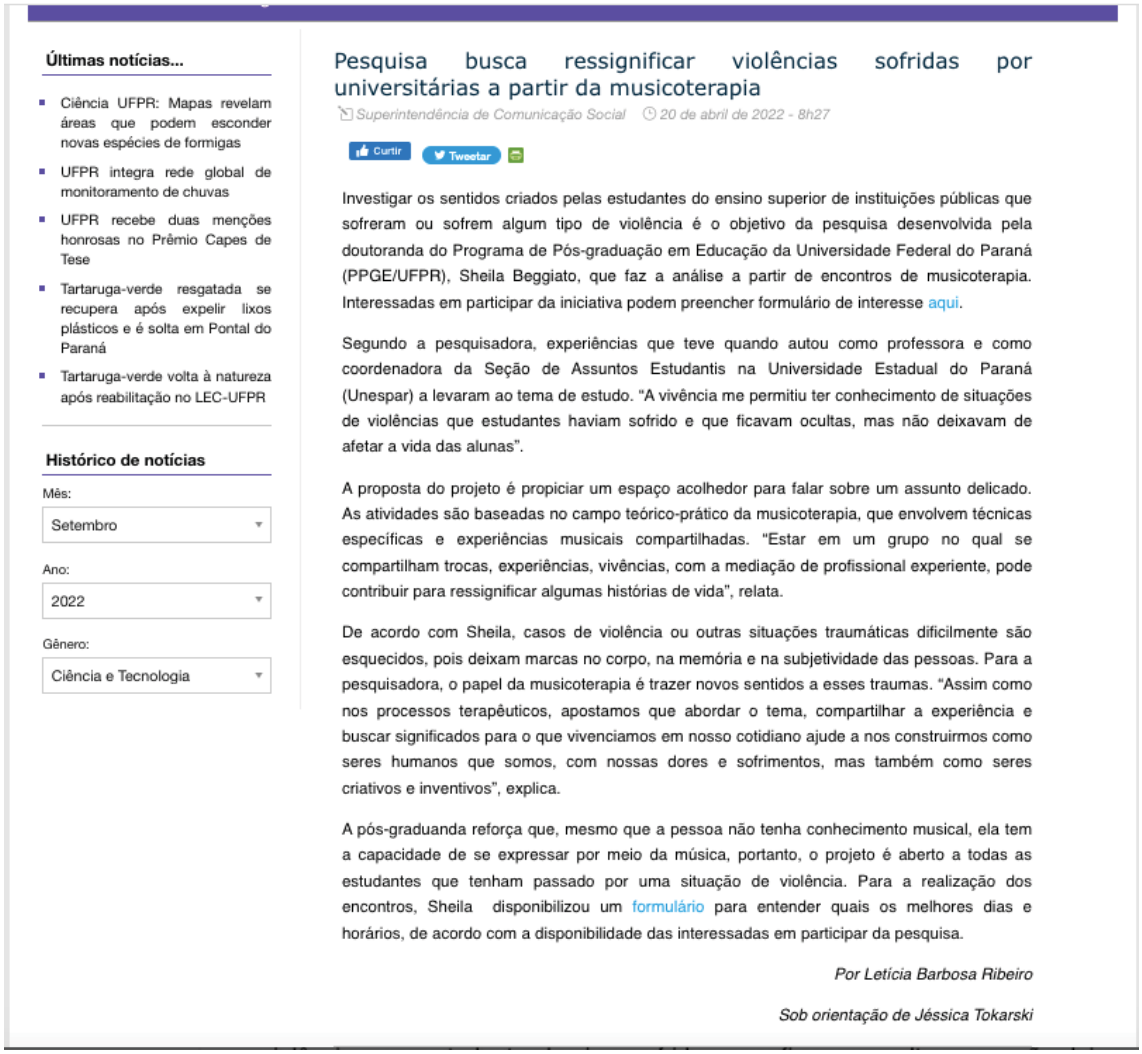
De acordo com Sheila, casos de violência ou outras situações traumáticas dificilmente são esquecidos, pois deixam marcas no corpo, na memória e na subjetividade das pessoas. Para a pesquisadora, o papel da musicoterapia é trazer novos sentidos a esses traumas. "Assim como nos processos terapêuticos, apostamos que abordar o tema, compartilhar a experiência e buscar significados para o que vivenciamos em nosso cotidiano ajude a nos construirmos como seres humanos que somos, com nossas dores e sofrimentos, mas também como seres criativos e inventivos", explica.

A pós-graduanda reforça que, mesmo que a pessoa não tenha conhecimento musical, ela tem a capacidade de se expressar por meio da música, portanto, o projeto é aberto a todas as estudantes que tenham passado por uma situação de violência. Para a realização dos encontros, Sheila disponibilizou um formulário para entender quais os melhores dias e horários, de acordo com a disponibilidade das interessadas em participar da pesquisa.

Por Letícia Barbosa Ribeiro

Sob orientação de Jéssica Tokarski

Foto de destaque: Pixabay



Últimas notícias...

- Ciência UFPR: Mapas revelam áreas que podem esconder novas espécies de formigas
- UFPR integra rede global de monitoramento de chuvas
- UFPR recebe duas menções honrosas no Prêmio Capes de Tese
- Tartaruga-verde resgatada se recupera após expelir lixos plásticos e é solta em Pontal do Paraná
- Tartaruga-verde volta à natureza após reabilitação no LEC-UFPR

Histórico de notícias

Mês: Setembro

Ano: 2022

Gênero: Ciência e Tecnologia

Pesquisa busca ressignificar violências sofridas por universitárias a partir da musicoterapia

Superintendência de Comunicação Social *20 de abril de 2022 - 8h27*

Curtir Tweetar

Investigar os sentidos criados pelas estudantes do ensino superior de instituições públicas que sofreram ou sofrem algum tipo de violência é o objetivo da pesquisa desenvolvida pela doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (PPGE/UFPR), Sheila Beggiato, que faz a análise a partir de encontros de musicoterapia. Interessadas em participar da iniciativa podem preencher formulário de interesse aqui.

Segundo a pesquisadora, experiências que teve quando autou como professora e como coordenadora da Seção de Assuntos Estudantis na Universidade Estadual do Paraná (Unespar) a levaram ao tema de estudo. "A vivência me permitiu ter conhecimento de situações de violências que estudantes haviam sofrido e que ficavam ocultas, mas não deixavam de afetar a vida das alunas".

A proposta do projeto é propiciar um espaço acolhedor para falar sobre um assunto delicado. As atividades são baseadas no campo teórico-prático da musicoterapia, que envolvem técnicas específicas e experiências musicais compartilhadas. "Estar em um grupo no qual se compartilham trocas, experiências, vivências, com a mediação de profissional experiente, pode contribuir para ressignificar algumas histórias de vida", relata.

De acordo com Sheila, casos de violência ou outras situações traumáticas dificilmente são esquecidos, pois deixam marcas no corpo, na memória e na subjetividade das pessoas. Para a pesquisadora, o papel da musicoterapia é trazer novos sentidos a esses traumas. "Assim como nos processos terapêuticos, apostamos que abordar o tema, compartilhar a experiência e buscar significados para o que vivenciamos em nosso cotidiano ajude a nos construirmos como seres humanos que somos, com nossas dores e sofrimentos, mas também como seres criativos e inventivos", explica.

A pós-graduanda reforça que, mesmo que a pessoa não tenha conhecimento musical, ela tem a capacidade de se expressar por meio da música, portanto, o projeto é aberto a todas as estudantes que tenham passado por uma situação de violência. Para a realização dos encontros, Sheila disponibilizou um formulário para entender quais os melhores dias e horários, de acordo com a disponibilidade das interessadas em participar da pesquisa.

Por Letícia Barbosa Ribeiro

Sob orientação de Jéssica Tokarski

FONTE: https://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/pesquisa-busca-ressignificar-violencias-sofridas-por-universitarias-a-partir-da-musicoterapia/.

APÊNDICE 12 - PUBLICAÇÃO NO INSTAGRAM DA UFPR

FONTE: https://www.instagram.com/p/CdETAkbudtd/

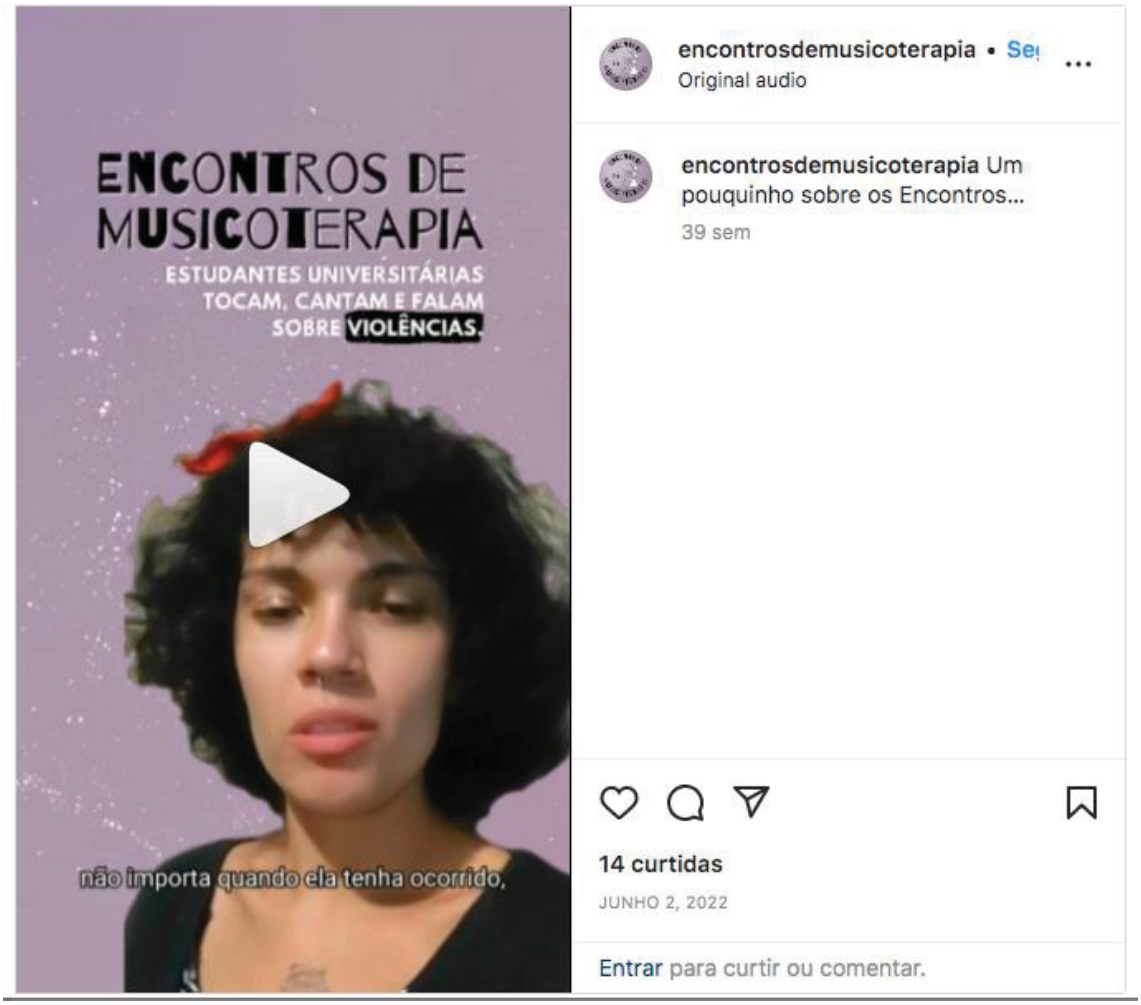
APÊNDICE 13 - DIVULGAÇÃO PÁGINA OFICIAL DA UNESPAR

FONTE: https://www.unespar.edu.br/noticias-2022/unespar-abre-inscricoes-para-os-encontros-de-musicoterapia-voltados-a-estudantes-das-universidades-publicas-de-curitiba-que-sofreram-alguma-tipo-de-violencia

APÊNDICE 14 - PUBLICAÇÃO NO INSTAGRAM DO CURSO DE BACHARELADO EM MUSICOTERAPIA DA UNESPAR

FONTE: https://www.instagram.com/p/CcIqm-FNa2y/

APÊNDICE 15 – VÍDEO DE DIVULGAÇÃO POSTADO NO INSTAGRAM E COMPARTILHADO EM GRUPOS DE WHATSAPP



Disponível em: https://www.instagram.com/p/CeT1SsVADIJ/

APÊNDICE 16 - FORMULÁRIO DE INTERESSE DE PARTICIPAÇÃO NOS ENCONTROS DE MUSICOTERAPIA

Interesse de participação nos Encontros de Musicoterapia do Projeto: "Musicoterapia, violências e produção de sentidos de estudantes universitárias"

Você se interessou pela divulgação que fizemos?
Você se identificou com o tema proposto? Você já sofreu ou vem sofrendo violência?
Este espaço está sendo criado justamente para acolher estudantes universitárias de instituições públicas de Curitiba (UFPR, UTFPR, UNESPAR), que sofreram ou vem sofrendo violência.
Não importa a violência. Não importa quando ela ocorreu.
O que estamos propondo?
Encontros semanais de Musicoterapia, em grupo, mediados por trocas e experiências musicais. Vamos tocar, cantar, fazer música, ouvir música e nos escutar. Vamos compartilhar momentos musicais e pessoais.
Mas, você sabe o que é a Musicoterapia?
A Musicoterapia acolhe pessoas nas suas mais diversas singularidades e oportuniza, por meio de fazeres musicais diversos, encontros para potencializar vidas e existências. Para participar da Musicoterapia não precisa ter nenhum conhecimento musical. É só chegar e trazer suas sonoridades e sua musicalidade.
Quem pode participar?
Estudantes universitárias regulamente matriculadas em uma das instituições públicas da cidade de Curitiba, quer seja da UTFPR, da UFPR, da UNESPAR.
Esta proposta é um projeto de extensão da UNESPAR, chamado "Musicoterapia, violências e produção de sentidos de estudantes universitárias", e da pesquisa de doutorado do Programa de Pós Graduação em Educação da UFPR, da professora Sheila Beggiato.
Qual o objetivo? Compreender os sentidos criados, durante os encontros de musicoterapia, por estudantes universitárias que sofrem/sofreram violência.
Se tiver interesse em participar, preencha esse formulário. Pode chegar a qualquer momento.
Os encontros estão abertos a entrada de participantes à qualquer tempo.
Os Encontros acontecem todas às sextas-feiras, às 11:30, na sala 3 do bloco 1, no Campus de Curitiba II (FAP) da UNESPAR - Rua dos Funcionários, 1357 - Cabral.
Se quiser saber mais, pode escrever para o seguinte e-mail:
sheila.beggiato@unespar.edu.br

*Obrigatório

1. Nome completo *

2. E-mail *

3. telefone de contato (com DDD) *

4. Data de nascimento *

Exemplo: 7 de janeiro de 2019

5. Em relação ao gênero, como você se autodenomina? *

6. Em qual instituição está matriculada? *

Marcar apenas uma oval.

- UNESPAR
- UTFPR
- UFPR

7. Qual sua disponibilidade de horários para os Encontros de Musicoterapia? (pode marcar várias opções) *

Marque todas que se aplicam.

- Segunda-feira (manhã)
- Segunda-feira (tarde)
- Segunda-feira (noite)
- Terça-feira (manhã)
- Terça-feira (tarde)
- Terça-feira (noite)
- Quarta-feira (manhã)
- Quarta-feira (tarde)
- Quinta-feira (manhã)
- Quinta-feira (tarde)
- Quinta-feira (noite)
- Sexta-feira (manhã)
- Sexta-feira (tarde)
- Sábado (manhã)

8. Em algum momento de sua vida você sofreu violência? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

9. Caso se sinta a vontade, compartilhe a violência que você vivenciou.

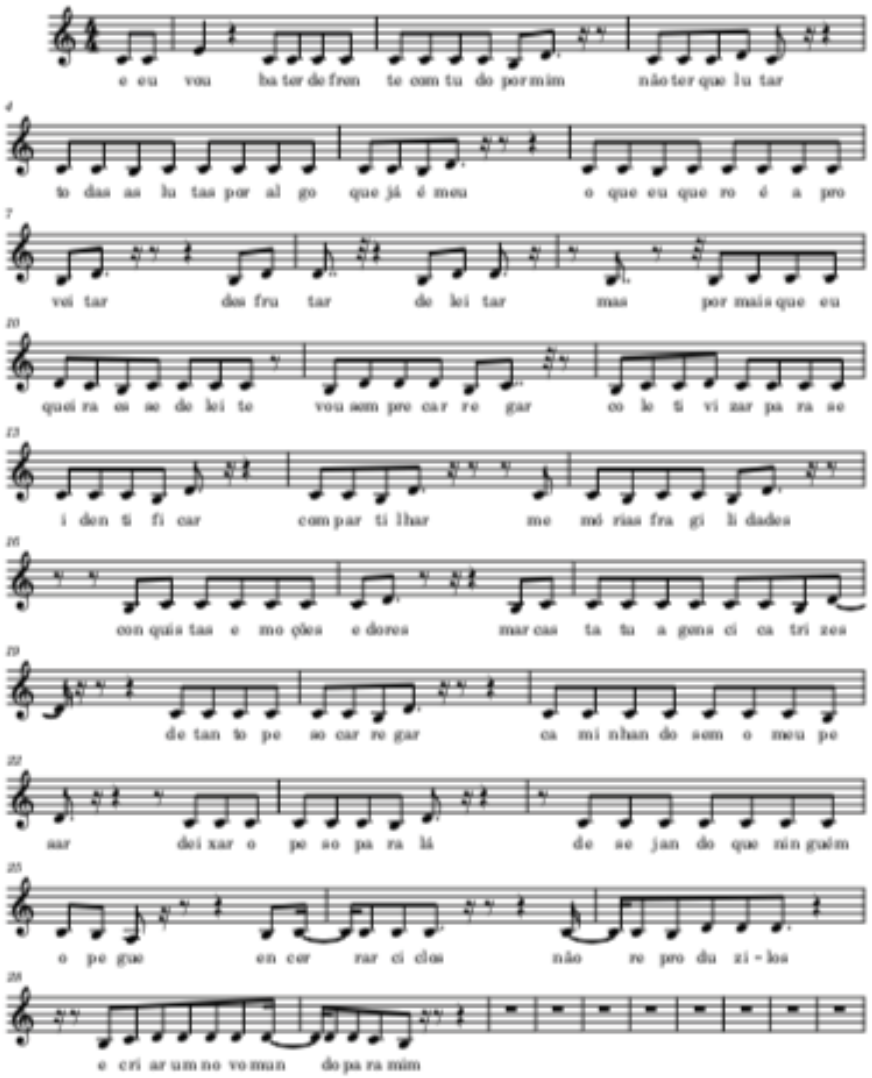
Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulário

APÊNDICE 17 – COMPOSIÇÃO

Inspirado em :

"Pequenas Alegrias da Vida Adulta"

(Emicida)

APÊNDICE 18 – LISTA DE CANÇÕES PRESENTE NOS ENCONTROS

BITTENCOURT, Sérgio. Naquela mesa. *In*: CARDOSO, Elizeth; BITTENCOURT, Sérgio. **Álbum Preciso Aprender a ser só**. Gravadora: EMI Records Brasil Ltda,1972. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dMkGiVgPgMg

BORGES, Paulo. Cabecinha no ombro**.** *In*: NÍDIA, Maria. **Álbum Paulo Borges & Convidados**. Gravadora Velaberta, 1958. Disponível em: https://immub.org/album/paulo-borges-convidados

BRANDILEONE, Tó. Pra você dar o nome. *In*: 5 À SECO. Cidade: São Paulo. **Ao Vivo no Auditório Ibirapuera**, 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dD6MedpQykI

CAETANO, Ana; IORC, Tiago. **Agora eu quero ir**. *In*: ANAVITORIA, **ANAVITORIA**, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2JL8lEorp60

CALCANHOTO Adriana; GULLAR, Ferreira. Ron Ron do gatinho**.** *In*: CALCANHOTO Adriana**, PartimpimVEVO**. Gravadora: BMG BRASIL LTDA, 2005. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QOwwgrb5ojc

CANDEIA. O mar serenou. *In*: NUNES, Clara**, Álbum Clara Nunes Claridade**. Gravadora: Universal Music Ltda, 1975. LP.

CARLOS, Roberto. Como é grande o meu amor por você. *In*: CARLOS, Roberto, **Álbum Roberto Carlos em ritmo de Aventura**. Gravadora: CBS,1967. LP.

CHAVES, VITOR. Fada. *In*: Vitor e Léo, **Álbum Vida Boa**. Gravadora: Independente, 2004. CD.

FALCÃO Dudu; MOTTA Eduardo. Coisas que eu sei. *In*: FALCÃO Dudu**, Dudu Falcão Tema**. Provided to YouTube by Som Livre. Gravadora: Som Livre, 2009. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QgKk6UgANwI

JENECI Marcelo; CESAR Chico. Felicidade. *In*: JENECI Marcelo, **Jenecine**. 2010. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4PSqwdUo_sc

KODALINE. All I want. *In*: KODALINE, **In a Perfect World.** Gravadora: B-Unique/RCA Records, 2013. Disponível em: https://music.youtube.com/watch?v=3AUtk1wJJBc

LARA, Dona Ivone; CARVALHO, Décio. Sonho meu. *In*: LARA, Dona Ivone, **DVD Sambabook Dona Inove Lara**. Intérprete: Maria Bethânia. Gravadora: Musickeria/Universal Music, 2015. Disponível em: https://immub.org/album/sambabook-dona-ivone-lara-1

LARA, Dona Ivone. **Alguém me avisou**. *In*: LARA, Dona Ivone, **DVD Sambabook Dona Inove Lara**. Intérprete: Caetano Veloso. Gravadora: Musickeria/Universal Music, 2015. Disponível em: https://immub.org/album/sambabook-dona-ivone-lara-1

LEONE, Pitty; MENDEZ, Martin. 130 anos. *In*: **Agridoce - 130 Anos (Clipe Oficial),** 2012. Banda Agridoce. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=taysJhjoORA

MONTE, Marisa; BABY, Pedro; BROWN, Carlinhos; ANTUNES Arnaldo. Vilarejo. *In*: MONTE, Marisa**, Álbum Infinito Particular**, 2009. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WibtVWwW-EA

MONTE, Marisa; ANTUNES, Arnaldo; BROWN, Carlinhos. Não é proibido. *In*: MONTE, Marisa, **Álbum Não É Proibido**, 2009. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=D05vdXdvJIk

NEWMAN, Randy. You got a friend in me (original). *In*: NEWMAN, Randy**, Álbum Toy Story** (1996). Versão brasileira: VIOLA, Zé da. Amigo estou aqui.

NOVAES; Paulo; NACARATO, Tiago. A pessoa que você mais ama. *In*: NOVAES; Paulo, **Álbum Minha cabeça**. Gravadora: ℗ Olga Music, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UU3nJNHL_7o&t=4s

OLIVEIRA, Angenor (Cartola). O mundo e um moinho. *In*: OLIVEIRA, Angenor **Álbum Cartola II**. Gravadora: Discos Marcus Pereira, 1976. Vinil de 7 polegadas.

OLIVEIRA, Angenor (Cartola); CACHAÇA, Carlos; CARVALHO Hermínio Bello de. Alvorada**.** *In*: OLIVEIRA, Angenor, **Álbum Cartola**. Gravadora: Discos Marcus Pereira, 1976. Vinil.

OLIVEIRA, Leandro Roque De (Emicida); CALDATO JUNIOR; Mario; MOREIRA, Vinicius Leonard. Pequenas alegrias da vida adulta. *In*: **Emicida - Pequenas alegrias da vida adulta part. Marcos Valle**, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RVZCB3_011c

RASEC Júlio; DINHO (Mamonas Assassinas). Chopis Centis. *In*: Mamonas Assassinas, **Álbum Chopis Centis**. Gravadora: EMI, 1995. CD.

RICHIE; VILHENA, Bernardo. **Menina veneno**. *In*: RICHIE, **Álbum Vôo do coração**. Gravadora: CBS, 1983. Vinil 7", 12".

RODRIGUES, Lupcínio. Felicidade**.** *In*: RODRIGUES, Lupcínio, **Álbum Sucessos Inesquecíveis da MPB**. Gravadora: Fontana/Philips, 1981. LP

ROQUE, Chico; VALLE, Paulo Sérgio. Essa tal liberdade. *In*: **Álbum Meu jeito de ser - Só pra Contrariar**, Gravadora: Sony BGM,1994. CD, LP, K7.
SÁ; GUARABYRA. Dona. *In*: Roupa Nova, **Álbum Roupa Nova**. Gravadora: RCA, 1985. LP.

STRASSACAPA, Juliana. Triste, Louca ou Má. *In*: **Francisco, El Hombre, Soltasbruxa**. 2016. Disponível em: https://www.google.com/search?q=STRASSACAPA%2C+Juliana.+Triste%2C+Louca+ou+M%C3%A1&sxsrf=APwXEdfgxaEIMAKUjtBsy24dtnYfTalkXw%3A16826308067

03&ei=luhKZJrAKu_41sQPnr--2As&ved=0ahUKEwia45WcgMv-AhVvvJUCHZ6fD7sQ4dUDCA8&uact=5&oq=STRASSACAPA%2C+Juliana.+Triste%2C+Louca+ou+M%C3%A1&gs_lcp=Cgxnd3Mtd2l6LXNlcnAQAzILCAAQiQUQogQQiwMyCAgAEKIEEIsDSgQIQRgAUABYAGCwAWgAcAF4AIABlQGIAZUBkgEDMC4xmAEAoAECoAEBuAEBwAEB&sclient=gws-wiz-serp

VELOSO, Caetano. Força estranha. *In*: COSTA, Gal, **Álbum Gal Tropical**. Gravadora: Philipis, 1979. LP (1979) e CD (1987).

VILA, Martinho da. Casa de bamba. *In*: VILA, Martinho da, **Álbum Martinho da Vila**. Gravadora: RCA Vitor, 1969. LP.

Cancioneiro Infantil:

Alecrim dourado.

Fui morar numa casinha.

Festa no Céu – A tartaruguinha.

ANEXO 1 – PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ - UNESPAR

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A musicoterapia como mediadora na produção de sentidos de estudantes universitárias que sofrem / sofreram violência

Pesquisador: Gislaine Cristina Vagetti

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 40235820.6.0000.9247

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.562.318

Apresentação do Projeto:

O presente projeto de pesquisa apresenta como temática central a produção de sentidos de estudantes universitárias que sofrem/sofreram violência, gerados em experiências musicais na musicoterapia.musicoterapia oferece uma possibilidade de acolhimento para pessoas em condições diversas, inclusive, pessoas que sofreram qualquer tipo de violência. Desta forma, o objetivo desta pesquisa é compreender os sentidos criados durante os encontros de musicoterapia com estudantes universitárias que sofrem/sofreram violência. Os objetivos específicos são: a) descrever as características pessoais das participantes e as violências sofridas; b) oportunizar a produção de sentidos por meio dos encontros de musicoterapia; c) Identificar os possíveis desdobramentos da violência na vida das participantes; d)descrever como a música atua na mediação da produção de sentidos durante os encontros de musicoterapia. A pesquisa é de natureza qualitativa de cunho exploratório, com pesquisa de campo - intervenções de musicoterapia – sendo as participantes estudantes universitárias de instituições públicas de Curitiba. Os instrumentos para a coleta de dados serão: questionário econômico, questionário sociodemográfico, ficha musicoterapêutica, relatórios das intervenções, diário de campo, roteiro da entrevista final individual e roteiro do grupo focal. A análise dos dados terá como referencial a Análise do Conteúdo de Bardin (2016), e o software Atlas.

Endereço: Avenida Rio Grande do Norte, n. 1525. Sala do CEP UNESPAR
Bairro: Centro **CEP:** 87.701-020
UF: PR **Município:** PARANAVAI
Telefone: (44)3482-3212 **E-mail:** cep@unespar.edu.br

Objetivo da Pesquisa:

Primário: Compreender os sentidos criados durante os encontros de musicoterapia com estudantes universitárias que sofrem/sofreram violência.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: invasão de privacidade, especialmente na questão relacionada a violência sofrida; desconforto pelas gravações de áudio e vídeo; responder questões sensíveis; expor-se ao cantar ou tocar algum instrumento musical; ativar lembranças tristes e desagradáveis. Benefícios: oferecer um espaço de acolhimento, acompanhado por uma profissional musicoterapeuta experiente, com mais de 30 anos de prática, contribuindo para a construção de sentidos outros durante os encontros de musicoterapia e, proporcionando reflexões, autoconhecimento, mais percepção sobre si própria, melhora na sua qualidade de vida.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A proposta de pesquisa requer participação de 15 mulheres que sofreram algum tipo de violência. Na segunda versão os autores apresentaram o instrumento de coleta de dados, consideramos que eventualmente o tema poderá ser emergido e onde as emoções e sentimentos vivenciados em experiências passadas poderão ser exacerbados. Os autores acrescentaram uma alternativa para lidar com possíveis estreses psicológicos que poderão ocorrer na decorrência da exacerbação de sentimentos negativos. Esta previsão foi contemplada nos "Riscos" e no "TCLE" conforme solicitação anterior. Os autores acrescentaram o seguinte texto em "Riscos": "[...] para as emoções e sentimentos que porventura surjam nos encontros, ou eventuais estresses psicológicos, estes poderão ser trabalhados durante os próprios encontros de musicoterapia, ou em encontros extras individuais, caso a participante assim o necessite. Esclarece-se que a musicoterapia, em seu corpo teórico e prático, possui ferramentas próprias para lidar com estas demandas. Assim, as pesquisadoras se dispõem a prestar assistência e atendimentos musicoterapêuticos extras, tantos quantos se fizerem necessários; esclarecimento que a participação pode ser interrompida a qualquer momento".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Houve readequação no TCLE acrescentando as considerações sobre "Riscos" conforme mencionado no item supracitado "Comentários e Considerações sobre a Pesquisa".

Recomendações:

Sem recomendações.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ - UNESPAR

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após análise deste segundo parecer consideramos o projeto de pesquisa apto eticamente para seu início.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual do Paraná é de parecer favorável à aprovação do protocolo de pesquisa apresentado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1664139.pdf	07/12/2020 17:34:51		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_CEP.docx	07/12/2020 17:33:15	SHEILA BEGGIATO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	07/12/2020 17:32:28	SHEILA BEGGIATO	Aceito
Outros	Termo_ciencia_.pdf	18/11/2020 10:21:01	SHEILA BEGGIATO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_rosto.pdf	18/11/2020 10:18:47	SHEILA BEGGIATO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PARANAVAI, 26 de Fevereiro de 2021

Assinado por:
MARIA ANTONIA RAMOS COSTA
(Coordenador(a))